



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ CLÁUDIO LOPES DOS SANTOS JUNIOR

ANTES DO PLANALTO:
a fabricação de Collor e o crepúsculo de Fernando nos periódicos *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas* (1979-1989)

MACEIÓ
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ CLÁUDIO LOPES DOS SANTOS JUNIOR

ANTES DO PLANALTO:
a fabricação de Collor e o crepúsculo de Fernando nos periódicos *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas* (1979-1989)

Dissertação de mestrado para apresentar ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, na Linha de Pesquisa Relações de Poder, Conflitos e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

**MACEIÓ
2023**

JOSÉ CLÁUDIO LOPES DOS SANTOS JUNIOR

ANTES DO PLANALTO:
a fabricação de Collor e o crepúsculo de Fernando nos
periódicos Gazeta de Alagoas e Jornal de Alagoas (1979-1989)

Dissertação de mestrado para apresentar ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade Federal de
Alagoas, na Linha de Pesquisa Relações de Poder,
Conflitos e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lucileide Costa Cardoso
Universidade Federal da Bahia
(Examinadora Externa)

Prof^a. Dr^a. Michelle Reis de Macedo
Universidade Federal de Alagoas
(Examinadora Interna)

Prof^o Dr. Antonio Alves Bezerra
Universidade Federal de Alagoas
(Examinador Interno)

MACEIÓ-AL
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

S237a Santos Junior, José Cláudio Lopes dos.

Antes do planalto: a fabricação de Collor e o crepúsculo de Fernando nos periódicos Gazeta de Alagoas e Jornal de Alagoas (1979-1989) / José Cláudio Lopes dos Santos Junior. – 2024.

207 f. : il. : color.

Orientador: Anderson da Silva Almeida.

Dissertação (Mestrado em História.) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 205- 207.

1. História política - Alagoas. 2. Gazeta de Alagoas. 3. Jornal de alagoas. 4. Imprensa- História- Alagoas. I. Collor, Fernando, 1949- II. Título.

CDU: 94 (813.5) : 070.15

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	10
LISTA DE FIGURAS	11
PRÓLOGO	16
1. FERNANDO COLLOR E MACEIÓ: O ESTÁGIO INICIAL DO PROJETO DE PODER	23
1.1 A TRANSIÇÃO DO PODER DA FAMÍLIA: O JOVEM FERNANDO E A ASCENSÃO POLÍTICA	23
1.2 A ANISTIA DEBATIDA NO JORNAL DE ALAGOAS E SILENCIADA NA GAZETA DE ALAGOAS	37
1.3 <i>GAZETA DE ALAGOAS</i> PARTILHANDO A MESA COM A DITADURA.....	45
1.4 CAMISA POLO E CALÇA <i>JEANS</i> NA PERIFERIA DE MACEIÓ: O PREFEITO MONTANDO O PALCO PARA PROJETOS FUTUROS	49
1.5 VARIAÇÃO SOBRE O MESMO TEMA: FERNANDO COLLOR E O SEU NOVO PAPEL NA FAMÍLIA APÓS O ESTÁGIO INICIAL.....	53
2. AS ELEIÇÕES DE 1986: FERNANDO COLLOR DE MELLO CRIANDO PALCOS E ROTEIROS PARA SER O PROTAGONISTA DA FAMÍLIA E DE ALAGOAS	63
2.1 PROTAGONISMO NO PMDB	63
2.2 O “MALUFISMO” NO CENÁRIO ELEITORAL DE ALAGOAS	74
2.3 “COLORIDO” VERSUS “GUILHERMISMO”	80
2.4 ACESSO E PODER DE FERNANDO COLLOR CONTRA O “GUILHERMISMO”	87
2.5 CONFRONTO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS E NA TV	93
2.6 EM NOME DO PAI E DA MÃE: FERNANDO COLLOR NOS INSTANTES FINAIS DAS ELEIÇÕES DE 1986	97
2.7 A CONQUISTA DO PROTAGONISMO, E NÃO APENAS DO CARGO DE GOVERNADOR DE ALAGOAS	100
3. ALAGOAS NO MODO <i>BATEAU MOUCHE</i>: AS CRISES DO PRODUBAN E DO FUNCIONALISMO PÚBLICO EM 1989	110
3.1 O CASO PRODUBAN E A COBERTURA DA GAZETA DE ALAGOAS E DO JORNAL DE ALAGOAS	110
3.2 ATORES POLÍTICOS EM DESTAQUE: A CRISE DO PRODUBAN E O CONTEXTO NACIONAL	128
3.3 CRISE NO FUNCIONARISMO PÚBLICO OU MORALIZAÇÃO?.....	138
4. COLLOR E AS ESTRATÉGIAS PARA UMA PROJEÇÃO NACIONAL	158
4.1 A FORMAÇÃO DO <i>MARKETING</i> POLÍTICO NA FAMÍLIA	158
4.2 A PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL	163
4.3 AS PESQUISAS DIALOGANDO COM A IDEIA DA RECONSTRUÇÃO NACIONAL.....	175
4.4 PROPAGANDA E DINHEIRO PARA O CRESCIMENTO NAS PESQUISAS.....	180
5. CONCLUSÃO	204
REFERÊNCIAS E FONTES.....	206

AGRADECIMENTOS

Antes de falar sobre o processo de escrita da dissertação, preciso mencionar o quanto foi difícil e árduo ser aprovado na seleção do mestrado. Tentei quatro anos seguidos sem sucesso. Cada ano decorrente de erros, e novos erros. Na quinta tentativa, consegui ser aprovado, e tenho muito orgulho do percurso. A cada ano que começava eu sempre almejava o processo seletivo que aconteceria no segundo semestre, isso aconteceu durante os quatro anos de reprovação. No processo em fui aprovado, não foi fácil, estávamos na pandemia, mas no final a sonhada aprovação aconteceu.

Depois da aprovação, da emoção e do grito de felicidade em um momento de tantas dúvidas, sem a vacinação disponível para todos, vivenciei um breve momento de alegria. Conciliar vida profissional com a acadêmica não foi fácil, pois era preciso ter a habilidade de frequentar os arquivos, ler os textos, assistir às aulas e manter a vida profissional em dia. Não romantizei o processo, mas cheguei até aqui entre lágrimas, medos, ansiedades e descuidos de alegrias.

Agradeço ao meu pai, José Cláudio, minha mãe, Maria Eduarda, e meu irmão, Carlos Eduardo, que, mesmo sem entender as razões de tantas vezes me ver falando sobre meu objeto de pesquisa, tiveram a paciência para aqueles momentos. Sou grato ao acolhimento diário em respeitar os meus momentos de estudos. E sou grato ao tempo com relação aos meus pais, pois hoje eles entendem o que eu faço e pesquiso. Isso me deixa feliz.

Gostaria de formalizar meus agradecimentos ao PPGH da UFAL por ter aceitado minha pesquisa, e nesse processo estendo meus agradecimentos aos/às docentes que ministraram as aulas e nos deram sempre apoio para essa jornada. Agradeço ao meu orientador Anderson Almeida por partilhar conhecimentos e vivências não só no viés acadêmico, mas também nas compreensões humanas a cada orientação. Gratidão a cada escuta e palavras durante a caminhada. Serei sempre grato por cada conversa, sugestões e ensinamentos. Agradecimento a CAPES pela concessão da bolsa, que foi de fundamental importância para a pesquisa, e produção da dissertação.

À banca de qualificação e defesa deste trabalho, os professores Anderson Almeida (UFAL), Michelle Reis (UFAL), Antônio Alves e Lucileide Costa. Agradeço a cada observação, correção e sugestão. Suas análises foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos arquivos que frequentei bastante, Arquivo Público de Alagoas (APA), Instituto Histórico Geográfico de Alagoas (IHGAL), hemeroteca das Organizações Arnon de

Mello (arquivos do jornal *Gazeta de Alagoas*), e Biblioteca Pública Graciliano Ramos – agradeço aos funcionários, funcionárias e monitores/as que me auxiliaram em cada visita.

Agradeço à minha namorada Alline Lopes, que acompanhou de perto as inscrições a cada processo seletivo, a aprovação, o percurso e agora a conclusão. Sempre me apoiando e entendendo minhas frustrações, estando ao meu lado a cada dia. Aos meus amigos e às minhas amigas Élide Kássia, Felipe Barbosa e Débora Cristina, que me motivaram sempre nas leituras e nas produções em todo o processo.

Agradeço às amizades que foram construídas durante a graduação, em nome do meu amigo Antônio Daniel Marinho, um grande incentivador e que me inseriu no universo da pesquisa. Sou grato aos companheiros daquele período.

Estendo esses agradecimentos para outras pessoas, amigos de caminhada, que acredito em cada cuidado que tiveram comigo. Ao meu amigo Randerson Acioli e à minha comunidade de fé da Igreja Batista do Pinheiros, e todos aqueles que de certa forma me incentivaram a continuar na pesquisa. As palavras de agradecimentos são simples, mas sinceras e carregadas de lágrimas.

RESUMO

Fernando Collor de Mello, antes de ser candidato a presidente da república em 1989, deu seus primeiros passos no campo da política partidária a partir de 1979 na prefeitura de Maceió, seguindo depois como deputado federal e fazendo um grande investimento nas eleições para governador de Alagoas em 1986. Toda essa projeção foi narrada, noticiada e promovida em grande escala no jornal *Gazeta de Alagoas*. Esse veículo, pertencente às Organizações Arnon de Melo, foi palco e roteiro para a autopromoção de Collor na intenção de ser o protagonista da família e de Alagoas. Na gestão de governador, construiu a imagem de moralizador da gestão pública a partir de parcerias com a mídia nacional, na intenção de ser candidato a presidente do Brasil. O país em 1989 estava promovendo a primeira eleição direta pós-ditadura civil-militar, e naquele contexto emerge a candidatura de Fernando Collor de Mello, governador de Alagoas. As problematizações e análises sobre Fernando Collor aqui apresentadas têm como base fontes bibliográficas, livros de memórias e também os periódicos *Jornal de Alagoas* e *Gazeta de Alagoas*. A problemática é compreender como os textos jornalísticos veiculados nos periódicos atuaram no desenvolvimento de distintas narrativas, seja apresentando os governos de Fernando Collor e a sua figura política como vitoriosa, seja como personagem moderado e de forte influência no cenário estadual. A questão principal é: como se deu a ascensão política do “fenômeno” Collor em Alagoas no período 1979-1989? Ou seja, antes de sua chegada à presidência.

Palavras-chave: Eleições, Fernando Collor, História Política, Jornais.

ABSTRACT

Fernando Collor de Mello, before being a candidate for president of the republic in 1989, took his first steps in the field of party politics in 1979 in the city hall of Maceió, then as a federal deputy, and making a large investment in the elections for governor of Alagoas, in 1986. All this projection was narrated, reported and promoted on a large scale in the newspaper *Gazeta de Alagoas*. This newspaper, belonging to the Arnon de Melo Organizations, was the stage and script for Collor's self-promotion, with the intention of making him the protagonist for his family and for Alagoas. During his governorship, he built the image of a moralizer of public administration through partnerships with the national media, with the intention of being a candidate for president of Brazil. In 1989, Brasil was promoting the first direct election after the civil-military dictatorship and, in that context, the candidacy of Fernando Collor de Mello, governor of Alagoas, emerged. The problematizations and analyses of Fernando Collor presented here are based on bibliographical sources, memoirs, as well as the periodicals *Jornal de Alagoas* and *Gazeta de Alagoas*. The problem is to understand how the journalistic texts published in the periodicals acted in the development of different narratives, whether presenting Fernando Collor's governments and his political figure as victorious, or as a moderate character with a strong influence on the state scene. The main question is: how did the political rise of the "Phenomenon" Collor take place in Alagoas in the period 1979-1989? In other words, before he became president.

Key Words: Elections, Fernando Collor, Political History, Newspapers

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Arena – Aliança Renovadora Nacional

CEAL – Companhia Energética de Alagoas

ICM – Imposto sobre Circulação de Mercadorias

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PFL – Partido da Frente Liberal

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

PDS – Partido Democrático Social

PSC – Partido Social Cristão

PSP – Partido Social Progressista

PL – Partido Liberal

PJ – Partido da Juventude

PRN – Partido da Reconstrução Nacional

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PT – Partido dos Trabalhadores

PTR – Partido Trabalhista Renovador

STF – Supremo Tribunal Federal

UDN – União Democrática Nacional

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> divulgando a posse de Fernando Collor e o abraço no irmão Pedro Collor simbolizando a transferência das organizações Arnon de Melo.....	26
Figura 2 – Editorial e charge do jornal <i>Gazeta de Alagoas</i> fazendo referência ao prefeito Fernando Collor.....	29
Figura 3 – Fernando Collor discursando durante a posse para o cargo de prefeito de Maceió	31
Figura 4 – Fernando Collor cumprimentando o pai, Arnon de Melo	33
Figura 5 – Manchete do Jornal de Alagoas divulgando a reunião do senador Teotônio Vilela com os presos políticos.....	41
Figura 6 – Charge da <i>Gazeta de Alagoas</i> fazendo referência à Anistia	45
Figura 7 – Matéria da visita do ministro das comunicações nas Organizações Arnon de Melo	46
Figura 8 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> sobre a continuidade do golpe civil-militar através das eleições indiretas.	487
Figura 9 – Anúncio publicitário sobre as gestões municipal e estadual.....	54
Figura 10 – Fernando Collor e Guilherme Palmeira comemorando 1º ano da gestão	59
Figura 11 – Fernando Collor discursando enquanto Guilherme Palmeira observa.....	59
Figura 12 – Anúncio publicitário da convenção do PMDB	67
Figura 13 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> informando a repercussão da convenção do PMDB.....	71
Figura 14 – Cartaz dentro da campanha eleitoral de Fernando Collor dentro de uma edição da <i>Gazeta de Alagoas</i>	72
Figura 15 – Imagem do <i>outdoor</i> publicitário de Fernando Collor em um terreno com lixo...80	
Figuras 16 e 17 – Anúncio da campanha de Fernando Collor para governador de Alagoas; e anúncio da campanha de Guilherme Palmeira para governador de Alagoas	83
Figura 18 – Imagem da convenção do PFL. Guilherme Palmeira e ministros do governo Sarney	85
Figura 19 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> anunciando a pesquisa de intenção de voto nas eleições de 1986.....	86
Figura 20 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> : apoio de Ulysses Guimarães a Fernando	89
Figura 21 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> divulgando a imagem do debate entre Fernando Collor, Ronaldo Lessa e Guilherme Palmeira	95

Figura 22 – Charge da <i>Gazeta de Alagoas</i> fazendo referência às eleições de 1986 e enaltecendo o número 15 de Fernando Collor.....	100
Figura 23 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> informando o processo de apuração dos votos	103
Figura 24 – Propaganda da vitória de Fernando na <i>Gazeta de Alagoas</i>	106
Figuras 25 e 26 – Fernando Collor saudando as pessoas ao sair da Assembleia Legislativa no dia da posse para o governo de Alagoas e durante o percurso até o Palácio dos Martírios ...	108
Figura 27 – Fernando Collor e Roberto Marinho juntos	109
Figura 28 – <i>Jornal de Alagoas</i> mostrando no primeiro dia do ano o caos na saúde pública	111
Figura 29 – Ilustração do chargista Léo Villanova	113
Figura 30 – Usineiros são “presos” no Produban.....	116
Figura 31 – Produban só reabrirá se os usineiros pagarem toda a dívida.....	117
Figura 32 – Painel com a divulgação das 18 usinas que geraram a liquidação do Produban	118
Figura 33 – Canavial quebrando o Banco do Estado, Produban	119
Figura 34 – Servidores do Produban bombardeiam escritório de usina.....	120
Figura 35 – Charge do ilustrador Nunes sobre o Carnaval	124
Figura 36 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> dividindo as informações do Produban e do Carnaval.....	125
Figura 37 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> mencionando questões econômicas do estado	126
Figura 38 – Ilustração do chargista Léo Villanova sobre a referência do <i>Bateu Mouche</i> e o Produban.....	127
Figura 39 – Ilustração do chargista Léo Villanova fazendo menção ao presidente José Sarney e ao Banco Produban	129
Figura 40 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> fazendo referência às manifestações dos bancários do Produban.....	131
Figura 41 – Ilustração do chargista Nunes na <i>Gazeta de Alagoas</i> fazendo menção ao Produban	133
Figuras 42 e 43 – Sequência das ilustrações do chargista Léo Villanova mostrando o ministro da Fazenda Mailson da Nobrega cortando a “árvore Produban”.....	134
Figura 44 – Ilustração do chargista Léo Villanova sobre a possível reabertura do Produban	135
Figura 45 – Propaganda do banco Produban divulgando a reabertura da instituição	137

Figura 46 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> explanando a animação dos funcionários do Produban.....	137
Figura 47 – Imagem dos servidores públicos em manifestação. Fotografia em plano fechado	140
Figura 48 – Imagem dos funcionários do Produban em manifestação. Fotografia em plano aberto	140
Figura 49 – <i>Gazeta de Alagoas</i> divulgando que o estado vai demitir servidores	142
Figura 50 – Ilustração do chargista Léo Villanova fazendo referência ao governador Fernando Collor brincando no Palácio dos Martírios.....	145
Figura 51 – Pessoas assistindo às medidas do Governo Collor em Alagoas.....	148
Figura 52 – Posição do <i>Jornal de Alagoas</i> sobre as demissões dos servidores públicos do estado de Alagoas	149
Figura 53 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> informando que na edição estaria o listão dos demissíveis	150
Figura 54 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> informando que na edição estaria o listão dos demissíveis	151
Figura 55 – Matéria com entrevista de Fernando Collor na <i>Gazeta de Alagoas</i>	156
Figura 56 – Matéria sobre os “marajás” no <i>Jornal de Alagoas</i>	174
Figura 57 – Charge fazendo referência a Collor na corrida para o Planalto	175
Figura 58 – Tabela das pesquisas eleitorais publicada na <i>Gazeta de Alagoas</i>	177
Figura 59 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> mencionando Collor em 3º lugar nas pesquisas	178
Figura 60 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> mencionando Collor em 3º lugar nas pesquisas	179
Figura 61 – Propaganda da prefeitura municipal de Traipu elogiando Collor.....	181
Figura 62 – Propaganda da empresa de carros Cycosa elogiando a gestão Collor em Alagoas	182
Figura 63 – Charge mencionando a disputa eleitoral de Brizola, Lula e Collor	183
Figura 64 – Manchete da <i>Gazeta de Alagoas</i> mencionando o lançamento do PRN no Rio .	184
Figura 65 – Manchete do <i>Jornal de Alagoas</i> mencionando o lançamento do PRN no Rio..	185
Figura 66 – Editorial da <i>Gazeta de Alagoas</i> divulgando Collor como a melhor opção.....	187
Figura 67 – Corrida entre Lula, Brizola e Collor	188
Figura 68 – Charge com os candidatos a presidente do Brasil sonhando com o Palácio do Planalto	192

Figura 69 – Charge do jornal <i>O Globo</i> fazendo referência à disputa por tempo de televisão dos candidatos	196
Figuras 70 e 71 – Propagandas do governo de Alagoas veiculadas nas páginas do <i>Jornal de Alagoas</i> e da <i>Gazeta de Alagoas</i>	199
Figura 72 – Fernando Collor discursando no último dia no cargo de governador de Alagoas	202
Figura 73 – Momento da inauguração novo prédio da TV Gazeta com a presença de Fernando Collor e família.....	203

“Quero, sonho e admiro o inédito...”

Lêdo Ivo

PRÓLOGO

Certa manhã, com 12 anos de idade, olhando repetidas vezes os poucos álbuns de fotografias da minha família, resolvi perguntar ao meu pai, que se chama José Cláudio, quem era o rapaz sorridente ao seu lado sentando na mesa de uma restaurante. Meu pai trabalhava em uma empresa de publicidade em Maceió, com o nome de Publicar. Foi a primeira agência de propaganda da cidade. Em um dia normal, os funcionários da empresa foram almoçar no bairro da Ponta Grossa, e lá havia um restaurante famoso pelos pratos servidos, principalmente pela macarronada, que era o prato mais popular do local e que até deu nome ao estabelecimento, Macarronada do Edson. Aquele espaço era frequentado por muitos políticos, jornalistas, famosos e intelectuais, o que elevava a popularidade do local. Edson, o dono do restaurante, afirmou várias vezes que nomes da política alagoana como Moacir Andrade, Djalma Falcão, Dilton Simões, Freitas Neto, Renan Calheiros, Fernando Collor, Ronaldo Lessa, entre outros de vários partidos, frequentavam o espaço, e até *sala vip* foi criada para assuntos confidenciais da política a serem debatidos. Edson revelou que a entrada do governador Fernando Collor para o PMDB foi decidida no restaurante, e a grande cúpula partidária estava no local.¹

Pois bem, nesse espaço onde meu pai almoçava Fernando Collor estava com sua equipe depois de ter participado de algum evento. Na ocasião, o político tirou fotos com as pessoas do local. Eu não tirei dos meus pensamentos essa imagem e a história contada, pois associei que era o mesmo político que tinha sido presidente da República e afastado em seguida.

Nesse paralelo da vivência do meu pai, a família da minha mãe também mencionava Fernando Collor nas histórias. Minha avó materna carregava muita gratidão, pois segundo ela foi através de uma carta que minha tia enviou para Brasília direcionada ao presidente Collor que sua aposentadoria foi liberada. O envio da carta coincidiu com a liberação do pagamento, mas é improvável que isso estivesse atrelado à carta, contudo minha avó sempre enaltecia o nome de Fernando Collor. Outro motivo interessante da “paixão” por ele é referente ao seu vice-governador, Moacir Andrade, ser de Penedo, terra natal da minha família materna. E foi nessa cidade o primeiro comício de Collor na campanha para governador de Alagoas.

Ainda falando sobre a questão familiar, além de crescer ouvindo a história da foto do meu pai, e da família materna, outra questão que está na minha memória foi ouvir dos meus

¹ TICIANELI, Edberto. Galinha e política, a Macarronada do Edson em 1988. **História de Alagoas**, 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/galinha-e-politica-a-macarronada-do-edson-em-1988.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

pais que na eleição presidencial de 1989, a primeira da qual participaram como eleitores, ambos votaram em Brizola para presidente, e minha mãe menciona que não votaria em Fernando Collor, contra as vontades da minha vó. Com essas histórias familiares, cresci absorvendo as informações e despertando curiosidade em entender como um político de Alagoas chegou na presidência da República. Estudar o Brasil republicano era meu assunto favorito na escola, e buscava sempre ler nos livros o período Collor, mas só mencionava a questão nacional, e isso causava mais curiosidade em entender como Alagoas o projetou nacionalmente.

Antes de entrar no curso de história, um colega dos meus pais, o jornalista Carlos Nealdo, me emprestou um livro sobre o tema, *Notícias do Planalto – a imprensa e Fernando Collor*. Foi com essa obra que tive o primeiro contato com algo que anos depois seria meu tema de pesquisa. Entrei no curso de História com a ideia de fazer alguma pesquisa sobre Collor, mas esse percurso demorou para ser concretizado. A partir do empréstimo desse livro, passei a comprar qualquer publicação que mencionasse o político, a maioria de jornalistas, cientistas políticos e sociólogos, e só depois de muito tempo encontrei um escrito por historiador, mas o recorte sempre direcionava às eleições presidenciais de 1989, a vitória de Collor e o *impeachment*. Sempre me perguntava: e Collor em Alagoas, onde está? Foi com esse problema que tentei a seleção de mestrado. Em todos os livros, dissertações e teses que li sobre Fernando Collor eu fazia perguntas a cada capítulo, questionando o motivo de poucas informações sobre sua presença em Alagoas. A pesquisa começou a me trazer respostas e associar a foto do meu pai na Macarronada do Edson com a gratidão da minha avó por algo que não existiu.

INTRODUÇÃO

Analisar a figura política de Fernando Collor de Mello é ir além do período em que este esteve na presidência da República. É preciso entender o processo até a vitória eleitoral em 1989. Há uma ausência de estudos historiográficos sobre a sua trajetória política, e ao mesmo tempo também de historicização nas produções de memória e nas matérias jornalísticas. O objetivo desta dissertação é mostrar o início da formação de Fernando, que passou a ser Fernando Collor, e sua projeção eleitoral durante os cargos que ocupou até a presidência da República. O período estudado começa em 1979 e termina em maio de 1989, o mês em que Collor deixou o cargo de governador de Alagoas para ser candidato a presidente.

O desenvolvimento da pesquisa foi analisar os dois maiores jornais de circulação em Alagoas no contexto analisado, a *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas*. A *Gazeta* era de propriedade da família Collor, logo as páginas do periódico eram utilizadas a favor da imagem de Fernando nos diversos enredos que o político percorreu. Já o *Jornal de Alagoas* em alguns momentos esteve na oposição, mas em outras situações publicou informações e notícias em benefício do político.

Os jornais são as fontes da pesquisa, e nesse processo analisamos a escrita jornalística em editoriais, manchetes, matérias, colunas e imagens, estas que podem ser charges e fotografias. Todo esse conjunto sendo historicizado provoca problemas na intenção de entender como Fernando passou a ser Collor. Os veículos de comunicação divulgavam não apenas informações sobre o prefeito, deputado federal, candidato e governador Collor, mas também todo o contexto em sua volta. Os processos históricos e acontecimentos aqui investigados partem do final da década de 1970, mais precisamente, de 1979 – ano da aprovação da Lei da Anistia e, não coincidentemente, o mesmo em que Collor foi indicado para prefeito biônico de Maceió –, e chegam até o final da década seguinte, com a renúncia ao governo de Alagoas visando às eleições presidenciais de 1989.

Para analisar os jornais e levantarmos problemas, utilizamos algumas referências sobre fontes históricas, mais precisamente, sobre os periódicos. O livro do historiador José D'Assunção Barros analisa os jornais como fonte histórica e menciona que o historiador procura os jornais não apenas para ler informações, mas também para perceber as entrelinhas, os silêncios, e buscar entender qual é o objetivo e quem está por trás do texto.² Esses mecanismos são problemas sendo elaborados ao analisar os textos dos jornais. O autor ainda

² BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 23.

cita o modo como as notícias são publicadas e qual é a intenção de comover o leitor e ao mesmo tempo utilizar o método da junção dos textos com as imagens, ou seja, uma infinidade de recursos para divulgar as notícias. O texto do historiador ajudou a entender as várias questões de Fernando Collor nas páginas dos jornais e como a *Gazeta de Alagoas* promovia sua imagem. Esta sempre estava em sintonia com Collor, e a partir disso investia em diagramações, charges e conteúdo nos editoriais favoráveis ao político. No texto *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*, de Heloísa Cunha, fica evidente que cada jornal tem sua posição política e suas escolhas.³

Interpretar ou traduzir Fernando Collor nas páginas dos jornais ganhou conexão durante a pesquisa com os livros de memória, que na sua maioria são de jornalistas, que juntos com sociólogos, cientistas políticos e o irmão de Fernando, Pedro Collor, escreveram sobre ele. Contudo, conforme já explicado, existe uma lacuna de produções historiográficas, especialmente dentro de Alagoas, e esse foi um dos problemas para desenvolver a pesquisa.

Fernando buscou produzir, fabricar e performar sobre palcos e cenários a partir do momento em que foi nomeado para ser prefeito de Maceió, pois estava deixando suas atribuições exclusivas na empresa da família. Os livros das diversas áreas que estudaram a trajetória pessoal e política de Collor passaram a ser importantes de acordo com os cruzamentos de informações dos jornais, que, mais do que meras fontes, também se constituem “objetos” da investigação.

A *Gazeta de Alagoas* foi o veículo de informação mais utilizado por Fernando Collor para sua autopromoção, e o acesso ao poder dentro da empresa/periódico eram a justificativa para tantas aparições visando se valorizar. Esse jornal foi utilizado para diversos objetivos, seja para críticas a desafetos, seja para efusivos elogios a Collor. Nesse sentido, é inevitável não estudar o periódico da família, pois as páginas da *Gazeta* falam mais sobre Collor do que a respeito de seus próprios discursos.

A construção de uma imagem ou de um poder esteve nas prioridades de Fernando Collor na intenção de não ser apenas um herdeiro do seu pai, mas sim o protagonista da família, de Alagoas e do Brasil. A intenção era o nome “Collor” ser associado primeiramente a Fernando. Existia uma articulação dos meios de comunicação da *Gazeta* com o político Fernando Collor na intenção da ordem deste perante seu crescimento e suas vitórias eleitorais.

³ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 265, dez. 2007.

O primeiro capítulo, *Fernando Collor e Maceió: o estágio inicial do projeto de poder*, consideramos uma introdução sobre a vida de Fernando Collor, quando o seu pai traçou estratégias para alavancar a vida política de um filho desconhecido que gerenciava as empresas da família. Para as aparições de Fernando serem concretizadas, foi necessária a junção de alianças políticas e de publicações na *Gazeta* e no *Jornal de Alagoas*.

O livro *Por uma história política*, do historiador René Rémond, esteve presente nas conexões da pesquisa, pois, através dos textos, que explicam eleições, partidos, opinião pública, mídia, o político, entre outros temas, é traduzido o Fernando Collor visto nas páginas dos jornais e dos livros. O texto sobre mídia expressou o poder dos meios de comunicação sobre a opinião pública, e quais os alcances dos políticos e dos partidos com esses veículos de comunicação. Na situação de Fernando Collor, não existia um simples alcance, e sim o acesso livre dentro dos meios.

Depois que Collor foi nomeado prefeito biônico e fez um governo municipal atrelado ao governo estadual de Guilherme Palmeira, responsável por sua indicação na prefeitura, partiu para disputar uma vaga para deputado federal; venceu, mas não se promoveu durante o período, pois a intenção era concorrer às eleições para governador do estado em 1986. Guilherme Palmeira aparece muito na pesquisa, pois fez parte de dois momentos importantes e significativos para Collor: primeiro, por tê-lo indicado para ser prefeito biônico de Maceió em 1979; segundo, por ser concorrente direto nas eleições para governador em 1986.

No segundo capítulo, *As eleições de 1986: Fernando Collor de Mello criando palcos e roteiros para ser o protagonista da família e de Alagoas*, a ênfase será no conflito político de Collor contra Guilherme e todo o repertório atrelado à disputa eleitoral. Em um intervalo de sete anos, a parceria política que rendia grandes matérias, fotografias e editoriais acabou. Fernando Collor investiu para desacreditar Palmeira e a *Gazeta* foi o instrumento para esse ato, enquanto o *Jornal de Alagoas* investiu na imagem do concorrente direto de Collor.

O terceiro capítulo, intitulado *Alagoas no modo Bateau Mouche: as crises do Produban e do funcionalismo público em 1989*, está direcionado à análise sobre as crises no Banco do Estado, o Produban, que vivenciava as ameaças de liquidação, fechamentos e promessas de reabertura. O capítulo também aborda as crises no funcionalismo público, os salários atrasados do ano anterior (1988), as greves de diversas classes e as demissões de vários servidores. Fernando Collor justificava essas demissões sendo um ato de moralização do serviço público. São analisadas no *Jornal de Alagoas* e na *Gazeta de Alagoas* como esses veículos de maior circulação publicavam temas sobre a instituição financeira e quais as relações do governador

Collor com a possível falência do banco. Quanto às notícias das greves do funcionalismo público e das demissões, os jornais publicavam as informações com grandes diferenças, pois a *Gazeta de Alagoas* fazia parte das empresas da família Collor. Assim, são analisadas as reportagens, ilustrações, fotografias e diagramação sobre os assuntos referentes ao banco e as manifestações dos grevistas. Essas análises são associadas às explanações feitas no texto “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”⁴. Durante as pesquisas nos jornais é preciso entender o processo empresarial e suas motivações nos editoriais e nos diversos conteúdos do periódico, e nisso o texto “História dos, nos e por meio dos periódicos”, da historiadora Tânia Regina de Luca, foi de fundamental importância.⁵

É válido ressaltar que no processo da pesquisa percebemos as diferentes intervenções sobre os assuntos por parte dos jornais, principalmente na *Gazeta de Alagoas*, que usava as demissões como um ato positivo para Fernando Collor e o projetava nacionalmente.

Sobre a utilização das imagens no processo de entender as narrativas dos jornais, utilizamos a obra do historiador Peter Burke, *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, que ajuda no entendimento sobre as charges dos periódicos e suas evidências. As crises no Banco do Estado e as demissões dos servidores públicos resultaram em espaço nos jornais para o leitor opinar sobre o que estava acontecendo, e o *Jornal de Alagoas* usou desse método mais vezes através da seção de opinião, ao lado do editorial. O texto “A opinião pública”, de Jean-Jacques Becker, afirma a importância da opinião dos indivíduos, principalmente quando falta a documentação, e nesse caso a fala do leitor é associada à documentação do jornal.⁶

No quarto capítulo, com o título *Collor e as estratégias para uma projeção nacional*, a abordagem se dá no processo eleitoral de 1989 até o mês de maio do mesmo ano, quando Fernando Collor deixa o cargo de governador para dedicar-se exclusivamente à sua campanha presidencial. Na passagem do texto é mencionado o processo da construção da candidatura do político. Problematizo sobre o perfil político de Arnon de Melo, pai de Fernando Collor, e elaboro uma comparação sobre os dois perfis de *marketing* político, os quais eram parecidos nas devidas proporções do tempo de cada um. Seguindo o capítulo, acompanho a construção do PRN – Partido da Reconstrução Nacional –, sigla que Fernando Collor “fabricou” para lançar

⁴ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 140.

⁶ BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 186.

sua candidatura à presidente da República. Os jornais noticiaram com grandes coberturas o processo da construção do partido e também as projeções da imagem do candidato na esfera nacional. Para entender melhor a formação de um partido, utilizamos o texto “Os partidos”, do historiador Serge Bernstein, que está presente na obra de René Rémond, *Por uma história política*, em que enfatiza que o partido formado precisa de representantes eleitos, além de ter apoio de uma imprensa para propagar a legenda na opinião pública. O PRN somava ao projeto de Fernando Collor, pois este já tinha mandato e detinha um veículo de imprensa, a *Gazeta de Alagoas*. A obra de Rémond foi de fundamental importância para a construção dos dois capítulos e a elaboração do terceiro e quarto capítulo, pois as análises sobre o político, os partidos, a opinião pública, a mídia e a religião continuam.⁷

Na segunda parte deste capítulo, estão as análises das pesquisas de intenções de votos para a presidência da República. As evoluções das pesquisas mostravam Fernando Collor em crescimento nos números, mesmo o estado de Alagoas – onde ainda era governador – vivenciando crises na economia e em outros setores. Nas análises apresentadas, faz-se o questionamento do termo “fenômeno”, bem como do político moderno que alguns textos mencionavam em alusão ao candidato, além dos jornais, especialmente a *Gazeta*, que fazia vários elogios ao patrão. Para isso, utilizamos a obra do historiador Raoul Girardet, *Mitos e mitologias políticas*, que explica o surgimento do “mito político”.⁸ Existem alguns momentos em que o *Jornal de Alagoas* divulga críticas contra a imagem de Fernando Collor, mas em outros segue os elogios que a *Gazeta* sempre fazia – nesse caso, utilizamos o conceito de hegemonia, com estudos sobre o aparelho privado de hegemonia através da imprensa.⁹

A partir dessa breve introdução e do prólogo apresentado, espero ter despertado o interesse na continuação da leitura sobre um personagem desafiador que ainda marca presença nos palcos da política local e nacional. Ainda vivo. E em cores.

⁷ RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

⁸ GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

⁹ HOEVELER, Carolina Rejane. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, n. 5, p. 149, ago./dez. 2019.

1. FERNANDO COLLOR E MACEIÓ: O ESTÁGIO INICIAL DO PROJETO DE PODER

1.1 A TRANSIÇÃO DO PODER DA FAMÍLIA: O JOVEM FERNANDO E A ASCENSÃO POLÍTICA

O primeiro cargo de projeção política – não partidária – de Fernando Collor foi a presidência do CSA – Centro Sportivo Alagoano, um dos clubes de futebol de maior torcida em Alagoas. Maior rival do CSA, o CRB – Clube de Regatas Brasil – disputava o campeonato nacional, mesmo não sendo tão popular. Nessa questão, o senador Arnon de Melo teve a ideia de inserir o filho no mundo da política através do futebol. O parlamentar, então, apresentou Fernando Collor ao presidente da CBD – Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, e nessa conversa conseguiu incluir o CSA no campeonato nacional de 1974. Fernando Collor foi eleito presidente do clube, com apenas 30 anos de idade, e no primeiro ano de mandato o time foi campeão alagoano de futebol, além de disputar o maior campeonato do Brasil. Nesse processo, foi formulada a primeira base política de Collor, não apenas nas questões burocráticas institucionais, mas sim de eleitores, pois a grande torcida do CSA poderia criar um sentimento de gratidão pela sua gestão. Collor fez seus estudos do ensino básico na capital federal e em 1972 formou-se em economia na Universidade Federal de Brasília. Ainda em 1972, mudou-se para Maceió, onde dirigiu o jornal *Gazeta de Alagoas*, e também atuou como jornalista. No ano seguinte, assumiu a superintendência da Organização Arnon de Mello, um complexo de comunicação de propriedade de sua família.¹⁰

É importante enfatizar a força política de Arnon de Melo para seu filho engrenar na política, mas existia também a força empresarial da família da primeira esposa de Collor, Lilibeth Monteiro, que comandava uma das grandes empresas do país – o Grupo Monteiro e Aranha. As duas famílias impulsionaram o engajamento de Collor na política local. Durante a ditadura civil-militar, os governadores dos estados eram indicados pelo presidente da República, e nesse contexto as indicações envolviam influências e conchavos. Arnon de Melo estava envolvido na indicação do governador de Alagoas a partir de 1979. O senador era aliado político do governador Divaldo Suruagy, este terminando o mandato, e tinha aliança com o possível sucessor, Guilherme Palmeira. Assim, Arnon fez um acordo, que seria investir na

¹⁰ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 84.

imagem de Palmeira nos meios de comunicação da empresa da família, o *Jornal Gazeta* e a TV Gazeta, e em troca o futuro governador colocaria Fernando Collor como secretário de governo.

Guilherme Palmeira ganhou a indicação, cumpriu o acordo e ofereceu a Collor a Secretaria da Indústria e Comércio. Antes da posse, em março de 1979, a família da esposa de Collor, Lilibeth, promoveu um almoço no Rio de Janeiro para celebrar a indicação do futuro secretário de Estado. Nesse almoço, foram convidados empresários de expressão nacional, além do governador eleito e o que deixaria o cargo. Esse evento mudou a rota política de Collor em Alagoas, pois Guilherme Palmeira recuou da decisão de nomear o filho de Arnon para o cargo de secretário e passou a nomeá-lo para prefeito de Maceió.

Antes da posse em março de 1979, o jornal *Gazeta de Alagoas* iniciava um processo de propagação de notícias positivas sobre Collor. Entre as matérias de elogios, houve uma publicação que chamava atenção devido ao conteúdo expresso no texto. O jornal publicou o currículo do futuro prefeito, mencionando desde sua vida escolar até os primeiros dias de 1979.¹¹ O presidente das Organizações Arnon de Melo passou a ser conhecido como o político Fernando Collor, mencionado como “economista” ou “jornalista”, mas houve uma transição para os nomes dessas profissões serem abolidas das menções. É interessante compreender que o novo governador Guilherme Palmeira nomeou Collor para a prefeitura de Maceió, e depois de 7 anos, em 1986, os dois foram rivais nas eleições diretas para governador de Alagoas. Palmeira, talvez sem perceber, contribuiu para a ascensão daquele que seria seu rival político no futuro próximo.

Enquanto a *Gazeta de Alagoas* enaltecia o currículo do novo prefeito, o *Jornal de Alagoas* publicava conteúdos mais técnicos, mencionando os nomes das pessoas que iriam trabalhar nas secretarias da nova gestão municipal.¹² A *Gazeta* publicou uma matéria destacando a aprovação do nome de Fernando Collor como prefeito de Maceió na Assembleia Legislativa. Contudo, no conteúdo da reportagem consta um fato interessante, pois a bancada do MDB se absteve em votar na aprovação do nome do novo prefeito, apesar de a mesma bancada já ter aprovado o parecer da mesa diretora. A reportagem publicou um trecho da justificativa das abstenções através da fala do líder da bancada do MDB.

Quando o presidente José Tavares encaminhou o decreto à apreciação do plenário, o deputado Alcides Falcão pediu a palavra para mostrar a posição de sua bancada. ‘Apesar da nossa bancada discordar de eleições indiretas, o MDB resolveu agora se abster de votar, mas não foi contra a indicação do economista Fernando Collor de

¹¹ JORNALISTA Fernando Collor de Mello – Prefeito de Maceió. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 4, 15 mar. 1979.

¹² PREFEITO define sua equipe. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 1, 14 mar. 1979

Mello'. Alcides falcão, líder da bancada, explicou que o seu partido tomou essa posição contra o processo de escolha e a abstenção representava um voto de confiança ao novo prefeito de Maceió, a quem desejou que faça um bom trabalho à frente da edilidade municipal.¹³

Essas abstenções não abalaram a harmonia na Assembleia, pois o MDB ficou com a imagem de apoio ao novo prefeito, pois o parecer foi aprovado por todos antes. O deputado João Sampaio, da mesma sigla, analisou que foi uma grande vitória para Maceió.

Para o Deputado João Sampaio, um dos autores do parecer que indicou o novo prefeito, Maceió viveu ontem, com a aprovação do nome de Fernando Collor de Mello, um dia de festa. 'O deputado Alcides Falcão foi justo na condução de sua bancada e sua decisão eleva a dignidade cívica e linha partidária do MDB, que votou em branco como uma prova de confiança ao novo prefeito.' O Voto do MDB na opinião de João Sampaio, representa uma afirmação da oposição que acredita no futuro da cidade.¹⁴

A posse de Fernando Collor na Prefeitura de Maceió, aos 30 anos de idade, contribuiu para a construção de uma imagem simbólica e forte para os olhos de quem estava assistindo à cerimônia. Naquele instante, era o momento do coroamento político do senador Arnon de Melo, pois colocou seu herdeiro político no processo de ascensão com o início na prefeitura de Maceió. A imagem capturada pelo fotógrafo Gelson Luciani mostrou os irmãos Fernando e Pedro Collor abraçados no evento da posse. Esse abraço também significava a transferência do poder das Organizações Arnon de Melo de Fernando para Pedro, que passou a administrar os negócios da família. Na mesma imagem, mais recuado, estava observando tudo o pai, Arnon. A imagem mostrava harmonia entre os irmãos, mas não era isso que Pedro comentava sobre Fernando. Ao escrever o seu livro *Passando a limpo: a trajetória de um farsante*, explanou:

Fernando ficou à frente das empresas durante oito anos. Por milagre não nos levou à bancarrota, mas foi quase. Além de péssimo administrador, era um completo irresponsável. Contratou muita gente desqualificada em Maceió [...] aconselhava-se sobre os avanços do setor gráfico no exterior, sabia quais eram os melhores equipamentos, mas não se detinha em qualquer análise de custos ou estudos de mercado. Como não entendia nada de finanças nem tinha tendência para isso, seus caprichos nos custaram muito caro.¹⁵

Percebe-se que, de acordo com o que Pedro escreveu, não existia um clima amistoso enquanto Fernando administrava as empresas da família. Se de fato for credibilizar a fala do

¹³ DEPUTADOS aprovam nome de Fernando Collor de Mello para prefeito de Maceió sem nenhum voto contrário. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 20 mar. 1979.

¹⁴ DEPUTADOS aprovam nome de Fernando Collor de Mello para prefeito de Maceió sem nenhum voto contrário. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 20 mar. 1979.

¹⁵ MELLO, Pedro Collor de. **Passando a limpo: a trajetória de um farsante**. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 41.

livro, só fica evidente o quanto a *Gazeta de Alagoas* vendia a imagem da família feliz para os seus leitores. O abraço dos irmãos possivelmente só foi mais um *marketing* político.

Figura 1 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* divulgando a posse de Fernando Collor e o abraço no irmão Pedro Collor simbolizando a transferência das Organizações Arnon de Melo



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 21 mar. 1979.

A edição da *Gazeta* desse dia esteve recheada de reportagens mencionando Fernando Collor. As reportagens citavam a questão do novo prefeito de Maceió e as homenagens que o político recebeu da família. Ao ler é estabelecida uma confusão de informações, pois na mesma edição era vista a festa da posse na prefeitura de Maceió, mas também as homenagens da empresa da família. Uma página inteira do jornal foi dedicada ao enaltecimento de Fernando Collor. Nesse fragmento, foram organizados dois blocos, os quais dividiram as atenções para mencionar a futura gestão municipal com promessas. Ficou nítido qual era a vontade familiar: o início político de Fernando e, ao mesmo tempo, sua saída da empresa com adereços de glórias na futura gestão municipal.

Fernando Collor ainda era citado nas páginas dos jornais como economista, ou seja, as menções sobre sua imagem carregavam sua formação. Durante as homenagens, a *Gazeta* publicou:

Muito emocionado, pelas manifestações de apreço de todos os funcionários da Gazeta, o economista Fernando Collor de Mello se afastou, ontem da superintendência da Organização Arnon de Mello, passando o cargo ao seu irmão, jornalista Pedro Collor de Mello. Ele assume, hoje, a prefeitura municipal de Maceió, no lugar do engenheiro Dilton Simões. Os funcionários da Organização Arnon de Mello – rádios, jornal,

televisão e gráfica – organizaram uma homenagem a Fernando Collor, com a realização de um coquetel nos estúdios da TV Gazeta.¹⁶

A família Collor de Mello estava construindo um poder forte. É muito impactante imaginar que o maior complexo de comunicação de Alagoas pertencia à família, uma das vagas da representação de Alagoas no Senado era de Arnon de Melo e em 1979 a capital alagoana esteve no comando de Fernando Collor. Nesse momento, estava aumentando a projeção política dos Collor de Mello, mas paralelo a isso se fabricava uma biografia individual, nesse caso era Fernando que estava construindo. Era o início de um nome que em 10 anos chegaria ao maior cargo do Executivo nacional. E em Alagoas a imprensa contribuiu para a formação biográfica de Fernando Collor de Mello. A mídia foi sua grande aliada, e oficialmente começa em 1979, porque antes não havia um cargo no Executivo, só existia o pai senador. Fernando Collor começou a construir seus holofotes.

No livro *Por uma história política*, o historiador Jean-Noël Jeanneney escreveu sobre a mídia, e menciona o poder dos meios de comunicações. Ele se pergunta algumas vezes:

Durante muito tempo, a curiosidade concentrou-se nessa pergunta simples (na verdade demasiado simples, como será adiante: qual é a influência da mídia sobre a opinião pública e quais são os meios de que o Estado, os governantes, os partidos políticos, os grupos de pressão dispõem para pressionar a imprensa escrita, falada ou televisiva e, através dela, a opinião pública?¹⁷

Através da pergunta do historiador, menciono que Fernando Collor orquestrou os seus meios de comunicação para propagar sua imagem. Esse mecanismo influenciou a opinião pública. O projeto político do prefeito de Maceió foi usar a máquina midiática da família pressionando todo o conglomerado para formar uma opinião.

São também muito importantes as respostas que as fontes nos mostram. Na edição que divulgou a festa da posse e da despedida das empresas da família, a *Gazeta* lançou um editorial acompanhado de uma charge, totalmente promovendo a imagem do novo prefeito de Maceió. No editorial, as palavras ditas fazem a relação de que Fernando Collor está preparado para o cargo, pois sua trajetória de homem público já era um destaque na sociedade, além de mencionar que o prefeito não teria uma missão fácil em governar uma cidade com poucos recursos, mas reescreveria a brilhante história que o pai Arnon de Melo tinha feito nos cargos que ocupou. Ou

¹⁶ FERNANDO homenageado pelos funcionários da Gazeta ao deixar a superintendência para Pedro Collor de Mello. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 21 mar. 1979.

¹⁷ JEANNENEY. Jean-Noël. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 215.

seja, a *Gazeta* foi usada para promover e justificar as decadências da cidade com o objetivo de mostrar que Fernando não deveria ter culpa em possíveis atrasos sociais. O editorial mencionou:

O melhor que poderá acontecer a Fernando Collor de Mello, quando daqui a alguns anos encerrar sua passagem pela Prefeitura Municipal de Maceió, é que, postulando algum cargo eletivo, tenha, de parte do nosso povo a aprovação que antontem recebeu dos representantes desse mesmo povo com assento na Assembleia Legislativa de Alagoas. [...] Fernando Collor de Mello, economista, jornalista, empresário, está começando a colher o que semeou. Jamais foi pequeno e nem limitado nas funções que exerce. Comandou os órgãos da Organização Arnon de Mello com a visão clara do homem público – porque jornal, rádio e tv são também serviços públicos –, lidou sempre com companheiros, com os clientes e com o público com a perspectiva de quem quer primeiro servir, de quem quer principalmente ser útil. [...] Entre o novo Prefeito e o povo de Maceió existe a identidade de sentimentos que é indispensável para Fernando Collor de Mello possa desempenhar no seu novo cargo tudo aquilo que dele esperam os alagoanos. Reescrevendo, nos nossos tempos, a brilhante trajetória que em termos de administração estadual, há um quarto de século, promoveu o seu pai, ex-governador e atual Senador, Arnon de Mello.¹⁸

A *Gazeta*, nessa edição, complementa o editorial com a uma charge do ilustrador Nunes, que trabalhou por décadas no jornal, e seus desenhos no periódico acompanharam a trajetória política de Fernando Collor. Essa primeira charge como prefeito de Maceió inaugura uma série de publicações que ultrapassou a época em que o filho de Arnon de Mello chegou à presidência da República. A charge inaugural do novo prefeito de Maceió o mostrou cumprimentando uma senhora com joias, e no vestido estava escrito a palavra “prefeitura”. Fernando Collor diz: “Prazer em conhecê-la”. A imagem, junto com o editorial, é uma junção de *marketing* com a construção do novo político de Alagoas, que começava sua trajetória com grandes veículos de comunicação ao seu dispor. Entendo que usar o termo “novo” talvez não seja o mais adequado, pois sua família não era nova no meio, mas a terminologia estava sendo vendida nas páginas da *Gazeta*.

¹⁸ O PREFEITO e o povo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 4, 21 mar. 1979.

Figura 2 – Editorial e charge do jornal *Gazeta de Alagoas* fazendo referência ao prefeito Fernando Collor



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 21 mar. 1979.

A empresa da família da nova primeira-dama de Maceió, Lilibeth Monteiro de Carvalho, fez homenagens ao novo prefeito. A empresa Monteiro Aranha S/A, situada no Rio de Janeiro, era especializada em investimentos imobiliários e publicou uma homenagem utilizando as páginas da *Gazeta de Alagoas*. No anúncio, o título “A vez da juventude”, sendo também colocada uma imagem aérea da cidade de Maceió, seguindo a mensagem:

Fernando Collor de Mello tem 29 anos, é o mais moço Prefeito de Capital no Brasil e pai de 2 filhos. É um jovem inteligente, trabalhador esforçado, empreendedor, de bom coração e de muita boa fé. Monteiro Aranha está convencido de que a população de Maceió é feliz por ter um Prefeito como ele.¹⁹

É importante enfatizar o destaque que alguns grupos de empresas ou empresários através da pessoa física publicavam homenageando a figura de Fernando Collor. Se houve empresa do Rio de Janeiro nas páginas de um jornal alagoano expondo suas mensagens de sorte ao novo prefeito, logicamente empresas alagoanas também gastaram dinheiro anunciando as felicitações ao novo gestor. Usinas colocaram suas marcas nesse processo como a Santo Antônio, que proferiu uma mensagem que chamou muita atenção, pois mostrou o tamanho da importância para o setor da cana-de-açúcar de ter não apenas um empresário no comando da gestão municipal, mas sim alguém de uma família com raízes nos engenhos, pois Arnon de Melo teve um antes de entrar na política. É muito forte ver nas matérias as imagens das usinas

¹⁹ A VEZ da juventude. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 45, p. 13, 21 mar. 1979.

homenageando Fernando Collor. Dez anos mais tarde, o Banco do Estado – Produban – estaria sofrendo uma grande crise, quase a ponto de gerar seu fechamento, graças aos não pagamentos de empréstimos que os usineiros faziam no banco e ao acordo que o governador Fernando Collor fez com a classe de produtores de açúcar, que só ajudou afundar a instituição financeira. Mas isso será analisado nos próximos capítulos.

Na *Gazeta de Alagoas*, uma série de homenagens, enquanto o *Jornal de Alagoas*, silêncio. No dia seguinte à posse, a *Gazeta* manteve o ritmo de cobertura sobre o novo Prefeito, e mais uma vez Fernando Collor ganhou a manchete principal do periódico, com o título “Fernando promete progresso a Maceió”.²⁰ Acompanhando desse título, o novo prefeito de Maceió abraçando o governador de Alagoas, Guilherme Palmeira. Esse abraço é a celebração do grande acordo político. Collor mostrava ser a materialização do acordo familiar, misturado com político financiado esteticamente através do seu jornal. A soma dessas articulações tinha o objetivo da busca da perpetuação no poder. Essa ideia é decorrente dos textos que a cada dia a *Gazeta* publicava com inovações nos adjetivos para o prefeito de Maceió. O local da foto do abraço e da posse oficial foram as dependências do Palácio do Governo, e é muito simbolismo para uma imagem só. Sem contar que os textos da *Gazeta* aproveitavam esses símbolos para escrever ou “inventar” cada vez mais um “novo” Fernando Collor:

Convocando o povo a ser ativo participante “e não um mero espectador” o economista Fernando Collor de Mello assumiu, ontem, á tarde, o cargo de prefeito de Maceió, sintetizando todo o seu programa de governo na palavra progresso. O salão de despachos do Palácio ficou totalmente lotado na solenidade em que o governador Guilherme Palmeira empossou o novo prefeito de Maceió. Enquanto o economista Fernando Collor de Mello prometia se empenhar para fazer com que Maceió volte a sorrir, levando alegria aos bairros e recantos e promovendo festejos no seu dia-a-dia, o governador Guilherme Palmeira justificava a sua escolha, mostrando sua confiança na mocidade e na capacidade do novo prefeito e garantindo se unir para enfrentar todos os desafios futuros para construir uma nova Alagoas.²¹

A matéria destacava a importância da indicação do novo Prefeito de Maceió e enaltece a imagem do governador Guilherme Palmeira. No decorrer dessa edição, foi publicada uma reportagem com um título que só complementa a questão da simbologia da presença de Fernando Collor no palácio do governo: “Palácio lotado na posse de Fernando”²². Qual é o objetivo de destacar o nome de Fernando com o do palácio? A mídia da família já investia na imagem do recém-empossado prefeito de Maceió para outros cargos no futuro, e uns dos

²⁰ FERNANDO promete progresso a Maceió. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 1, 22 mar. 1979.

²¹ FERNANDO promete progresso a Maceió. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 1, 22 mar. 1979.

²² PALÁCIO lotado na posse de Fernando. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 22 mar. 1979.

métodos para esse investimento era engradecer sua imagem e ofuscar quem estava ao seu lado. Mesmo a *Gazeta* falando bem de Guilherme Palmeira, que também estava tomando posse como governador, este virou no momento um coadjuvante do evento político. A *Gazeta* apenas centralizou a imagem do “patrão”, Fernando Collor.

O discurso da posse esteve presente nessa edição fazendo a cobertura do evento. O texto foi seguido de outra imagem importante para analisar: Fernando Collor segurando os papéis com os discursos, todos os microfones em sua direção, e ao lado Guilherme Palmeira.²³ Para quem estava o destaque? Pois é, mais uma vez o periódico construiu o protagonismo de Collor em suas páginas.

Figura 3 – Fernando Collor discursando durante a posse para o cargo de prefeito de Maceió



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 22 mar. 1979.

No final dessa edição, vinha um caderno especial chamado “Gazeta Social”. Era um espaço com matérias e fotografias de personalidades de Alagoas, cobertura de eventos e dicas de estéticas. As edições eram publicadas aos domingos, e quem foi a capa do primeiro domingo após a posse? Fernando Collor de Mello. Além de o jornal ter em suas páginas de notícias a imagem predominante do novo gestor municipal, agora estava também nas páginas “sociais”.

Analisar jornais requer ter cuidado também com as diagramações das matérias, colunas e imagens. O historiador Jose D’Assunção Barros, em seu livro *O jornal como fonte histórica*, escreveu:

Compreender o jornal, não como um veículo passivo neutro de informação, mas também como um sistema capaz de produzir e difundir discursos e instaurar um

²³ PEÇO ao povo para que seja um ativo participante. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 22 mar. 1979.

processo de comunicação que nada tem de neutro, é fundamental para termos a devida consciência da função dos jornais como agentes e instrumentos capazes de interferir na história.²⁴

Sabemos que os jornais não são neutros, mas no caso da *Gazeta de Alagoas* existe uma questão além de escolher um lado, que é fazer dessa posição um empreendimento. Fernando Collor foi uma construção, um investimento, um empreendimento da *Gazeta de Alagoas*, pois o periódico o fabricava sempre e o reinventava quando necessário, e mais uma vez enfatizando que esse projeto era de longo prazo e iniciado na gestão municipal. Lembrando que a *Gazeta de Alagoas* e a família Collor se confundem, pois estão em sintonia. A *Gazeta* investiu em sua imagem sob coordenação de Fernando, numa cadeia de interesses recíprocos: poder, quer seja econômico, quer seja político, numa retroalimentação.

No caderno “social”, a jornalista Maria Cândia escreveu sobre o novo prefeito de Maceió. Foi uma simbologia diferente em termos de diagramação, pois destacaram palavras em negrito, por exemplo: “Política”, “vontade”, “gostaria”, “sua meta maior”, “para alegria”, entre outras. São palavras que direcionavam para elogios à figura de Fernando Collor. Com o título “Fernando Collor de Mello: um dinâmico e bem-sucedido empresário”, o texto segue o método dos diários da *Gazeta*, apenas elogiar o padrão:

Fernando Collor de Mello jovem economista, jornalista e empresário um leonino forte e vitorioso filho do senador e também jornalista Arnon de Affonso de Farias Mello e da senhora Leda Collor [...] Um jovem inteligente, verdadeiro amigo de seus amigos e auxiliares, sabe se impor com energia e simpatia sem, contudo, torna-se um “chato” é um empresário bem-sucedido. [...] Fernando Collor de Mello formará uma equipe de gente da melhor qualidade para ajudá-lo na tarefa de comandar a Prefeitura de Maceió. Jovem desportista, amante das artes conhece bem a Europa, Estados Unidos, Alemanha é uma figura de grande prestígio do mundo social carioca, paulista e brasiliense.²⁵

Não existe relevância em saber as experiências internacionais do novo prefeito, assim como também o seu signo, mas essa estrutura montada fazia parte do investimento na imagem do político. No texto da jornalista, a ilustração de uma foto em que Fernando Collor beijava a mão do seu pai, Arnon de Melo. havia um peso simbólico na imagem, pois o jornal fazia questão de mostrar quem mandava ainda na empresa e o seu herdeiro político assumindo aos poucos o protagonismo.

²⁴ BARROS, José D’Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 12.

²⁵ FERNANDO Collor de Mello: um dinâmico e bem-sucedido empresário. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 7, 25 mar. 1979.

Figura 4 – Fernando Collor cumprimentando o pai, Arnon de Melo



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 25 mar. 1979.

O *Jornal de Alagoas* não fez uma grande cobertura sobre a posse de Fernando Collor, apenas anunciou com uma pequena manchete informando o momento. Diferentemente da *Gazeta*, atuou intensamente como instrumento de Collor, pois ser prefeito virou um grande evento nas páginas tão concorridas do jornal. O *Jornal de Alagoas*, embora de maneira geral tenha noticiado os acontecimentos políticos, produziu alguns silêncios, entre eles a cobertura da posse de Fernando Collor como prefeito de Maceió, com pouco destaque nas páginas do periódico. É válido ressaltar que há poucas informações da gestão municipal de Collor nos livros de memórias e na imprensa. As grandes informações sobre esse momento estão na *Gazeta*, logo o cuidado para interpretar deve ser mais enfático.

É importante salientar os silêncios do *Jornal de Alagoas*. A dúvida dos motivos para esse silenciamento persiste, mas do mesmo modo que devemos analisar os ditos e os não ditos também é necessário questionar e analisar o silêncio nas páginas diárias. E silêncio sobre as gestões de Fernando Collor será constante nas páginas do *Jornal de Alagoas*. O historiador José D'Assunção Barros explanou em seus livros sobre os jornais que:

Um historiador não vai ao jornal, como dissemos, apenas em busca de informações. Ele vai ao jornal de uma outra época em busca de discursos. Ao ler as fontes jornalísticas de um outro tempo, precisamos aprender a ler nas entrelinhas, perceber os seus silêncios, os seus entreditos e interditos. Precisamos compreender os autores sociais que estão por trás do texto, e é imprescindível nos apercebermos do que é dito voluntária e involuntariamente. Todas estas diferentes perguntas e demandas que os historiadores lançam sobre suas fontes – no caso, os jornais de uma outra época – são

expressões de sua consciência crítica. Aprender a ser historiador é aprender a desenvolver este tipo de consciência.²⁶

Analisar os dois periódicos nos mostra didaticamente a importância em desenvolver uma consciência sobre o que estamos lendo, verificando e questionando. Os “grandes” ditos da *Gazeta de Alagoas* e o “grandes” silêncios do *Jornal de Alagoas* sempre inaugurarão novos problemas, novas perguntas e novas respostas. E sobre o objeto de pesquisa é válido ressaltar que a *Gazeta* esteve silenciando sobre Fernando Collor em situações nas quais sua imagem estaria em exposição negativa, e esse processo fez parte do engrandecimento de sua trajetória. Os jornais trazem muitas informações e temas, e analisar desenvolve a consciência para a pesquisa.

A primeira grande notícia que o *Jornal de Alagoas* publicou sobre o novo prefeito foi com o título “O 1º passo de um governante”. Duas páginas completas com textos e imagens. O silêncio foi compensado com uma grande divulgação da gestão municipal, que havia completado apenas 3 meses. Ou seja, foi preciso três meses para o *Jornal de Alagoas* entrar no “universo” Collor. Mais importante é refletir que é pouco tempo para uma avaliação de uma gestão. É considerável entender que os textos mencionados são de elogios, destacando a imagem do político. Quem analisa os dois jornais é possível confundir os periódicos, pois parecem textos da *Gazeta* dentro do *Jornal de Alagoas*. Foram duas páginas com vários títulos abordando mobilidade urbana, limpeza urbana, alimentação, funcionalismo público e autoestima do maceioense. Os dois últimos pontos são temas até a Presidência da República uma de suas pautas políticas.

Uns dos diversos textos nas matérias sobre a gestão municipal de Fernando Collor:

Não se pode negar o esforço do economista Fernando Collor de Mello e sua equipe em tender as reivindicações propostas pela população de Maceió. E as reações favoráveis ao seu trabalho à frente da Prefeitura Municipal já começam a aparecer, apesar de ter sido empossado há 70 dias. Pelo menos, são os primeiros sintomas manifestados pela opinião pública, que acompanha com muita atenção as providências tomadas durante os 70 dias de sua administração.²⁷

O *Jornal de Alagoas* demonstrou uma prestação de contas da gestão Collor em Maceió, e fica a dúvida se esse montante de informações em duas páginas inteiras foi financiado pela gestão municipal ou não. Provavelmente o conteúdo divulgado esteve incluído no pacote de

²⁶ BARROS, José D’Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 23.

²⁷ PRESTAÇÃO de contas ao povo – 1º passo de um governo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 6, 30 maio 1979.

“matérias financiadas” que a prefeitura de Maceió pagou ao jornal. O periódico também publicou em uma edição de domingo mais uma grande divulgação da imagem do prefeito, mas com tons diferentes da última aparição, dessa vez uma entrevista dentro da redação do jornal.

A edição de domingo de um periódico tem uma importância diferente da dos outros dias. Geralmente são os espaços mais concorridos e volumes com várias páginas, então a aparição ampla de Fernando Collor no *Jornal de Alagoas* foi estratégica, e até o local onde concedeu a entrevista chamou a atenção do leitor. O prefeito de Maceió esteve nas dependências do meio de comunicação concorrente da sua família. É interessante analisar que o texto da entrevista inicia destacando o “novo” modelo de gestão do prefeito, descrevendo o modelo de suas vestes, como, por exemplo o não uso de terno e gravata, e sim só para os assessores. A entrevista com Collor foi assinada por três jornalistas, Aécio Diniz Almeida, Romero Vieira Belo e Cláudio Humberto Rosa e Silva. Este último, anos depois, passou a ser assessor, homem de confiança de Fernando, nas eleições para governador e presidente e até durante o processo de *impeachment*.

Antes de começar a entrevista, o *Jornal e Alagoas* trouxe uma introdução para aquele momento marcante:

Trajando calças blue-jeans, camisa esporte, o jovem prefeito Fernando Collor de Mello chegou na redação do JORNAL DE ALAGOAS, como havia combinado ao aceitar o convite, precisamente na hora marcada. Para a surpresa dos entrevistadores, uma verdadeira comitiva o acompanhava. Uma comitiva de assessores e auxiliares mais diretos. Todos engravatados, apesar da temperatura de quase 30 graus centígrados, constatada do lado de fora da sala com ar refrigerado onde se deu o longo bate-papo. Disposto, foi logo dizendo que todas as perguntas são boas perguntas e, portanto, mereciam respostas. E assim foi feito um verdadeiro tira-teima. [...] Além de Fernando Collor de Mello, esteve no Jornal de Alagoas as seguintes testemunhas do pinga-fogo: Cláudio Vieira, Procurador Geral da Prefeitura; Ednardo Quintiliano Cabral, diretor técnico da Sumov; Arlindo Chagas, assessor de imprensa. Todos engravatados. Menos o Prefeito, já foi dito, e os entrevistadores.²⁸

Qual a relevância do Jornal de Alagoas fazer destaques estéticos antes de uma entrevista? Houve um encantamento por parte dos jornalistas? E por que Fernando Collor fazia questão nas entrelinhas de inaugurar esse “novo” estilo na política alagoana? Busco responder essas indagações com um texto de René Rémond, que escreveu sobre “O político”. O historiador francês analisa essa figura fazendo alguns questionamentos e trazendo respostas para as dúvidas. Ele pergunta em qual condição os meios de comunicação podem se tornar objeto ou veículo da política. Associando para entender as construções dos textos nos jornais

²⁸ FERNANDO Collor repele boato de rompimento entre Suruagy e Guilherme. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 4-5, 10 jun. 1979.

sobre Collor, percebemos que os periódicos estudados aqui na pesquisa se tornaram veículos para a construção de sua imagem, mesmo às vezes com silenciamentos. Rémond afirma que não é necessário falar da obviedade de como é formado o político, mas sim associar como um espaço de um Estado que a geografia não delineou previamente os contornos, e a história não parou de modificar os limites. Para René Rémond, o campo político não tem fronteiras naturais.²⁹ O autor escreveu:

Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado: este é um traço das sociedades totalitárias. Ora ele se retrai ao extremo. Essas variações obedecem às necessidades externa; refletem também as flutuações do espírito público. O espaço que o político recorta na realidade global é a resultante dessa conjunção.³⁰

O movimento para enaltecer a estética de Fernando Collor não é uma mão única. Existia o interesse dos jornais. O recorte que o prefeito de Maceió estava construindo fazia parte de um projeto pessoal mais individual do que familiar. Collor já demonstrava nos primeiros meses de sua gestão uma consciência própria. Rémond escreveu que estudar a história do político é entender que o político existe por si mesmo, professando que ele tem uma consciência própria e uma autonomia suficiente para ser uma realidade diferente.³¹

Fernando Collor usou a mídia a seu favor, e isso começou na gestão municipal. Durante a entrevista ao *Jornal de Alagoas*, o prefeito se posicionou favorável às eleições diretas para todos os níveis, mas demonstrando preocupações para o cargo de presidente. Em suas respostas, também evidenciou o motivo de ter um estilo diferente, afirmando que era algo próprio. Algumas respostas se contradizem, pois o mesmo político que concordava com o retorno da UNE – União Nacional dos Estudantes – e a defesa ao direito de greve dos trabalhadores também proferiu elogios à presença dos militares no poder.

Com isso, Collor buscava transitar em manter sua simpatia com a ditadura civil-militar, pois estava no cargo graças ao método antidemocrático, além de ser do partido da Arena (Aliança Renovadora Nacional), que fazia parte da sustentação política dos militares. Na entrevista, o prefeito destacou a importância do surgimento de novos partidos, além de colocar

²⁹ RÉMOND, René. O político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 442-443.

³⁰ RÉMOND, René. O político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 442-443.

³¹ RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 445.

como um político liberal, afirmando ter uma ideologia em prol da justiça social – uma contradição de ideias com tons de “novidade”.

1.2 A ANISTIA DEBATIDA NO *JORNAL DE ALAGOAS* E SILENCIADA NA *GAZETA DE ALAGOAS*

Em junho de 1979, um tema começou ganhar notoriedade nos jornais, a Anistia. Houve silenciamento de setores da imprensa alagoana e, por outro lado, muitas matérias sobre o assunto. Fernando Collor e o seu jornal discursaram nos dois lados, na defesa da Anistia e em benefício dos governos militares. Mas, antes de entrarmos nos jornais, faz-se necessário uma breve abordagem sobre o processo. A historiadora Carla Simone Rodeghero, no capítulo que escreveu sobre os significados da Anistia ontem e hoje no livro *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*, organizado pelos historiadores Daniel Arão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Patto Motta, explica a Anistia:

Desde sua aprovação, em 1979, a lei vem sendo aplicada de maneira a impedir a abertura de processos judiciais contra civis e militares que reconhecidamente foram responsáveis por sequestros, torturas, desaparecimentos, mortes de pessoas consideradas inimigas do regime pós-1964. A lei hoje em vigor não é exatamente a sancionada em 1979, pois, em diferentes momentos, por votação do Congresso Nacional, artigos seus foram suprimidos ou modificados. Uma das alterações garantiu o pagamento de indenizações aos familiares de mortos e desaparecidos (Lei n.9.140, de 1995) e aos perseguidos políticos (Lei n.10.559, de 2002). Nunca se tocou, no entanto, na menção aos crimes conexos, o que tem dificultado a efetiva implantação das medidas conhecidas como “justiça de transição”.³²

Ao explicar esse fato histórico, Rodeghero faz uma análise teórica sobre o jogo da disputa, em entender se a Anistia é esquecimento ou não, e se for esquecimento quais as consequências para isso, se passaria a ser bom ou ruim para o presente e o futuro do país. É citado no texto uma análise do filósofo Paul Ricoeur sobre o processo de justiça e transição, com questões sobre memória, esquecimento, perdão, usos do passado e Anistia. Em suas análises, são elencadas as diversas formas de esquecimento, além de defender a possibilidade do esquecimento libertador de acordo com um trabalho da memória, resultando em superações

³² RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 183.

traumáticas. A historiadora observa que Ricoeur encara a Anistia como instrumento de um esquecimento coletivo, construindo o imaginário de que não houve crimes no passado.³³

O problema não é a existência da Anistia, e sim o método usado para colocá-la em prática. Virou um jogo de disputa. Rodeghero escreveu:

Aos poucos, a anistia passou a fazer parte do conjunto das “liberdades democráticas” que cumpria reconquistar. A luta pelos direitos de reunião, de expressão, pelo fim da censura, contra os decretos que afetavam as entidades estudantis e impediam os estudantes de se manifestar politicamente e pela revogação do AI-5 se mesclou à luta pela anistia.³⁴

É muito importante a resolução que a historiadora expõe sobre o entendimento de que a Anistia pode ser uma equação do esquecimento, mas a oposição do governo militar tem a consciência de trabalhar a memória para o não esquecimento dos crimes cometidos durante aquele período e praticar o não esquecimento que resultaria na construção da democracia. Essa visão e essa consciência que ao mesmo tempo exercita a memória coletiva dialogam com o pensamento de Ricoeur. O empreendimento da ditadura em implantar a lógica do esquecimento na Anistia foi denunciado. Rodeghero enfatiza:

No fim da década de 1970, mesmo que permanecesse a equação “anistia = esquecimento”, entre a oposição já era majoritária a visão de que o Estado tinha cometido crimes, e que estes não eram passíveis de anistia; que a medida deveria ser acompanhada de esclarecimento e de punição; e que o esquecimento não era o melhor caminho para a construção da democracia.³⁵

A *Gazeta de Alagoas* talvez tenha entrado no modo silenciamento sobre as divulgações do movimento da Anistia ou praticava o esquecimento coletivo para os seus leitores, diferentemente do *Jornal de Alagoas*, que publicou muitas informações sobre o período. Na *Gazeta*, era constante aparecer Fernando Collor e sua gestão municipal. O *Jornal de Alagoas* iniciou suas publicações sobre a Anistia através da figura política de Teotônio Vilela³⁶, que na

³³ RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 185.

³⁴ RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 190.

³⁵ RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 196.

³⁶ Teotônio Brandão Vilela foi um empresário e político em Alagoas. Dentro de duas décadas, foi deputado estadual, vice-governador e senador, reeleito para este último no pleito seguinte. Filiou-se à UDN em 1948, sendo um dos fundadores do partido em Alagoas, criado em 1952. Elegeram-se deputado estadual pela legenda nas eleições de 1954, exercendo mandato até 1958. No bipartidarismo, foi filiado à Arena, sendo eleito para o primeiro mandato

época ocupava o cargo de senador por Alagoas. Teotônio era usineiro, já tinha sido filiado à UDN – União Democrática Nacional – e protagonizou um confronto com o líder do partido Carlos Lacerda quando se posicionou favorável à posse de João Goulart para a presidência da República com a renúncia de Jânio Quadros. Com o golpe civil-militar, o senador alagoano migrou para a Arena, e fazia o uso da palavra afirmando que a “Revolução” não foi ideológica, mas um movimento que pregava a revitalização da democracia. Foi na década de 1970 que Vilela rompeu com os militares e se qualificou como político à frente da campanha democrática, que, segundo ele, teria sido um pedido do presidente Ernesto Geisel. Essa contradição se traduziu quando Teotônio afirmou que não acreditava nas intenções de Geisel, e devido a isso resolveu criar um protagonismo, parafraseando o termo do jornalista Edberto Ticianeli, que traduziu como “intenção revelada” a atitude do senador para discursar sobre a democracia e ocupar um novo espaço político.³⁷

O afastamento dos militares foi gradativo, pois estes ainda discursavam no Senado defendendo o presidente Geisel e falando sobre democracia, nomeando o presidente como estadista. Esse cenário causava desentendimento para a Arena, e o partido de oposição, o MDB, ainda não credibilizava o senador, pois teoricamente ele ainda estava no campo do golpe civil-militar. Os discursos democráticos e a figura de Teotônio não entravam em sintonia com os atos arbitrários e autoritários do governo Geisel. Assim, o político alagoano passou a discursar cada vez mais na mídia e ganhando espaço em locais públicos, sendo convidado a realizar palestras em universidades, e automaticamente era nítido o seu afastamento da Arena. No dia 25 de abril de 1979, Teotônio Vilela filiou-se ao MDB. O projeto da Lei da Anistia chegou ao congresso em junho de 1979, e vale ressaltar que o debate sobre o tema e a democracia já eram assunto.³⁸

No momento que o *Jornal de Alagoas* publicou várias matérias com a opinião de Vilela sobre a Anistia, este já estava no MDB debatendo a democracia. O senador afirmou ao jornal sua preocupação, pois considerava que o movimento poderia ser injusto e marqueteiro, beneficiando alguns grupos. Teotônio era o presidente da Comissão Mista do Congresso, responsável por analisar a matéria enviada pelo presidente João Batista Figueiredo. Ficou

de senador em 1966. Filiou-se ao MDB no dia 25 de abril de 1979, e em meados de junho, durante o seu primeiro discurso como oposicionista, fez duras críticas ao governo, provocando a retirada geral dos parlamentares da Arena do plenário do Senado.

³⁷ TICIANELI, Edberto. Teotônio Brandão Vilela, o boiadeiro menestrel. **História de Alagoas**, 21 jun. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/teotonio-brandao-vilela-o-boiadeiro-menestrel.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

³⁸ TICIANELI, Edberto. Teotônio Brandão Vilela, o boiadeiro menestrel. **História de Alagoas**, 21 jun. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/teotonio-brandao-vilela-o-boiadeiro-menestrel.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

evidente que o desejo do senador do MDB era apresentar uma alternativa que substituísse o caráter discriminatório e transformasse a anistia em ampla, geral e irrestrita. O parlamentar definiu a anistia como “um total esquecimento de todos os erros e animosidades do passado” e todos devem usufruir de seus benefícios.³⁹

O Jornal de Alagoas seguiu suas coberturas sobre o processo da Anistia materializando as divulgações na figura de Vilela. Durante um período em 1979, o senador fez visitas a presos políticos, e nesses encontros divulgava opiniões a respeito da transição democrática. Em uma das visitas, o *Jornal de Alagoas* noticiou com o título “Teotônio: Revolução deu origem a todos os crimes políticos”. É notório que ele mudou de opinião sobre o golpe civil-militar. Na matéria, foi explanada a posição do político de acordo com Anistia e como se desenvolveu a visita ao Instituto Penal Milton Dias Moreira, no Rio de Janeiro, onde estavam 15 presos políticos. O parlamentar alagoano afirmou que os presos esperavam que o Congresso os incluísse no projeto de anistia, pois consideravam o documento elaborado discriminatório. A matéria dizia:

O senador Teotônio Vilela, ao defender a extensão da anistia aos condenados pela lei de Segurança Nacional, lançou a tese de que, entre 1964 e início do movimento pró-anistia, o País viveu um estado de beligerância em que o Poder ficou em disputa pela força e em consequência só podemos considerar os delitos praticamente como políticos.⁴⁰

Analisando as imagens em conjunto com os textos das matérias, o *Jornal de Alagoas* publicou uma manchete muito emblemática. Para ser mais explicativo, é válido interpretar que foi uma junção de informações relevantes sobre o processo da Anistia. No centro da capa do jornal estava Vilela reunido com presos políticos na Bahia dialogando sobre os trâmites da Anistia. Naquele encontro, o senador comentou a ausência da imprensa para fazer a cobertura jornalística. É muito interessante o *Jornal de Alagoas* dedicar sua manchete central daquele dia para o cerne do assunto do país, materializado na figura do senador alagoano, que deve ser considerado naquele momento o momento prático para o jornal quando se referia à Anistia. O conteúdo da manchete informava:

Após conversar com os presos políticos da Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, o Senador Teotônio Vilela disse poder afirmar à Nação que não encontrou nenhum terrorista. Essa afirmação não é gratuita, pois nenhum foi condenado por crime de terrorismo. É preciso que a sociedade brasileira saiba que nas visitas aos presos políticos em todo país, não encontrei a figura do crime político, afirmou o Senador.

³⁹ TEOTÔNIO Vilela analisa a Anistia. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 2, 5 jul. 1979.

⁴⁰ TEOTÔNIO: Revolução deu origem a todos os crimes políticos **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 3, 13 jul. 1979.

Por ordem do secretário de Justiça da Bahia, Sr. Plínio Mariani Guerreiro, a Imprensa foi proibida de assistir ao encontro do presidente da comissão mista do Congresso que analisa o projeto de anistia e os três presos políticos Theodomiro Romeiro dos Santos, Paulino Vieira e Haroldo Lima.

O senador Teotônio Vilela disse não poder, como presidente da comissão mista do Congresso, questionar qualquer decisão de autoridade [...]. Observou, entretanto, que o fato era inédito no Nordeste:

— Só aqui a imprensa foi impedida de me acompanhar. Em Pernambuco, por exemplo, dei entrevista no cubículo de um preso político. [...] ⁴¹

Figura 5 – Manchete do *Jornal de Alagoas* divulgando a reunião do senador Teotônio Vilela com os presos políticos



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 20 mar. 1979.

Nas entrelinhas, é perceptível que era do interesse do *Jornal de Alagoas* elencar o destaque da atuação do senador, além da censura com a imprensa em suas visitas aos presos políticos, mas a questão esteve para além desses movimentos, pois é válido entender que existia também uma censura em Alagoas, nesse caso, do jornal *Gazeta*, que não publicava informações sobre a Anistia. Com uma manchete, o *Jornal de Alagoas* emplacava vários temas. A censura não era só na cobertura presencial das visitas do Teotônio Vilela, mas também do silenciamento do jornal da família Collor de Mello.

O *Jornal de Alagoas* seguiu publicando as visitas do senador alagoano aos presos políticos, às vezes com destaque em manchetes ou grandes matérias, fazendo a cobertura e ao mesmo tempo enaltecendo a imagem do político durante o período de transição democrática. No dia 24 de agosto de 1979, o publicou uma matéria informando que a Anistia possivelmente só sairia na semana seguinte. Na mesma página, é possível ver matérias nacionais sobre a

⁴¹ TEOTÔNIO visita presos políticos na Bahia. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 71, p. 1, 20 jul. 1979.

Anistia sendo publicadas, e isso é muito impactante, pois o leitor do *Jornal* estava adentrando no debate nacional sobre a abertura política. E analisar esse debate não foi apenas se resumindo na figura do senador Vilela, mas também nas de políticos de outros estados. A informação sobre o sancionamento da Anistia dizia:

Ainda não existe uma data estabelecida, ou escolhida, para que o presidente João Figueiredo sancione a lei da anistia, informou ontem o subsecretário da Imprensa, sr. Alexandre Garcia. Até o início da tarde de ontem ainda não haviam chegado ao Palácio do Planalto os autógrafos da lei aprovada pelo Congresso Nacional, esclareceu.⁴²

Seguindo a notícia, estava uma matéria do senador do MDB do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, que criticava os trâmites da Anistia. Eram críticas parecidas com as de Vilela. Nesse momento, é perceptível a posição do *Jornal de Alagoas* em apoio ao processo, pois, além das publicações do parlamentar alagoano marcando posições, houve as de outros políticos nacionais com posicionamentos parecidos. O jornal divulgou a opinião do senador Simon:

PORTO ALGRE – “Com esse projeto de anistia, se o general Euclides Figueiredo, pai do presidente Figueiredo, estivesse vivo, permaneceria na cadeia”, comentou ontem, o senador Pedro Simon, (MDB-RS), ao desembarcar no aeroporto Salgado Filho, procedente de Brasília. Sobre a aprovação do projeto de anistia do Governo, o senador gaúcho afirmou: “O congresso aprovou porque quis, em nenhum momento senti pressão da linha dura ou de quem quer que seja, sobre a bancada da Arena. [...] Para o senador Simon, a consequência desta aprovação resultou “em uma anistia que não tirou nenhum preso brasileiro da cadeia. Os jovens que participaram em funções secundárias dos movimentos políticos, muitos deles torturados, esses continuarão presos.”⁴³

Saindo do Rio Grande do Sul e indo para Salvador, o *Jornal de Alagoas* também emitiu a opinião de um cardeal sobre a Anistia. Mas não era apenas a opinião de um religioso, mas sim do irmão do Senador Vilela. O Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela entendia que o Brasil estava dando um passo à reconciliação e fazia elogios à comissão mista no Senado, que seu irmão presidia:

SALVADOR – O cardeal Dom Avelar Brandão Vilela declarou, ontem, nesta capital, que apesar das restrições, o projeto de anistia aprovado no Congresso não deixou de ser um grande passo para a reconciliação nacional. [...] Na opinião de D. Avelar o projeto aprovado pelo Congresso resulta da consciência generalizada no Brasil em favor da anistia, a qual o Governo mostrou-se sensível. Dom Avelar ressaltou ainda o

⁴² ANISTIA só sairá a partir de 2ª feira. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 11, 24 ago. 1979.

⁴³ PEDRO Simon também critica. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 11, 24 ago. 1979.

trabalho da Comissão Mista do Congresso e das entidades que se envolveram, às vezes se excedendo, mas sempre contribuindo.⁴⁴

Ainda, o *Jornal de Alagoas* publicou matérias nacionais em suas páginas, mas sem esquecer de focar na imagem do senador alagoano, e a demonstração disso foi nas ideias parecidas e na opinião do Cardeal da Bahia, seu irmão. É interessante analisar que no mesmo período a *Gazeta de Alagoas* não fez publicações sobre esse fato. O foco do periódico da família do prefeito de Maceió estava no enaltecimento do gestor municipal, o jovem Fernando.

Seguindo as páginas do *Jornal de Alagoas*, ainda em 1979 o periódico publicou informações sobre as eleições da UNE, em que a chapa “Mutirão” venceu o grupo da direita representado como “Maioria”. Essa notícia ganhou manchete, acompanhada da chegada do líder estudantil do exílio, Vladimir Palmeira,⁴⁵ com o título “Vladimir desembarca no Rio pregando unidade e Anistia”. Vale ressaltar que ele era irmão do governador de Alagoas, Guilherme Palmeira. A matéria também mostrou a chegada de outros nomes importantes de oposição à ditadura civil-militar:

A unidade das oposições e continuidade da luta pela ampliação do projeto de Anistia do Governo são alguns dos objetivos de Vladimir Palmeira, Anita Leocádia, filha do secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes, e de Carlos Vainer, que desembarcaram ontem no Rio, de volta do exílio, anistiados. A mais emocionada era Anita Leocádia, que ficou com olhos marejados ao lembrar que seu regresso “foi fruto do povo, de todos os democratas, que deram sua contribuição para a anistia. Vladimir Palmeira, que foi recebido pelo governador de Alagoas, Guilherme Palmeira, seu irmão, disse que pretende continuar a luta de sempre para a derrubada da ditadura militar e do regime”.⁴⁶

A figura política de Vladimir Palmeira continuou aparecendo nas páginas no *Jornal de Alagoas*. Em sua chegada, amigos e familiares levaram faixas e cartazes com frases pedindo o fim da ditadura e o processo da Anistia. O *Jornal de Alagoas* publicou uma matéria assinada pelo jornalista Rosivan Vanderlei traçando um perfil de Vladimir, destacando sua presença em um evento com sindicalistas e estudantes em manifestação contra a ditadura. A descrição da foto de Vladimir era “O irmão do governador veio combater a ditadura”. O periódico de certa

⁴⁴ D. Avelar: passo à reconciliação. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 11, 24 ago. 1979.

⁴⁵ Vladimir Palmeira foi um líder estudantil que, aos 23 anos, liderou a Passeata dos 100 Mil contra a ditadura, no dia 26 de junho de 1968, na cidade do Rio de Janeiro. À época, era presidente da União Metropolitana dos Estudantes (UME), entidade do antigo estado da Guanabara. Foi preso três vezes: em 1967, em agosto de 1968 e novamente no Congresso da UNE, em Ibiúna. Em setembro de 1969, saiu da prisão para o exílio – sendo um dos 15 prisioneiros políticos trocados pelo embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick, que havia sido sequestrado por meio de ação conjunta do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Aliança Libertadora Nacional (ALN).

⁴⁶ WLADMIR desembarca no Rio pregando unidade e anistia. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 1, 6 out. 1979.

forma enaltecia a figura do governador? Ou ao mencionar seu nome fazia críticas sobre sua imagem? Guilherme Palmeira assumiu o governo de Alagoas de forma indireta, indicado pelo presidente Geisel. O governador também indicou para ser prefeito de Maceió Fernando Collor, cuja família era proprietária do jornal que silenciava sobre a Anistia e o combate à ditadura. Assim, o *Jornal de Alagoas* valorizava a família Palmeira materializando isso na imagem de Vladimir. O título da matéria destacava o presente: “Vladimir vai a praça condenar ‘esta ditadura atual’”. Por que o termo “esta ditadura atual”? Talvez em decorrência da Anistia não seguir o desejo da oposição e perceber que os militares seriam inocentados dos crimes cometidos. Segue o trecho da matéria:

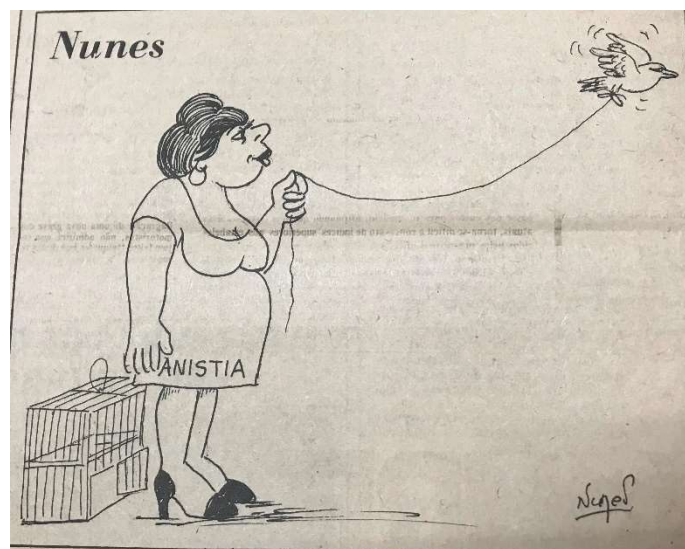
[...] Parecia que Vladimir queria dizer “concordava com as manifestações festivas”, mas advertiu que, com a anistia restrita, existe muita gente brincando de democracia, de liberdade. Como se tivéssemos alcançado alguma vitória final. Mas adiante, disse Vladimir: “e os torturadores? Onde estão? Voltando para os quartéis? Mas não é isso que queremos. Pois, eles estão se recolhendo, mas podem voltar quando bem quiserem e lascar o cassete na gente. Eles devem ser mostrados, pagar pelos seus erros, pelas torturas. Sim, sem espírito de vingança, por mais que queiram transparecer que um anistiado, um preso torturado não sente vontade de vingança”.⁴⁷

A fala de Vladimir é impactante e traduz o que a oposição pensava sobre os movimentos da Anistia. É importante analisar o que o *Jornal de Alagoas* publicava diariamente em 1979, pois havia uma movimentação diferente em comparação com a *Gazeta de Alagoas*. Percebemos a quantidade de matérias e notícias nacionais no primeiro e silenciamento sobre a gestão municipal de Maceió, por exemplo.

A *Gazeta de Alagoas* não fez uma cobertura jornalística sobre a Anistia. Às vezes publicava alguma notícia sobre o senador Teotônio Vilela, informando quando este foi recebido com festa em Maceió através do seu novo partido, o MDB. São publicações que remetem apenas a breves movimentações políticas do senador. Sobre o seu envolvimento com a Anistia, não houve matérias. Até publicou uma charge do cartunista Nunes, na qual uma senhora está com uma gaiola aberta, um pássaro voando com o nome “anistia”, mas ao mesmo tempo está preso a um cordão senho controlado por essa senhora. A interpretação estabelecida é que o processo da Anistia era controlado pelo governo, uma liberdade vigiada, expressada em benefício do poder do governo. É interessante que a charge da *Gazeta* fez diálogo com as publicações do *Jornal de Alagoas*, entram em acordo, mas no decorrer dos dias e meses o periódico da família Collor de Mello silencia sobre o assunto.

⁴⁷ VANDERLEI, Rosivan. Vladimir vai a praça para condenar “esta ditadura atual”. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 71, p. 3, 18 out. 1979.

Figura 6 – Charge da *Gazeta de Alagoas* fazendo referência à Anistia



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 20 jul. 1979.

1.3 GAZETA DE ALAGOAS PARTILHANDO A MESA COM A DITADURA

A *Gazeta de Alagoas* recebeu em suas dependências a visita de um ministro do governo federal. Esse acontecimento ganhou muita ênfase nas páginas do jornal. Qual é a relevância de um ministro visitar um jornal alagoano? O coronel Haroldo Corrêa Mattos, das Comunicações, estava em viagem oficial a Alagoas para inaugurar os sistemas de Discagem Direta a Distância (DDD) e Discagem Direta Internacional (DDI) na cidade de Penedo. Naquela ocasião, a diretoria das Organizações Arnon de Mello o convidou para um almoço e receber homenagens da instituição. O título da matéria valorizou mais a visita do ministro nas dependências da *Gazeta* do que no estado de Alagoas vide título “A emoção do ministro na visita à TV Gazeta”.⁴⁸ As imagens da matéria não são da inauguração do sistema telefônico em Penedo, mas sim do espaço físico do jornal, assim como no momento do almoço oferecido pela instituição.

No almoço, houve discurso do superintendente das Organizações Arnon de Mello, Pedro Collor, assim como também do Comendador Tércio Wanderley, que, além de ser usineiro, era o Conselheiro Consultivo e Presidente de Honra das Organizações. Percebe-se que na mesa estavam empresários das comunicações, ministro e usineiros, todos celebrando ter um representante do governo federal presente na solenidade. Essa configuração da mesa mostrava o poder atrelado dos meios de comunicações com os usineiros, que eram financiadores de

⁴⁸ A EMOÇÃO do ministro na visita à TV Gazeta. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 5, 15 jul. 1979.

campanhas políticas e se beneficiavam com o Banco do Estado de Alagoas, o Produban. O ambiente estava exacerbado de poder e tramas da política alagoana.⁴⁹

Figura 7 – Matéria da visita do ministro das Comunicações às Organizações Arnon de Melo



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 15 mar. 1979.

Outro ministro do governo Figueiredo visitou Alagoas e ganhou notoriedade nas páginas da *Gazeta*. Uma página inteira foi publicada com palavras de homenagem ao ministro do Interior: “Alagoas saúda o ministro Mário Andreazza”.⁵⁰ No anúncio foi colocada a imagem do governador de Alagoas e do prefeito de Maceió. Fernando Collor estava associado indiretamente à imagem do ministro, pois era o seu jornal que fazia a maior cobertura das visitas oficiais do governo federal em Alagoas. Destaques positivos às ações da ditadura estavam sempre presentes nas páginas do jornal. O anúncio foi patrocinado por várias empresas de construções, assim esse movimento deixou uma dúvida: por que só empresas de construções? Acredito que são empresas que prestavam serviços aos governos estadual e municipal, além de fazerem as obras federais em Alagoas. Atrrelado a isso estavam notícias sobre o prefeito de Maceió, que “desaparecia” das páginas do *Jornal de Alagoas*.

Um fato importante que devemos explicar foi a *Gazeta* mencionar o “aniversário” do golpe civil-militar, referindo-se a isso com o termo “Revolução”, enquanto o *Jornal de Alagoas* fez uma cobertura sobre a Anistia, a *Gazeta* silenciava e fazia outro tipo de abordagem ao tema. No dia 1º de abril de 1980, publicou manchetes sobre os 16 anos do golpe. Duas abordagens,

⁴⁹ PEDRO Collor saúda o Ministro Haroldo Correa destacando importância de sua visita à TV Gazeta. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 6, 15 jul. 1979.

⁵⁰ ALAGOAS saúda o ministro Mário Andreazza. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 11, 3 ago. 1979.

sendo uma no âmbito de Alagoas e outra no cenário nacional: “Aniversário da Revolução é lembrado por alagoanos” e “Figueiredo categórico: ‘A Revolução não terminou’”. O conteúdo publicado foi:

O processo da Revolução não encerra: realiza-se na consecução dos objetivos a que nos propusemos. Agora, é natural, os métodos dos revolucionários estarão menos presentes, disse ontem o Presidente João Figueiredo, em discurso transmitido à noite por uma cadeia de rádio e televisão para todo o país, para comemorar os 16 anos da Revolução. Enfatizou o presidente que ‘no dia de hoje, há 16 anos, coube as Forças Armadas nacionais a missão histórica de deter o curso da política mais contrária as aspirações do nosso povo jamais instalado entre nós. A família brasileira reagiu com revolução e ânimo à iminente destruição das nossas instituições políticas tradicionais’⁵¹

Seguindo a edição, o conteúdo interno estabeleceu um título mais impactante sobre o tema: “Revolução faz 16 anos e alagoanos comemoram a data como solenidades”. Segue a matéria:

Hoje, acrescenta a ordem do dia, “sob a liderança firme e esclarecida do presidente da República, João Figueiredo, o País avança a passos largos para a normalização da vida nacional. Aqueles momentos dramáticos pertencem ao passado e não retornarão”. Em suas palavras para a corporação da Polícia Militar, o coronel José Almeida, seu comandante, disse que ‘dadas as indecisões nas estruturas políticas brasileiras, Alagoas deu o primeiro passo para a grande batalha e a PM alagoana, convocada pelos setores competentes, empunhando suas armas, saiu às ruas para a tomada da posição. Os pontos críticos da capital foram ocupados e as fronteiras vigiadas contra um inimigo que se dizia nos visitar.’ - Essa atitude coincidiu com o crescimento do clamor público, que verberava a perspectiva de ser submergido pela maré vermelha. Povo e armas marcharam unidos para salvaguardar a dignidade nacional e preservar a democracia. Era 31 de março de 1964 e a nossa briosa Polícia marcava mais um passo dos fatos revolucionários do País. Todos os fatos revolucionários devem ser lembrados. Assim, nunca será demais rememorar a triste iminência em que estive o nosso País, de ser desmoroado pelos secretários soviéticos, chineses ou cubanos, acrescentou o coronel.⁵²

A *Gazeta* não fazia questão de esconder o seu lado no período da ditadura civil-militar, isso ficou nítido. Qual é a noção do público ao ler que os “alagoanos estavam comemorando” 16 anos do golpe? Como esse discurso era interpretado? Logo, podemos inferir que o próprio Fernando Collor apoiava a ditadura. O então prefeito mencionou em uma entrevista concedida ao *Jornal de Alagoas* que havia uma importância do período militar no Brasil.

JORNAL – A presença dos militares no Poder é benéfica?

FERNANDO – Acho que em determinado instante da nossa vida, a presença dos militares foi imprescindível à manutenção da ordem e do desenvolvimento do país.

⁵¹ FIGUEIREDO categórico: “a Revolução não terminou”. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 1, 1 abr. 1980.

⁵² REVOLUÇÃO faz 16 anos e alagoanos comemoram a data com solenidades. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 1, 1 abr. 1980.

Naturalmente que eu frisei “em determinado momento”. Isso pressupõe uma transitoriedade, porque acho que militar deve é chefiar corporações militares.⁵³

Depois das matérias referentes às “comemorações” do golpe civil-militar de 1964, a Gazeta publicou uma manchete fazendo previsões das eleições de 1984, que ainda seriam indiretas. É considerável que seja algo forte, até com tons sensacionalistas, e causando suspense no leitor do periódico. Na manchete, o título “Guarde este nome: General Medeiros”, em seguida com letras maiores, “Eleição para presidente em 84 vai ser indireta”⁵⁴, com frases acompanhadas da foto do general e do ministro do Planejamento, Delfim Neto. O texto alegava que foram descartadas as eleições com candidatos civis e que possivelmente o nome do General Medeiros ganharia mais força, pois era chefe do SNI – Serviço Nacional de Informação – do governo Figueiredo.

Figura 8 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* sobre a continuidade do golpe civil-militar através das eleições indiretas



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 15 jul. 1979.

No período da ditadura civil-militar, havia uma sintonia entre os discursos da *Gazeta*, a imagem da família Collor de Mello, com os governos militares. É provável que a cada ano o veículo de comunicação fazia alguma publicação em referência ao dia do golpe. Fernando Collor buscava transitar nos dois lados, explanando a importância dos governos militares e da abertura política. O prefeito de Maceió já tinha concedido uma entrevista ao *Jornal de Alagoas*

⁵³ FERNANDO Collor repele boato de rompimento entre Suruagy e Guilherme. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 71, p. 5, 10 jun. 1979.

⁵⁴ GUARDE este nome: General Medeiros. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 46, p. 1, 3 abr. 1980.

em que mencionou que o período foi importante, mas também seria necessário para aquele momento o retorno dos partidos, como também disse que era favorável a movimentos de greves. Será o mesmo político que depois tentou unir Arena e MDB. É importante analisar com cuidado os caminhos da *Gazeta* e de Collor, muitas vezes juntos no método, em que o jornal serve ao patrão e este está sozinho no seu projeto de poder usando outros meios com discursos diferentes do seu jornal/empresa. Fernando Collor buscava ser maior do que sua própria empresa, mas ainda precisava dela para conseguir isso.

1.4 CAMISA POLO E CALÇA JEANS NA PERIFERIA DE MACEIÓ: O PREFEITO MONTANDO O PALCO PARA PROJETOS FUTUROS

Fernando Collor e sua gestão municipal demonstravam um olhar diferenciado para alguns bairros da capital alagoana, especialmente para a região onde estava situado o bairro do Vergel, perto da Lagoa Mundaú. Esse investimento na região na gestão municipal e em outros mandatos de Collor tinha intenção estratégica em busca de popularidade. A *Gazeta* foi o jornal que mais publicou notícias sobre promessas de progressos para a região da orla lagunar. Por exemplo: “Fernando cria secretaria para proporcionar lazer ao povo pobre de Maceió.”⁵⁵ As pautas sociais, que muitas vezes não se mostraram na prática, passaram a ser notícia em matérias e editoriais. No dia do aniversário do prefeito, a *Gazeta* publicou um editorial enaltecendo a gestão do jovem político à frente do mandato, mas fazendo comparações da cidade de Maceió, que foi criada sem um projeto urbano, com outras, como Brasília e Nova York:

Da sensibilidade, competência e aplicação do jovem Prefeito de Maceió, jornalista Fernando Collor de Mello, muito esperam os habitantes da nossa capital. Muito esperam e algo já receberam. A cidade está sendo coberta por uma camada de asfalto que reduz a uma insignificância, pelo menos nas vias principais, a tortura dos buracos. [...] Uma das tarefas mais importantes do Prefeito Fernando Collor de Mello é conseguir agrupar, em bairros distintos, atividades incompatíveis num mesmo setor. Desenvolvendo-se sem uma definição de zonas [...] Ao Prefeito e à Câmara Municipal de Maceió, caberá a difícil tarefa de melhor ordenar a nossa paisagem urbana, mas a verdade é que ninguém poderá esperar perfeição que não foi planejada desde os seus primórdios.⁵⁶

⁵⁵ FERNANDO cria Secretaria para proporcionar lazer ao povo pobre de Maceió. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 5, 11 ago. 1979.

⁵⁶ FERNANDO cria Secretaria para proporcionar lazer ao povo pobre de Maceió. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 2, 12 ago. 1979.

Esse editorial foi uma prévia para justificar possíveis faltas do prefeito de Maceió, fazendo comparações com outras cidades e justificando que não seria possível transformar a capital de Alagoas em algo melhor. O editorial, que é a opinião do jornal, também servia para Fernando Collor como “panfleto” de justificativa para sua gestão. E essa cultura panfletária será uma marca em sua trajetória política.

É interessante explicar o quanto a *Gazeta* investia na figura do prefeito Collor, tanto na escrita quanto nas imagens. O jornal publicou uma foto do gestor abraçando as pessoas ao anunciar a construção de casas prometendo tirar os moradores da beira da lagoa: “Prefeito garante no Vergel trocar barracos por casa.”⁵⁷ Ao lado da manchete, uma matéria com o título “Com Delfim, os salários terão mais aumento.”⁵⁸ O jogo da diagramação política de poder era um símbolo estampado para a *Gazeta*, e nesse processo mantinha o ritmo promovendo os dois lados: a ditadura e Fernando Collor.

Assim como o método de investir no Vergel ganhava notoriedade, o prefeito passou a fazer atividades fora do gabinete. Independentemente da intenção, isso seria mais um assunto para as páginas da *Gazeta*. O jornal noticiou “Prefeito deixa seu gabinete e vai despachar nos bairros.”⁵⁹ As promessas por boas moradias e condições melhores de vida faziam parte das andanças no Vergel, e passaram a ser uma tática de palanque para Collor. Até a imagem publicada na *Gazeta* com o prefeito e outros políticos em eventos no Vergel se destacava os estilos de cada um, e o fotógrafo da *Gazeta* fazia questão de enaltecer o ângulo para o chefe sair em destaque.

Os títulos com expressões impactantes e fotografias marcaram as notícias sobre o prefeito nas caminhadas nos bairros da capital alagoana. Às vezes saíam matérias na *Gazeta* que seguiam três títulos diferentes, mas com a mesma informação, na qual a diagramação deixava em ênfase as nomenclaturas que encabeçavam o texto. Em uma única página existiam títulos como “Prefeito governa nos bairros para ampliar assistência à cidade”, “Casas e indenização para os que moram à margem da lagoa” e “Povo: foi um ato mais importante”⁶⁰. Sobre esses conjuntos de frases, o historiador José D’Assunção Barros escreveu:

Os destaques dados a esta ou àquelas notícias, as estratégias editoriais diversas, os modos como se busca comover, impactar, indignar ou direcionar os leitores, o

⁵⁷ PREFEITO garante no Vergel trocar barracos por casa. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 1, 21 ago. 1979.

⁵⁸ COM DELFIM, os salários terão mais aumentos. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 1, 21 ago. 1979.

⁵⁹ PREFEITO deixa seu gabinete e vai despachar nos bairros. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 3, 11 maio 1980.

⁶⁰ PREFEITO governa nos bairros para ampliar assistência à cidade. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 15, 13 maio 1979.

posicionamento de uma notícia junto a outra, o tamanho calculado das letras, a escolha de fotos dignificantes ou embaraçosas – existe aqui toda uma infinidade de recursos e procedimentos à disposição dos jornalistas que, ao longo do tempo, precisam ser cuidadosamente decifrados pelos historiadores.⁶¹

Decifrar as matérias sobre Fernando Collor sempre será um desafio, e esse cuidado ao analisar começou na prefeitura de Maceió em 1979. A partir desse processo, a série de jogos de interesses deve ser analisada. Em outros bairros, o prefeito fez visitas, e a *Gazeta* realizou grandes coberturas, repetindo o método do bairro do Vergel. Já o *Jornal de Alagoas* não fazia esse acompanhamento. Collor usava seu jornal como o instrumento de propaganda mais forte, seguido depois do rádio e da televisão. Esta tinha mais restrições para sua aparição, mas o jornal não. Seu irmão Pedro Collor mencionava que Fernando sempre gostou de administrar o jornal, talvez por dar mais lucros, mas além do dinheiro havia outros interesses: a autopromoção. Nessa sequência de andanças pelos bairros, o então prefeito usou a *Gazeta* para publicar um texto panfletário, utilizando a primeira pessoa e buscando impacto. O título do manifesto: “Fernando Collor de Mello – ‘Subir ao Povo’”.

Prosseguir anteontem, em bebedouro, o Programa de Assistência dos Bairros, que começou no Vergel na outra segunda-feira. Os benefícios diretos que a experiência possibilitou, minorando os sofrimentos de uma parcela considerável da população, comprovaram que a ideia é válida. Por isso, como ocorreu no Vergel, transferi meu gabinete para Bebedouro, onde, juntamente com meus auxiliares mais próximos, permanecerei durante uma semana, ouvindo os moradores e atendendo na hora todos os pleitos que puderem ser atendidos. [...] Entendo que há uma faixa da população que necessita de ajuda com urgência. É preciso fazer alguma coisa – qualquer coisa – em seu benefício [...] A ajuda que tenho recebido do Governador Guilherme Palmeira, dos órgãos estaduais e federais e de inúmeras entidades particulares, vem permitindo, que, gradativamente, sejam ampliados os benefícios e faixa de beneficiados [...] O que aprendi nos últimos dias, ao atender, um por um, milhares de moradores, não se encontra em nenhum manual de Ciência Política [...] Minha intenção não é ‘descer ao povo’ e sim ‘subir ao povo’, pois o povo está no alto e não em baixo. Minhas intenções é dar tudo de mim e da minha equipe.⁶²

O que seria a expressão “subir ao povo”? Fernando Collor só escreveu esse texto porque alguém iria ler. O periódico quando publica algo é para direcionar a públicos, e a *Gazeta* tinha seus grandes públicos para ler suas informações. O texto do prefeito buscava fixar no imaginário do leitor de que ele vinha sendo um bom administrador. Talvez manter o projeto de manipulação através do seu discurso, que não estava apenas nos palanques, mas também nas páginas da *Gazeta* travestidos de matérias, editoriais e imagens. Não podemos naturalizar ou

⁶¹ BARROS, José D’Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 45.

⁶² FERNANDO Collor de Mello – “Subir ao Povo”. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 3, 21 maio 1980.

romantizar o grande espaço que esse político possuía em seu jornal/empresa. Mesmo com as desavenças com seu irmão Pedro, a *Gazeta* sempre trabalhava para o nome de Fernando Collor crescer.

Collor começou a ser produzido como um conciliador político em 1979. E quem produzia esse método de conciliar adversários e partidos foi a *Gazeta*. E o palco para esse momento de “união” foi o bairro do Vergel. Sempre é necessário explicar que Fernando Collor tinha projeto de poder, e esse projeto seria orquestrado em qualquer âmbito possível e publicado em seu jornal. Ele criava os cenários, os roteiros e as cenas. O periódico da família fazia parte da espinha dorsal do projeto. Se o *Jornal de Alagoas* enalteceu por várias vezes a figura de Teotônio Vilela e seus discursos por uma Anistia justa, a *Gazeta* colocou Collor como o conciliador político da Arena e do MDB. As matérias elogiavam a postura do prefeito, além de publicar elogios de alguns deputados:

O exemplo dado pelo prefeito Fernando Collor de Mello, reunindo numa concentração pública mais de 3 mil pessoas, vereadores da Arena e do MDB, considerado pelo advogado Sebastião Teixeira como “um fato histórico na política do país”, de ser seguido, segundo declarou, ontem, na tribuna da Assembleia Legislativa, o deputado Osvaldo Gomes de Barros, por todos os políticos brasileiros. O economista Fernando Collor de Mello, atendendo convite dos moradores do Vergel do Lago, compareceu à rua Campo Verde, acompanhando de vereadores da Arena e MDB, que lhe hipotecaram irrestrito apoio [...] ‘No Estado como nosso – na opinião de Osvaldo Gomes de Barros – Arena e MDB devem estar unidos e imbuídos dos mesmos propósitos trabalhando sempre em favor da coletividade [...] Ele disse que vai sugerir aos deputados estaduais e federais e aos senadores da Arena e MDB de Alagoas que se unam, seguindo a iniciativa do Prefeito Fernando Collor de Mello.⁶³

Às vezes é possível imaginar a criatividade do diagramador de um periódico em colocar as notícias, imagens todas, em uma montagem que o leitor possa entender, mas na pesquisa analisamos alguns movimentos que estão para além de uma montagem assim. Por exemplo, na mesma página em que o prefeito de Maceió enaltece a possível união Arena-MDB, também havia uma matéria de Fernando Collor com jornalistas em uma reunião, informando que o prefeito doaria um terreno para a sede do Sindicato dos Jornalistas. Qual é a relevância em publicar uma matéria com os jornalistas na mesma página que mostra o desejo da união entre Arena e MDB? Talvez mostrar para o leitor que o prefeito de Maceió estava caminhando para um cenário democrático, proporcionando à classe de jornalistas um local de debate. O cenário provocou uma reflexão, pois, quando o prefeito dialoga com os profissionais do jornalismo, ao

⁶³ ARENA e MDB se juntam ao prefeito para tranquilizar Vergel do Lago. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 45, p. 3, 22 ago. 1979.

mesmo tempo está dialogando com seus funcionários, pois membros da *Gazeta* eram do sindicato.

A *Gazeta* terminou o ano de 1979 colocando o prefeito de Maceió em ênfase. Vários anúncios de festividades em alguns bairros da capital alagoana, como também divulgações de serviços, e o *Jornal de Alagoas* silenciando a respeito. Esse ritmo não seria uma regra, pois Fernando Collor apareceu outras vezes nesse periódico.

1.5 VARIAÇÃO SOBRE O MESMO TEMA: FERNANDO COLLOR E O SEU NOVO PAPEL NA FAMÍLIA APÓS O ESTÁGIO INICIAL

A gestão de Fernando Collor entrou no ano de 1980 esbanjando gratidão nas páginas dos jornais, pois marcavam um ano de gestão à frente da prefeitura de Maceió. Vale lembrar que a sequência comemorativa estava com mais ênfase nas folhas da *Gazeta de Alagoas*. Em janeiro de 1980, o jornal da família Collor anunciou uma propaganda da prefeitura de Maceió tomando toda a página. Mas o que chama atenção foi o enaltecimento no nome e na figura de Guilherme Palmeira. “Prefeitura de Municipal de Maceió. Prestando contas ao povo: Governo Guilherme Palmeira. Prefeito vai entregar mais de 12 obras aos maceioenses.” Fica a dúvida se foi erro de digitação, ou o nome do governador de Alagoas apareceu no anúncio com o objetivo de ser promovido mesmo a um bom político. A propaganda da prefeitura terceirizou a divulgação, e no decorrer do anúncio foram mostradas as obras da gestão Collor em Maceió, com imagens do prefeito nos bairros.

Figura 9 – Anúncio publicitário sobre as gestões municipal e estadual



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 26 jan. 1980.

O Prefeito de Maceió concluía seu mandato, o qual ocupou o cargo nos últimos instantes, pois seria apenas secretário de município, pois informava para os mais próximos que gostaria mesmo era de usufruir de cargos em empresas, ser um executivo. Fernando Collor foi um prefeito que gostava do rótulo de ser um modelo de homem e de esposo. O jornalista Cláudio Humberto, em seu livro *Mil dias de solidão*⁶⁴, escreveu que Collor, ao casar-se com Lilibeth Monteiro, passou a atrair pessoas consideradas *vips* para a capital alagoana, a exemplo de artistas, columnistas de moda e amigos do grupo empresarial Monteiro de Carvalho. O prefeito sustentava a imagem do “casal perfeito”, estabelecendo padrões de beleza, e de bem-sucedidos, criando a ideia da nova política, desde os discursos às vestimentas. Cláudio Humberto escreveu sobre a gestão Collor no município com tons de romantismo, citando que o prefeito foi ingênuo em algumas questões, às vezes o colocando como vítima da oposição política e outras vezes como inexperiente.

É bom lembrar que o jornalista escreveu o livro em 1993, logo após o *impeachment* de Fernando Collor da presidência, e tinha sido seu assessor, braço direito desde a época em que o político tinha sido candidato ao governo de Alagoas, em 1986. Ele citou, de maneira rápida e breve, o episódio em que o prefeito de Maceió foi chantageado por um grupo de vereadores,

⁶⁴ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

que deveriam votar para a aprovação do contrato de uma empresa de equipamentos para o processamento do lixo. Os parlamentares ganharam excursão para Roma, na Itália, com tudo pago pela empresa. Esse movimento desgastou a imagem do prefeito, que para tentar reverter a situação tentou criar uma tarifa do lixo. Não conseguiu colocar em prática, pois um jornal que havia sido criado recentemente, *Tribuna de Alagoas*, passou a criticar o novo imposto, e o jornalista mais combativo era justamente Cláudio Humberto.⁶⁵ Nesse episódio, o *Jornal de Alagoas* e a *Gazeta de Alagoas* não divulgaram informações sobre a questão. Mas a *Tribuna de Alagoas* tinha um objetivo: conquistar leitores da *Gazeta*. O periódico, desde sua criação em 1979, não dava trégua ao prefeito Collor. Mario Sergio Conti explicou a função da *Tribuna de Alagoas* e seu corpo editorial naquele contexto:

A Tribuna reunia jornalistas do PCB, como o ex-exilado Nilson Miranda, Ênio Lins, do PC do B, e independentes em via de se ligarem ao Partido dos Trabalhadores. Dois meses depois, câmara aprovou um novo Código Tributário, imediatamente sancionado pelo prefeito. O chefe de reportagens da Tribuna de Alagoas, Cláudio Humberto, teve a pachorra de comparar, um por um, os trezentos artigos do Código aprovado pelos vereadores com texto publicado no Diário Oficial [...] descobriu que na passagem da Câmara para o Diário Oficial, a Prefeitura embutiu mais um artigo, instituindo a tarifa do lixo, que nem sequer fora discutida pelos vereadores. O chefe de reportagem escreveu a matéria expondo a falcaturia. A Tribuna martelou tanto a questão que foi feita uma passeata contra Collor. O jornal prejudicava Collor de duas maneiras. Fazia-lhe oposição cerrada. E, atacando a Prefeitura, o governo estadual e a ditadura, roubava leitores da *Gazeta*, o jornal situacionista da família. Na Tribuna, um dos jornalistas que mais atacava Collor era o chefe de reportagem Cláudio Humberto.⁶⁶

É importante fazermos essa análise para entender os silenciamentos sobre o tema no periódico mais antigo em circulação, o *Jornal de Alagoas*, enquanto na *Gazeta de Alagoas* a notícia ganhou manchete, mas com tons diferentes: “Tarifa de Lixo em Maceió é a menor de todo o Brasil”. No conteúdo da matéria há uma foto de Fernando Collor ganhando o título de “economista”. Essa nomenclatura deixou de ser usada quando ele assumiu a prefeitura, houve uma transição, mas para tratar desse tema o termo referente a sua formação em economia voltou:

O Prefeito Fernando Collor de Mello considerou como inverdades as especulações que indicavam ser Maceió a capital brasileira que iria cobrar a maior tarifa de lixo do País. Com dados estatísticos, ele provou, ontem, à noite, ao ser entrevistado no programa ‘Edécio Lopes Especial’, apresentado pela TV-Gazeta, que Maceió terá a mais baixa tarifa de lixo no país. Entende o economista Fernando Collor de Mello que

⁶⁵ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 162.

⁶⁶ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 86.

houve colapso nos estudos por alguns advogados, que concluíram ser a tarifa de lixo instituída pela Prefeitura de Maceió a mais cara do Brasil. O prefeito provocou, ao mostrar quadros comparativos, que Maceió será a única capital do país que isentará o contribuinte proprietário de uma área construída em até 40 metros quadrados.⁶⁷

Espera-se uma reportagem o mais próxima possível da realidade, acompanhada da imparcialidade, e não de métodos de ficção.⁶⁸ A informação sobre a taxa do lixo que a *Gazeta* publicou envolve sentidos figurativos, pois menciona gráficos, mas não existe a confiabilidade desses dados, pois não está próximo da realidade do fato, e não existe a imparcialidade. A *Gazeta de Alagoas* era um diário oficial de Fernando Collor.

Então, é necessário entender os paralelos. No fim da gestão Collor no município, houve divergências nas publicações. Na *Gazeta*, são glórias do fim do mandato; no *Jornal de Alagoas*, silenciamentos; e nos livros de memória, conturbações na gestão.

Analisar Fernando Collor é um mecanismo de discursos, e ao fazermos as análises com as matérias nos jornais surgem algumas problematizações importantes. É fundamental ler e analisar o livro publicado por seu irmão, Pedro Collor, que escreveu talvez com tons de raiva regadas a brigas, pois a obra foi publicada logo depois do contexto do *impeachment* de 1992, em que Pedro foi um dos atores principais.

Pedro Collor em seu livro, *Passando a limpo: a trajetória de um farsante*, fez uma análise sobre o irmão envolvendo os laços familiares, as desavenças pessoais, empresariais e políticas. O livro simplesmente é uma crítica que Pedro fez contra o irmão Fernando. Antes mesmo de mencionar as características do prefeito, Pedro mencionou que antes de ser um péssimo político ele foi um péssimo gestor à frente das Organizações Arnon de Melo, causando prejuízos e grandes despesas para a família e para a empresa, citando que os luxos que Fernando Collor ostentava eram pagos através da instituição, isso mesmo depois de entrar na vida política. O irmão mais novo explanou em seu livro que o prefeito de Maceió não gostava da função, enfatizando que o gestor passava mais tempo viajando do que na prefeitura, mas adorava comparecer em atos públicos, inaugurações com bandas de música e holofotes para a sua presença. Sobre isso é uma cultura recorrente do político Fernando Collor, que sempre gostou mais dos eventos e de eleições do que de executar as funções do cargo que ocupou. Ouso dizer, promover-se nos lugares fez parte da espinha dorsal do *marketing* político de Fernando Collor.

A figura política de Collor sempre buscou essa autopromoção. Na prefeitura, ele publicou uma coletânea com seus discursos e rodou o país com grupos folclóricos para divulgar

⁶⁷ TARIFA do lixo em Maceió é a maior de todo o Brasil. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 1, 8 jan. 1980.

⁶⁸ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 221-222.

sua imagem, com todos os custos sendo pagos pela gestão municipal. Os dez anos que separam sua gestão de prefeito da vitória na presidência da República (1979-1989) são anos de autopromoção. Sobre os últimos momentos de Collor como prefeito de Maceió, o irmão Pedro mencionou a contratação de vários servidores públicos.

Nos últimos dias como prefeito, autorizou a contratação de cinco mil servidores públicos. Quando, na campanha presidencial de 89, isso foi divulgado, Fernando justificou-se dizendo que só autorizou três mil novos contratos e que o restante foi incluído na lista à sua revelia. Isso não teria a menor importância, porque o número de contratações era absurdo de qualquer maneira, fossem elas três ou cinco mil. Só que recentemente vim a saber que todas as cinco mil foram autorizadas por ele mesmo. Para escapar da legislação que proíbe a entrada de novos servidores da administração pública direta em período pré-eleitoral, Fernando colocou todas aquelas pessoas funcionárias da Fundação Educacional, a FEMAC. A um amigo comum que tentou ponderar sobre os efeitos desastrosos disso na folha de pagamentos, Fernando confessou: - Não interessa, fui eu que mandei contratar e é assim que vai ser.⁶⁹

Pedro Collor fez duras críticas a esse último ato da gestão do irmão na Prefeitura, mas o jornalista Cláudio Humberto, que na época ainda fazia oposição ao prefeito, e depois entrou na adesão do projeto de poder do Fernando, mencionou em seu livro que essa atitude de nomear os 5 mil novos servidores foi um ato ingênuo.

A principal bobagem da administração Collor na prefeitura de Maceió seria cometida no último dia da gestão, em março de 1982, quando abandonou o cargo para concorrer à Câmara dos Deputados. Respondendo a um pedido de autorização para contratar à relação anexa de pessoas na Fundação Educacional de Maceió (FEMAC), o prefeito leu o anexo, viu que efetivamente só havia 16 nomes propostos para funções como Servçal e Vigilante e despachou 'autorizo' no alto do ofício. Santa ingenuidade. Não poderia ter feito aquilo. Até porque ele sabia que a Femac é produto de esperteza e instrumento das malandragens de políticos inescrupulosos, que acrescentaram mais de 5 mil nomes à autorização original.⁷⁰

O jornalista ainda afirmou que o benefício de tantos novos servidores também seria para o deputado federal da época Divaldo Suruagy, que tinha um cargo vitalício da superintendência da Femac. Muito importante entender que a chegada de Fernando Collor na prefeitura de Maceió teve influência direta do deputado federal mencionado, pois era o grande aliado político do governador Guilherme Palmeira, logo talvez não tenha havido a ingenuidade citada por Cláudio Humberto, e sim um acordo para ambos conquistarem eleitores.

Mario Sergio Conti escreveu que, ao ver através da janela uma enorme fila de contratados se registrando na Fundação, Collor disse a José Barbosa de Oliveira, amigo de longa

⁶⁹ COLLOR, Pedro. **Passando a limpo**: a Trajetória de um farsante. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 64.

⁷⁰ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 164-165.

data da família: “Olha, Zé Barbosa, isso tudo é voto pra mim”.⁷¹ O “problema Collor” foi maior do que se imaginaria, e toda a “história” começa na prefeitura de Maceió. Não é plausível acreditarmos que o prefeito foi ingênuo ou enganado, pois essas contratações faziam parte do projeto de poder.

Mais uma vez a *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* nada publicaram sobre as nomeações. O silêncio se manteve, dando lugar à promoção das imagens do prefeito e do governador de Alagoas. Pedro Collor escreveu que o seu irmão não gostava de governar, apenas fazer festas e aproveitar o Carnaval. Esta foi a festa que o prefeito de Maceió e o governador esbanjavam nos supostos avanços nas suas gestões. A *Gazeta* sempre publicava fotos dos dois abraçados, sorridentes, discursando, e foi assim até o final do mandato. Fernando Collor e Guilherme Palmeira, amigos com curto prazo de validade. É notório que a *Gazeta de Alagoas* possivelmente tinha a intenção de confundir os leitores. Nos anúncios em que faziam alusões às gestões estaduais e municipais, não havia uma separação dos gestores e atribuições, e percebemos que não eram erros de diagramação, mas sim a ousadia da parcialidade do periódico. Talvez essa “dobradinha” nas publicações fazia parte do acordo de Guilherme ter indicado Collor para ser prefeito. Houve um anúncio de comemoração de um ano da gestão que mostrou que o ator principal era o prefeito de Maceió:

O mesmo ideal. A mesma comunhão de esforços. A vontade de construir uma Alagoas melhor. Estes são fatores decisivos para o êxito de nosso trabalho. Trabalho desenvolvido pelo Governador Guilherme Palmeira, através da Prefeitura de Municipal de Maceió e o povo alagoano, irmanados em torno dos mesmos objetivos: desenvolver Alagoas, a partir de Maceió. E possibilitar um melhor padrão de vida para todos nós. Juntos, hoje, estamos dando o primeiro passo.⁷²

⁷¹ COLLOR, Pedro. **Passando a limpo**: a trajetória de um farsante. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 86.

⁷² 366 DIAS de trabalho e realizações. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 46, p. 13, 15 mar. 1980.

Figura 10 – Fernando Collor e Guilherme Palmeira comemorando 1º ano da gestão



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 14 mar. 1980.

No final da gestão Collor, em 1982, houve matérias semelhantes nos dois jornais, enaltecendo a dobradinha Fernando e Guilherme. Podemos dizer que não houve silêncios nos elogios das gestões de ambos os políticos, que estavam de saída de seus mandatos. Vale informar que a parceria, a união e os conchavos entre os dois tinham prazo de validade. Nas eleições para governador em 1986, a *Gazeta* trabalhou na derrubada da imagem de Palmeira, enquanto o *Jornal de Alagoas* o enaltecia. Assim, 1982 provavelmente marcava o início do fim da aliança. Imagens e fotografias esbanjavam “amor” entre Collor e Palmeira nas inaugurações, em eventos, em todos os atos políticos em que os dois estivessem.

Figura 11 – Fernando Collor discursando enquanto Guilherme Palmeira observa



Fonte: Acervo pessoal.

O *Jornal de Alagoas* se antecipou sobre o futuro de Fernando Collor. Foi mencionado que o político poderia ser candidato a deputado federal. Em 1979, o periódico publicou uma matéria dialogando sobre o futuro político de Divaldo Suruagy, Guilherme Palmeira e Fernando Collor, e colocou o prefeito de Maceió como candidato a deputado federal em 1982. A *Gazeta* passou a investir no nome de Collor para deputado federal quando anunciou a informação de que ele só sairia da prefeitura em maio de 1982. O texto é carregado de elogios do governador para o prefeito.

O Governador Guilherme Palmeira anunciou, ontem que o Prefeito de Maceió, Fernando Collor de Mello, somente deixará a chefia da Municipalidade no dia de 15 maio deste ano, para se candidatar a Deputado Federal. No seu entender, “feliz foi o momento em que eu escolhi Fernando Collor para administrar Maceió, depois que a capital teve dois bons administradores” [...] No entanto, disse Palmeira, o meu amigo Fernando Collor correspondeu à minha expectativa e também do povo maceioense.⁷³

A transição da Prefeitura de Maceió para o futuro cargo perpassou por decisões familiares. De acordo com o livro *Notícias do Planalto*, Fernando Collor aceitou a candidatura para ser deputado federal na intenção de manter a família com mandato político, pois o pai, Arnon de Melo, estava com a saúde debilitada, e buscava-se um herdeiro definitivo na política. Arnon mencionava que a TV precisava de um candidato, ou seja, a empresa de comunicação precisava de representação na câmara federal. É considerável que foi na campanha para deputado que Fernando iniciou, talvez, suas habilidades políticas como o *marketing* pessoal. Sua candidatura não foi algo “saudável” para a família, e sim uma necessidade. O irmão Pedro já demonstrava intrigas nas relações, e não queria ajudar Fernando na campanha eleitoral.

Uma questão importante para a reflexão é a relação familiar entre Fernando e Pedro Collor. Depois que o primeiro assumiu a Prefeitura de Maceió, o mais novo passou ser o chefe-geral das Organizações Arnon de Mello, ou seja, assinava os editoriais da *Gazeta de Alagoas*. Vale ressaltar que Fernando sempre teve o apoio do jornal, que também era dele, mas nos bastidores a relação dos irmãos estava estremecida, e “explodiu” em 1992 quando Pedro procurou a imprensa nacional para denunciar seu irmão, que naquele momento era presidente da República. A relação dos dois é algo para ser estudado com mais profundidade. Um fato é importante de salientar: independentemente dos conflitos, a *Gazeta* fazia o “dever de casa” para beneficiar Fernando Collor.

Fernando Collor entendia e encarava a empresa da família como meio de fazer política, e Pedro como um negócio. E foi na visão política que Fernando sempre usou as empresas a seu

⁷³ COLLOR somente deixará prefeitura a 15 de maio. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 48, p. 3, 7 fev. 1982.

favor. Ele criou e executou sua campanha política nas eleições de 1982. Essa eleição serviu de laboratório para futuras disputas, pois Fernando sempre gostou mais da disputa eleitoral do que de exercer a função, e ser seu próprio marqueteiro proporcionou mais experiência. Sobre esse aspecto, Mario Sergio Contti escreveu:

O próprio Collor criou a sua campanha. Nas primeiras peças do horário eleitoral na televisão, um ator se fazia de repórter perguntava a várias pessoas: ‘Com quem você está?’. E elas respondiam: ‘Estou com quem trabalha’, sem dizer nome. Dias depois, surgia o candidato de número 123, Collor. O Slogan foi: ‘Um, dois, três, vote em quem trabalha’. Collor percorreu o estado numa Caravan, fechando acordos com políticos locais. Imaginava ter 34 mil eleitores. Teve 55 mil votos. Foi o mais votado de Alagoas.⁷⁴

Essa nova dinâmica que Fernando Collor adentrou depois do falecimento do seu pai em setembro de 1983 provocou uma grande mudança na vida do político. Ele passou a ser o único a exercer essa função na família, e não mais apenas um herdeiro, além de carregar a experiência de exercer mandatos e criar seu próprio *marketing*. Mas tudo isso ainda era pouco, pois ele não gostaria de ser lembrado como o filho de Arnon, mas sim como a peça principal de uma família, e com falecimento do seu pai passou a investir cada vez mais em sua imagem.

O mandato de Fernando Collor como deputado federal foi de pouca relevância no exercício da função e também nas páginas dos jornais. O jovem deputado exercia funções simples no Congresso e estabelecia suas próprias atribuições, que incluíam receber prefeitos das cidades de Alagoas e deputados estaduais. Quando tinha audiências com ministros, as cenas eram gravadas e enviadas para a TV Gazeta, que as exibia em seus noticiários. Além do Jornal Gazeta, a TV servia de diário oficial da imagem de Fernando Collor. Nas eleições indiretas para Presidente da República, o então deputado votou no candidato Paulo Maluf (PDS), que perdeu o pleito para Tancredo Neves (PMDB).⁷⁵

Fernando Collor ficou sendo visto como “malufista” e resolveu sair do PDS – Partido Democrata Social. Entrou no PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Além de uma mudança de sigla, outro fator marcante estava acontecendo na vida política de Collor, pois não teria mais o pai Arnon para orquestrar seus passos políticos, então iniciou uma nova fase, “abençoada” pelo deputado federal Ulysses Guimarães, que assinou a ficha de filiação de Collor ao PMDB, pois os grandes nomes do partido em Alagoas não queriam o ex-prefeito filiado. A

⁷⁴ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 88.

⁷⁵ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 91

entrada de Fernando no PMDB foi abonada em Brasília. Com a mudança de partido, a carreira política de Collor entraria em uma nova fase. O projeto agora envolvia o desejo de governar Alagoas. Eleições à vista em 1986.

2. AS ELEIÇÕES DE 1986: FERNANDO COLLOR DE MELLO CRIANDO PALCOS E ROTEIROS PARA SER O PROTAGONISTA DA FAMÍLIA E DE ALAGOAS

2.1 PROTAGONISMO NO PMDB

Para entendermos a entrada de Fernando Collor na disputa para o governo de Alagoas, é preciso destacarmos a costura que ele fez na formulação do seu nome e de quem estaria ao seu lado. Collor construiu seus palcos para fazer suas atuações, e o principal deles foi mais uma vez a *Gazeta de Alagoas*, mas com algumas diferenças. Para ser prefeito, não precisou de eleições, foi indicado, mas para governador precisava vencer o pleito eleitoral, portanto o periódico de sua família passou a ser um veículo forte e de desequilíbrio no processo do enaltecimento de seu nome.

Faltavam alguns passos para Fernando Collor ser o maior da família, e o roteiro estava sendo traçado, talvez até parecido com o de seu pai Arnon, mas com algumas originalidades que o próprio Fernando criou. O objetivo, que talvez escondesse de sua mãe e dos irmãos, era ser o maior da família. E para ser protagonista foi preciso jogar xadrez, silenciando algumas personalidades e enaltecendo as vozes de outras.

O jornalista Cláudio Humberto foi silenciado por Fernando Collor. O profissional fazia reportagens e matérias com grandes críticas, era uma constante no seu trabalho escrever negativamente sobre Collor. Além de sindicalista, ele frequentava grupos políticos de esquerda. Mas por que mencionar o nome do jornalista aqui no texto? Ele foi peça fundamental do novo palco que o Fernando Collor estava montando, talvez o primeiro nome desse novo roteiro, que era vencer as eleições para o governo de Alagoas.

O deputado estadual Mendonça Neto procurou Cláudio Humberto para informar que o pré-candidato ao governo Fernando Collor gostaria de conversar com para fazer uma proposta. A ideia seria cessar as matérias críticas e ao mesmo tempo colocar um bom jornalista na sua equipe. Humberto escreveu em seu livro que o convite foi jogo de sedução, pois não esperava a proposta. Para convidar o profissional de imprensa, Collor pediu a seu amigo, Mendonça Neto, promover um jantar em sua residência. Cláudio Humberto descreveu como foi o ambiente e fez questão de destacar as vestimentas de Collor. Acredito que o jornalista analisava sempre a maneira como o político se vestia, e possivelmente o estilo dele chamava sua atenção, pois quando o entrevistou em 1979 para o *Jornal de Alagoas* enfatizou também as vestes do então prefeito. Assim descreveu:

No dia seguinte, 20:30, lá estava eu, pontual. Cinco minutos depois chegaria o Deputado Fernando Collor. Senti um ligeiro calafrio, quando um empregado de Mendonça, alvoraçado, informou a chegada do ‘seu Fernando’. [...] para mim aquela conversa seria uma espécie de terreno minado. Intrigava-me o convite. Entrou sorridente na sala de visitas. Vestia calça jeans e camisa polo, azul-clara, adequados ao calor maceioense. Mendonça recebeu o visitante à porta e, no segundo seguinte, anunciava-me. Sorrindo um sorriso cativante, estendeu-me a mão direita, enorme, e me saudou como a um velho amigo que não via há tempos.⁷⁶

Fernando Collor usou uma estratégia intrigante para convencer o jornalista a jogar no seu time. Ele criticou a própria empresa, afirmando que precisava do profissional para “sacudir” a *Gazeta*, as rádios e a televisão, destacando que a ideia seria uma articulação de todos os veículos para uma linguagem única. Collor ainda afirmou que só uma pessoa poderia ser capaz de revolucionar a empresa: Cláudio Humberto. O jornalista pensou na proposta, conversou com seus amigos do sindicato e foi convencido em aceitar o novo emprego, pois a *Gazeta* pagava os melhores salários da época. Sobre esse contexto de Humberto aceitar a trabalhar para “seu Fernando”, é importante fazer uma análise do texto do historiador Rodrigo Patto Sá Motta, que escreveu sobre as diferenças de adesão, acomodação e resistência durante a ditadura civil-militar no Brasil.⁷⁷ Cláudio Humberto não se acomodou no novo emprego, e sim, fez parte da adesão do perfil de Fernando Collor, e a justificativa que vejo para esse movimento esteve no campo do poder e do acesso, pois o jornalista passou a ser a pessoa de confiança de Collor.

Humberto foi convidado para trabalhar no cargo de diretor editorial das Organizações Arnon de Mello, e possivelmente seus amigos do sindicato viram isso como uma oportunidade de ter alguém do ciclo ocupando espaço no maior conglomerado de comunicação do estado. Mas não trabalhou diretamente nas empresas, pois o superintendente Pedro Collor não o deixava interferir nos veículos de comunicação. Fernando sabia que o jornalista não teria espaço nas empresas, pois, de fato, a intenção era tê-lo trabalhando diretamente no seu ciclo político, e com isso o nomeou coordenador de campanha nas eleições para governador de Alagoas. Cláudio Humberto aderiu ao projeto Collor de poder, entrou no jogo das acomodações, aderiu ao sistema e passou a ser o fiel escudeiro até o *impeachment* de 1992.

Fernando Collor construiu sua grande imagem nas eleições diretas para o governo de Alagoas. A filiação para o PMDB foi estratégica, pois precisava de um partido grande para o

⁷⁶ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 186.

⁷⁷MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. **Rosário**, n. 17, p. 17, dez. 2016.

seu nome crescer. Em 1986, usou a tática de entrar em uma grande sigla, e em 1989 para a candidatura ao cargo de presidente usou o método de construir o próprio partido, em que seria o protagonista. Sua entrada no PMDB foi concretizada.

As primeiras matérias com destaque sobre a oficialização da candidatura de Collor para governador de Alagoas começaram a ser disseminadas em julho de 1986. A *Gazeta de Alagoas* publicou uma matéria importante para iniciar o ciclo de campanha eleitoral, uma reportagem sobre o deputado federal Ulysses Guimarães, em que o parlamentar apostava na vitória do candidato Fernando Collor em Alagoas. A *Gazeta* não titubeava no quesito divulgar o patrão, e estampou na primeira página uma mensagem nacional no periódico local. O leitor possivelmente passara a imaginar e projetar uma possível importância de Collor no cenário brasileiro.

A formalização da candidatura de Fernando Collor não foi simples. Havia entraves no PMDB, visto que os grandes nomes do partido não queriam o ex-prefeito de Maceió representando a sigla. Houve várias articulações para finalmente fixar o nome do candidato. Collor percebeu que precisava sair do PSD, ir para uma sigla maior, mas o seu alvo partidário estava em seus inimigos políticos. Então, pensou no que poderia oferecer, e havia algumas opções, pois poderia ser na condição de herdeiro político de Arnon de Melo como dirigente de jornal e de emissoras de rádio, além da televisão, e de ter sido prefeito de Maceió. Gostando ou não gostando de Collor, ele tinha algo a oferecer.⁷⁸

Fernando Collor precisava levar seu grupo aliado para o PMDB, e um dos grandes articuladores foi o deputado federal Renan Calheiros, que convenceu o também deputado federal e presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, a assinar a carta de filiação do futuro candidato. Mas faltava “costurar” a candidatura ao governo, e mais uma vez Renan entrou em ação. O líder do PMDB era o deputado federal José Costa, que queria ser o candidato do partido ao governo e não tolerava o nome de Fernando Collor. Renan Calheiros articulou as alianças partidárias para apoiar uma futura candidatura de Collor. Cláudio Humberto escreveu sobre essa articulação:

A Renan coube a tarefa de atrair para Collor a simpatia do PCdoB, muito influente nos meios universitários locais e adversário inconciliável do grupo de Ronaldo Lessa, que era ligado ao PCB e ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). A Geraldo Bulhões Collor confiou a incumbência de administrar a inquietação do PFL alagoano, ansioso

⁷⁸ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 194.

para aderir ao novo PMDB. O usineiro João Lyra, com a assessoria de Paulo César Farias, pagava as contas e deixava todos felizes⁷⁹

Collor usou uma tática arriscada para enfraquecer o nome de José Costa do pleito e provocar a desistência do rival em ser candidato. Passou a elogiar seu desafeto em público, explanando que Costa era o melhor nome para Alagoas. Os elogios foram constantes e provocavam dúvidas nos próprios aliados, que não compreendiam, ao que parece, as estratégias. Mas foi uma tática que deu certo, pois Costa não conseguiu fazer críticas a Collor. O deputado comentou a situação: “Não posso retribuir com pedradas àqueles que me mandam flores”, ou seja, seu nome perdeu força e Fernando Collor conquistou o “direito” de ser o candidato do partido.⁸⁰

Collor estava confiante para ser o nome escolhido do PMDB e afirmou aos aliados que ganharia as eleições. Em uma ocasião específica, teria dito: “Meus amigos, ganhem a convenção para mim que eu ganharei a eleição para vocês”.⁸¹ A confiança e a prepotência do pré-candidato eram exacerbadas, pois sabia que teria reais chances de vencer, porque o império de comunicação estava pronto para lançar seu nome constantemente nos noticiários. Mas também sabia das inseguranças relativas à sua candidatura, e um dos motivos envolvia o então presidente José Sarney. Collor tinha receio das consequências de ter votado no candidato Paulo Maluf no colégio eleitoral em 1984, ao contrário do seu futuro rival nas eleições de Alagoas, Guilherme Palmeira, que votou em Tancredo Neves, e presidia nacionalmente o PFL – Partido da Frente Liberal. Então, era preciso articular um momento para saber se o presidente Sarney faria campanha contra ele ou ficaria em silêncio nas eleições em Alagoas. Depois de alguns eventos e encontros, Collor ficou tranquilo em saber que o chefe do Executivo não estaria disposto a falar mal do candidato, e até proferiu elogios. Com isso, Fernando mencionou que Sarney era o único que poderia derrotá-lo nas eleições, mas passou a ficar tranquilo com as declarações do presidente. Com mais uma pauta resolvida, a próxima missão foi encontrar um vice para sua candidatura.

Qual o vice ideal? Fernando Collor foi exigente para o cargo, queria alguém bem-quisto politicamente e com boa presença estética, pois teria que sair bem na foto. Renan Calheiros indicou o deputado estadual Moacir Andrade. O deputado era médico e dentista e cassado pela

⁷⁹ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 196.

⁸⁰ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 195.

⁸¹ SILVA, Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993. p. 197.

ditadura civil-militar em 1969. Collor a princípio rejeitou o nome devido a questões estéticas, pois Moacir não gostava de sorrir nas fotos, mas seu nome foi aceito.

A convenção para conclamar a candidatura de Fernando Collor ao governo de Alagoas seria o próximo passo para concretizar seu nome no cenário das eleições. A *Gazeta* construiu cenários e um roteiro de anúncios sobre o evento, que era aguardado com muito ânimo nas entrelinhas do veículo da Organização Arnon de Mello. A partir de julho de 1986, o veículo começou uma série de movimentações para o enaltecimento do candidato do PMDB, com anúncios bem elaborados e diagramações com alto nível de organização.

A convenção aconteceu no dia 6 de julho de 1986, e nos dias que antecederam o grande evento a *Gazeta* iniciou o processo de propagandas impactantes. “Domingo você começa a mudar Alagoas – Convenção do PMDB lança Fernando Collor Governador – Participe”⁸². Uma página inteira com essa chamada, detalhe para o “N” da palavra “domingo” invertido, criando o imaginário de mudança. Impossível escrever sobre esses traços publicitários e não divulgar a própria propaganda.

Figura 12 – Anúncio publicitário da convenção do PMDB



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 03 jul. 1986.

O modelo e as publicações desse anúncio foram constantes até o dia das eleições. No dia do evento, a *Gazeta* ressaltou:

⁸² DOMINGO você começa a mudar Alagoas – Convenção do PMDB lança Fernando Collor Governador – Participe. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 3, 3 jul. 1986.

O PMDB realiza, hoje, a sua convenção regional para escolha dos candidatos majoritários e proporcionais ao pleito eleitoral deste ano. É o primeiro partido a escolher oficialmente os candidatos. Vai indicar o deputado federal Fernando Collor de Mello para governador, e o estadual Moacir Andrade para vice. Para disputar as duas vagas de Senador o PMDB indicará o empresário João Lyra [...] O primeiro a realizar a convenção, o PMDB é também o partido melhor estruturado no Estado. Conta, segundo o Tribunal Regional Eleitoral com 26 diretórios permanentes e 48 aguardando registros [...] 'Faremos a maior festa já promovida por um partido político em Alagoas. Convocamos os integrantes do PMDB para fazerem presentes à Convenção, dando-se uma demonstração de unidade do partido nessa luta pelas mudanças que a sociedade alagoana está a reclamar' ⁸³

Vamos entender esse desenho dos candidatos. Dos três nomes citados, o que tinha mais poder aquisitivo era o usineiro João Lyra, financiador das grandes campanhas políticas que resolveria os problemas financeiros da campanha de Fernando Collor. No início da campanha, teria surgido um problema para a arrecadação de dinheiro, e quem resolveu a situação foi o empresário, colocando seu homem de confiança para gerenciar a função. A partir desse momento, não faltou mais financiamento, graças às atribuições do novo integrante da campanha, que se chamava Paulo Cesar Farias, e que depois ficou amigo de Collor.⁸⁴ João Lyra sempre teve ligações com a família de Fernando: além de ser sogro de Pedro, emprestou durante a campanha presidencial de 1989 seu jatinho para Fernando fazer a campanha eleitoral.

No domingo, dia da convenção, a *Gazeta* queria demonstrar que naquela eleição só existiam os candidatos do PMDB. O periódico publicou o currículo de Fernando Collor descrevendo sua trajetória política até aquele momento e destacando sua origem familiar. Esse mesmo método foi utilizado em 1979, quando o político foi indicado para ser o prefeito biônico de Maceió. Na mesma edição, mais uma propaganda impactante do PMDB nas páginas da *Gazeta*, só que o texto estava diferente, pois enaltecia o partido nacionalmente e o governo Sarney.

Nunca um partido mudou tão fortemente os destinos do Brasil como o PMDB está fazendo. O plano Cruzado fez o que parecia impossível: praticamente acabou com a inflação da noite para o dia. Recuperou o prestígio e a força da nossa moeda e deu um basta à especulação financeira. E isso sem parar a economia do país e inaugurando uma nova fase de crescimento e investimento na produção [...] agora, unidos, o povo e o PMDB vão mudar Alagoas. Vão acabar com 12 anos das dobradinhas de pessoas que se julgam donas do governo. Doze anos que só trouxeram mais miséria, mais fome, mais violência e mais corrupção. Hoje, um novo tempo está nascendo. A mudança já começou em Alagoas.⁸⁵

⁸³ PMDB oficializa hoje seus candidatos. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 6 jul. 1986

⁸⁴ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 93.

⁸⁵ PMDB, o partido da mudança. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 5, 6 jul. 1986.

A dobradinha que o anúncio mencionou faz referência aos políticos Divaldo Suruagy e Guilherme Palmeira, fortes lideranças em Alagoas e que sempre estavam ocupando algum mandato político. É válido lembrar que o presidente José Sarney era do PMDB, e Fernando Collor votou em Paulo Maluf (PDS) no colégio eleitoral de 1984. Em termos partidários estava tudo certo, mas a figura de Collor no partido destoou, pois a outra candidatura liderada por Guilherme Palmeira dizia que venceria as forças “malufistas” representadas pela figura de Fernando. O *Jornal de Alagoas* estava nas eleições apoiando a candidatura de Palmeira e usava a tática contra Collor, associando sua imagem à de Paulo Maluf.

Nesse ínterim, o *Jornal de Alagoas* divulgou uma grande entrevista do senador e candidato do PFL, Palmeira, nas vésperas da convenção do PMDB. O periódico publicou enaltecendo o senador e pregou a ideia do “malufismo” se referindo ao candidato Fernando Collor. Durante as perguntas e respostas, houve o momento da menção ao candidato do PMDB, mas sem citar seu nome.

Senador, o PMDB prega mudanças, reformas, moralização. O sr. acha que o candidato do partido tem credibilidade perante a opinião pública para fazer esse tipo de pregação?

R. O deputado do PMDB é agora o candidato que faz oposição a nós que estamos no Governo durante realmente um largo período. Agora, eu tenho a impressão de que o deputado do PMDB é comprometido com os erros que venha a apontar e que tenham ocorrido nesse período. Aceitando as nossas posições e a nossa liderança ele conviveu no nosso grupo, inclusive tendo sido prefeito de Maceió, escolhido por mim e por outros companheiros, e se contribuiu para os acertos e êxitos do que realizamos, não há como fugir dos desencontros e mazelas que podem ter ocorrido sem o meu beneplácito. O deputado que você se refere é uma pessoa jovem, tem uma boa imagem física, mas certamente lhe falta muito de experiência, de amadurecimento para o trato da administração, para governar Alagoas. Reconheço a sua inteligência, mas na minha opinião está envolvido pela emoção que o fez precipitar uma chegada ao poder.⁸⁶

As análises da fala do candidato Guilherme Palmeira exigem um cuidado especial, pois ele destrinchou e lembrou que Fernando Collor só estava candidato ao governo porque foi o próprio senador que o indicou para ser prefeito biônico. Guilherme era um político experiente e sabia reconhecer as táticas de Collor, além de entender suas possíveis qualidades para conquistar votos. Até a questão estética ele mencionou na entrevista. Mas existia uma confiança no candidato do PFL devido à sua vasta experiência na política de Alagoas. Palmeira estava com um problema nas questões de mídia, pois não tinha mais espaços nos veículos de

⁸⁶ GUILHERME combate o malufismo, quer mudança e afirma que o povo fará o seu governo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 6, 6 jul. 1986.

comunicação da família de Collor, e naquele momento, em 1986, passou a lutar contra aquelas forças. O resultado foi diferente.

O palco partilhado em 1979 entre Collor e Palmeira foi rachado, e se tornaram rivais, mas essa rivalidade só foi possível porque Guilherme foi o responsável direto em colocar Fernando de fato na política, indicando-o para prefeito Maceió. A convenção do PMDB aconteceu sob vários holofotes da *Gazeta de Alagoas*. A impressão que temos, ao lermos as matérias, é que o partido era maior do que Fernando Collor. Talvez até poderia ser, mas dentro do campo de autopromoção do político é algo a se questionar. A *Gazeta* e Collor sabiam o que estava fazendo, simplesmente mostrando para os leitores que o candidato era do partido do presidente José Sarney e estava envolvido no processo da redemocratização. Collor queria mostrar que estava jogando no time democrático, e não “malufista”.

A cobertura da convenção trouxe o título: “Fernando: Vou governar com o povo”⁸⁷. Esse título foi acompanhado de uma imagem de plano aberto ocupando meia página da manchete do jornal, na qual estava o candidato sendo carregado por várias pessoas. Foi com essa frase que de fato Fernando passou a ser “Fernando Collor”, e não mais o “filho do Arnon de Melo”. Obviamente, para essa transição se consolidar, era preciso uma eleição, um grande evento. Collor não era apenas o empresário, mas também o político, e só nas eleições poderia atuar com mais protagonismo. Fernando pouco a pouco sentiria apreço por disputar votos e pelo jogo que envolvia as rivalidades. Sobre as eleições – com ênfase para as campanhas eleitorais –, destacou René Rémond:

Outro aspecto a ser incluído no inventário das direções de pesquisa: as campanhas eleitorais. A campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não é apenas a manifestação das preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. Sobretudo, ela modifica a cada dia as intenções e talvez a relação de forças.⁸⁸

⁸⁷ FERNANDO: Vou governar com o povo. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 8 jul. 1986.

⁸⁸ RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 49.

Figura 13 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* informando a repercussão da convenção do PMDB



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 8 jul. 1986.

Fernando Collor gostava dos primeiros atos de uma eleição, dos lançamentos, das grandes plateias e das aglomerações de apoio. O conteúdo das manchetes e matérias detalharam a festa.

Ao saudar seus correligionários, que o consagraram candidato a governador de Alagoas, o deputado Fernando Collor citou uma frase do Presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, e previu que ‘o povo vencerá’ na eleição de 15 de novembro vindouro [...] Após isso, Fernando Collor foi carregado nos braços da multidão que lotou durante todo domingo o ginásio de esportes do Clube Fênix Alagoana. O discurso de Collor foi marcado pela emoção, sobretudo quando homenageou sua mãe, dona Leda Collor de Mello, e a memória de seu pai, o Senador Arnon de Mello [...] A convenção estadual do PMDB foi uma festa, todo o tempo. Logo pela manhã, um balão dirigível ficou estacionado diante do ginásio da Fênix, na praia da Avenida. Um avião jogou propaganda e papel picado, o trio elétrico ‘Made in Bahia’ e, depois, o sambista Agepê fizeram shows para milhares de pessoas, que, apesar da chuva permaneceram no local.⁸⁹

Uma grande estrutura foi montada, demonstrando ser uma campanha milionária. No palanque esteve o dono do maior conglomerado de comunicação de Alagoas acompanhado de usineiros. A *Gazeta de Alagoas* era criativa para divulgar Fernando Collor e começou a usar o termo “colorido”. No título, em uma das tantas matérias sobre a convenção, o presságio: “Num

⁸⁹ FERNANDO: “Vou governar com o povo”. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 8 jul. 1986.

domingo colorido o povo faz a festa do PMDB”⁹⁰. Na mesma frase Collor, o PMDB e as metamorfoses.

Analisar jornais é, também, atentarmos para as possíveis surpresas que podemos encontrar ao passar as páginas daquele veículo. Durante o processo da pesquisa encontrei um cartaz da campanha eleitoral de Fernando Collor dentro da edição da *Gazeta de Alagoas*. Não havia filtro para tentar mostrar uma imparcialidade, Collor era *Gazeta*, *Gazeta* era Collor. É provável que naquele dia todas as edições vendidas e distribuídas eram acompanhadas do cartaz entre as páginas. O cartaz era colorido e avisava: “Começou a mudança – Fernando Collor governador.” O “N” da palavra “mudança” estava invertido, e um desenho do sol nascendo acompanhava o anúncio. Fernando e seu irmão Pedro não tinham uma boa relação, mas ainda assim a *Gazeta* trabalhava para o político da família. Arnon de Melo sempre deixou claro que Fernando seria o herdeiro político e empresarial, talvez fosse o filho preferido, mas o candidato ao governo de Alagoas preferiu a política e usou a questão empresarial apenas em prol da sua própria vida eleitoreira.

Figura 14 – Cartaz dentro da campanha eleitoral de Fernando Collor dentro de uma edição da *Gazeta de Alagoas*



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 10 jul. 1986.

⁹⁰ NUM domingo colorido o povo faz a festa do PMDB. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 2, 8 jul. 1986.

No jornal *Gazeta de Alagoas* ficou nítido que não houve problemas para as aparições de Fernando Collor, mas para o uso dos estúdios da TV Gazeta para gravar propagandas eleitorais a situação foi diferente. Seu irmão Pedro alugou para outros candidatos os estúdios e os modernos equipamentos e deixou apenas um pequeno estúdio para o Fernando com uma câmera antiga disponível para gravar seus programas. O resultado foi ruim. A lógica seria o candidato do PMDB usar todo o conforto e aparato tecnológico que a sua empresa tinha de melhor. Mas, se Pedro não podia negar espaço nas páginas dos jornais, resolveu então negar na TV.

A propaganda eleitoral de Fernando Collor passou a ser um fiasco, enquanto a do candidato do PFL, Guilherme Palmeira, um sucesso. A solução para desenvolver um programa eleitoral melhor, teve que ser importado de outro estado. Então, o candidato do PMDB articulou para isso, de maneira ousada, mas determinante, mudar os rumos da campanha eleitoral. O jornalista Cláudio Humberto, que já estava ocupando o cargo de assessor de comunicação, opinou várias vezes para que o candidato mudasse o estilo das propagandas. Collor resolveu entrar em contato com o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, e através do político baiano houve a indicação do marqueteiro Duda Mendonça, considerado o melhor profissional da área na Bahia. Segundo Mario Sergio Conti, o governador baiano ficou impressionado com a atitude de Fernando Collor, dizendo que “esse filho do Arnon sabe das coisas: veio atrás do melhor homem de propaganda política da Bahia”⁹¹.

A campanha se desenhou nas páginas da *Gazeta* com o aval de Pedro Collor e na independência do audiovisual que Fernando articulou sem o apoio da família. Mas é notório que as peças publicitárias mantiveram a sintonia, pois a *Gazeta* só fazia publicar, e não criar. Conti escreveu sobre a estratégia usada na televisão:

Partiram para cima dos candidatos Guilherme Palmeira e Divaldo Suruagy, responsabilizando-os pelo atraso de Alagoas. Registraram as atividades de Collor no quadro “A semana do candidato”, copiada da “Semana do presidente”, que Silvio Santos levava ao ar em seu programa dominical. O ingrediente “emoção” era mais vago. Mostravam desde o kitsch usual da propaganda política (crianças sorrindo em câmera lenta, jovens correndo, auroras e arrebóis fulgurantes) até o discurso de Collor numa sacada, debaixo de chuva, desafiando pistoleiros que teriam tentado impedir um comício em Limoeiro de Anadia.⁹²

O palco estava montado nos jornais e na TV, e Fernando sempre demonstrava preocupação com sua imagem nos programas e fazia questão de conferir as gravações

⁹¹ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 92

⁹² CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 92

perguntando se o som e a imagem estavam com boa qualidade. O candidato não era apenas um político, e se importava em ser o produtor do seu conteúdo eleitoral.

2.2 O “MALUFISMO” NO CENÁRIO ELEITORAL DE ALAGOAS

Fernando Collor criava seu roteiro para as atuações, mas usava algumas figuras políticas para engradecer suas atuações, depois descartava para investir em outros. Foi assim com o presidente José Sarney. Como já mencionado, Collor esteve preocupado se o presidente do Brasil apoiaria a candidatura do PFL, e ainda tecer críticas ao PMDB, já que Fernando votou em Paulo Maluf nas eleições indiretas de 1984. O candidato Guilherme Palmeira investia na ideia de que ele era o representante da democracia, e teria o apoio de Sarney, enquanto Fernando Collor seria o “malufista”. Mas o candidato do PMDB agiu rápido, foi até o encontro do presidente costurar uma possível parceria e isso virou uma grande manchete na *Gazeta de Alagoas*. Encontro estratégico, carregado de interesses, e aconteceu na semana após a convenção, ou seja, no início da campanha eleitoral. Esse momento inaugurou as aparições de Collor em âmbito nacional. Através dessa audiência, somando-se às declarações do deputado Ulysses Guimarães de apoio, estava concretizada interna e nacionalmente o nome de Fernando Collor como candidato ao governo de Alagoas. Depois de vencer as eleições e visualizar a presidência da República em 1989, Collor mudou o tratamento com Sarney e passou a criticar e acusar o presidente, apresentando-o como uma figura que o Brasil não merecia.

O *Jornal de Alagoas* iniciou os noticiários sobre a campanha em julho de 1986 objetivando enfraquecer o PMDB de Fernando Collor. Assim como a *Gazeta* publicou muitas notícias sobre a sigla, o *Jornal de Alagoas* repetiu o método, mas com críticas, e revelou qual o seu lado: o PFL. No campo das matérias pagas, publicou a opinião de um candidato a deputado federal pelo PDC – Partido Democrata Cristão – com o nome de Carlos Cardoso. É possível que o nome do candidato não tivesse expressão política naquele ano, mas é provável que o *Jornal* usou a imagem e a opinião dele para criticar o PMDB e enaltecer Guilherme Palmeira ao construir um título exclamativo: “O povo diz: ‘PMDB jamais’”. Segue o conteúdo da matéria:

O candidato a deputado federal pelo Partido Democrata Cristão, Carlos Cardoso, disse ao Presidente Nacional do seu partido, Dr. Jorge Coelho de Sá, que Guilherme Palmeira e Divaldo Suruagy foram, nas últimas décadas, os melhores governadores da Terra dos Marechais. Afirmou Carlos Cardoso que “viajei por diversos Municípios

em companhia política e notei, como tantos quantos conversei, um grande respeito e uma imensa admiração pelo homem político Guilherme Palmeira [...] “Frases como essas”, continuou o candidato a deputado federal Carlos Cardoso, “ouvimos constantemente do povo a respeito do Dr. Guilherme Palmeira: “é simples e sincero”, “é amigo do Presidente Sarney”, “deu muitos aumentos ao funcionalismo público”, “sempre pagou aos funcionários em dia”, cumpre o que promete”, “construiu muitas casas, escolas, estradas, hospitais”, “botou água no Sertão”, “é prestigiado junto aos Ministros”, “votou no Presidente Sarney”, “tornou realidade a implantação do Pólo Cloro-Alcoolquímica”, “foi um dos primeiros a repudiar o nome de Paulo Maluf para Presidente do Brasil”, “nunca se vendeu”, “se não fossem homens como ele, que votaram no Presidente Sarney, um quilo de feijão estaria custando mais de 200 cruzados” [...].⁹³

O texto é confuso, mas deixou a mensagem, pois a intenção era enaltecer Palmeira e elencar mais assuntos sobre as eleições, com muitas críticas a Collor e ao PMDB sempre precisar citá-los. A estratégia foi um jogo de xadrez devido à terceirização de uma entrevista com um candidato para divulgar a opinião do *Jornal de Alagoas*.

O *Jornal* investiu na diagramação para valorizar o PFL. Criou uma sessão com o título “Eleições 86”, e todo o conteúdo era o contrário do que a *Gazeta* pregava em suas edições. Não era uma simples sessão, e sim um conjunto de informações, frases, textos, imagens e opiniões. A cada dia, frases com tons de crítica ao PMDB e à candidatura de Collor sendo mencionada como “malufista”. No início da campanha eleitoral, o periódico sublinhou uma frase do deputado federal Renan Calheiros: “A Prefeitura de Maceió está mergulhada num mar de lama”⁹⁴. Renan estava se referindo à gestão do prefeito Fernando Collor. O *Jornal de Alagoas* fez questão de publicar essa frase antiga para lembrar que os dois políticos, antes de serem aliados no pleito eleitoral de 1986, eram rivais. O jogo de xadrez do *Jornal* com o PFL e Guilherme Palmeira era constante.

No editorial do *Jornal de Alagoas*, pouco se falava sobre as eleições de 1986, mas dentro da página dedicada à corrida eleitoral era possível ler nas linhas e nas entrelinhas, nos ditos e não ditos, sua opinião. Nesse ínterim, foi publicado um texto com o título “Fisiologismo do Poder”, que fazia referência à mudança de lado de Fernando Collor por interesses pessoais. Concordo que o candidato do PMDB mudou de lado para uma projeção pessoal, que o colocaria maior do que a família, e era esse seu objetivo. O texto descreveu as motivações e as contradições:

O deputado candidato a governador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro mudou de sigla com ares de “bom-moço”, apesar do seu grave comprometimento no processo de mudanças comandadas a nível nacional por

⁹³ O POVO diz: PMDB jamais. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 6, 3 jul. 1986.

⁹⁴ FRASES históricas. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 5, 5 jul. 1986.

Tancredo de Almeida Neves, para pregar (?) justamente as mudanças contra as quais se colocou ao respaldar como cínica coragem nada cívica a candidatura do deputado Paulo Maluf. Hoje, somente se encoraja a “patrociná-lo” de frente como “vestal de mudanças” na sigla do PMDB, dois semelhantes aproveitadores como objetivos específicos, que são o deputado federal Renan Calheiros e o estadual Moacir Andrade.⁹⁵

Percebe-se que o nome de Fernando Collor não foi mencionado, fazia parte da estratégia de esquecimento e desprezo sobre sua pessoa. Se Collor publicou na *Gazeta* o encontro com Sarney, a mensagem do *Jornal de Alagoas* é que ele estava do outro lado político do país, o “malufismo”. Na mesma edição foi publicado que Paulo Maluf estaria apadrinhando Fernando Collor mais uma vez, pois já tinha apadrinhado no casamento e agora seria na política.

Guilherme Palmeira estava sendo investido através do *Jornal de Alagoas* com tons apelativos, a ponto de grandes entrevistas com duas páginas do periódico serem republicadas depois de alguns dias, com a justificativa do sucesso que o conteúdo obteve. O candidato do PFL soube criticar o PMDB de Alagoas desassociando-o da esfera nacional, pois a crítica era para o PMDB de Fernando Collor, e não de Tancredo Neves e José Sarney. Para Guilherme e o *Jornal de Alagoas*, Collor era o “malufista” que contaminou o PMDB em Alagoas.

Em entrevista, ontem, o senador Guilherme Palmeira, candidato a Governador pelo Partido da Frente Liberal, voltou a explicar por que não aceita, de forma alguma, qualquer composição política que envolva diretamente o deputado Paulo Maluf ou qualquer um dos seus seguidores. Para ele, ‘malufar agora é o mesmo que renegar todos os princípios que resultaram na criação do PFL’. Lembra Guilherme Palmeira que o PFL foi criado exatamente para não permitir que Paulo Maluf chegasse à Presidência da República e “seria acima de tudo uma incoerência até mesmo pensar em se aliar ao malufismo” -Todo mundo se lembra que fomos nós, do PFL, que garantimos a vitória de Tancredo Neves, através da Aliança Democrática, em coligação com o PMDB. Não esse PMDB de Alagoas, que agora é orientado diretamente pelos que fizeram a campanha do Maluf.⁹⁶

A disputa eleitoral em busca da vitória nas eleições de 1986 estava definida, e ficou nítido quais seriam as palavras de ordem escolhidas por cada candidato, partido e jornal. Os discursos tiveram seus temas colocados em teste para cada leitor dos periódicos, e o jogo das palavras envolvendo as esferas nacional e estadual ficou evidente. Fernando Collor não gostava do presidente Sarney, mas precisou demonstrar parceria com ele para evitar a perda de votos por ser mencionado como “malufista”.

Existia um movimento que o *Jornal de Alagoas* liderou no sentido de evidenciar uma possível desconfiança que o PMDB nacional tinha em relação a Collor. O periódico publicou

⁹⁵ FISILOGISMO do poder. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 5, 5 jul. 1986.

⁹⁶ GUILHERME condena o malufismo defendendo o futuro de Alagoas. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 13 jul. 1986.

uma entrevista com a deputada de Pernambuco Cristina Tavares, líder do PMDB nesse estado. A parlamentar sugeriu à diretoria nacional do partido um teste de “lealdade” para Collor e para qualquer candidato que fosse “malufista”. O *Jornal* nomeou essa ideia da deputada como “batismo de fogo”.⁹⁷

A campanha de Fernando Collor começou na cidade de Penedo. A escolha foi estratégica por ser o reduto político do candidato a vice, Moacir Andrade. Logicamente que o evento foi anunciando em grande escala através da *Gazeta de Alagoas*. O interessante desse anúncio veio logo depois. Uma matéria informou que Paulo Maluf, candidato ao governo de São Paulo, estava apoiando a candidatura de Palmeira em Alagoas. Questões confusas para o leitor dos jornais no estado, pois um veículo informava que o “malufismo” estava na candidatura de Fernando Collor, e a *Gazeta* publicava que Maluf era aliado de Guilherme. Portanto, a imagem do político de São Paulo fazia parte do jogo da campanha eleitoral em Alagoas: “Maluf torce por Guilherme, mas não pode vir a Alagoas”.⁹⁸ O jornal da família Collor usou o “malufismo” para criticar a outra candidatura.

A questão visual durante as eleições foi algo inovador, pois fez parte dos instrumentos de *marketing* para o bem ou para o mal. A campanha de Guilherme Palmeira criou a cultura de terceirizar pessoas e situações para criticar Fernando Collor. Além do “malufismo”, usaram o nome do prefeito de Maceió, Djalma Falcão. As críticas eram sobre as sujeiras na cidade, e através do *Jornal de Alagoas* usaram esse artifício para criticar a campanha do PMDB. Na matéria estava a imagem do *outdoor* de Collor em um terreno com lixo e urubus sobrevoando. O *Jornal de Alagoas* usou a crítica na gestão municipal para marcar oposição a Fernando Collor. Talvez as eleições de 1986 tenha sido a primeira em que o *Jornal* marcou fortes críticas ao candidato, pois o investimento político estava sendo mais enfático da candidatura de Palmeira.

O *Jornal de Alagoas*, como todo veículo de comunicação, era uma empresa, e uma de suas fontes de arrecadação eram os anúncios e as páginas vendidas. Fernando Collor e sua campanha política compraram uma página inteira do *Jornal* no dia com mais tiragens, o domingo. É impactante ao analisar as fontes a capacidade as “aparentes” contradições dos jornais. Se o *Jornal de Alagoas* estava no apoio a Guilherme Palmeira e ao PFL, não teria lógica o mesmo periódico publicar algo em benefício do candidato do jornal concorrente. Mas dentro do universo dos jornais isso é possível, e aconteceu. Foi publicado, na íntegra, o discurso que Fernando Collor fez no dia da convenção do PMDB. Os eleitores de ambos os candidatos –

⁹⁷ BATISMO de fogo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 16 jul. 1986.

⁹⁸ MALUF torce por Guilherme, mas não pode vir a Alagoas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 19 jul. 1986.

provavelmente os mais escolarizados da classe média – tiveram acesso ao texto apenas no *Jornal de Alagoas*, pois a *Gazeta* não publicou. Acredito que esse movimento foi orquestrado na intenção de ocupar espaço no maior número possível de veículos de comunicação. Se o *Jornal* fez pouca cobertura da convenção do PMDB, então a solução foi a sigla comprar páginas e publicar o discurso completo em formato de propaganda.

Analisando o discurso, é perceptível o investimento nas palavras para mencionar pautas importantes para o estado de Alagoas. O texto estava bem elaborado e carregado de *marketing*, além de estar dividido por pautas de possíveis interesses para os eleitores. O conteúdo estava organizado, bem trabalhado e em pleno domínio. Para o pesquisador no tempo presente e para o leitor da época, ficou nítido que a página do discurso teria a nomeação de “especial”, pois a diagramação e as fontes das letras estavam diferentes. O título da página, “Com o PMDB, o povo assumirá o poder para o bem comum”, seguia com uma mensagem em destaque: “Collor: ‘vamos mudar Alagoas’”. Não era apenas a íntegra do discurso, e sim a estratégia montada por Fernando Collor e seus assessores, certamente. O candidato que sempre estava na *Gazeta* naquele domingo ocupou os dois periódicos de maior circulação em Alagoas.⁹⁹

Qual é a credibilidade da *Jornal de Alagoas* com os eleitores do Guilherme Palmeira? Ficou o questionamento. O veículo de comunicação publicava quem estivesse pagando? Collor aparecia de forma positiva em suas páginas – de tempos em tempos – desde sua gestão como prefeito de Maceió. Aconteceu também nas eleições de 1986 e em outros momentos da sua vida política.

Entre um “surto colorido” de acomodação do *Jornal de Alagoas*, e não de adesão, pois o *Jornal* estava do lado e aderindo à campanha do PFL, o periódico continuava as duras críticas ao candidato Collor. Na página dedicada às notícias sobre as eleições de 1986, mais precisamente no dia 22 de julho, o nível de críticas ao candidato do PMDB elevou, e ficou nítido, pois a diagramação das palavras e das imagens associadas aos títulos ficaram mais emblemáticas. Foi produzido um texto semelhante a um editorial, com o título “Por que Guilherme?”. Era a fala de um jornalista que demonstrava ser admirador do candidato do PFL, e já tinha publicado esse conteúdo em outro periódico. O artigo estava na edição com a intenção de convencer o eleitor a votar em Palmeira.

Faltavam dois dias para convenção do PFL e o *Jornal de Alagoas* passou a anunciar que ministros de estado estariam em Alagoas, acompanhados de outros nomes nacionais.

⁹⁹ COM o PMDB, o povo assumirá o poder para o bem comum. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 13, 20 jul. 1986.

As confirmações das vindas de Ministros da Nova República e de líderes nacionais do partido são o maior indicativo de que a candidatura de Guilherme Palmeira, do PFL, ao Governo do Estado, conseguiu mobilizar os responsáveis pelas transformações surgidas no País do apoio geral em busca de vitória nas eleições de 15 de novembro. É inevitável a comparação com a convenção realizada, recentemente pelo descaracterizado Partido do Movimento Dramático Brasileiro repleto de malufistas e oportunistas disfarçados de oposição.¹⁰⁰

Para o *Jornal de Alagoas* e o PFL, a presença de figuras nacionais no estado seria uma forma de credibilizar a candidatura de Palmeira e manchar o PMDB alagoano, que era mencionado como partido dos “malufistas”. A imagem do *outdoor* com a foto de Fernando Collor em um espaço sujo com urubus voltou a ser publicada, e a cada vez com títulos diferentes. Mas a publicação que antecedia a convenção do PFL esteve em um nível mais elevado de críticas: “Os urubus e um malufista”.

O colorido do out-door da campanha multimilionária feita com dinheiro do malufismo, contrasta com o ambiente de miséria a pobreza onde são colocados despejos que servirão de pastor para urubus. O contraste do ambiente é o retrato da campanha eleitoral de um grupo de aproveitadores que pregam mudanças para o Estado, mas que já fracassaram na primeira experiência com o desastre da administração do Prefeito Djalma Falcão. Entre os alagoanos há um despertar de consciência contra a campanha do engodo, que na inversão do “ene” caracteriza a inversão do caminho que os comunas-malufistas perseguem. Só não percebem que os urubus já pousaram na sorte deles. Também pudera: sorrir para a miséria é muita cara de pau. E colorida...¹⁰¹

¹⁰⁰ NO PMDB malufista ocorreu o contrário. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 22 jul. 1986.

¹⁰¹ OS URUBUS e um malufista. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 22 jul. 1986.

Figura 15 – Imagem do *outdoor* publicitário de Fernando Collor em um terreno com lixo



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 22 jul. 1986.

A crítica exacerbada da campanha de Guilherme Palmeira materializada no *Jornal de Alagoas* transcendeu em vários quesitos. Tal crítica visitou o passado de Collor, na questão municipal do prefeito Djalma Falcão, aliado do PMDB, e também na estética da analogia do “N” invertido na palavra “mudança”. O *Jornal* investiu no texto crítico associado à imagem da propaganda de Collor e os urubus. Objetivaram transformar o termo “colorido”, que a *Gazeta* tanto usava, em uma nomenclatura associada ao atraso e à sujeira.

Fernando Collor viu o seu nome literalmente no lixo com as publicações do *Jornal de Alagoas*. Mesmo o político tendo poder, não ficou imune às publicações fortes, até agressivas, direcionadas à sua candidatura. Enquanto o PFL fazia sua pré-convenção no *Jornal*, a *Gazeta* estava enaltecendo com publicações a imagem do presidente José Sarney. Era uma tática para apagar a imagem de “malufista”.

2.3 “COLORIDO” VERSUS “GUILHERMISMO”

É sempre importante mencionar que a *Gazeta de Alagoas* não publicou opiniões favoráveis a Guilherme Palmeira. A família Collor de Mello até poderia existir em conflito, e Pedro não gostar de seu irmão Fernando, mas era necessário ter alguém da família no poder, além de Pedro Collor não querer ver o irmão perdendo as eleições e voltando ao comando das Organizações Arnon de Mello. Com Fernando no cargo de governador, a empresa da família

garantiria seus lucros com as publicidades do governo. Para a família e para Pedro, Fernando Collor teria que ser cada vez mais forte politicamente.

A *Gazeta* só “apoiava” Guilherme quando Collor permitia. Um grande exemplo esteve no período de 1979 a 1982, quando Fernando era prefeito e Palmeira, governador. Naquele ciclo, o periódico enaltecia os dois políticos. O jornal da família Collor, através de sua campanha eleitoral, adotou investir na ideia e na instituição “povo”. Nas vésperas da convenção do PFL, a *Gazeta de Alagoas* iniciou um novo método naquela campanha. Com o título “Fernando Collor: ninguém pode governar longe do povo”¹⁰², o candidato ligado à elite alagoana com um grande poder político e das comunicações tinha a intenção de usar a outra parte de Alagoas para vencer as eleições, que nesse caso seriam os mais humildes, no sentido econômico. A ideia de governar com o “povo” surgiu no primeiro comício na cidade de Penedo, e era o início de uma série de eventos da candidatura.

No dia na convenção do PFL, a *Gazeta de Alagoas* publicou uma matéria mencionando mais uma vez a palavra “povo”.

O plano do Governo do candidato a Governador de Alagoas, o deputado federal Fernando Collor, será literalmente elaborado pela população, segundo ele próprio anunciou. Utilizando uma ampla e minuciosa campanha publicitária, através sobretudo de mídias alternativas [...] “Qualquer cidadão poderá participar das mudanças que vamos implantar em Alagoas, a partir do próximo ano”, disse Fernando Collor, ao explicar que isso será feito através de formulários e de cartas respostas [...] Collor acha que “é necessário que nossa gente atente para o fato de que as forças reacionárias, representadas aqui em Alagoas pelos pregadores do continuísmo, tentarão opor todo o seu poderio às conquistas populares”. Palmeira, muito ligado à agroindústria do açúcar – como Suruagy – é acusado pelo PMDB de ter sua campanha financiada pelos usineiros do Estado. “Não lhes interessa, em absoluto”, denunciou Fernando Collor, “resgatar o alagoano, pois enquanto mantiverem o poder estadual, praticarem o clientelismo político e usurparem os direitos do povo, poderão se utilizar impunemente da fraude, da corrupção, da violência e do vandalismo.”¹⁰³

A proposta inovadora de colocar as pessoas na pauta do discurso era a estratégia de Fernando Collor para buscar o diferencial em sua campanha. A ideia era somada com as críticas ao outro candidato e às possíveis inovações no modo de ser governante que faziam parte das principais jogadas de Collor e sua equipe durante as eleições de que participou. Não importava se faria, mas sim ser prometido. Quando ele criticou os políticos Guilherme Palmeira e Divaldo Suruagy por fazerem aliança com usineiros, foi estratégico, pois Collor e suas campanhas

¹⁰² FERNANDO Collor: ninguém pode governar longe do povo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 22 jul. 1986.

¹⁰³ PLANO de governo do PMDB será elaborado pelo povo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 27 jul. 1986.

eleitorais eram ligadas diretamente a usineiros milionários de Alagoas. Até a *Gazeta de Alagoas* tinha no cargo do conselho consultivo o usineiro Tércio Wanderley. Fernando Collor e os produtores de açúcar de Alagoas estavam entrelaçados. Foi esse setor econômico que financiou sua campanha nas eleições de 1986, e foi com eles também que o governador fez um acordo, conhecido como “acordo dos usineiros”. Collor era mais do mesmo, apenas com novas maquiagens e outras vestes.

Fernando Collor tratava a candidatura de Guilherme Palmeira como um “regime” e acrescentava a palavra “continuismo”. Nas matérias que a *Gazeta* publicava explanando que os prefeitos estavam aderindo ao PMDB e à candidatura de Fernando, o candidato destaca a “quebra do regime”, ou “quebra da corrente que unia ao regime corrupto e decadente”. Para a *Gazeta*, aderir a Fernando Collor era a tradução de uma liberdade, que só estava nas páginas do periódico.

A convenção do PFL aconteceu, e o *Jornal de Alagoas* preparou o cenário para divulgar o evento. Um dia antes, publicou a imagem de Palmeira com um texto extenso. Considero a propaganda de Guilherme parecida com a de Fernando, e é provável que a real intenção seria provocar os dois políticos. Vamos fazer um comparativo, é válido o exercício. Um dia antes da convenção do PFL, a campanha de Palmeira publicou:

Um povo que sabe reconhecer na lealdade o mais nobre sentimento humano, não há de ser enganado neste momento decisivo. Guilherme Palmeira sempre esteve à frente em defesa dos ideais de liberdade e justiça do povo brasileiro. Quando consolidação da democracia exigiu a participação de toda a nação, muitos que hoje alardeiam posições liberais, negaram a sua voz, aliando-se ao Malufismo prepotente. Guilherme, foi um dos primeiros a lutar para fortalecer a Aliança Democrática, empenhando-se de corpo e alma, sempre na linha de frente, pela eleição de Tancredo Neves e José Sarney [...] Competência é o que não falta. A campanha começa agora.¹⁰⁴

O texto não fazia apenas a autopromoção do candidato, mas criticava o seu opositor. É muito importante lembrarmos que Guilherme Palmeira foi fundamental para Fernando Collor em duas fases, a primeira quando indicou Collor para ser prefeito biônico em 1979, e a segunda quando os dois estiveram de lados opostos na disputa eleitoral de 1986. Collor cresceu nas duas oportunidades com Guilherme, pois até quando o candidato do PFL o criticava era mais uma oportunidade de engrandecimento pessoal e político. Guilherme Palmeira também precisou de Collor, talvez até se inspirasse no jovem político da época. Ele mencionava isso nas entrevistas,

¹⁰⁴ GUILHERME Palmeira – Uma questão de competência. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 4, 26 jul. 1986.

que reconhecia suas inovações no trato com os eleitores. Segue um comparativo das duas propagandas.

Figuras 16 e 17 – Anúncio da campanha de Fernando Collor para governador de Alagoas; e anúncio da campanha de Guilherme Palmeira para governador de Alagoas



Fontes: Figura 16: GAZETA DE ALAGOAS, 6 jul. 1986. Figura 17: JORNAL DE ALAGOAS, 27 jul. 1986.

Fernando Collor *versus* Guilherme Palmeira na política, nos jornais, nas palavras e nas diagramações, ou nos termos decorativos: “Coloridos *versus* Guilhermismo”. Confesso que, ao entrar nos arquivos para pesquisar os jornais e historicizar as matérias mencionadas sobre Fernando Collor, não imaginava o impacto de Palmeira na vida política do filho de Arnon de Melo. Sobre essas descobertas que os arquivos nos proporcionam, coloco aqui uma visão do historiador Durval Muniz sobre a dinâmica da pesquisa e do tempo:

Quanto de nós ao entrar em um arquivo e ter em mãos a folha de um jornal, prestamos atenção na localização da notícia da coluna, da crônica, da charge, da fotografia que remetem ao nosso tema, na folha de jornal, sua correlação com as outras notícias, matérias, ilustrações, anúncios, presentes na mesma página? Quanto de nós nos interrogamos que rede de significados aquele conjunto de matérias, de signos produz? Quanto de nós prestamos atenção na marcação a lápis ou caneta feita por algum leitor em dada matéria? Alguém se lembra de ler e anotar quem são o diretor, o editor, o proprietário do jornal? E, no entanto, tudo isso faz sentido, isoladamente e tomados em conjunto, numa rede de elementos. Alguém se lembra de observar que o jornal tem claras marcas deixadas por uma inundação? E, no entanto, todos esses signos são signos temporais, indiciam a história daquele próprio documento e do arquivo que o abriga.¹⁰⁵

¹⁰⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 125.

O trabalho com jornais exige todo esse questionário e cuidado que Durval Muniz fez, e nesse processo é entendido que os periódicos usavam os candidatos, e os candidatos usavam as páginas diárias para o crescimento amplo de todos aqueles envolvidos. Enquanto o *Jornal de Alagoas* se pautava pelo investimento na imagem de Palmeira antes da convenção, a *Gazeta* utilizava a imagem de José Sarney, anunciando decisões do presidente em manchetes, e com longas matérias. O movimento era estratégico, a intenção estava no contexto de que Sarney não estava com Guilherme, e sim com Fernando. O jornal da família Collor tinha o hábito de desviar as informações locais importantes para investir mais nas informações nacionais. Quando Fernando era prefeito de Maceió aconteceu a mesma coisa, notícias sobre a ditadura civil-militar passaram a ser constantes na *Gazeta*.

Na página que se dedicava a mencionar as eleições de 1986, o *Jornal de Alagoas* se utilizou de uma atitude irônica e desafiadora contra Fernando Collor:

Convite – O comitê da vitória tem a satisfação de convidar assessores e “auxiliares” do candidato malufista do PMDB ao governo do Estado, a comparecerem hoje à Fênix, para assistirem à maior demonstração de liderança e prestígio político da história de Alagoas, como observadores da Convenção do Partido da Frente Liberal.¹⁰⁶

Estava aberto o período do “vale tudo”. De fato, os ministros de Sarney estiveram em Maceió. O *Jornal de Alagoas* publicou uma foto emblemática, pois era Palmeira no centro e os ministros ao seu lado, inclusive Antônio Carlos Magalhães, o mesmo que indicou o marqueteiro Duda Mendonça para Collor. Obviamente, a *Gazeta* não publicou nada sobre a convenção do PFL e iniciou os anúncios de pesquisas de intenção de voto para o Governo de Alagoas.

¹⁰⁶ CONVITE. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 78, p. 3, 27 jul. 1986.

Figura 17 – Imagem da convenção do PFL. Guilherme Palmeira e ministros do governo Sarney



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 29 jul. 1986.

É nesse momento que Collor e sua equipe inauguram uma nova fase do jogo político, nesse caso usando as pesquisas. O título do anúncio dos números da pesquisa não mencionava Guilherme Palmeira: “Collor lidera com 44% e PFL só tem 25%”.¹⁰⁷ Collor divulgou que receberia com humildade o resultado, e o partido deveria manter o ritmo do crescimento, mas a publicação da *Gazeta* não esteve dentro do campo da humildade. Depois dos dados da pesquisa seguia uma grande foto em um comício, onde estavam Fernando Collor e seus aliados em cima de um caminhão, que servia de palanque, e umas das pessoas que estava era o usineiro, candidato a senador e financiador de campanha políticas, João Lyra.

¹⁰⁷ COLLOR lidera com 44% e PFL tem só 25%. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 5 ago. 1986.

Figura 18 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* anunciando a pesquisa de intenção de voto nas eleições de 1986



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 5 ago. 1986.

Sobre a pesquisa, o *Jornal de Alagoas* publicou que o PFL recebeu o resultado com otimismo, pois acreditava no crescimento do seu candidato. A questão a se analisar não é o conteúdo apresentado sobre o assunto, mas o jogo de informações ao redor que foi publicado. Um jogo de diagramação. Ao lado do texto estava uma nota: “Maluf pede informação”, que expressava o deputado de São Paulo chateado em saber que a convenção da candidatura de Guilherme Palmeira tinha sido um sucesso. Até onde essa informação sobre Maluf poderia ser verdadeira? Se a *Gazeta* ditava o que gostaria que o leitor acessasse, o *Jornal de Alagoas* também não ficava atrás. O linguista Teun A. van Dijk escreveu sobre o controle do discurso:

Deve-se ressaltar que o poder não apenas aparece “nos” ou “por meio dos” discursos, mas também que é relevante como força societal “por detrás” dos discursos. Nesse momento, a relação entre discurso e poder é próxima e constitui uma manifestação bastante direta do poder da classe, do grupo ou da instituição e da posição do status relativos de seus membros.¹⁰⁸

Os dois jornais controlavam os discursos para o seu público. Se a *Gazeta* já enfatizava as pesquisas, o *Jornal de Alagoas* desviava os números para mencionar mais uma vez a imagem de Paulo Maluf associada a Collor.

¹⁰⁸ DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 44.

2.4 ACESSO E PODER DE FERNANDO COLLOR CONTRA O “GUILHERMISMO”

Fernando Collor sabia fazer comícios e produzir imagens, que seriam publicadas na *Gazeta de Alagoas*. Nisso, houve um comício na cidade de União dos Palmares que o jornal anunciou: “PMDB reúne 30 mil pessoas em União”. O evento, um showmício com atrações musicais nacionais, The Fevers e Luiz Caldas, grandes sucessos da época. Durante o discurso, o candidato do PMDB citou Zumbi dos Palmares.

Alagoas já está cansada de ser conhecida lá fora como o Estado onde campeia a violência impune, o campeão brasileiro de analfabetismo. Não queremos mais ser motivo de chacota por ser, aqui, o paraíso dos marajás”. Ao fazer esse discurso emocionado – e bastante aplaudido – o deputado Fernando Collor de Mello, candidato a governador pelo PMDB, tinha sobre si a atenção de pelo menos 30 mil pessoas, que compareceram, na sexta-feira à noite [...] como explicou o deputado Fernando Collor, “a campanha do PMDB foi deflagrada oficialmente em União dos Palmares, porque foi aqui que tivemos uma das belas lições da luta do povo brasileiro pela liberdade. O grito de Zumbi dos Palmares ecoará agora no coração de cada alagoano que luta pelas mudanças em nosso Estado.”¹⁰⁹

O candidato do PMDB, quando iniciou a série de comícios em Penedo, também tinha mencionado a importância de iniciar naquela cidade. Em União do Palmares utilizou a mesma tática, e ainda bradou o termo “liberdade” em associação à imagem de Zumbi dos Palmares. São falas calculadas, elaboradas, sempre de modo planejado, e o mais importante: a *Gazeta de Alagoas* sabia transmitir o roteiro e as cenas do personagem Collor nas páginas dos jornais. Fernando entendia que não bastava ter força apenas na capital Maceió, era preciso conquistar as cidades de Alagoas, e o seu jornal passou a divulgar os municípios que aderiam à campanha do caçador de “marajás”. A segunda maior cidade de Alagoas, Arapiraca, tinha suas lideranças políticas para defender o município, mas um nome muito frequente na *Gazeta* era Agripino Alexandre, que durante o período de Collor prefeito estava como deputado estadual, e nas eleições de 1986 buscava uma vaga na câmara federal.

O arapiraquense Agripino Alexandre fez emblemáticas defesas da candidatura de Collor, e uma de suas falas dividia o espaço com a matéria do candidato do PMDB no comício em União do Palmares.

O candidato a deputado federal Agripino Alexandre desmascarou ontem o que chamou de “mais uma mentira que se lança contra o PMDB”, ao desmentir que tenha dito que o candidato ao Governo, Fernando Collor, tenha se deixado envolver em negociação sua com um deputado estadual. “O deputado Fernando Collor não se prestava a isso. Nunca o fez e o não fará. O jornal de propriedade da ‘frente popular’,

¹⁰⁹ PMDB reúne 30 mil em União. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 17 ago. 1986.

se tem interesse em fazer o jogo do PFL, para dividir os votos de verdadeira oposição, é problema deles. Mas não posso me calar diante de tanta mentira”, declarou Agripino Alexandre.¹¹⁰

O candidato a deputado federal tinha muitas aparições nas páginas da *Gazeta*, era uma voz ativa em Arapiraca, mas houve publicações exclusivas para abordar Fernando Collor. O jornal fez esse movimento de divulgar opiniões de políticos na intenção de construir a ideia de que existia uma rede de apoio nas cidades de Alagoas.

Fernando Collor e Guilherme Palmeira disputavam os eleitores do interior de Alagoas. Era mais atrativo ter notícias de comícios nas várias cidades do estado do que atividades em Maceió. Assim, havia uma disputa entre os candidatos de quem percorria mais lugares. Analisamos várias matérias com imagens dos diversos comícios de Collor, que seria o estágio para eleições presidenciais de 1989. Depois de um comício em Flexeiras, a *Gazeta* publicou a notícia em forma de manchete, usando a maior parte do espaço possível na edição para anunciar o evento. O título e o conteúdo são sensacionalistas: “Collor enfrenta capangas do PFL”.

O deputado federal Fernando Collor de Mello, candidato a governador pelo PMDB, enfrentou em Flexeiras oito capangas, três deles armados de espingardas 12, contratados pela Prefeita Arlene Cavalcante Lins (PDS). Eles destruíram dez carros dos candidatos do Partido e o mais atingidos deles, o veículo do deputado Mendonça Netto, teve o toca-fitas roubado. Aconselhado, antes, a não ir a Flexeiras, porque o clima na cidade, segundo a própria Secretaria de Segurança Pública, “não era bom”, Collor reagiu: “Tá maluco. Vou de qualquer maneira!” Logo na entrada da cidade ele desabafou: “Esta cidade está sitiada pelo medo.”¹¹¹

Eu fico na dúvida se realmente houve esse enfrentamento ou qual é o nível de verdade dessa informação. A *Gazeta* escreveu sem expressar dúvida, e sim colocando a certeza no conteúdo. Fernando Collor e seu entorno de assessores sabiam construir as situações, além da confiança de que o seu jornal publicaria todo o roteiro que estabelecessem. O impacto da reportagem foi grande, ficou até redundante, pois o mesmo texto da manchete estava dentro do jornal, só mudou o título. Essa “coragem” do enfrentamento era estratégica, estava dentro do jogo de poder associado ao acesso ao meio de divulgação.

O mês de agosto de 1986 foi intenso para a campanha eleitoral de Fernando Collor. Ele já tinha de certa forma um apoio do presidente Sarney, e algumas falas de apoio também do parlamentar Ulysses Guimarães. Mas era preciso ter uma aparição de Ulysses com

¹¹⁰ AGRIPINO diz que apoia Collor e Mendonça para mudar Alagoas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 2, 19 ago. 1986.

¹¹¹ COLLOR enfrenta capangas do PFL. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 23 ago. 1986.

Collor, e isso aconteceu. A *Gazeta* publicou uma manchete em que estavam os dois de braços dados em um comício em Maceió: “Ulysses: meu candidato é Fernando”.¹¹²

O presidente nacional do PMDB, o deputado Ulysses Guimarães, declarou que “o meu candidato ao Governo de Alagoas é Fernando Collor, que terá uma grande vitória em novembro e colocará as mudanças que o povo desse Estado deseja”, ao pronunciar emocionado discurso na noite de sexta-feira, durante comício do PMDB na praia de Pajuçara.¹¹³

Figura 19 – Manchete da *Gazeta de Alagoas*: apoio de Ulysses Guimarães a Fernando



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 24 ago. 1986.

Texto e imagem em sintonia, o sorriso político de Ulysses e o sorriso de “mais uma missão cumprida” de Collor estamparam a edição daquele dia. Na mesma capa, logo em seguida, foi colocado um título com tons de desprezo para a figura política do candidato do PFL: “‘Guilhermistas’ promovem agressões”. O texto da matéria fazia referência a uma pessoa que possivelmente era eleitor de Guilherme Palmeira e estava agredindo o deputado do PMDB Mendonça Neto. É válido duvidar da informação. A imagem mostrava o suposto agressor sendo contido por algumas pessoas, e o agredido gesticulando, falando algo. É um cenário muito bem elaborado, parece algo orquestrado. Obviamente Collor – que no título da matéria ainda apareceu como Fernando – deu sua opinião sobre o acontecimento, dizendo que era lamentável o PFL utilizar da violência para intimidar os adversários.¹¹⁴

¹¹² ULYSSES: meu candidato é Fernando. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 24 ago. 1986.

¹¹³ ULYSSES: meu candidato é Fernando. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 24 ago. 1986.

¹¹⁴ “GUILHERMISTAS” promovem agressões. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 24 ago. 1986.

Ficou nítido que a *Gazeta de Alagoas* estava “sangrando” a candidatura de Palmeira, com todas as forças possíveis, terceirizando sorrisos de candidatos nacionais ou criando possíveis notícias falsas citando violência, criando a ideia da repulsa contra esses atos violentos. Vale relembrar que de 1979 a 1982 Collor e Palmeira eram bons amigos e aliados políticos, uma relação materializada nas páginas da própria *Gazeta*.

A suposta violência que Fernando Collor e o PMDB estavam enfrentando da outra candidatura passou a ser motivo de mais notícias, a ponto de ser publicado que o partido de Collor denunciaria ao presidente José Sarney. Naquele momento, a *Gazeta de Alagoas* estava atuando de maneira mais enfática, como uma espécie de “diário oficial” da candidatura do PMDB. O centro das manchetes era apenas Collor com seus aliados e a terceirização das imagens dos políticos da esfera nacional, reservando em José Sarney e Ulysses Guimarães.

Um tema muito relevante que ganhou notoriedade principalmente nas eleições presidenciais de 1989 foi a moralidade. Esse termo esteve tão em foco que em 1989 Collor criou um partido com inspirações nessa ideia, nesse caso o PRN – Partido da Reconstrução Nacional. É válido entender que a candidatura de Fernando nas eleições de 1989 se iniciou dentro das eleições estaduais de 1986, pois os termos são parecidos, e o projeto não era mais familiar, e sim pessoal. Nas matérias sobre a campanha de 1986, o PMDB já falava em moralização em discursos contra os altos salários dos servidores públicos. Collor considerava os servidores com supersalários “marajás”. Essa nomenclatura era direcionada principalmente a um servidor da Assembleia Legislativa de Alagoas, Mendes de Barros, acusado de receber um grande salário no cargo. Collor sempre mencionava nos comícios que iria combater os privilégios e moralizar o estado. A *Gazeta* escreveu: “Collor: ‘Vamos expulsar piratas e corsários do Estado’ – Ele considerou os marajás uma agressão que o PMDB não vai permitir mais”.

Vamos expulsar os corsários e piratas do serviço público”, prometeu o Deputado federal Fernando Collor de Mello, candidato a governador pelo PMDB aplaudido por 2 mil pessoas presentes ao comício do PMDB [...] – “No Governo do PMDB não haverá lugar para marajá. Este é o compromisso de um Partido que respeita o povo”. Collor considerou um disparate “uma pessoa ganhar 350 milhões de cruzeiros por mês para trabalhar apenas duas horas”. Depois, dirigindo-se à multidão: - Quantos dos senhores aqui se sacrificam para ganhar salário-mínimo! Para os senhores terem uma ideia, dois terços da população de Alagoas recebem menos de 3 mil cruzados ou 3 milhões de cruzeiros antigos. E uma só pessoa ganha 350 milhões de cruzeiros, isto é um atentado ao povo e o PMDB não vai permitir essa agressão, essa falta de vergonha na cara!”, disse. Quanto à ligação do PFL e PDS com os marajás, o candidato lembrou: “Vejam os senhores que esse marajá é candidato a senador pelo Pefelê, com o aval do

senhor Divaldo Suruagy, que votou nele na Convenção para ser o segundo candidato a intenções desse grupo em se manter no poder.¹¹⁵

Discurso forte e direcionado. Os comícios de Collor eram regados a falas dirigidas ao outro grupo político, às vezes de forma irônica, por exemplo, quando ele se referiu ao PFL como “Pefelê”. Em sua fala não mencionou o nome do “marajá”, era uma tática de não citar o nome dos seus desafetos e rivais. Era mais fácil nomeá-los com palavras com tons de xingamentos ou ironias.

O termo “marajás” esteve atrelado aos discursos de Collor até sua vitória presidencial. E outros termos e promessas passaram a serem constantes durante a campanha. Geralmente na mesma edição na qual eram publicadas informações para combater os grandes salários dos servidores sempre havia uma suposta novidade que resolveria o problema da moralidade. Em uma página, a *Gazeta* às vezes abordava essa moralidade, além de promessas de campanha de Collor e notícias negativas sobre Guilherme Palmeira. Esse movimento no *Jornal de Alagoas* também acontecia no modo contrário. Collor prometia fazer a reforma agrária, acabar com a falta de abastecimento de água nas cidades e cortar os gastos da gestão. Em umas das várias edições que seguia esse roteiro, registrou-se que “Collor anuncia o fim dos carros oficiais no governo – O candidato disse que, se eleito, vai acabar com a mordomia em Alagoas”. E continua:

O candidato do PMDB ao governo de Alagoas, Fernando Collor, anunciou ontem que um dos primeiros atos de seu governo, se for eleito em novembro, será o de simplesmente extinguir os carros chapa branca na administração estadual, porque considera inaceitável que um Estado pobre como Alagoas mantenha uma frota superior a três mil automóveis a serviço da mordomia de burocratas e de suas respectivas famílias. “Carro oficial no governo do PMDB”, avisou Fernando Collor, “será apenas visto a serviço da Polícia, do Corpo de Bombeiros e dos hospitais” [...] Fernando Collor não aceitará, em seu governo – se eleito –, que automóveis adquiridos com o dinheiro do povo e movidos a combustível também pago pelos cofres públicos sejam colocados a serviço dos altos funcionários estaduais, inclusive os secretários de Estado, que, por sua vez, têm feito esses veículos transportar seus filhos para as escolas e suas esposas às compras e até cabelereiro [...] “Essa decisão faz parte de um postulado básico no programa de governo do meu partido, segundo o qual todo o esforço será dirigido em benefício da grande maioria sofrida da nossa população. Nesse esforço não caberia a permanência de mordomias, como não será aceitáveis os chamados marajás. Porque, no nosso governo, se houver apenas um tostão nos cofres públicos, ele será aplicado em benefícios da sociedade”, finalizou.¹¹⁶

Ficou notório que o foco no serviço público virou uma pauta importante na campanha de Collor. E a diagramação dessa edição foi estratégica, pois seguindo essa matéria dos carros

¹¹⁵ VAMOS expulsar piratas e corsários do Estado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 2, 27 ago. 1986.

¹¹⁶ COLLOR anuncia o fim dos carros oficiais no governo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 7 set. 1986.

oficiais estava uma fala do candidato do PMDB para o jornal *Folha de S.Paulo*, com o título “Fernando diz à ‘Folha’ o que sonha para o Brasil”. É possível um candidato a governo de estado opinar nacionalmente em um jornal de grande circulação? Parece que foi possível. Novamente a questão de poder e acesso esteve presente. Perguntas relevantes para aquele cenário nacional foram dirigidas ao político de Alagoas.

O candidato a Governador pelo PMDB, deputado Fernando Collor, em entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, defende um “sistema misto” para dirigir o país, “sem extinguir na prática a importância da figura do Presidente da República, que fortaleça o Poder Legislativo, devolvendo-lhe e ampliando suas prerrogativas. [...] Fernando Collor também defendeu o plano Nacional de Reforma Agrária, “porque essa é uma exigência dos mais amplos setores da população”.¹¹⁷

É notório que a *Gazeta de Alagoas* replicou a publicação da *Folha*, e isso expressa uma força muito grande em ter o seu candidato nas páginas nacionais. O poder da família em comandar um veículo de comunicação certamente viabilizou suas aparições nacionalmente. Não existe outro mecanismo que responda a esse fato, e a *Gazeta* soube usar esse artifício, pois diagramou junto das informações positivas sobre Collor e negativas sobre Palmeira. Fernando Collor foi aumentando suas aparições na esfera nacional, que fazia parte do seu acesso familiar, mas também do seu discurso político.

Os jornais passaram a noticiar cada vez mais os comícios dos candidatos. A *Gazeta* com Collor, e o *Jornal de Alagoas* com Palmeira. Essa divisão poderia estar completamente concretizada, mas o candidato do PMDB ainda encontrava espaço para suas aparições no *Jornal*. Mas, de fato, os não ditos e ditos eram sempre presentes nos periódicos sobre os dois candidatos. Nessas análises, é notório que não existem aparições positivas de Palmeira na *Gazeta*, e sim no *Jornal de Alagoas*, e são nessas duas frentes que analiso também Fernando Collor através dos discursos negativos e positivos sobre Palmeira.

As notícias sobre os comícios de Collor e Palmeira foram de grande importância para entender e analisar a imagem do candidato do PMDB nesse recorte de candidato a governador. A cada evento, Fernando utilizava novas estratégias. Em um comício no sertão, ele se referiu ao público como os “Cavaleiros das mudanças”. Segundo o noticiário, continuou esse discurso dizendo que daria o seu sangue, se preciso, para salvar o sertão, e enquanto tivesse um cruzado no cofre do Estado gastaria com o sertão, afirmando que era um compromisso que iniciou com seu pai, e que agora seguiria para seus filhos e netos.¹¹⁸ Ou seja, o sertão seria laboratório para

¹¹⁷ FERNANDO diz à “Folha” o que sonha para o Brasil. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 7 set. 1986.

¹¹⁸ SOFRIMENTO do sertão vai acabar, assegura Fernando. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 2 set. 1986.

ganhar eleições com promessas que tiveram início com Arnon de Melo, e Collor seria mais um a prometer mudanças para a região.

A candidatura de Guilherme Palmeira passou a ser noticiada no *Jornal de Alagoas* em um clima de vitória. Na capital ou no interior, as informações sobre os eventos eram acompanhadas com as frases “Povo do Vergel vai às ruas para consagrar Guilherme” ou “Vitória do Guilherme é confirmada em São Miguel”. A ideia era influenciar o leitor de que candidatura do PFL estaria cada vez mais crescendo nas pesquisas, e perto da vitória, e ao mesmo tempo ofuscar Fernando.

Analisar a *Gazeta* exige mais cuidado do que qualquer outro jornal em Alagoas, devido a todo o investimento que havia na empresa. As fotografias, por exemplo, eram as melhores, nos métodos de planos abertos e fechados. A candidatura do PMDB passou a usar mais o “corpo a corpo”, saindo mais dos palcos e fazendo caminhadas no meio da multidão, como já fazia Palmeira e o PFL. Assim, a *Gazeta* publicou várias imagens de Collor cumprimentando as pessoas, com abraços e sorrisos, seguidas de frases a cada imagem publicada do candidato com o eleitor.

Em várias edições, por exemplo, diversos ataques a Palmeira e elogios a Collor. Esse jogo de informações – quase sempre nas primeiras páginas – ficou mais notório ao reforçar a aliança com o governo federal com a intenção de evidenciar sintonia entre a *Gazeta*, Collor e o presidente José Sarney. Fernando Collor, ao atualizar sua tática de conquistar mais votos, passou a frequentar lugares populares em Maceió e no interior. E a *Gazeta* passou nessa caminhada a fazer uma cobertura não apenas do conteúdo eleitoral de discurso e promessas, mas também do jogo comportamental de Collor. A cada foto publicada, seguiam-se frases na descrição que continuavam na próxima foto, e assim sucessivamente. A sequência: “Collor ao mercado... abraçou uma amiga... cumprimentou feirantes. Depois o candidato andou pelo comércio. Encontrou estudantes... uma amiga eleitora... Nas calçadas acenou para o povo... e discursou no ato público”.

A produção de imagens e a disseminação dos discursos não estavam apenas nos jornais. Cada vez mais a disputa ocuparia outros “palcos”.

2.5 CONFRONTO NAS PÁGINAS DOS JORNAIS E NA TV

Um artifício importante para as eleições são os debates, e eles foram determinantes para as eleições de 1986. A *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* noticiaram informações sobre

os debates e cada periódico “previa” a vitória do seu candidato. A *Gazeta*, atrelada à candidatura de Collor, investiu em imagem e texto para divulgar as informações do primeiro debate dos candidatos promovido pela TV Alagoas. O texto informativo colocava o nome do candidato do PMDB na posição de “espinha dorsal” para desenvolver o conteúdo, e não condição de ser o protagonista da notícia. Destacou: “Debate: Collor vence disparado”.¹¹⁹

O candidato do PMDB ao governo de Alagoas, Fernando Collor, ganhou o debate promovido pela TV Alagoas na noite de quinta-feira passada, segundo opinião de 59,3% dos telespectadores que assistiram ao programa, contra 18,1% para o candidato da “Frente Popular” Ronaldo Lessa, e 9,2% que preferiram a atuação do candidato do PFL, Guilherme Palmeira [...] O debate foi marcado por clima tenso, do início pela presença de pistoleiros a serviço do PFL, à entrada da TV Alagoas, que foram pagos para hostilizar o candidato do PMDB que mais uma vez foi vítima de vandalismo de elementos provocadores [...] Um automóvel com funcionários do PMDB foi revirado pelos capangas do PDS. O motorista do veículo chegou a ser retirado à força, os bancos arrancados, à procura de material de propaganda, enquanto 100 camisas pintadas com o nome do candidato do PMDB eram disputadas alegremente pelos populares que comprimiam diante do prédio do canal 5.¹²⁰

É nítido o quanto a *Gazeta* criou um cenário para colocar Fernando Collor como vítima e com as vestes do oprimido. É notório, também, que o periódico projetou a candidatura do PMDB dentro da concepção “Contra tudo, contra todos”. Havia pistoleiros na porta da emissora? Fica a dúvida.

A imagem que a *Gazeta* publicou do debate foi na intenção de demonstrar que os candidatos Ronaldo Lessa e Guilherme Palmeira estavam em aliança e ignorando a fala de Collor. A fotografia foi capturada possivelmente nos momentos em que o candidato do PMDB fazia duras críticas ao do PFL.

¹¹⁹ Debate: Collor vence disparado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 13 set. 1986.

¹²⁰ Debate: Collor vence disparado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 13 set. 1986.

Figura 20 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* divulgando a imagem do debate entre Fernando Collor, Ronaldo Lessa e Guilherme Palmeira



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 13 set. 1986.

Já o *Jornal de Alagoas* investiu na ideia de enaltecer a imagem de Ronaldo Lessa, afirmando que este tinha surpreendido no debate, e colocou Collor e Palmeira no mesmo cenário de empate. Pouco texto, sem imagens, o fez uma manchete sobre o tema, mas não valorizou o assunto e fez pouco conteúdo. Dias depois, o periódico publicou mais uma manchete com referência a outro debate, este agora promovido pela TV Gazeta. Mas a informação afirmava que Fernando Collor cancelou o debate em sua empresa/TV, e isso provocou revolta no PFL, que passou a disseminar que o candidato do PMDB estava com medo do enfrentamento depois de divulgar tantas mentiras no primeiro debate. Percebe-se, ainda, a referência a Fernando, que ainda disputava com o “emergente” Collor. Uma visível metamorfose: “PFL vê medo de Fernando ao cancelar debate na TV”.

O cancelamento do debate que estava programado para hoje na TV Gazeta entre os três candidatos ao governo de Alagoas, foi visto pelos líderes do partido da Frente Liberal como “um gesto de covardia política do Sr. Fernando Collor de Mello, temeroso de que sua situação eleitoral se agravasse e tornasse, por antecipação, liquidado com vistas às eleições de 15 de novembro”. Os líderes do PFL argumentam que o debate promovido pela TV-Alagoas no último dia 11 de setembro, entre os três candidatos, revelou que o candidato do PMDB, Fernando Collor, baseou todas as suas intervenções em mentiras e numa postura extremamente demagógica. Como ele sabe que não tem condições de sustentar o que disse no debate da TV Alagoas; Como ele sabe que as suas falsas denúncias seriam todas desmascaradas [...] “Isso significa”, prosseguem os líderes do PFL, “que o Sr. Fernando Collor tem, já agora, a consciência de que está perdido não tendo, portanto, qualquer interesse em aprofundar o abismo em que se meteu, graças a sua postura de mentira e de demagogia e, principalmente,

ao fato de que é ele o principal responsável pela falência, do PMDB, que antigamente representava oposição neste Estado”.¹²¹

A manchete descredibiliza Collor. Até no modo de tratamento acredito que há tons de ironia na utilização do “Sr. Fernando Collor”. Essas menções são carregadas de ataques estratégicos nos quais o *Jornal de Alagoas* e a candidatura do PFL investiram ao aproveitar o cancelamento do debate na TV Gazeta. As diversas ideias falsas que a *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* publicavam sobre ambos os candidatos viravam “verdades”. Os jornais, através dos seus candidatos, precisavam de informações relevantes para serem divulgadas. As eleições de 1986 eram o grande assunto do momento, e preenchiam as principais páginas do dia. Quando Guilherme Palmeira criticava Collor, não era apenas à sua figura política, mas também ao seu jornal.

Fernando Collor soube usar todo seu aglomerado de comunicação para enaltecer sua imagem e usava sem rodeios a *Gazeta* e a TV. Por meio desse desequilíbrio na disputa, o *Jornal de Alagoas* passou a publicar denúncias sobre o longo tempo de aparição do candidato do PMDB em seu canal de televisão, o que feria as regras eleitorais. O periódico aproveitou o momento em que criticou o cancelamento do debate da TV Gazeta e iniciou um processo de publicações afirmando que Collor poderia ter sua candidatura cassada. Dupla informação na capa do *Jornal*: “Juiz diz que TV Gazeta afronta justiça e anuncia punição”. Em seguida, mais um título: “Pedida cassação da candidatura de Collor”.

O advogado José Moura Rocha, em nome do PDT, ingressou na Justiça Eleitoral com pedido de cassação do registro da candidatura do deputado Fernando Collor de Mello, que disputa o Governo do Estado pelo PMDB, e da suspensão, pelo Dentel, das transmissões da TV Gazeta de Alagoas. É que Fernando Collor, violando a legislação eleitoral, ocupou todo o espaço do programa “TV Momento”, da TV Gazeta, onde foi entrevistado durante cerca de 40 minutos pelo jornalista Nélson Ferreira, invadindo inclusive o horário da programação da Rede Globo.¹²²

Fernando Collor apostou tudo que estava ao seu alcance para ser visto, e dentro do seu perfil não seria diferente com sua televisão/empresa. O programa em que estavam acontecendo suas aparições era dedicado a ele, feito para elevar seu nome e até quebrar as regras contratuais com a Rede Globo. A entrevista foi interrompida apenas no final por ordem judicial, pois foi considerada uma afronta às regras das eleições. A campanha do PFL exigia rapidez para o julgamento de Collor, e o *Jornal de Alagoas* passou a publicar essa informação, enquanto a

¹²¹ PFL vê medo de Fernando ao cancelar debate na TV. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 21 set. 1986.

¹²² PEDIDA cassação da candidatura de Collor. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 1, 3 out. 1986.

Gazeta silenciava sobre os possíveis erros do PMDB. A TV *Gazeta* foi punida com a suspensão temporária do programa, e sobre a candidatura de Fernando Collor o TRE encaminhou para o STF. A candidatura não foi cassada, Collor seguiu candidato. Um fato interessante no embate foi a *Gazeta de Alagoas* pausar por um tempo matérias sobre a campanha do PMDB e de Collor. As imagens e informações de comícios diminuíram sua frequência nas páginas do jornal. O silêncio da *Gazeta* sobre a imagem de Fernando era estratégico. A campanha continuava, mas as publicações estavam em pausa. Contudo, as críticas contra Guilherme se mantinham.

2.6 EM NOME DO PAI E DA MÃE: FERNANDO COLLOR NOS INSTANTES FINAIS DAS ELEIÇÕES DE 1986

Quais eram as principais mãos da *Gazeta de Alagoas*? Fazendo uma sequência: Arnon de Melo, Leda Collor e depois os filhos. Depois da morte de Arnon, o poder nas empresas da família ficou com “Dona” Leda, mas Pedro Collor ganhou mais espaço de decisão quando assumiu a superintendência no lugar do irmão Fernando. As pressões mútuas indicavam que a qualquer momento poderia acontecer uma implosão. A *Gazeta* ditava muitos ritmos dos poderes oferecendo apoio em suas páginas para enaltecer políticos, e muitas vezes utilizando das mesmas páginas para derrubar os mesmos personagens. Leda Collor entrou em ação nas eleições de 1986, não opinando em editoriais, e sim fazendo seu jornal publicar o próprio editorial dela: uma carta aberta aos leitores.

A mensagem era direta: pedir votos para o filho ser eleito, na edição de 12 de outubro, domingo, dia em que o jornal é impresso com mais páginas por ter mais anúncios, mais informações e mais tiragens, entrando na semana do último mês até o dia da eleição, que passaria a causar grandes expectativas. O título da mensagem foi: “Carta aberta ao povo alagoano – Leda Collor de Mello”.

Prezado Conterrâneo. Aqui estou eu novamente batendo à sua porta às vésperas de mais uma campanha política de que o destino me faz participar. No primeiro pleito eleitoral em que dei minha colaboração, há 36 anos atrás, meu saudoso marido disputou duramente e conquistou nas urnas uma vitória memorável sobre a oligarquia Góes Monteiro, que dominou este Estado durante os 15 anos da ditadura Vargas [...] como há 36 anos atrás, também hoje é alguém muito chegado a mim que pleiteia a honra de dirigir os nossos destinos. Herdeiro do amor e da total dedicação que seu pai consagrou à terra que o viu nascer e onde quis repousar para sempre, meu filho Fernando Collor de Mello é candidato ao Governo do Estado no próximo dia 15 de novembro [...] precisamos fazer justiça a um moço que já demonstrou sua capacidade administrativa na Prefeitura de Maceió, colocando nossa cidade em todos os roteiros turísticos brasileiros. Precisamos estimular a vocação jovem de Fernando Collor de Mello, que mostrou na Câmara Federal seu empenho em cumprir os compromissos assumidos com o povo alagoano. PRECISAMOS DE MUDANÇA JÁ! Fernando conta com você, com seus amigos, com seus parentes, seus vizinhos [...] Receba de

antemão os agradecimentos de uma mulher sofrida, mas confiante que não tem por que se esconder na covardia do anonimato. Leda Collor de Mello.¹²³

Um discurso apelativo e sem filtros. A mãe de Fernando Collor mencionou que seu esposo Arnon de Melo fez um governo divisor de águas com mudanças radicais para o estado de Alagoas, e que elevou o nome de sua terra aos olhos dos brasileiros. Procura-se uma grande relevância na gestão Arnon de Melo em seu mandato. Talvez sua maneira de fazer política possa ser um “legado”, pois inovou na maneira de fazer comícios nas campanhas eleitorais. A herança de Arnon foram suas empresas de comunicação a serviço da família e dos aliados. Leda ainda teceu críticas à candidatura de Guilherme Palmeira, mas sem citar nomes, usando a mesma tática do filho. Lembrando que em 1979 Collor foi indicado a prefeito de Maceió em consequência da aliança política de Arnon, Palmeira e Suruagy, mas na carta aberta somava críticas a esses políticos. O caráter do texto parecia de urgência, quando é mencionado que a mentalidade de Alagoas precisava ser mudada, e a dignidade restaurada, e só um “moço” seria capaz, que estava sendo injustiçado, segundo o texto. Nesse dia, a *Gazeta* não foi apenas um diário oficial da família, mas um jornal apelativo e desesperado para garantir a vitória de Fernando Collor.

No mês final para as eleições, o *Jornal de Alagoas* passou a publicar no final de algumas páginas uma imagem na qual estavam Guilherme Palmeira e Divaldo Suruagy juntos com a frase “dupla competência”, demonstrando a parceria entre os candidatos na disputa para o cargo de governador e senador. O periódico passou também a entrar em uma “imparcialidade”, publicando matérias comentando as três candidaturas ao governo. Mas foi até o fim enaltecendo Palmeira.

A *Gazeta* não usou imagens de Collor para pedir votos, pois ela já fazia isso, apesar de algumas semanas silenciando quanto às divulgações de comícios e caminhadas durante a campanha. Acredito que houve algumas divergências entre Fernando e seu irmão Pedro, superintendente das empresas da família. Mas, de qualquer forma, o jornal trabalhou para a candidatura do PMDB. A *Gazeta* então passou a publicar frases no rodapé de cada edição até o dia da eleição. Iniciou com a frase: “Paciência, Alagoas. Faltam apenas 23 dias”.¹²⁴

Fernando Collor utilizava a expressão “minha gente” nos discursos, nas entrevistas e nos textos. A *Gazeta* passou a usar isso também nas frases de rodapé: “Faltam só 16 dias. Vamos lá, minha gente”.¹²⁵ As aparições de críticas ao PFL aumentavam, e as frases de efeito no rodapé

¹²³ CARTA aberta ao povo alagoano. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 12 out. 1986.

¹²⁴ PACIÊNCIA, Alagoas, faltam apenas 22 dias. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 23 out. 1986.

¹²⁵ FALTAM só 16 dias. Vamos lá, minha gente. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 30 out. 1986.

também. Para ser mais enfático, o *Jornal de Alagoas* substituiu as aparições de Guilherme Palmeira para fazer menções contra Collor. Por exemplo, na reta final, publicou: “Fraude eleitoral compromete João Lyra e Fernando Collor”.¹²⁶ Essa informação insinuava que os candidatos estavam confeccionando cédulas eleitorais dos seus adversários com nomes e números trocados. O *Jornal* passou a usar o rodapé também com a frase: “Todo mundo está com o 25 na cabeça” – número do candidato do PFL.

O roteiro criado através da *Gazeta de Alagoas* era na intenção de formular um suspense, pois a cada dia colocava a contagem regressiva para as eleições objetivando indicar que em 15 de novembro, dia das eleições, Alagoas mudaria de estágio com a vitória de Collor: “O pior já passou, minha gente. Faltam só 10 dias”. O que seria esse pior? Existiu um episódio na cidade de Limoeiro de Anadia, sobre o qual o cientista político Carlos Melo escreveu associando o uso da máquina de comunicação que o candidato do PMDB tinha em suas mãos para divulgar fatos e invenções:

A frente oposicionista trabalhou com dedicação e a máquina de comunicação agiu com eficiência esperada em benefício do patrão. Collor fez uma campanha agressiva, rodando todo o Estado e prometendo acabar com o poder da oligarquia. Em Limoeiro de Anadia, protagonizou uma das cenas que ficaram marcadas em sua trajetória política. Do alto de um sobrado, em pé sobre o parapeito, Collor oferecia seu peito à mira de supostos jagunços que estariam ali para matá-lo. As cenas são impressionantes.¹²⁷

A máquina de comunicação foi até o fim para eleger Collor. As imagens do episódio citado por Carlos Mello foram produzidas pelas câmeras da TV Gazeta e depois transmitidas no programa eleitoral.

Na reta final da campanha eleitoral de 1986, a *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* passaram a noticiar os últimos movimentos de cada candidato. Mas, nas últimas cartadas para eleger Collor, a *Gazeta* publicou artigos de acadêmicos e jornalistas sobre os problemas de estado. A cada passo da *Gazeta*, eram dois de Fernando Collor; o uso das páginas dos jornais esteve no nível sensacionalista, beirando notícias falsas.

No meio acadêmico, o professor doutor Fernando José de Lira, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), publicou um artigo no periódico sobre as condições precárias de Alagoas, com o título “Um grito de liberdade”.¹²⁸ O conteúdo do texto esteve presente nas questões da

¹²⁶ FRAUDE eleitoral compromete João Lyra e Fernando Collor. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 78, p. 3, 2 nov. 1986.

¹²⁷ MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor: o ator e suas circunstâncias**. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

¹²⁸ UM GRITO de liberdade. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 5, 6 nov. 1986.

pobreza nas cidades de Alagoas, a discriminação que as mulheres sofriam dos homens e as humilhações pelas quais os jovens sofriam a cada dia. O professor ainda mencionou que o estado era rico em belezas naturais, mas outro fato interessante esteve na conclusão, na qual foi mencionada que Alagoas obteria grandes avanços sociais a partir de 1987. O ano fazia referência ao começo de um novo governo.

Na mesma página, outro artigo interessante para a análise. O autor foi o vereador de Maceió Pedro M. Muniz Falcão, irmão do ex-governador de Alagoas, Muniz Falcão. A publicação do parlamentar enaltecia o PMDB, explicando a trajetória da sigla partidária e suas dificuldades no período da ditadura civil-militar e das superações da redemocratização. A intenção do artigo era enaltecer Fernando Collor, pois o título induzia: “PMDB x continuísmo”.

As eleições de 1986 promoveram um projeto gráfico específico para Fernando Collor. Na página de opinião, em que estavam os artigos do professor da UFAL e do vereador, também constava a frase: “No dia 15 Alagoas vai mudar. Paciência, minha gente”. Se no editorial não existia posicionamento para a candidatura de Collor, nos artigos diversos e nas entrelinhas do jornal sobraram apoios e posições favoráveis.

2.7 A CONQUISTA DO PROTAGONISMO, E NÃO APENAS DO CARGO DE GOVERNADOR DE ALAGOAS

Nos instantes finais das eleições, o *Jornal de Alagoas* fez uma sessão dos últimos movimentos dos candidatos, noticiando os últimos comícios, as atrações para os showmícios e charges dos candidatos disputando a corrida da vitória. Fernando Collor encerrou sua campanha visitando várias cidades de Alagoas, aproveitando até os últimos instantes antes da eleição. A manchete do dia 13 de novembro na *Gazeta* mostrou uma imagem de plano aberto com uma multidão no comício realizado no centro de Maceió. Essa aparição foi a última de Collor na capital antes do pleito eleitoral. O sensacionalismo na elaboração da matéria esteve com tons acirrados. O comício aconteceu na Praça dos Martírios, local onde estava localizado o Palácio do Governo. A escolha foi estratégica, fazia parte do roteiro da encenação que aconteceu naquele dia.

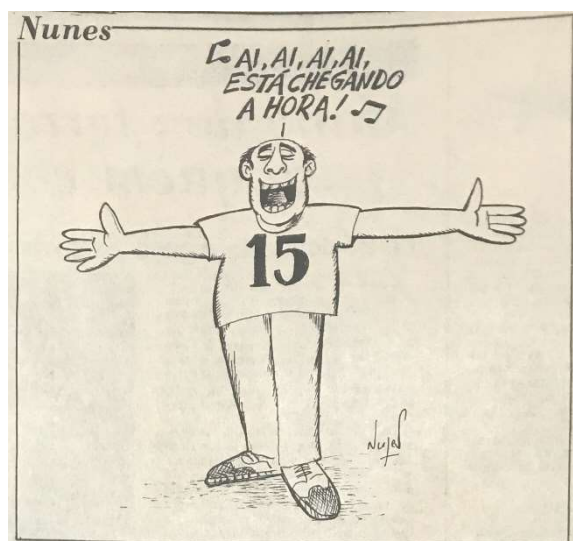
Cerca de 60 mil pessoas que lotavam a Praça dos Martírios e as ruas vizinhas explodiram num grito de alegria quando Fernando Collor, candidato do PMDB ao Governo, parou seu discurso e pediu: “Agora todos vocês olhem para trás!” A multidão virou-se e ficou de frente para o Palácio dos Martírios. “No dia 15 de março de 1987 – disse então o candidato opositor – nós vamos entrar todos juntos nesse palácio. Depois de 12 anos o Palácio dos Martírios finalmente será um palácio de liberdade, aberto ao povo”. Um mar de mãos levantadas, comandadas por Fernando, acenava dando adeus ao PDS-PFL. Foi, sem dúvida a maior concentração política da

história de Maceió. Ao ser anunciada a chegada de Fernando Collor – que subiu ao palanque ao lado de sua mãe, Dona Leda, e de sua esposa, Dona Rosane, milhares de bandeiras foram agitadas, os fogos de artifício e a chuva de papel picado deram um clima definitivo de festa popular ao comício-show, que teve como atração especial a cantora Elba Ramalho [...] com o comício-monstro da Praça dos Martírios, o PMDB encerrou sua campanha eleitoral.¹²⁹

O texto da matéria seguia a normalização do perfil de Fernando Collor. Como já mencionei, a *Gazeta* era o seu diário oficial. A imagem da manchete em plano aberta tinha em sua descrição que aquele momento foi o maior público já reunido em uma concentração pública na história de Alagoas. Qual a confiabilidade da informação? Fica o questionamento, pois o periódico da família publicava informações de acordo com seus interesses de alcance.

Os editoriais dos dias finais não declaravam apoio a Collor, mas talvez nem precisava, pois as matérias e os artigos já faziam isso. A charge entrou em ação para anunciar a possível vitória de Collor. A ilustração do chargista Nunes, dias antes das eleições, indicava uma pessoa cantando: “Ai, ai, ai, ai, está chegando a hora!” e o número 15 na camisa. A charge se localizava na página do editorial. Ou seja, aquela ilustração era mais que uma opinião do jornal para as eleições. Era uma efusiva declaração de voto.

Figura 21 – Charge da *Gazeta de Alagoas* fazendo referência às eleições de 1986 e enaltecendo o número 15 de Fernando Collor



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 12 nov. 1986.

O *Jornal de Alagoas*, no dia da eleição, publicou o perfil de cada candidato ao governo e declarou preocupações com possíveis fraudes, além de lembrar que aquele momento era uma

¹²⁹ MULTIDÃO consagra Collor Governador. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 52, p. 1, 13 nov. 1986.

grande manifestação da democracia. O veículo de informação deu uma pausa nas investidas na campanha de Guilherme Palmeira e buscou a imparcialidade, mesmo não existindo.

Um dia antes das eleições a família Collor, através do seu jornal, já anunciava a vitória: “PMDB já comemora a vitória”¹³⁰. O texto da manchete era mais do mesmo, apenas noticiando as movimentações dos últimos comícios. A série de frases no rodapé continuou até o dia da eleição, cada vez com mais tons de sensacionalismo: “É amanhã. Desta vez o povo vai vencer”.¹³¹ Essa analogia do “amanhã” faz referência aos termos “mudança”, “renovação” e “moralidade”, pois para a visão da *Gazeta* e da família Collor o “amanhã” era a continuidade do projeto de poder na política e nas comunicações. Leda Collor, ao pedir voto para o filho, deixou explícito o quanto era importante a vitória naquele momento. Mas o “amanhã” não foi uma continuidade, e sim um início de todo um projeto de poder político e pessoal de Fernando Collor. O candidato do PMDB não demonstrou projetos concretos em sua campanha. As propostas estavam no campo teórico. Ele se colocava como responsável do novo tempo que Alagoas viveria, sendo o sinônimo de esperança para o estado.

No processo de apuração, a *Gazeta de Alagoas* publicava, dia a dia, que Fernando estava na liderança. O *Jornal de Alagoas* fez a mesma cobertura e repetia a informação. De acordo com a apuração, Collor ficou em primeiro em todos os momentos do processo. O Ibope divulgou após a votação, na pesquisa “boca de urna”, que o candidato do PMDB seria o grande vencedor das eleições de 1986.

¹³⁰ PMDB já comemora a vitória. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 14 nov. 1986.

¹³¹ PMDB já comemora a vitória. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 1, 14 nov. 1986.

O candidato Fernando Collor, virtual governador eleito, baseou sua campanha política em alguns pontos fundamentais [...] A eleição de Fernando Collor, por isso, reacende a luz da esperança no Estado [...] O compromisso de Fernando Collor é um convite à paz. E essa é apenas mais uma das coincidências que marcam a sua eleição ao Governo de Alagoas à dura batalha travada por seu pai, Arnon de Mello, para chegar ao Palácio dos Martírios no início dos anos 50. Também naquela época, Arnon de Mello acenava com um compromisso de pacificação que deixou marcas indeléveis nas gerações de políticos que se seguiram. Inclusive no filho, seu sucessor político, que agora se vê diante de idêntica necessidade [...], mas as dificuldades de Alagoas são muito maiores. Temos um pouco em sua grande maioria analfabeto, pobre, desempregado, desassistido de tudo. Não basta, portanto, levar à cadeia os criminosos [...] desta vez o povo

venceu. Uma eleição sem fraudes, como não se via há muito, está dando uma histórica vitória ao PMDB e a Fernando Collor. Mas a participação popular não para com o resultado das urnas. Começa, na verdade.¹³²

O editorial não esqueceu de mencionar a figura de Arnon de Melo, saudando-o como um grande político e precursor da paz em Alagoas, além de associar o espólio político a ser passado para Fernando Collor, que de fato virou o herdeiro. Mas o novo governador não queria essa titulação, e sim ser o protagonista da família. Collor queria mais do que a família imaginava e divulgava. Esse editorial esteve mais para uma carta aberta da família do que do próprio vencedor das eleições.

Já o editorial seguinte justifica o primeiro. O texto mencionava que o povo gostaria de mudança imediata, e que o novo governador superaria as expectativas. A opinião do jornal fez questão de publicar que Fernando Collor e o povo estariam atrelados a uma coisa só, pois o governo seria do povo e para o povo.¹³³ É notório que o editorial estava apenas a serviço de Fernando, e em uma proporção maior do que a serviço da família.

Essa questão da utilização na nomenclatura “povo” passou a ser a marca da transição. A *Gazeta* mais uma vez ficou a serviço do político, agora em um novo estágio, pois não existia uma campanha eleitoral local, e sim o início de uma campanha pessoal para o nível nacional. Quando publicou a matéria “Collor vai perguntar ao povo como governar”, não podemos ter o romantismo de considerar que esse movimento é democrático, e sim entender que o novo governador não tinha projeto de governo concreto para o estado. Uma cartilha foi confeccionada para as pessoas preencherem e colocarem sugestões. Esse método foi mais uma estratégia de *marketing* na intenção de mostrar para Alagoas e também para o Brasil que o governo alagoano estava dando voz ao povo ali presente.¹³⁴ Quando prefeito de Maceió, a *Gazeta* publicou uma nota biográfica sobre Collor e o método se repetiu após as eleições de 1986. O título manteve a nomenclatura da juventude: “O Governador mais jovem”. Mesmo roteiro de 1979, pois estava escrito sobre sua infância, juventude e sua chegada na política e concluía com características da vida pessoal. Vida política e pessoal atreladas na intenção da esfera nacional.

A primeira entrevista após a confirmação da vitória foi para a *Gazeta de Alagoas*. Nessa entrevista, Fernando Collor verbalizou que o povo seria o protagonista do seu governo, e o quanto estava sofrido, machucado devido ao nível de campanha de seus adversários. A

¹³² O POVO venceu. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 4, 18 nov. 1986.

¹³³ OPÇÃO pelo povo. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 4, 19 nov. 1986.

¹³⁴ COLLOR vai perguntar como governar. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 3, 20 nov. 1986.

entrevista esteve com tons de promessas, demonstrando que Collor ainda não tinha descido do palanque.

Os métodos utilizados por Collor e sua equipe para o processo de transição considero atípico para a possível normalidade que deveria ser. A preocupação estava mais nas esferas nacional e publicitária. Muitas propagandas nos jornais de empresas e de pessoas físicas homenageando o novo governador ainda no ano de 1986. Nas propagandas da vitória que permaneceram por semanas, a *Gazeta* também entrou no circuito e fez algumas publicidades, e entendo que o jornal gostaria de transformar Collor em um ser messiânico, sinônimo de esperança e a salvação de Alagoas.

O uso da expressão “combate à corrupção” passou a ganhar notoriedade nas páginas da *Gazeta*, e as leituras indicam o movimento de projetar Collor de Alagoas para o cenário nacional. Os meios de comunicação das Organizações Arnon de Melo foram mecanismos para anunciar as promessas após a vitória de Fernando. Não caberia mais promessas, e sim transição, mas o palanque continuava armado. É importante mencionarmos que Collor “curtiu” a vitória nas eleições e usou seu jornal para publicar as comemorações em formato de editoriais, anúncios publicitários e longas entrevistas com perguntas que sempre o beneficiavam.

Em menos de um mês após a eleição, a *Gazeta* publicou um anúncio com a imagem de Fernando Collor e um texto utilizando duas páginas inteiras. Analisar o texto da publicação é interessante devido à vaidade de Collor nas palavras:

Na manhã ensolarada de sábado, eles começaram a vir. Saíam de todos os lugares. Vinham a pé, de carro, em lombo de burro. Alguns traziam as vestes rasgadas sobre o corpo. Outros, as marcas de fome no rosto magro. Mas eles vieram. Fizeram fila. E pacientemente esperar debaixo do sol. Velhos, jovens, ricos e pobres. Só tinham uma coisa em comum, que tornava todos parecidos: traziam a esperança no ombro. E o olho cheio de assombro. Esperaram. Mas chegou a hora em que um a um falou. Um discurso mudo, resumido no gesto de desenhar uma cruz. Mas um discurso forte. Cheio de palavras de fé. Silenciosamente, eles disseram não ao passado e atraso e miséria. Fizeram nascer de novo a esperança. E inauguraram um novo tempo em Alagoas. Dessa vez, o povo venceu.¹³⁵

¹³⁵ FERNANDO governador. Nada será como antes. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 52, p. 5, 30 nov. 1986.

Figura 23 – Propaganda da vitória de Fernando na *Gazeta de Alagoas*



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 30 nov. 1986.

O texto parece ser um roteiro de filme, pois buscava a intenção de transformar Fernando no salvador, o único capaz de fazer algo pelo povo. A vaidade esteve ao extremo e as páginas da *Gazeta* naturalizavam o desejo de aparição do novo governador. Não acredito que as publicações desse nível eram apenas um jogo de *marketing* único do periódico da família, e sim existia autoria de Collor. A tragédia da pobreza serviu para o texto e o enaltecimento da imagem de Collor.

A capacidade de Collor no investimento em engrandecer sua imagem após a vitória nas eleições de 1986 expressa o seu objetivo familiar e político. Em 1987, mais precisamente no mês de março, marcado pela posse, a *Gazeta* seguiu seu roteiro de investimento na imagem do governador. O termo “moralidade” ganhou mais ênfase, principalmente na manchete no dia da posse: “Collor assume governo e anuncia primeiras medidas moralizadoras”¹³⁶. Essa ideia de moralização foi um investimento do político para projetos futuros. Dessa palavra de ordem, houve a ramificação que indicaria a ideia de “reconstrução”, que passou a ser usada durante o mandato de governador e na futura campanha presidencial de 1989.

O editorial do dia da posse também esteve em nome da figura de Fernando Collor. Expressar a reconciliação com o povo em busca da moralidade do serviço público, criando no imaginário do leitor a ideia de transformação social a partir daquele dia 15 de março. O texto

¹³⁶ COLLOR assume governo e anuncia primeira medidas moralizadoras. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 53, p. 1, 15 mar. 1987.

elogiava a atitude de Collor em assumir o compromisso de organizar Alagoas, na intenção de colocá-lo no papel de solução.

Manchete, editorial e propagandas foram os artifícios usados para o dia da posse. É preciso reconhecer a qualidade na elaboração, com fontes grandes, palavras objetivas e imagens em sintonia com os textos. Reconhecer o processo da elaboração não significa concordar com a política de Fernando Collor, mas sim enfatizar que a *Gazeta de Alagoas* e a publicidade do político sabiam usar os seus mecanismos. O anúncio mais enfático desse conjunto de publicidade seguia o roteiro eleitoral:

Às 4 da tarde de hoje, o povo toma posse no governo de Alagoas. Fica para trás a partir de agora, o passado recente de autoritarismo de desrespeito à /coisa pública, de desmando e desinteresse pelas reais necessidades de nossa gente. E começa, verdadeiramente, um novo tempo. Um tempo de justiça social e proteção aos humildes e necessitados. Tempo de moralização da máquina do governo. Tempo de combate à corrupção e ao favorecimento de privilegiados. Tempo de luta contra as doenças e o analfabetismo. Tempo de progresso, desenvolvimento e oportunidade para todos. Tempo de paz. Às 4 da tarde, Fernando Collor será empossado governador pela Assembleia Legislativa. E Começa a cumprir, fielmente, todas as promessas de campanha e os planos de governo do PMDB e os partidos que a ele se coligaram. A partir de hoje, nada será como antes.¹³⁷

Associaram no anúncio publicitário a imagem de Collor com o tempo na intenção de destacar que o “novo tempo” estaria associado à vitória do PMDB. É válido pensar e buscar entender a intenção de Collor e da *Gazeta* com palavras futuristas o colocando como o senhor do destino para Alagoas, mas isso foi apenas mais uma etapa de projeto de poder que estava se construindo. A *Gazeta*, provavelmente, aumentava seu faturamento vendendo suas páginas para anúncios publicitários. Eram espaços concorridos, e no dia da posse houve muitos anúncios de empresas privadas homenageando Fernando. É provável que aquelas inserções eram pagas. Ou seja, o periódico possivelmente obtinha elevados lucros e ainda promovia a imagem do patrão. Foram muitas homenagens de várias empresas nas páginas da *Gazeta*, muita criatividade nos anúncios. O nível beirava a dependência daquele governador que ainda iria tomar posse.

Fernando Collor foi empossado governador de Alagoas e canalizou seu mandato desde o primeiro dia para a mídia nacional. No dia da posse, o novo governador e sua equipe criaram um evento midiático e as imagens daquele momento seriam utilizadas no futuro. O jornalista Mario Sergio Conti escreveu alguns detalhes importantes sobre esse dia:

Para o dia da sua posse no governo, Collor planejou uma caminhada de três quilômetros, da Assembleia Legislativa à sede do Executivo, o Palácio dos Martírios.

¹³⁷ HOJE começa a mudança. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 53, p. 5, 15 mar. 1987.

Choveu forte e a marcha fracassou. Mesmo com pouca gente para assistir à sua passagem, o diretor e ator principal do espetáculo manteve o script. Queixo empinado e olhar fixo num ponto à frente, percorreu os três quilômetros sem responder aos acenos das calçadas e janelas. A natureza não detinha o herói. Metros atrás vinha o seu ofegante secretariado.¹³⁸

O novo governador não desperdiçava a oportunidade de autopromoção. Se possível, optava em participar de eventos, e não de questões administrativas. Para Fernando Collor, as eleições possivelmente foram seus momentos de auge do poder pessoal e familiar. O mecanismo que abastecia as aparições era a *Gazeta de Alagoas*.

Figuras 24 e 26 – Fernando Collor saudando as pessoas ao sair da Assembleia Legislativa no dia da posse para o governo de Alagoas e durante o percurso até o Palácio dos Martírios



Fonte: Acervo pessoal.

O foco depois da posse esteve no campo da moralidade, ou na invenção da tal moralidade, que Collor mencionou diversas vezes durante a campanha. O governador antes mesmo de assumir o novo mandato teve inserção na TV Globo sendo entrevistado para o telejornal “Bom dia Brasil”, programa de grande alcance nacional. O acesso e o poder já estavam exacerbados muito antes das execuções do cargo de governador. Na entrevista, Fernando Collor falou do combate aos “marajás” e aos privilégios do funcionalismo público.¹³⁹

A *Gazeta* publicou um editorial, dias depois da posse, que teve repercussão em outros dias nas páginas do próprio jornal. O texto mostrava o esforço que o novo governador estava tendo para iniciar a moralização, e ao mesmo tempo justificando caso não fosse possível. Essa

¹³⁸ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15.

¹³⁹ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 14.

tática do periódico já era algo comum ao falar sobre Collor. Manchetes, editoriais e imagens circularam durante muitos dias com a temática da pregação da moral, que será visto mais adiante.

A TV Gazeta era filiada à TV Globo desde sua fundação, e logicamente Fernando Collor e sua família tinham acesso ao grupo Globo com facilidade, assim sua aparição no *Bom dia Brasil* não foi por acaso, pois já existia uma cadeia de ligações. Ficou mais evidente essa conexão quando a *Gazeta* publicou uma foto do encontro de Fernando Collor com Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo.¹⁴⁰

Figura 25 – Fernando Collor e Roberto Marinho juntos



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 4 abr. 1987.

Essa imagem de Collor com Marinho não era o início de um projeto de poder, e sim uma continuidade, pois Arnon de Melo também tinha ligações com o proprietário da Globo. A continuidade causou grandes aparições nacionais de Collor na TV Globo. Marinho declarou apoio à candidatura de Fernando nas eleições presidenciais de 1989, e o apoio foi materializado assinando o editorial do jornal *O Globo* no dia 4 de abril de 1989, exatamente dois anos depois da publicação da *Gazeta de Alagoas*. O editorial tinha o título de “Convocação”, assim demarcando apoio a Fernando Collor.

Passadas as comemorações e projeções iniciais, era chegada a hora de governar. A real política entraria em cena. Depois de dois anos de relativa “normalidade”, Collor entraria em um

¹⁴⁰ ROBERTO Marinho recebe governador. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 53, p. 5, 4 abr. 1987.

ano decisivo para sua carreira política, para Alagoas e, por que não, para o país. Devido à necessidade de adequação de um texto acadêmico e suas limitações de tempo/espço, saltaremos para o ano de 1989, devido à importância que aqueles acontecimentos no cenário estadual ganhariam no noticiário político nacional.

3. ALAGOAS NO MODO *BATEAU MOUCHE*¹⁴¹: AS CRISES DO PRODUBAN E DO FUNCIONALISMO PÚBLICO EM 1989

3.1 O CASO PRODUBAN E A COBERTURA DA *GAZETA DE ALAGOAS* E DO *JORNAL DE ALAGOAS*

O ano de 1989 começou com crises nos setores da economia e saúde de Alagoas. O *Jornal de Alagoas* estampava na primeira edição do ano a crise no Hospital de Pronto Socorro do estado, enfatizando o abandono do governo quanto aos servidores e denúncias destes contra o secretário de saúde, Ubiratan Pedrosa, e contra o então governador Fernando Collor (PMDB).¹⁴² É fato ressaltar que nos primeiros dias daquele ano Collor estava em viagem de férias, e seu vice Moacir Andrade (PMDB) estava com a incumbência de apagar esse “incêndio”. A manchete destacava “Falta de atendimento matava 5 no HPS todo dia”.¹⁴³ Analisando a capa da primeira edição do *Jornal de Alagoas*, percebe-se que a primeira notícia em destaque é a posse do novo prefeito de Maceió, Guilherme Palmeira (PFL), com um enaltecimento para esse fato. Logo em seguida, foram abordadas as crises na saúde pública do estado.¹⁴⁴ É notório que o veículo de comunicação nesse momento está valorizando a nova gestão da prefeitura, e não a gestão estadual. Dentro da edição, segue uma página completa divulgando as informações das crises nos hospitais.

¹⁴¹ O *Bateau Mouche IV* foi uma embarcação de turismo que naufragou na costa brasileira no dia 31 de dezembro de 1988, mais precisamente na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, quando estava a caminho de Copacabana. Das 142 pessoas a bordo, 55 morreram. Acredita-se que a embarcação estivesse superlotada, além de apresentar uma série de falhas.

¹⁴² SERVIDOR acusa Collor e Ubiratan. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 1, p. A6, 1 jan. 1989.

¹⁴³ FALTA de socorro matava 5 pessoas por mês no HPS. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 1, p. A6, 1 jan. 1989.

¹⁴⁴ GUILHERME assume hoje – Estado inicia amanhã a luta para pagar o funcionalismo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 1, p. A1, 1 de jan. 1989.

Figura 26 – Jornal de Alagoas mostrando no primeiro dia do ano o caos na saúde pública



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 1 jan. 1989.

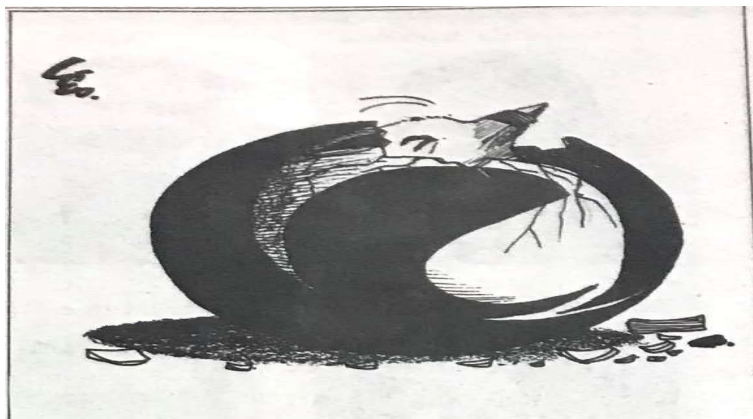
O texto da matéria é impactante, pois mostra ameaças que os servidores sofriam durante os plantões médicos, além da suspensão dos salários estabelecidos por Fernando Collor. O ano das eleições presidenciais de 1989 em Alagoas começou com problemas graves na popularidade do governador. O editorial da edição expressa a opinião do periódico da nova fase de Maceió, com o novo prefeito, colocando-o como salvador da cidade.¹⁴⁵ Na mesma página, o jornal prepara o leitor para uma série de notícias e manchetes sobre o Produban – Banco do Estado de Alagoas.¹⁴⁶

Passei a ter essa conclusão no decorrer das leituras das edições, quando a crise do Produban será notícia nos principais jornais do país. Então, na primeira edição do *Jornal de Alagoas*, o chargista Léo Villanova ilustrou a logomarca do banco do estado em formato de ovo, sendo rachado, e um filhote de pássaro saindo. Acredito que seja a representação do nascimento de um problema.

¹⁴⁵ PARA salvar Maceió. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 1, p. A10, 1 de jan. 1989.

¹⁴⁶ O Banco da Produção do Estado de Alagoas foi criado em 2 de julho de 1963 com o objetivo de incentivar a economia estadual, apoiando e financiando as atividades rurais, industriais e comerciais no estado.

Figura 27 – Ilustração do chargista Léo Villanova



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 1 jan. 1989.

Já a *Gazeta de Alagoas* iniciou 1989 sem mencionar os problemas na saúde pública, e emitiu um editorial com o título “Um ano de importantes episódios para Alagoas”. No texto, há uma sequência de previsões, entre elas a renúncia de Fernando Collor do cargo de governador e a ascensão do vice, Moacir Andrade, para o cargo efetivo. Essa renúncia representava, segundo o editorial, a candidatura de Collor para presidente nas eleições de 15 de novembro de 1989. Os primeiros dias úteis do ano, em Alagoas, foram anunciados nos jornais de maneiras diferentes.

A história do Produban merece uma atenção importante, pois as manchetes diárias durante o início de 1989 carregam informações relevantes sobre a instituição. O Banco do Estado de Alagoas foi criado em 1963, e depois de sua fundação todos os recursos federais ou de instituições de fomento chegavam a seus cofres. Em 1964, ganhou notoriedade nacional por ser o estabelecimento bancário que mais cresceu no Brasil, apresentando um lucro de 62 de bilhões de cruzeiros. Ganhou o *status* de um grande banco regional. O desmonte do banco começou em 1978, quando a Companhia Energética de Alagoas – CEAL – resolveu cortar/interromper o fornecimento de energia das indústrias que deviam muito à empresa, incluindo grandes usinas do estado e instituições do açúcar que já eram protagonistas na vida do banco. O governador da época, Divaldo Suruagy (PFL), evitou os cortes e ofereceu aos empresários empréstimos do Produban. Podemos afirmar que o grande problema que o *Jornal*

de Alagoas vai abordar exaustivamente em 1989 sobre o Produban começou com esse empréstimo.¹⁴⁷

Na década de 1980, ficaram mais estreitas as relações do Banco do Estado com os usineiros, pois a instituição sempre emprestava recursos para as usinas e a devolução não acontecia, ocasionando crises no Produban. As dívidas somavam cerca de 140 milhões de dólares, e os usineiros conseguiam liminares na justiça para não pagar esse valor, postergando a dívida para outros momentos. No livro do jornalista e ex-assessor de comunicação de Fernando Collor, Cláudio Humberto, *Mil dias de solidão: Collor bateu e levou*, o autor relata o episódio em que o então governador de Alagoas decide fazer o acordo com os usineiros sobre a dívida com o banco.¹⁴⁸ Humberto conta que Collor gostaria de fazer uma reforma agrária com as terras dos usineiros endividados, com isso fez audiências em Brasília com o ministro da agricultura, Iris Rezende, determinou atribuições para o secretário de planejamento da época e por fim convocou os 16 usineiros devedores de Alagoas para uma reunião e divulgar as condições para quitar a dívida. Os empresários não aceitaram bem as condições. O assessor de Collor escreve empolgado com a ideia do governador em revolucionar o estado com a reforma agrária. Mas em setembro de 1987 o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou inconstitucional a cobrança de Imposto sobre a Circulação de Mercadorias (ICM), conhecida como “cana própria”, praticamente o único tributo pago pelos usineiros. Assim, havia dois agravantes: o não pagamento das dívidas de milhões de dólares e agora o não pagamento de impostos. Muito se mencionou que essas jogadas dos usineiros foram uma maneira encontrada para se vingar de Fernando Collor.¹⁴⁹

O presidente da cooperativa dos produtores de açúcar de Alagoas apresentou a fatura de 150 milhões de dólares referente a cinco anos de recolhimento de impostos indevidos, ou seja, de acordo com a liminar Alagoas teria que devolver um valor maior do que o débito das empresas com o estado. A decisão do STF provocou a redução de 30% na receita do estado. Para Cláudio Humberto, Collor surpreendeu em não ter uma reação contrária, com isso o governador cedeu à decisão da justiça e reconheceu a existência do débito do tesouro. Conhecido como o acordo com os usineiros, essa decisão fez o estado de Alagoas devolver os

¹⁴⁷ TICIANELI, Edberto. História do Banco da Produção do Estado de Alagoas – Produban. **História de Alagoas**, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-banco-da-producao-do-estado-de-alagoas-produban.html>. Acesso em: 7 jan. 2022.

¹⁴⁸ HUMBERTO, Cláudio. **Mil dias de solidão: Collor bateu e levou**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 1993. p. 100.

¹⁴⁹ HUMBERTO, Cláudio. **Mil dias de solidão: Collor Bateu e Levou**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 1993. p. 168-182.

impostos recolhidos no prazo de dez anos. Há outras narrativas para esse fato, entre elas a versão do irmão do então governador, Pedro Collor.

Para Pedro, que escreveu o já citado *Passando a limpo: a trajetória de um farsante*, expondo críticas e denúncias contra o irmão Fernando, a história do acordo com os usineiros vai além de uma simples aceitação do governador com as ordens do STF. Pedro afirmou que Fernando se beneficiou, ganhando uma “caixinha” de 12 milhões de dólares para financiar sua futura campanha presidencial. Em troca, deu aos usineiros o direito de não pagar impostos por dez anos, não resistindo à liminar da justiça. Vale ressaltar que sem pagar os impostos muitas empresas dos usineiros cresceram no estado de Alagoas.¹⁵⁰

Então, para entender os motivos de tantas manchetes e matérias sobre o Produban, é válido buscar o início e os possíveis motivos das crises. Na edição do *Jornal de Alagoas* de 4 de janeiro de 1989, constam informações de protestos por parte dos funcionários do banco contra a privatização. Eles recorreram ao Banco Central para solucionar a crise e cobraram dos usineiros mais participações, a fim de solucionar o problema. Com os usineiros pagando o que deviam, o problema do Produban estaria solucionado. Percebe-se que o líder dos bancários na época, Claudionor Araújo, não emitiu críticas eles, apenas cobrou mais participação da classe.¹⁵¹ A notícia impactante do dia 5 de janeiro foi a da *Gazeta de Alagoas*, quando colocou em sua capa: “Usineiros são ‘presos’ no Produban”. A informação é carregada por uma imagem forte: três usineiros foram até o banco para mais uma reunião sobre o acordo de pagar as dívidas, e nesse momento os manifestantes cercaram a agência e gritaram: “Usineiros caloteiros, onde está nosso dinheiro...?”. Segundo a notícia, foi preciso chamar a polícia para garantir a saída dos industriais da sede do banco. O fotógrafo da *Gazeta*, Gilberto Farias, fez a imagem dos três usineiros saindo acompanhados por um grupo de policiais. Entre eles, estava o presidente da cooperativa da classe, João Tenório.¹⁵²

¹⁵⁰ MELLO, Pedro Collor de. **Passando a limpo: a trajetória de um farsante**. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 34.

¹⁵¹ PRIVATIZAÇÃO do Produban gera protestos. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 3, p. A6, 4 jan. 1989.

¹⁵² USINEIROS são “presos” no Produban: enfurecidos, os bancários sitiaram os devedores do banco durante 3 horas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 1, 5 jan. 1989.

Figura 28 – Usineiros são “presos” no Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 5 jan. 1989.

No dia 6 de janeiro, no *Jornal de Alagoas*, a manchete: “Produban tem apoio dos usineiros, mas falta decisão do banco central”. A explicação foi que a classe dos usineiros aceitava ou aceitaria pagar um valor de 40 milhões de dólares como sinal para a reabertura do banco. A notícia os colocou como protagonistas da reabertura, mostrando que, fazendo isso, salvariam o banco, e a classe dos bancários precisava, naquele momento, cobrar do Banco Central a decisão final. Vale ressaltar que o governador Fernando Collor estava de férias viajando pela Europa, precisamente em Paris, na França.¹⁵³

A *Gazeta de Alagoas*, também em 6 de janeiro, mencionou que o Banco Central esperava o sinal dos usineiros para pagar a dívida, caso contrário o banco entraria em liquidação. Percebe-se que a *Gazeta* não enalteceu nesse momento os donos de usinas, e sim o Banco Central. Na mesma edição foi publicada uma matéria contendo uma imagem bem significativa, com o título “Produban só reabrirá se os usineiros pagarem toda a dívida”. No texto, de crítica aos usineiros, o diretor de fiscalização do Banco Central, Tupy Caldas, revelou que a liquidação do Produban era irreversível caso os usineiros não pagassem de imediato o valor de 76 milhões de dólares. Ao lado da matéria, uma foto-em que consta um painel com a

¹⁵³ PRODUBAN tem apoio dos usineiros, mas falta decisão do banco central. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 5, p. A1, 6 jan. 1989.

frase “Denunciaremos à população as 18 usinas que geraram a liquidação do Produban”. Logo em seguida, os nomes das 18 usinas e o valor da dívida bilionária.¹⁵⁴

Figura 29 – Produban só reabrirá se os usineiros pagarem toda a dívida



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 6 jan. 1989.

Painéis como este, que denunciavam as usinas devedoras, seriam colocados em frente a todas as agências do Produban. Na mesma edição foi incluída uma tabela com o nome da usina e o saldo devedor do banco. Essa exposição o *Jornal de Alagoas* não fez, mas a *Gazeta* sim.

¹⁵⁴ PRODUBAN só reabrirá se os usineiros pagarem toda a dívida. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. 10, 6 jan. 1989.

DENUNCIAMOS A POPULAÇÃO AS 18 USINAS QUE GERAM A LIQUIDAÇÃO DO Produban.

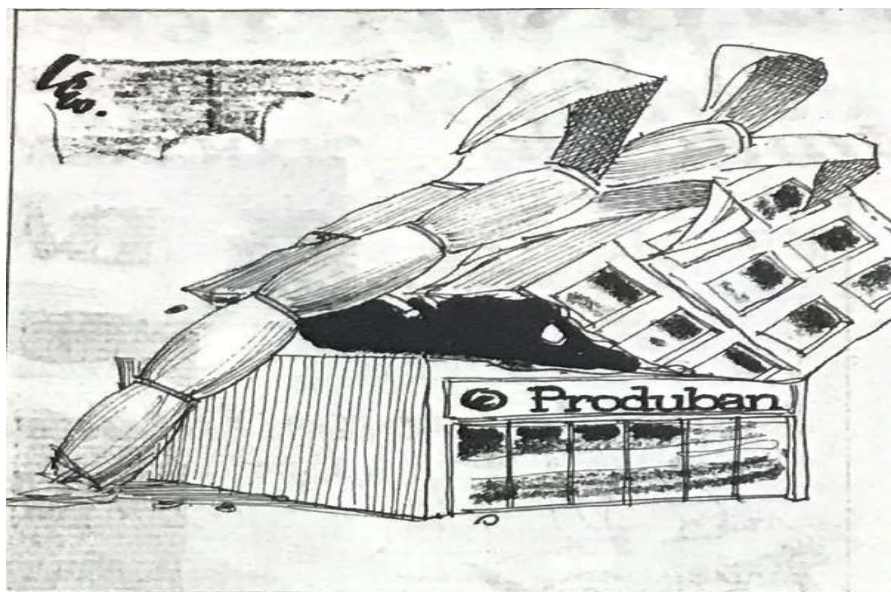
- ✓ USINA FERRAZ
- ✓ USINA ALZANI
- ✓ USINA BOTTENFANG
- ✓ USINA DO CUIABÁ
- ✓ USINA CUIABÁ
- ✓ USINA CUIABÁ - MURTA
- ✓ USINA CUIABÁ
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA
- ✓ USINA TUBA

VALOR DA DIVIDA 120 BILHÕES

SARCOS E SACAROSOS

Ainda no início de janeiro, os dois jornais anunciaram a reabertura do Produban. A *Gazeta* com imagens da festa dos funcionários, vibrando com a conquista, enquanto o *Jornal de Alagoas* não publicou imagens, apenas textos sobre os trâmites da reabertura. Este foi enfático em apontar que os alagoanos não poderiam ficar animados com a reabertura do banco. Na coluna “Informe geral”, do jornalista Ronaldo Cavalcante, este destacou que a população não deveria cometer o engano de achar que o estado enriqueceria, com isso diminuindo o desemprego. A única coisa certa seria os funcionários do banco voltarem a receber em dia. Na mesma página e edição, o chargista Léo Villanova publicou uma arte em que uma cana gigante aparece quebrando o prédio do Produban.

Figura 31 – Canavial quebrando o Banco do Estado, Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 7 jan. 1989.

Ficou nítido que, mesmo com o anúncio da reabertura, o *Jornal de Alagoas* criticou os usineiros, diferentemente das outras edições, em que se voltavam as críticas apenas para o Banco Central. Mesmo com a charge fazendo menção aos senhores da cana, o jornal manteve seu discurso contrário ao Banco Central e afirmou que os usineiros ajudaram na reabertura do banco.

No decorrer dos dias, ficou evidente um sentimento de que a “novela” do Produban parecia chegar ao fim, mas no decorrer das semanas surgiram outros capítulos dessa trama. O *Jornal de Alagoas* vendeu para o banco uma página inteira, para a instituição financeira fazer anúncio publicitário divulgando seu retorno, e ao mesmo tempo a importância do banco para Alagoas. O *slogan* era: “Vamos continuar investindo no desenvolvimento alagoano.”¹⁵⁵. Desenvolvimento para quem? Para as usinas devedoras? Na edição seguinte, o publicou em manchete a possível não abertura do banco. É válido entender que o Produban era um anunciante do jornal, e por motivos financeiros o periódico publicava as propagandas, beneficiando os interesses do governo do estado de Alagoas, mas ao mesmo tempo mantinham expostas suas críticas sobre a “novela” Produban. Não foi a primeira e muito menos a última vez que o *Jornal de Alagoas* esteve na função de anunciar coisas boas do governo de Alagoas, e ao mesmo tempo fazer críticas em suas matérias.

¹⁵⁵ O PRODUBAN é nosso! Vamos continuar investindo no desenvolvimento alagoano. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 11, p. B2, 13 jan. 1989.

O Plano Verão fez mais uma vez o Produban não reabrir, e possibilitou mais notícias para os periódicos. O novo plano econômico do governo Sarney se juntou aos outros dois anteriores como mais uma possível solução para acabar com a crise inflacionária do país. Uma das características foi o congelamento de preços, e sobre o novo método econômico o historiador David Maciel escreveu:

O Plano Verão foi a última tentativa programada e globalmente articulada de combate à inflação pelo governo Sarney. Retomando o hibridismo do Plano Bresser, o Plano Verão combinou um variado elenco de medidas ortodoxas com algumas de conteúdo heterodoxo, sendo as principais uma reforma monetária e um “choque” de desindexação. Em 14 de janeiro, entrava em vigor o Cruzado Novo (NCz\$), valendo Cz\$ 1.000; todos os mecanismos de reindexação da economia foram extintos, principalmente a URP e a OTN. Os salários foram convertidos para a nova moeda pela média dos 12 meses anteriores, acrescida de 26,1% relativa à URP prevista para janeiro. A partir disso, os reajustes salariais seriam livremente negociados até a definição de uma nova política salarial, a ser definida entre o governo e os participantes do pacto em, no máximo, três meses. Os preços foram congelados “no pico” por tempo indeterminado, a partir de 15 de janeiro, apesar de o governo ter autorizado reajustes para diversos produtos e tarifas antes da edição do plano. Para conter uma nova explosão da demanda, com o congelamento, e a especulação com estoques de produtos e com a moeda estrangeira, o governo aumentou significativamente a taxa de juros e desvalorizou o câmbio, “congelando” o dólar em um cruzado novo por tempo indeterminado.¹⁵⁶

Nesse processo, é válido ressaltar que o governo Sarney estava em constante baixa popularidade, e umas das questões prioritárias para esse resultado foi a economia. José Sarney chegou à presidência da República decorrente da morte do presidente eleito indiretamente, Tancredo Neves. Sarney era seu vice e tomou posse sem plano de governo e com uma crise social e econômica em constante crescimento. É notório que ele não esperava essa atribuição, sendo o primeiro civil a assumir o cargo de presidente pós-ditadura civil-militar. O presidente esteve presente no período militar atuando a favor do regime, logo só aumentava o conjunto de instabilidade de seu governo. Depois do Plano Cruzado e do Plano Bresser, a saída para solucionar a crise foi o Plano Verão. A missão era evitar a hiperinflação, que já estava batendo na porta do governo.¹⁵⁷ Todo o processo de crise econômica do Brasil foi em paralelo às crises do Produban.

¹⁵⁶ MACIEL, David. **De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

¹⁵⁷ FERREIRA, Jorge. O presidente accidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil republicano: o tempo da Nova República** (vol. 5): Da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018. p. 72.

Fernando Collor voltou de suas férias, e no dia 17 de janeiro os jornais publicaram informações ditas sobre o governador. Este surpreendeu em demonstrar esperança com o novo plano econômico do governo Sarney. Collor, em seu mandato de governador, foi crítico assíduo do presidente. A coluna “Política”, do *Jornal de Alagoas*, destacou a situação do estado, afirmando existir um processo de falência nos cofres públicos, e na mesma informação destacou o retorno de Fernando da Europa. Percebe-se a contradição na notícia entre a realidade do governador e a do estado.

Em fevereiro, seguiram-se os dilemas e agonias para resolver a crise econômica do estado. Ainda havia um fato marcante, a notícia de que os bancários destruíram um prédio de usina com bombas. As fotografias da informação mostram o estrago no local.

Figura 32 – Servidores do Produban bombardeiam escritório de usina



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 1 fev. 1989.

Quais foram os motivos para esse ato? Ainda a questão da abertura do Produban. Funcionários do banco foram até o bairro do Jaraguá para protestar na porta do escritório da usina Terra Nova, umas das devedoras do banco. Os bancários estavam no centro da cidade com os servidores do estado em protestos contra o governador Fernando Collor, em seguida foram até o Jaraguá fazer a manifestação nas entradas da cooperativa dos usineiros. Contudo, a polícia militar cercava o local, então o alvo de destruição foi o escritório da Terra Nova. Alagoas nesse dia respirou o caos no serviço público.

Comparando as informações, a *Gazeta de Alagoas* “esqueceu” de mencionar a grande passeata dos servidores do estado em protestos contra Fernando Collor. O periódico da família do governador destacou a manifestação dos bancários jogando bombas no escritório da usina. Também se utilizou das imagens dos manifestantes no centro da cidade contra o governo Collor, mas mencionou que a manifestação era referente apenas às questões do banco. O veículo de comunicação utilizou de duas páginas inteiras para retratar o assunto. As imagens publicadas foram as do incêndio no escritório da usina e de manifestantes nas ruas, mas afirmando que só existia uma reivindicação: a reabertura do Produban. A *Gazeta* fez fotografias das manifestações dos servidores, mas canalizada para os protestos dos bancários.¹⁵⁸

Há uma construção para cada informação. Mesmo a informação sendo apresentada como novidade, a depender de quem a produz, sua divulgação terá diferentes motivações. De acordo com Patrick Charadeau, existem diferenças no ato de informar: o descrever para identificar e qualificar os fatos, o contar que reporta os acontecimentos e por último o explicar, que fornece as causas desses fatos e acontecimentos.¹⁵⁹ Descrever, contar e explicar estão dentro dos periódicos, e essas três modalidades estarão nas páginas do *Jornal de Alagoas* e da *Gazeta de Alagoas*, dependendo do assunto a ser tratado e das motivações por trás de cada empresa, que nesse caso é o jornal.

Seguindo o mês de fevereiro, o *Jornal de Alagoas* usou seu editorial para opinar sobre a destruição no escritório da usina, além de trazer duras palavras sobre as manifestações dos bancários. No editorial “Clima de guerra”, o jornal demonstrou preocupação com a situação de Alagoas, mencionando a palavra “calamidade” para se referir às crises pelas quais o estado estava passando.¹⁶⁰ No final do texto, o periódico sugeriu que os governos federal e estadual se encontrassem para colocar Alagoas de volta aos caminhos de prosperidade e confiança para o seu povo. Na mesma edição, o veículo de comunicação publicou na íntegra os telegramas enviados pelos usineiros para o presidente José Sarney, o governador Collor e para o ministro da justiça, Oscar Correia Dias. Os textos se pareciam. Retratavam as explosões na sede de uma das usinas de Alagoas, nomeando aquela ação de terrorista. Os usineiros demonstraram medo.

Foram quatro os telex’s enviados pelo Sindicato do Açúcar e Cooperativa dos Produtores de Açúcar de Alagoas – denunciando o atentado a bomba contra o escritório da Usina Terra Nova – tendo como destinatários o presidente José Sarney, o ministro da Justiça, Oscar Correia Dias, o governador Fernando Collor e os três

¹⁵⁸ USINA tem escritório incendiado. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 10, 1 fev. 1989.

¹⁵⁹ CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016. p. 41.

¹⁶⁰ CLIMA de guerra. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 28, p. A4, 2 fev. 1989.

senadores alagoanos, Divaldo Suruagy, Teotônio Vilela Filho e João Lyra. Na mensagem, os empresários João Tenório e Jarbas Oiticica, presidentes, respectivamente, da Cooperativa e do Sindicato do Açúcar, denunciam a ação terrorista dos elementos extremistas infiltrados no movimento dos bancários que lutam contra a liquidação do Banco do Estado de Alagoas.¹⁶¹

Nas vésperas do Carnaval de 1989, a capa do *Jornal de Alagoas* ficou dividida entre a continuação da “saga Produban” e a expectativa da festa carnavalesca. É interessante lembrar que o estado estava em crise, o banco local fechado, além de toda uma conjuntura desfavorável para o alagoano “curtir” a festividade. A principal manchete da edição era de Brasília: “Maílson é contra a reabertura do Produban”.¹⁶² Maílson da Nóbrega era o ministro da Fazenda do governo Sarney, e não negava nas entrevistas o descontentamento com os rumos ou tentativas da reabertura do Banco de Alagoas. Utilizava termos do tipo “*Bateu Mouche*”, que nos sistemas bancários significa “quanto mais cedo o banco afundar, bem melhor”. Mas, segundo a matéria, esse desmerecimento com a justiça para a abertura do banco não era um tom agradável para o setor político, que almejava o Produban aberto para obter benefícios nas eleições seguintes:

Os políticos não só de Alagoas, mas também de outros estados ponderam que o fechamento do Produban implicaria desmoralização para todo o sistema de bancos estaduais. O caso Produban está na agenda de prioridades do Presidente Sarney.¹⁶³

Na iconografia dessa edição, o chargista Fred Ozanan fez uma crítica ao ministro Maílson, colocando na imagem na qual aparece como alguém muito pequeno para combater a grande inflação do Brasil. Vale lembrar que o país estava em um novo plano econômico, que inaugurou o ano de 1989. O editorial do dia também fazia ênfase ao governo Sarney e ao Plano Verão. Enquanto o periódico ligado ao grupo Diários Associados trazia detalhadamente a fala do ministro da Fazenda, a *Gazeta de Alagoas* resumia a informação colocando uma pequena nota na capa, afirmando que só depois do Carnaval o ministério se pronunciaria sobre o Produban. Na matéria, a voz é do secretário-geral do Ministério da Fazenda, Paulo César Ximenes:

O secretário-geral do Ministério da Fazenda, Paulo César Ximenes, informou que logo após o Carnaval concentrará atenções sobre o acordo proposto entre Banco Central e os usineiros de Alagoas, com vistas a suspender a liquidação extrajudicial do Produban. Após sua análise – que se presume seja favorável – o acordo necessitará

¹⁶¹ SETOR açucareiro sob ameaça acusa grupo extremista. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 28, p. A4, 2 fev. 1989.

¹⁶² MAÍLSON é contra a reabertura do Produban. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 31, p. A1, 5 fev. 1989.

¹⁶³ MAÍLSON é contra a reabertura do Produban. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 31, p. A1, 5 fev. 1989.

ainda de aprovação do ministro da Fazenda, Máílson da Nóbrega, e do Presidente José Sarney.¹⁶⁴

A notícia veiculada deixou o ministro em segundo plano, ainda para receber a informação e ao mesmo tempo exibir sua posição quanto ao assunto. Esse diálogo esteve diferente do *Jornal de Alagoas*. O editorial da *Gazeta*, daquela edição, mencionou o Carnaval “pobre” de Maceió, e a charge do dia retratou um baile de carnaval, onde as pessoas entravam na festa fantasiadas de “povo”, todos demonstrando a falta de dinheiro no bolso, e alguns vestidos de palhaço.

Figura 33 – Charge do ilustrador Nunes sobre o Carnaval



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 6 fev. 1989.

O trabalho nas pesquisas nos jornais faz os exercícios de analisar a opinião pública, ou opiniões públicas. Peter Burke cita em *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, que:

Seria realmente difícil escrever sobre a pré-história europeia, por exemplo, sem a evidência das pinturas das cavernas de Altamira e Lascaux, ao passo que a história do Egito antigo seria imensuravelmente mais pobre sem o testemunho das pinturas nos túmulos. Em ambos os casos, as imagens oferecem virtualmente a única evidência de práticas sociais, como a caça. Alguns estudiosos trabalhando em períodos posteriores também levaram imagens a sério. Por exemplo, historiadores de atitudes políticas, “opinião pública” ou propaganda já estão utilizando há tempos a evidência das imagens.¹⁶⁵

¹⁶⁴ SOLUÇÃO para o Produban sairá após o carnaval. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A1, 5 fev. 1989.

¹⁶⁵ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. p. 15.

A menção nesse texto é referente à análise da manchete do *Jornal de Alagoas* do dia 9 de fevereiro, em que o veículo de comunicação publicou: “Recomeça luta para salvar o Produban”. Essa frase está logo abaixo do nome do jornal. Em seguida foi publicada uma foto de pessoas dançando frevo em algum clube de Maceió durante os bailes de Carnaval. A imagem coloca em destaque uma mulher em trajes carnavalescos durante o ato da dança. Intencionalmente, o jornal divide as notícias da economia de Alagoas com os festejos de Carnaval em uma diagramação aparentemente confusa, com duas notícias completamente diferentes no mesmo plano.

Figura 34 – Manchete do *Jornal de Alagoas* dividida entre informações do Produban e o Carnaval



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 9 fev. 1989.

Existe nesse processo uma análise do projeto gráfico, pois as primeiras páginas do jornal funcionam como vitrines de publicações, indicando ênfases em determinados temas e assuntos. A “desorganização” faz parte desse projeto gráfico editorial.¹⁶⁶ Quanto à notícia da reabertura do banco, o texto menciona apenas as tentativas de encontros dos parlamentares alagoanos e funcionários com o presidente Sarney. Ambos os setores, segundo a publicação, estavam desesperados.¹⁶⁷

¹⁶⁶ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

¹⁶⁷ RECOMEÇA luta para salvar o Produban. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 32, p. A1, 9 fev. 1989.

Em fevereiro, a *Gazeta de Alagoas* publicou uma reportagem enfatizando o saldo devedor dos Usineiros com o ICM – Imposto sobre Circulação de Mercadorias. Não podemos confundir essa dívida com a dos empresários da cana com o Produban. Nessa questão, são débitos referentes àquele acordo confuso que o governador Fernando Collor fez e aceitou entre o Judiciário e os usineiros. Na matéria da *Gazeta*, o secretário da Fazenda do governo Collor afirmou que cobraria os impostos que os empresários da cana deviam, com o título “Usinas devem NCz\$ 9,2 milhões de ICM – São impostos sonegados que o Estado vai cobrar à justiça”. A *Gazeta*, além da informação da cobrança sobre os valores, inseriu na capa o título “A verdade sobre o ICM.” No texto, foram colocadas justificativas para o não pagamento desse imposto, assinadas pelo Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de Alagoas e a Associação de Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de Alagoas. Percebe-se que há uma “confusão” de manchetes, pois na mesma capa está a crítica e a justificativa sobre o ICM. Mas com um detalhe importante: enquanto o secretário da Fazenda Luiz Dantas cobra o pagamento dos impostos, é provável que os setores da cana-de-açúcar pagaram a *Gazeta de Alagoas* para publicar uma nota explicativa. O jornal da família de Fernando Collor fazia as denúncias e divulgava a cobrança, mas é possível que tenha ocorrido a venda aos órgãos devedores de espaço no periódico para a publicação de uma nota explicativa.¹⁶⁸

Figura 35 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* mencionando questões econômicas do estado



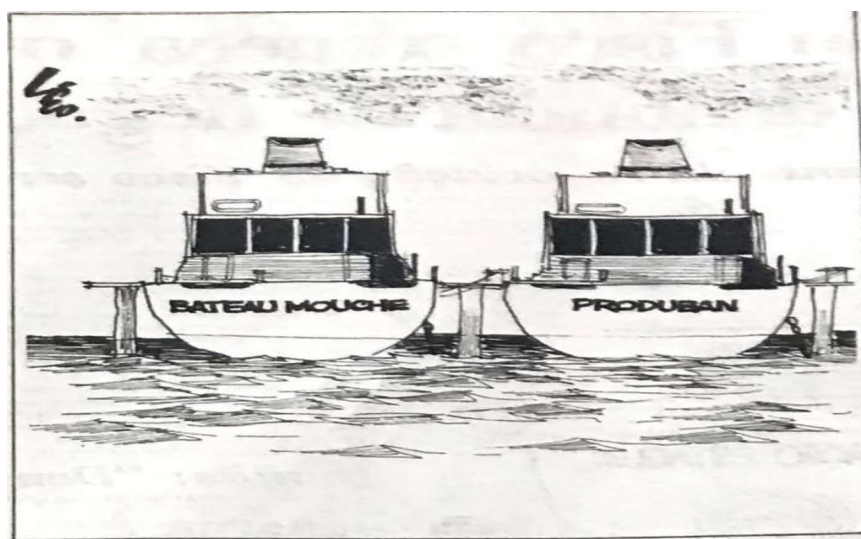
Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 11 fev. 1989.

Na página 8 dessa edição, não há notas explicativas sobre o débito, e os espaços são de críticas aos usineiros e de mais protestos dos bancários sobre as não negociações de abertura

¹⁶⁸ USINAS são acionadas na justiça para pagar ICM. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A8, 11 fev. 1989.

do Produban. O débito, mesmo sendo de impostos a serem arrecadados para o estado, é do mesmo grupo que ajudou o Produban a entrar em crise: os usineiros. A nomenclatura “*Bateau Mouche*”¹⁶⁹ voltou a ser mencionada no *Jornal de Alagoas*, agora através das charges de Léo Villanova. Dessa vez colocando o navio *Bateau Mouche* ao lado de outro chamado Produban, fazendo analogia de que os dois afundariam.

Figura 36 – Ilustração do chargista Léo Villanova sobre a referência do *Bateu Mouche* e o Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 11 fev. 1989.

Na mesma página, na seção “Opinião”, o jornal diariamente publicava uma coluna chamada “Jornal do leitor”. Eram depoimentos de pessoas que expressavam suas opiniões sobre algum fato da sociedade alagoana. Entre os textos publicados, está o de Leopoldino Silva, que lamentou a situação do Produban e cobrou das autoridades públicas alguma solução, mencionando que o povo foi enganado com a notícia de reabertura, mas até aquele momento nada tinha sido feito. Leopoldino relatou: “A propaganda ‘O Produban é nosso’ e várias outras que são exibidas diariamente na televisão, finalmente, eu já não acredito mais na reabertura do banco”. A seção “Opinião” dessa edição evitou publicar editorial sobre o tema, mas trouxe charges e “a opinião pública” em cena.

O Jornal de Alagoas resolveu no dia 12 de fevereiro dedicar seu editorial para contar como surgiu o Produban, com o título “Alagoas e o Produban”, destacando nos últimos

parágrafos a “agonia” dos alagoanos com as indefinições quanto à reabertura. Mencionou que toda Alagoas estava exausta do processo doloroso com o banco do estado e afirmou que a culpa daquela crise estava nas mãos dos grandes poderosos de Alagoas. A posição do jornal nesse editorial tinha a intenção de explorar a questão emocional dos leitores ao abordar em suas páginas a história da maior instituição financeira do estado, passando a ideia que seu retorno às atividades parecia cada vez mais distante. Além disso, pressionou o governo federal ao sugerir que o presidente Sarney pouco se esforçava para resolver a questão.

No texto, em seu final, há a intenção de demonstrar unidade, utilizando a expressão “todas as nossas lideranças”. Dessa forma, o periódico aparece como interessado no fim da “novela Produban”. Segue o trecho final:

Todas as nossas lideranças devem permanecer exigindo o apressamento dessa solução indispensável ao bom êxito dos esforços que vêm sendo desenvolvidos no sentido de se evitar a interrupção do desenvolvimento econômico e social ou o agravamento da fome e da miséria em cada região do território alagoano. E proporcionar o fim do silêncio das máquinas registradoras do Banco do Estado que vinha se destacando no rol das mais prósperas instituições creditícias do País.¹⁷⁰

O *Jornal de Alagoas* demonstrava preocupação e explanava essa questão também nas matérias quando mencionava o Plano Verão, informando que os rendimentos do Produban congelaram com o novo plano econômico. Assim, havia dois problemas: a não reabertura do banco e o dinheiro dos correntistas congelados sem rendimento.

3.2 ATORES POLÍTICOS EM DESTAQUE: A CRISE DO PRODUBAN E O CONTEXTO NACIONAL

O mês de fevereiro foi fechado com o *Jornal de Alagoas* se dedicando com mais profundidade sobre a situação do banco. A cada dia novas notícias, transformando, de fato, a questão em uma série. Essa série foi atrelada a dois nomes fortes da política alagoana na época: Guilherme Palmeira, prefeito de Maceió¹⁷¹, e Divaldo Suruagy, senador de Alagoas¹⁷². Esse último aparecia com recorrência nas páginas do *Jornal de Alagoas* com “soluções” para

¹⁷⁰ ALAGOAS e o Produban. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 35, p. A8, 12 fev. 1989.

¹⁷¹ Alagoano de Maceió, Guilherme Gracindo Soares Palmeira nasceu em 25 de dezembro de 1938. Formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi integrante do antigo partido Aliança Renovadora Nacional (Arena) e um dos fundadores Partido da Frente Liberal (PFL). Elegeu-se deputado estadual por três vezes, sendo sua primeira vitória em 1966. Foi governador de Alagoas em 1979 e senador da República na década de 1990.

¹⁷² Divaldo Suruagy (São Luís do Quitunde, 5 de março de 1937-Maceió, 21 de março de 2015) foi professor, economista, escritor, historiador e político. Por Alagoas, foi governador durante três mandatos, senador, deputado federal em duas ocasiões e deputado estadual, além de prefeito da capital Maceió. Seu último partido político foi o PR, do qual foi filiado de 2006 até sua morte.

revolver os problemas do estado, enquanto o prefeito Palmeira era bastante criticado por sua gestão na *Gazeta de Alagoas*. A linha cronológica dos fatos mostra primeiro o anúncio da viagem do prefeito até Brasília em busca de recursos para Alagoas e ao mesmo tempo negociar com o presidente Sarney as questões do Produban. O jornal anunciou em primeiro plano que a situação seria resolvida naquele dia, mas na edição seguinte tem a publicação do adiamento da reunião entre o prefeito e o presidente.¹⁷³ Nisso, Léo Villanova publicou uma charge em que o presidente joga no fundo do mar o Produban, sendo representado pela sua logomarca, acorrentada em uma pedra de uma tonelada. Essa imagem cria a interpretação que Sarney gostaria de se livrar do problema, pois desde novembro de 1988 esse assunto não terminava.

Figura 37 – Ilustração do chargista Léo Villanova fazendo menção ao presidente José Sarney e ao Banco Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 15 fev. 1989.

Sarney transferiu a responsabilidade do Produban para o ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega. O *Jornal de Alagoas* publicou essa informação, e para o leitor assíduo só mostrava que nada tinha sido resolvido. Vale ressaltar que toda essa questão da crise econômica de Alagoas se encontrava com a crise nacional dos congelamentos de preços, em que os produtos sumiam das prateleiras dos supermercados. Sobre o Plano Verão, Jorge Ferreira escreveu:

Em janeiro de 1989, o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega abandonou a política “arroz com feijão” e lançou novo plano de estabilização econômica, o Plano Verão. A receita era conhecida: o desacreditado congelamento de preços seguido de outras

¹⁷³ GUILHERME tem hoje reunião com Sarney e pedirá recursos. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 37, p. A1, 15 fev. 1989.

medidas, como a troca de moeda. Ele sabia que não teria o que fazer. A missão era evitar a hiperinflação até a posse do novo presidente, em janeiro do ano seguinte [...] As principais medidas anunciadas pelo Plano Verão foram (1) um novo congelamento de preços e salários; (2) eliminação da indexação, exceto para depósitos de poupança; (3) a introdução de uma nova moeda, o “cruzado novo”, equivalente a 1.000 cruzados; (4) o controle de expansão da moeda através de restrições ao crédito, com aumento de depósito compulsório dos bancos e redução do prazo de empréstimos aos consumidores de 36 para 12 meses; (5) uma nova desvalorização e a centralização cambial [...] Entre os planos econômicos da Nova República, o Plano Verão foi o que mais rápido esgotou-se.¹⁷⁴

O alagoano convivia com as incertezas do Produban e do novo plano econômico do governo Federal. No dia 25 de fevereiro, o *Jornal de Alagoas* publicou: “Maílson só reabre Produban se Collor aceitar a privatização”. O ministro da Fazenda colocou na mesa o acordo em que só reabriria o banco se o Estado passasse apenas a comandar 48% da instituição e a outra parte ser privatizada.¹⁷⁵ Fernando Collor, que pouco comentava a respeito da situação, pois estava mais preocupado com a construção de sua imagem, teria que tomar uma decisão. O governo aceitou, mas o ministro Maílson recuou e fez outra proposta: o estado vender 68% do Produban para a privatização. Essa informação das mudanças de propostas do Ministro da Fazenda esteve nos dois jornais, que, a partir desse momento, vão manter discursos parecidos, expondo que as partes interessadas na reabertura do banco eram contrárias a esse acordo, assim como o próprio governo de Alagoas. A *Gazeta* até usou o termo “ameaça” quando explorou em sua manchete: “Maílson ameaça privatizar o Produban”.¹⁷⁶

No centésimo dia de fechamento do banco, o presidente do sindicato dos bancários, Claudionor Araújo, concedeu entrevista à *Gazeta de Alagoas* e afirmou que em hipótese alguma o estado poderia aceitar a chantagem do ministro da Fazenda, sugerindo que a ideia do governo federal seria entregar o banco do estado para os banqueiros nacionais. A *Gazeta* publicou no título: “Bancários vão resistir à privatização do Produban”.¹⁷⁷

O mês de março de 1989 teve dias movimentados devido ao tema Produban. A partir desse mês, as manchetes passaram a associar as informações do banco com o nome de Fernando Collor nas eleições presidenciais. A crise persistiu, aumentaram as incertezas, mas o nome do governador de Alagoas também cresceu nas pesquisas para as intenções de voto. No início do

¹⁷⁴ FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil republicano: O tempo da Nova República – da transição democrática à crise política de 2016**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 72-118.

¹⁷⁵ MAÍLSON só reabre Produban se Collor aceitar a privatização. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 46, p. A1, 25 fev. 1989.

¹⁷⁶ MAÍLSON ameaça privatizar Produban – Ministro exige que o Estado deixe de ser acionista majoritário. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 25 fev. 1989.

¹⁷⁷ BANCÁRIOS vão resistir à privatização do Produban. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 26 fev. 1989.

mês, os bancários foram mais uma vez às ruas de Maceió contra a não abertura do Produban e investiram nas fortes críticas ao ministro Máílson da Nóbrega. Os manifestantes usaram bonecos que representavam o ministro e que horas depois foram queimados.¹⁷⁸

Figura 38 – Manchete do *Jornal de Alagoas* fazendo referência às manifestações dos bancários do Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 4 mar. 1989.

Os manifestantes mudaram a estratégia. Além de fazer a caminhada no centro da cidade, cercaram a principal agência do Banco do Brasil, causando transtornos no sistema bancário, pois o dinheiro não entrava e não podia sair da agência. Manchete do *Jornal de Alagoas*: “Manifestantes fecham o Banco do Brasil”. Na *Gazeta de Alagoas*: “Protesto contra Máílson e fim do Produban param BB”. Acampar nas entradas do Banco do Brasil foi estratégico e cirúrgico. Muitos manifestantes estavam com frases na camisa: “Movimento Produban, isso é da sua conta”. E o sindicalista Antônio Manoel pedia desculpas à população na porta do banco, dizendo que tudo que estava sendo feito era para o bem de Alagoas. A *Gazeta de Alagoas* escreveu:

Um dos impasses que levaram ao fechamento do Produban, ressalta Antônio Manoel, foi a intransigência das 18 usinas e da Cooperativa, responsável por uma dívida superior a US\$ 215 milhões, porém que se dispunham a pagar US\$ 76 milhões, relativo a 1/3 da dívida “Os funcionários do Produban estão com fome, ameaçados de demissão. No entanto, o proprietário da Usina Santa Clotilde, um dos caloteiros do Banco do Estado, comprou sua cesta de Natal em Nova Iorque”. Disse também que

¹⁷⁸ MANIFESTANTES fecham o Banco do Brasil. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 52, p. A1, 4 mar. 1989.

não está jogo somente os empregos dos 1.300 servidores, mas toda a economia de Alagoas.¹⁷⁹

Os bancários lutavam pela reabertura e, conseqüentemente, a não privatização e a não demissão em massa dos funcionários. Essa era a cadeia de prioridades. A *Gazeta*, então, aproveitou a cobertura do ato e publicou uma matéria com críticas ao presidente Sarney. Essas críticas serão cotidianas, pois o governador Collor – que pouco falava sobre o Produban – criticava abertamente o governo federal.

Permanecendo em março, o *Jornal de Alagoas* publicou duas páginas inteiras com informações, opiniões e entrevistas sobre o Produban. O mais interessante é que essa reportagem especial estava com assinaturas. Foram 7 jornalistas que assinaram a matéria. Algo interessante, pois nas publicações jornalísticas são raras as assinaturas, a não ser quando colunas. O conteúdo da reportagem é desafiador, e com tons de desabafo, tendo o título “Produban: 107 dias de crises, agonia, incerteza e luta de uns poucos”. A sequência começa com o texto de Marcelo Firmino, que traz uma escrita com tons de editorial.

Vale associar esse momento do jornal com o texto “A opinião pública”, do historiador Jean-Jacques Becker. Didaticamente, indica as funções da opinião pública e como se constrói esse segmento. O autor explana um exemplo da importância das documentações, pois se estas faltam, não nos permite saber qual foi o comportamento dos indivíduos diante de um acontecimento. As opiniões públicas sobre as crises são essenciais para a construção da problemática. Becker enfatiza:

Pode-se fazer história segundo todos os tipos de dimensões: comprimento, largura e profundidade. A da opinião pública é uma história em profundidade, o que não significa que os outros setores da história sejam superficiais! Deve-se entender por histórias em profundidade uma história que tem como finalidade perceber, da maneira mais precisa e segura possível, a atitude, o comportamento dos homens confrontados com os acontecimentos.¹⁸⁰

O texto de Marcelo Firmino é uma breve linha da publicação sobre o Produban, em que explana que Alagoas vivia um drama, uma novela sem fim, que a grande vítima era a população. O repórter não ponderou nas palavras e nas perguntas e questionou de quem era a culpa:

O fato é que já se passaram meses e tudo continua como antes, ou seja, com o um dia após as eleições passadas. O banco fechado, os bancários aterrorizados, a sociedade reclamando e o Governo federal, que decretou a liquidação, calado. ‘É uma questão

¹⁷⁹ CERCO do B. do Brasil começou logo de manhã. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A3, 25 fev. 1989.

¹⁸⁰ BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 186.

política', dizem uns; 'a culpa é dos usineiros', falam outros; 'o Governo do Estado é que sacou a descoberto', rebatem alguns. Sarney faz vistas grossas, Mailson balança a cabeça e os homens do Banco Central apenas dizem amém. Ninguém quer saber se o Produban é nosso, se é um patrimônio do povo alagoano. Mas é. São 107 dias de sofrimento para a família do 'Produban nosso de cada dia'.¹⁸¹

Seguindo a reportagem especial, além dessa fala de Marcelo Firmino, há outras reportagens enfocando os problemas, entre elas a matéria sobre estimativa de 500 mil desempregados se realmente o Produban fosse liquidado, pois esse possível acontecimento poderia colapsar o sistema de trabalhadores da cana-de-açúcar. O presidente do sindicato dos bancários, Claudionor Araújo, repetiu a sua preocupação quanto aos mais cem dias de incertezas, evidenciando que o Banco Central estaria humilhando Alagoas e o Produban viveria uma calamidade.

Essas duas páginas especiais com a diagramação organizada mostram ao leitor um panorama do banco do estado. Na semana seguinte, os dois periódicos, de maneira coincidente, publicaram charges com críticas à situação do banco. A *Gazeta*, através do chargista Nunes Lima, mostrou um homem sentado em frente à televisão, que anunciava: "Assista agora a novela Produban". No *Jornal de Alagoas*, o chargista Léo Villanova ilustrou o ministro da Fazenda com um machado indo cortar uma árvore que tinha o formato da logomarca do Produban. Dias depois foi publicada outra charge com a árvore Produban cortada pelo ministro Mailson. Essa ilustração é referente às várias tentativas de negociações com o titular da pasta da economia nacional, que manteve o discurso da privatização.

Figura 39 – Ilustração do chargista Nunes na *Gazeta de Alagoas* fazendo menção ao Produban



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 7 mar. 1989.

¹⁸¹ FIRMINO, Marcelo. Produban: 107 dias de crise, agonia, incerteza e luta de uns poucos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 53, p. A6, 5 mar. 1989.

Figuras 40 e 43 – Sequência das ilustrações do chargista Léo Villanova mostrando o ministro da Fazenda Mailson da Nobrega cortando a “árvore Produban”



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 7 mar. 1989.

Em abril, no dia 4, a *Gazeta* publicou mais uma charge sobre o Produban, deixando mais enfático que o problema da questão eram as usinas. Na imagem, aparece uma usina com uma grande chaminé saindo fumaça com o formato do nome banco. Abril foi o mês em que finalmente os servidores do Produban receberam os salários de janeiro, fevereiro e março, além da primeira parcela do décimo terceiro de 1988. O *Jornal de Alagoas* publicou uma entrevista com o Senador João Lyra, que também era usineiro. Uma página inteira dedicada ao político-empresário, comentando as eleições presidenciais de 1989 e o Banco do Estado de Alagoas. Vale lembrar que o industrial também fazia parte do grupo dos grandes usineiros do estado, onde a grande maioria tinha dívidas com o banco. O *Jornal* possivelmente vendia páginas de entrevistas para políticos, era cotidiano isso acontecer. Com João Lyra não seria diferente?

Houve alguns silenciamentos sobre o caso Produban. O *Jornal de Alagoas*, por exemplo, no mês de maio pouco noticiou as questões do banco. Só em junho que surgiram informações mais precisas, acompanhada de charges. A notícia estava no caderno de economia do periódico, alegando que Sarney estaria revendo a situação da reabertura. É perceptível o sensacionalismo sobre o banco, pois os termos usados para noticiar alguma novidade sempre eram carregados de decisões: “Governo define hoje caso Produban”; “A definição da reabertura será hoje”; “Sarney decide hoje”. Foram meses com publicações desse porte. Os leitores alagoanos já estavam acostumados com o que estava acontecendo. “Governo federal pode decidir hoje reabertura de Produban” – esse foi título do dia 2 de junho, ao lado de uma charge com o presidente Sarney tirando areia do “túmulo Produban”. A interpretação é que o governo Federal

estava desenterrando o cadáver, o banco que estava morto. Percebe-se que o autor da charge é Léo Villanova, que desenhou o ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega cortando a “árvore Produban”.¹⁸²

Figura 41 – Ilustração do chargista Léo Villanova sobre a possível reabertura do Produban



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 2 jun. 1989.

A situação do Produban virou tema de seminários e eventos, e os bancários aproveitaram a oportunidade para explicar o possível futuro da instituição. Nas entrelinhas, era notória a falta de perspectiva para a solução do problema. No dia 27 de junho, o noticiário do *Jornal de Alagoas* surpreendeu. Os funcionários compareceram para trabalhar, um ato de resistência, que fez até o Banco Central emitir elogios. Não havia muito o que fazer, mas sim ocupar o espaço das agências. Talvez essa atitude tenha gerado uma motivação para o Banco Central anunciar outra vez uma possível reabertura. Isso foi depois dos usineiros anunciarem novamente que pagariam uma parcela da dívida com o banco. Contudo, a *Gazeta de Alagoas* estava focando mais na candidatura à presidência de Fernando Collor. O ex-governador não comentava ao respeito do banco, e muito menos sobre as crises de Alagoas. O foco agora eram as eleições, e a *Gazeta* estava pronta para promover sua imagem e tentar derrubar a do presidente Sarney.

No mês de agosto, o *Jornal de Alagoas* publicou um editorial com tons de esperança para a reabertura do banco do estado. As palavras são carregadas de confiança sobre o governador Moacir Andrade (PMDB) e de que teria chegado o momento certo. Setembro foi o mês histórico, o Produban foi reaberto depois de mais de nove meses fechado, tendo seus

¹⁸² GOVERNO federal pode definir hoje reabertura do Produban. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 124, p. A7, 2 jun. 1989.

funcionários protestando, brigando contra a privatização e as negativas vindas do governo federal, especialmente de Mailson. No *Jornal de Alagoas*, as palavras eram de otimismo, apenas afirmando que o Banco Central reverteu a liquidação. Além de ser manchete durante dois dias seguidos, as páginas dos periódicos eram carregadas de entrevistas com os principais envolvidos durante todo o tempo e da felicidade do governador Moacir Andrade, enfatizando que daria exemplo, indo a uma agência do banco para fazer algum depósito. Uma imagem em especial chama atenção: a propaganda do governo do estado comemorando a reabertura do seu banco. No anúncio, foi divulgada a foto de um grupo de pessoas com crianças, adultos e idosos, alguns deles representando profissões. No texto: “Estes são os verdadeiros donos do Produban. O povo alagoano.” Além do título, a propaganda tinha texto leve e que no final mencionava: “Lutamos e resistimos para manter vivo e forte o nosso banco”.¹⁸³ Ficou algo em aberto: os usineiros pagaram algum valor ao banco? Sim, de U\$ 12.600 milhões (doze milhões e seiscentos mil dólares), que, transformando em cruzado, passaria para uma quantia de NZc\$ 34,5 milhões (trinta e quatro milhões e quintos mil cruzados novos), somando-se com NZc\$ 90 milhões do Banco Central (noventa milhões de cruzados novos); assim, o Produban teria o suficiente para fazer suas transações.

O clima festivo dos funcionários fez os jornais até anunciarem que teria comemoração no clube do Produban. Era um momento marcante. “Lavei a alma”, foi a frase do presidente do Sindicato dos Bancários. A *Gazeta de Alagoas* fez uma cobertura mais “empolgante” para esse evento: investiu em fotos coloridas nas manchetes, colocando o governador Moacir Andrade no centro da imagem fazendo um depósito na agência central. Além dessa imagem, outras estavam espalhadas pela edição, e o fotógrafo Gilberto Farias teve o cuidado de capturar imagens de pessoas sorrindo dentro do Produban.

¹⁸³ PRODUBAN reabre hoje, às 10hs. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 204, p. A1, 6 set. 1989.

Figura 42 – Propaganda do banco Produban divulgando a reabertura da instituição



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 6 set.1989.

Figura 43 – Manchete da Gazeta de Alagoas explanando a animação dos funcionários do Produban



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 6 set. 1989.

A *Gazeta*, ainda no mês de setembro, publicou uma reportagem especial colando a trajetória do banco do estado nos momentos de protestos, com várias imagens das manifestações

no centro de Maceió, como também na orla marítima da capital. O título da reportagem especial ficou assim: “Valeu a pena resistir: o Produban voltou!” Até quando o retorno permaneceria? Depois desse feito, os dois grandes periódicos de Alagoas canalizaram suas informações para outros problemas locais do estado e para o assunto principal do ano: as eleições presidenciais de 1989. O Produban foi apenas um dos grandes problemas de Alagoas que, ironicamente, contribuiriam para eleger Fernando Collor de Mello para o cargo de presidente da República.

3.3 CRISE NO FUNCIONARISMO PÚBLICO OU MORALIZAÇÃO?

As crises de Alagoas não se resumiam apenas ao banco do estado, mas também se estendiam aos servidores, que em janeiro ainda estavam recebendo salários do ano anterior e brigavam por uma data certa para receber os vencimentos. O *Jornal de Alagoas* começou a enfatizar essas questões ainda na semana da reabertura do banco. No dia 11 de janeiro de 1989, estampou a manchete: “Funcionalismo entra em greve geral – e só negociam depois do pagamento de dezembro e do 13º”¹⁸⁴. Essa manchete é sintomática, pois carregou imagens de servidores fazendo assembleia e reivindicando mais 23 pontos, que incluíam reajustes salariais. O governador Fernando Collor ainda estava de férias, e seu vice Moacir Andrade teria a missão de falar para imprensa e justificar os atrasos dos salários. As notícias de greve disputavam o lugar com a figura de um velho político alagoano, Divaldo Suruagy, rival político de Collor. Ele apareceu na capa do jornal mostrando que Alagoas precisava de um nome para unir o povo. O público estava lendo a respeito de um problema e ao mesmo tempo alguém dizendo que Alagoas precisava de um salvador. No *Jornal de Alagoas*, foram recorrentes essas analogias de disputas de espaços.

Sobre o início da greve dos servidores, a *Gazeta de Alagoas* expôs o problema e afirmou que o governo buscava empréstimos de 20 milhões de dólares para solucioná-lo, deixando evidente que o Estado deveria aparecer para os leitores como solução, e não como problema. Andrade achou justa a greve, mas justificou colocando a culpa na hiperinflação da época e nas “perseguições” do governo federal. Na capa dessa edição da *Gazeta* estavam inseridos os motivos da falta de pagamento em dia e destacava três notícias: além da greve dos servidores, havia a busca de empréstimos para o estado e a obra do emissário submarino, considerada um dos grandes feitos da gestão Collor em Alagoas. Essa notícia do emissário ganhou uma página

¹⁸⁴ FUNCIONALISMO entra em greve geral – e só negociam depois do pagamento de dezembro e do 13º. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 9, p. A6, 11 jan. 1989.

inteira na edição, mostrando fotos da evolução da obra, os investimentos de cada etapa e o governador em exercício inspecionando o local. A *Gazeta de Alagoas* buscava na edição mostrar o problema da greve dos servidores e a grande obra da gestão. É sempre bom ressaltar que o periódico pertencia à família Collor de Mello.¹⁸⁵

Sobre a questão da greve dos servidores, o *Jornal de Alagoas* publicou com mais ênfase e críticas à gestão estadual; no dia 12 de janeiro, a edição do periódico mais antigo do estado publicou: “Greve do funcionalismo estadual mobilizou 90% da categoria no 1º dia”. A matéria seguiu informando que enquanto no palácio do governo Moacir Andrade anunciava pacotes de medidas para reduzir despesas no estado, os manifestantes servidores estavam na frente do palácio gritando e protestando contra a gestão. Os líderes da greve anunciaram uma passeata para o fim de semana seguinte, na orla marítima, distribuindo panfletos nas portas dos hotéis, direcionado aos turistas, para estes terem a noção da real situação do funcionalismo em Alagoas. Essa atitude tinha, além da mobilização grevista para o público interno, outros objetivos. Um deles seria expor para os visitantes o que os grevistas consideravam uma má gestão do governador Collor e, assim, confrontar a imagem do bom gestor que era fabricada, construída e divulgada fora de Alagoas. O governador já acenava para o Brasil como um possível candidato à presidência. O *Jornal de Alagoas* ainda publicou na mesma edição: “Estado suspende gratificação e demitirá muitos servidores”¹⁸⁶ O governo Collor estava prestes a anunciar listas de servidores demitidos com a justificativa de “enxugar” a folha salarial.

A *Gazeta de Alagoas*, ainda em janeiro, publicou que a adesão à greve estava baixa, salientando que a massa dos servidores não estava motivada. E na mesma página várias reportagens informavam soluções para superar a crise e o anúncio do pagamento dos salários para o dia seguinte. Mais uma vez a *Gazeta* utilizou a reprodução fotográfica para justificar suas informações. O fotógrafo Gilberto Farias capturou uma cena próxima a um pequeno grupo de pessoas e, ao ler a reprodução e analisar automaticamente, é criada uma interpretação que realmente existia pouca gente na manifestação. O mesmo fotógrafo, na edição seguinte, mostrou de longe com os funcionários do Produban na porta do banco, e a interpretação é que muita gente estava à espera da reabertura da instituição financeira. O ângulo da *Gazeta de Alagoas* vai além de uma simples fotografia. No dia seguinte, mais uma vez o *Jornal de Alagoas* enfatizou a greve, afirmando que a intenção também foi trabalhar a imagem do governador Fernando Collor perante a opinião nacional.

¹⁸⁵ EMISSÁRIO conclui as obras mar. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 10, 11 jan. 1989.

¹⁸⁶ ESTADO suspende gratificações e demitirá muitos servidores. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 10, p. A1, 12 jan. 1989.

Figura 44– Imagem dos servidores públicos em manifestação – fotografia em plano fechado



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 12 jan. 1989.

Figura 45 – Imagem dos funcionários do Produban em manifestação – fotografia em plano aberto



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 12 jan. 1989.

É importante entender que há uma análise delicada sobre cada jornal, antes da análise propriamente das manchetes e matérias das questões aqui mencionadas, e as que serão mencionadas no decorrer das explanações. Ao folhear os dois periódicos, são notórias as diferentes posições das manchetes, fotos e títulos sobre o mesmo tema, mas cada veículo dando

destaque a abordagens e interpretações diferentes. Existe uma hierarquização no tocante aos conteúdos e seus ângulos. Quando se coloca a palavra “ângulo nas fotografias”, compreendemos as motivações de cada imagem publicada nas manchetes e matérias.¹⁸⁷ Esse projeto gráfico nos dá o direcionamento para entender o porquê de a *Gazeta de Alagoas*, por exemplo, não valorizar a greve dos servidores do estado. O projeto gráfico desse periódico era direcionado pela família Collor, mais um motivo para entender algumas hierarquizações. Esse exercício de entendimento sobre os projetos gráficos dos dois jornais aqui trabalhados será constante.

As historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, ao publicarem o artigo “Na oficina do historiador”, entre vários destaques sobre a produção de pesquisa em jornais, é mencionada a questão de quem escreve o que está sendo publicado nos periódicos. Didaticamente, a explicação cita que não podemos focar apenas nos proprietários dos jornais, mas também nas motivações que surgem no decorrer dos processos de produções. No artigo, surge a pergunta: “Quem fala nos jornais?”¹⁸⁸, que será respondida no decorrer das análises. Tal fala está no corpo do poder das empresas, tanto dos jornais quanto dos grandes anunciantes. A *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* eram os periódicos de grande alcance na época, com muitas tiragens por dia, logo isso direciona à possibilidade de diferentes versões e opiniões, resultando nas escolhas das hierarquizações das notícias.

No dia 17 de janeiro, os dois jornais publicaram a primeira decisão de Fernando Collor pós-férias: demissão dos servidores. A atitude da demissão teorizada pelo governador em exercício Moacir Andrade agora seria colocada em prática por Collor. A *Gazeta de Alagoas*, mais uma vez, noticiou em sua manchete: “Estado vai demitir servidores”. Logo depois, vários subtópicos: extinção de pelo menos cinco secretarias; privatização de algumas empresas do estado; extinção de 30% dos cargos em comissão e demissão de funcionários não concursados. No centro da manchete, a imagem de Collor com o título: “Collor anuncia demissões e novo arrocho na máquina estatal”. A *Gazeta* criou nesse dia cenários impactantes, colocando todas aquelas medidas como a salvação para Alagoas. É muito importante entender que para esse jornal tais medidas não eram problemas, e sim soluções, além de enaltecer a imagem do governador para a sociedade.¹⁸⁹

¹⁸⁷ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

¹⁸⁸ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

¹⁸⁹ ESTADO vai demitir servidores. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 17 jan. 1989.

Figura 46 – *Gazeta de Alagoas* divulgando que o estado vai demitir servidores



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 17 jan. 1989.

Na mesma edição a *Gazeta*, mais uma vez, minimizou a greve dos servidores, trazendo uma entrevista de Collor falando sobre os problemas do estado. Fernando pediu o retorno ao trabalho dos grevistas e disse: “Acabou o recreio, o povo alagoano exige que seus funcionários, aos quais pagam com extremo sacrifício, retornem ao trabalho”. Na matéria, explica-se um pouco a viagem do governador para a Europa, alegando que Collor pagou todas as despesas com o próprio dinheiro e que durante as férias fez vários exames para provar que sua saúde estava ótima. Essa construção da imagem do político honesto e saudável é uma característica forte da trajetória política de Collor. Mas tem uma diferença nesse momento, a questão é também a *Gazeta* propagar essa imagem para seus leitores.¹⁹⁰ Collor fez grandes críticas à greve dos servidores, dizendo que a estrutura era muito moderna, logo existia financiamento de partidos políticos rivais, e as manifestações tinham o objetivo de sujar sua campanha presidencial.¹⁹¹ Fica perceptível que o governador não demonstrou preocupação com a situação dos servidores, que estavam lutando para receber vencimentos do ano anterior. Collor ainda se referiu aos grevistas como “califas”, nome dado aos servidores quase “marajás”. Na prática

¹⁹⁰ RÉMOND, René. O político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. cap. 14, p. 444.

¹⁹¹ ESTADO vai demitir servidores. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A7, 17 jan. 1989.

seriam servidores que gostariam de receber sem trabalhar. Collor tratou a greve como uma questão pessoal.

Os jornais, ainda em janeiro, publicaram sobre as reformas administrativas que o governador Fernando Collor anunciaria. É preciso mais uma vez uma análise cuidadosa sobre a forma como cada periódico anunciou essas informações. O *Jornal de Alagoas* divulgou: “Estado não tem dinheiro para indenizar servidor”, e logo abaixo da informação foi inserida a frase “Prefeitura inicia pagamento hoje”. É notório que o jornal está comparando a gestão estadual com a municipal. Vale ressaltar que a diagramação da manchete foi muito impactante e confusa, pois entre as informações há a inclusão da imagem de um jovem que tinha ficado preso em uma janela depois da tentativa de assalto em uma residência.¹⁹² Sugere-se, ao leitor, uma percepção de como funcionava cada governo, com o servidor estadual correndo o risco de ser demitido. O *Jornal de Alagoas* publicou uma série de opiniões contrárias à reforma administrativa proposta por Collor. Dentro do Palácio dos Martírios¹⁹³, houve várias reuniões e coletivas de imprensa para explicar esse pacote de demissões. Em um dos encontros, foi proibida a entrada de toda a mídia local e só foi concedido o acesso aos jornalistas do grupo da *Gazeta de Alagoas*, jornal do governador. A desculpa foi para não causar tumulto. Enquanto Collor explicava os motivos para demitir trabalhadores, muitos servidores estavam na porta do palácio aguardando resoluções da situação e afirmando que o pacote do governo se comparava a uma “guilhotina”. O *Jornal de Alagoas* escreveu sobre o pacote administrativo:

Depois de censurar e impedir o acesso do Jornal de Alagoas, Rádio AM 710, Jornal de Hoje, Jornal do Brasil e de outros órgãos da imprensa no salão de despachos do Palácio dos Martírios, além de mandar barrar a entrada de servidores estaduais em greve no auditório da Astel, o governador “presidenciável” Fernando Collor de Mello anunciou ontem, através de sua cadeia de rádio e televisão “Gazeta de Alagoas” e da Rede Globo, uma série de decretos extinguindo secretarias e órgãos do Estado e demitindo quase 10 mil servidores públicos.¹⁹⁴

Fernando Collor, em entrevista dada à época, afirmou que as decisões sobre as demissões foram tomadas de forma solitária, sem interferências de outros políticos. Ele enfatizou que Alagoas estava à beira da ingovernabilidade se não houvesse uma atitude daquele porte. Ao mesmo tempo que justificou todo o conjunto do pacote de demissões, Collor não citou

¹⁹² ESTADO não tem dinheiro para indenizar servidores – Prefeitura inicia pagamento hoje. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 17, p. A1, 20 jan. 1989.

¹⁹³ É a antiga sede do governo de Alagoas. Hoje é o Museu Palácio Floriano Peixoto, mais conhecido por “Palácio dos Martírios”; é parte integrante do “conjunto arquitetônico dos Martírios”, tombado pelo Patrimônio Estadual pelo Decreto nº 38309/2000. Seu acervo é constituído do mobiliário dos séculos XIX e XX e prataria.

¹⁹⁴ PLANO verão de Collor demite 10 mil servidores e gera onda de protestos. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 18, p. A1, 21 jan. 1989.

os grevistas que buscavam o direito de receber os salários atrasados. Alagoas viveu um ciclo de demissões e salários atrasados, e as grandes vítimas eram os servidores públicos estaduais. O *Jornal de Alagoas* dedicou suas páginas para fazer duras críticas ao governador, com direito a entrevistas com deputados da oposição e charge com traços críticos à gestão. Em uma matéria sem assinatura, mas com uma tonalidade especial, o título foi “Cresce a crise no Governo Collor”.¹⁹⁵

O texto mostrou breves bastidores da crise que aconteceu na gestão, mencionando detalhes importantes. É citado que a crise não aconteceu devido à greve dos servidores por conta dos salários atrasados, mas que dentro da própria cúpula do governo já havia tensões, com membros trocando “farpas” diariamente. O periódico mencionou que as insatisfações também chegaram ao vice-governador Moacir Andrade, que atuou como governador enquanto Fernando estava de férias em Paris. O jornal destacou várias vezes as férias de Collor, pois foi nesse período que a greve dos servidores começou, e ao mesmo tempo o estado não tinha uma perspectiva de pagar os funcionários. Vale lembrar que nesse contexto o governador em exercício demonstrou entendimento com a greve e pedia paciência aos servidores. Com o retorno de Collor das férias, o discurso era diferente, pois este condenou a greve e divulgou uma frase nos seus canais de comunicação: “Acabou o recreio”. Com essa expressão, o vice entendeu a questão como uma provocação com a sua atuação enquanto esteve no cargo, pois interpretou que sua breve gestão não satisfez o governador. A fala de Fernando Collor foi de um tom autoritário. Suas palavras à Gazeta foram:

‘Acabou o recreio, o povo exige que seus funcionários, aos quais paga com extremo sacrifício, retornem ao trabalho.’ Com essas palavras, o governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, solicitou ontem que os servidores estaduais em greve retornem imediatamente ao trabalho normal em suas repartições, e classificou de ‘califas’, os que frustrados com a extinção do ‘Marajáismo’, em Alagoas, ‘Manipulam politicamente o movimento dos funcionários atendendo apenas aos interesses da campanha presidencial’.¹⁹⁶

De fato, Collor condenava qualquer movimento de greve, e ao mesmo tempo usou as demissões como solução para os problemas, assim a *Gazeta de Alagoas* mencionava. Os servidores não se intimidaram com seu retorno de Collor e as frases de ameaça. Não se intimidaram e com tonalidades de “sarcasmo” foram protestar em frente ao prédio da Secretaria da Fazenda utilizando uma faixa com a seguinte frase, em letras garrafais: “O RECREIO

¹⁹⁵ CRESCE a crise no Governo Collor. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 18, p. A2, 21 jan. 1989.

¹⁹⁶ COLLOR pede retorno ao trabalho. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A7, 17 jan. 1989.

CONTINUA”, afirmando a continuidade da greve e resistindo às pressões. O *Jornal de Alagoas*, ao publicar essa matéria, postou abaixo do texto uma ilustração do chargista Léo Villanova em que Fernando Collor utilizava um brinquedo nas dependências do Palácio dos Martírios. O desenho obviamente era uma ironia a sua gestão, colocando o governador brincando no possível recreio. O periódico afirmou, ainda, em tom de opinião, que os servidores públicos do estado de Alagoas não estavam de “recreio”, e sim buscando seus direitos.

Figura 47 – Ilustração do chargista Léo Villanova fazendo referência ao governador Fernando Collor brincando no Palácio dos Martírios



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 21 jan. 1989.

As abordagens da Gazeta de Alagoas sobre essas crises eram totalmente diferentes. Tal constatação evidencia o quanto é impactante o poder que existe por trás dos jornais e demais meios de comunicação, que procuram beneficiar, obviamente, os grupos político-empresariais que os administram. Sobre essa questão das abordagens dos periódicos, Tania Regina de Luca afirma o seguinte:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. Por isso Sirinelli os caracteriza como um “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum”. Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com

diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.¹⁹⁷

A *Gazeta* utilizou de suas páginas para justificar os pacotes de medidas de Fernando Collor e ao mesmo tempo como uma preparação para o futuro próximo: eleições presidenciais. Vale questionar se o leitor da *Gazeta* associava os elogios ao governador com o corpo editorial da empresa, que tinha seu irmão Pedro como editor-chefe. Ainda, talvez o processo de uma diagramação mais organizada, com fotografias mais trabalhadas, a sofisticação da organização do periódico – características da *Gazeta de Alagoas* –, contribuisse para passar ao leitor a ideia de imparcialidade e credibilidade, afastando-o de possíveis dúvidas ou desconfianças. É fato lembrar que a *Gazeta de Alagoas* tinha muitas tiragens no dia, assim como tinha os melhores equipamentos do estado.

Detalhando as informações que a *Gazeta* noticiou no dia 21 de janeiro, é totalmente oposta ao que está escrito no *Jornal de Alagoas*. A manchete do dia é: “Collor extingue ‘califas’ e enxuga a folha – Governador faz o que Sarney evita: demite para evitar o caos”. Mas o caos já estava instalado. O Governo Collor em Alagoas já estava caótico. O estado não pagava os servidores e a culpa era atribuída servidores eles próprios, pois o termo “califa” significa aqueles que escaparam da caça aos marajás. Lembrando que uma das propostas de Collor quando assumiu o governo em 1987 seria caçar esses “marajás”, aqueles funcionários que recebiam altos salários e não trabalhavam.¹⁹⁸

Quando Collor assumiu o governo do estado, decretou que todos os servidores públicos afastados deveriam voltar às atividades, colocando a obrigatoriedade do comparecimento diário no local de trabalho. Eram 70 mil funcionários públicos, para apenas 20 mil com funções definidas. O assessor de imprensa, Cláudio Humberto, nomeou a atitude como “pacote da moralização”. Esse comparecimento de todos gerou muitas confusões, filas e salas superlotadas, e todo esse processo sendo filmado pela TV Gazeta, propriedade da família Collor de Mello. O tema “caçador de marajás” foi direcionado para esses servidores que não tinham cargos, mas recebiam pelo Estado, e o ato virou até tema do *Globo Repórter*. Mario Sergio Conti explana que em pouco mais de uma hora foi mencionado o caos do serviço público em vários estados do Brasil, sendo 10 minutos dedicados a Alagoas. Em seu livro é detalhado como o programa mostrou a situação de Alagoas, onde foram mostradas salas com várias pessoas

¹⁹⁷ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 140.

¹⁹⁸ COLLOR extingue “califas” e enxuga a folha – Governador faz o que Sarney evita: demite para evitar o caos. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 1, 21 jan. 1989.

dividindo uma simples função e muitas caminhonetes trazendo pessoas do interior para bater o ponto em Maceió. O sensacionalismo do *Globo Repórter* foi grande, mostrando o apresentador Sérgio Chapelin exaltado, e comentários apocalípticos sobre a dimensão econômica do problema através dos comentários de Joelmir Betting.¹⁹⁹ Conti destacou que na reportagem não consta o principal: os marajás.

Os funcionários apontados como privilegiados eram, pelas roupas puídas e modos desengonçados, pela conduta com que olhavam para a câmera, pobres que não tinham onde cair mortos. A indignação de Sérgio Chapelin soava falsa porque era dirigida contra pessoas humildes, que perpetravam compaixão, e não revolta.²⁰⁰

Fica o questionamento, a dúvida, sobre os funcionários públicos demitidos no início de 1987, mas o fato é que muitos desses servidores eram indicações políticas. Por exemplo, no programa *Globo Repórter* a matéria mostrou folhas salariais com dezenas de funcionários com o sobrenome Suruagy, o mesmo do ex-governador de Alagoas. Então, é notório que existia esse problema das nomeações para os cargos públicos em troca de votos.

O conflito de Fernando Collor com o serviço público voltou no início de 1989. Esse novo pacote de mudanças da gestão foi impactante e todo planejado para mostrar à população nacional, pois o foco não estava mais em Alagoas, e sim no Brasil, visando às eleições. O pacote tinha o objetivo de demitir 15 mil servidores públicos, além de extinguir algumas secretarias, especialmente as de Transporte e Recursos Naturais, Cultura e Esporte e Irrigação. Na capa da *Gazeta*, além de ter a foto da reunião em que o governador anunciou essas medidas, ainda constava a imagem da Secretaria de Cultura com os salões vazios. O secretário da Fazenda concordava com o pacote e comemorou o saldo que o estado, em tese, economizaria com menos servidores. A *Gazeta* entrevistou deputados da base do governo, diferentemente do *Jornal de Alagoas*, que manteve o foco na oposição. O deputado estadual governista Cleto Falcão, amigo de Collor, declarou para a imprensa: “Pacote coragem”. Para a *Gazeta de Alagoas*, a greve dos servidores realmente era o “recreio” do funcionalismo público e o fim da brincadeira seria com demissões.²⁰¹

A *Gazeta* sabia utilizar suas qualidades na diagramação e nas fotografias. Na mesma edição do dia 21 de janeiro, foi publicado na íntegra o Projeto de Lei com um novo pacote de

¹⁹⁹ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia da Letras, 1999. p. 42.

²⁰⁰ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia da Letras, 1999. p. 43.

²⁰¹ REFORMA administrativa é chamada de Pacote Coragem. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 5, 21 jan. 1989.

medidas, além de uma imagem muito explícita, com pessoas no centro de Maceió assistindo pelas televisões das lojas ao pronunciamento do governador, e no título “População aprova as medidas e acha demissões necessárias”.²⁰² No texto, vários relatos de pessoas aprovando essas medidas, pois acreditavam que com esse método os salários seriam pagos em dia. Até onde aqueles relatos eram verdadeiros não se sabe, visto que eram totalmente contrários aos que o *Jornal de Alagoas* publicava. Por fim, ao lado da imagem foi divulgada uma pequena matéria: “Fazenda vai viabilizar o 13º salário”. A *Gazeta de Alagoas* sabia bem fazer as diagramações gráficas.²⁰³

Figura 48 – Pessoas assistindo às medidas do governo Collor em Alagoas



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 21 jan. 1989.

Já o *Jornal de Alagoas* continuou sua série de matérias críticas sobre a gestão Collor, sobretudo quanto às decisões dos últimos dias no governo. Foi produzida e divulgada uma matéria colocando o problema geral, apontando possíveis adversidades que as demissões poderiam causar, além expor motivos e explicações da existência de tantos servidores. “Demissões podem gerar crise política no Estado”, esse era o título de uma-das matérias do dia. Logo em seguida, mais uma grande charge com assinatura de Léo Villanova, em que um personagem que lembra o governador colocava o mapa de Alagoas de cabeça pra baixo e, com isso, várias pessoas aparecem caindo do mapa, ou melhor, de Alagoas. Uma evidente alusão às demissões dos servidores. O Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Francisco Melo (PMDB), demonstrou preocupação com todo aquele conjunto de medidas vindas do Poder

²⁰² POPULAÇÃO aprova as medidas e acha demissões necessárias. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A5, 21 jan. 1989.

²⁰³ FAZENDA vai viabilizar o 13º salário. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A5, 21 jan. 1989.

Executivo. O parlamentar expôs, sem ressalvas, suas preocupações em entrevista ao *Jornal de Alagoas*. Melo afirmou que as demissões gerariam conflitos entre os Poderes Legislativo e Executivo. O periódico – como veículo de oposição – obviamente concordou com a preocupação, pois era notório que os servidores demitidos haviam sido contratados por influência direta dos políticos, com participação decisiva dos deputados estaduais. Com as demissões, os funcionários cobriam os deputados. “Esse pessoal vai cobrar da gente uma posição”, disse o parlamentar.²⁰⁴

Figura 49 – Posição do *Jornal de Alagoas* sobre as demissões dos servidores públicos do estado de Alagoas



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 22 jan. 1989.

A meta era demitir 15 mil servidores, e a preocupação de Fernando Collor era ser bem-visto nacionalmente, pois em maio renunciaria ao mandato para se dedicar à campanha presidencial. A aposta em “moralizar” o serviço público é a continuação de sua estratégia política de “caçar os marajás” e transportar esse método para as eleições. Collor estava ciente de seu crescimento nacional, logo não tinha preocupação com Alagoas, lembrando que havia apoiadores de seus atos no próprio estado. O pacote de demissões lhe proporcionou visibilidade midiática nacional, resultando em aplausos, mas também críticas e oposições. O *Jornal de*

²⁰⁴ MEDIDAS servem apenas para projetar Collor. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 19, p. A2, 22 jan. 1989.

Alagoas entrevistou alguns parlamentares contrários à decisão, mesmo reconhecendo que o estado não estava bem na questão fiscal.²⁰⁵

No final de janeiro, o *Jornal de Alagoas* iniciou a semana com páginas de listas de servidores demitidos. Vale imaginar a sensação do leitor em ver seu nome no grupo dos excluídos. Na capa da edição, as fotos dos grevistas estão em ênfase, mostrando os servidores fazendo manifestações na orla marítima de Maceió contra Fernando Collor, reivindicando o 13º salário do ano anterior, além de outros vencimentos atrasados. Vale ressaltar que muitos daqueles que estavam na orla teriam seus nomes nas páginas na seção dos demitidos do estado de Alagoas. Nas páginas seguintes, segue a lista dos servidores demitidos, separados por secretarias, cargos, ordem alfabética e acompanhados do número de matrícula. Lembrando que essas demissões foram atos de decretos do governador, alegando “justa” causa.²⁰⁶



²⁰⁵ DEMISSÕES podem gerar crise política no Estado. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 19, p. A2, 22 jan. 1989.

Vários servidores demitidos passaram a “perseguir” os deputados estaduais, pois muitos daqueles trabalhadores eram indicações políticas ou, mesmo não sendo, encontraram nos parlamentares a saída para solucionar o grave problema. O deputado Francisco Melo tinha feito o alerta dias antes, que a “conta” chegaria na Assembleia Legislativa, e isso aconteceu. Léo Villanova elaborou mais uma charge no *Jornal de Alagoas* para ilustrar o fato. Nos traços há um servidor com a marca de sapato nas costas, fazendo a interpretação de que levou um pontapé, que naquele momento foi do governador, e o funcionário está puxando a roupa de algum deputado estadual. A charge complementa a notícia sobre a ofensiva, justificada, contra alguns deputados estaduais.

Figura 51 – Manchete do *Jornal de Alagoas* informando que na edição estaria o listão dos demissíveis



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 25 jan. 1989.

Ainda em janeiro já ecoava o desejo dos servidores de Alagoas da renúncia de Fernando Collor. Nas manifestações não existia apenas o “Fora Collor!”, mas o pedido para que o governador saísse do Poder Executivo. Os servidores começaram a ganhar mais força devido a alguns deputados estaduais aderirem às manifestações. Logicamente os parlamentares visavam às eleições do ano seguinte. O *Jornal de Alagoas*, durante essas publicações, traria algo de muita importância para o entendimento da crise. Durante a cobertura jornalística, o presidente

do Sindicato dos Engenheiros de Alagoas, Judson Cabral, acusou o governo do estado de utilizar o jornal *Gazeta de Alagoas*, de propriedade do governador Fernando Collor de Mello, para prejudicar a imagem das lideranças sindicais que estavam lutando contra as crises geradas no estado. Segundo Cabral, o periódico vinha publicando declarações que não foram dadas pelo comando de mobilização nem pelas lideranças, de forma errônea e premeditada. Aquilo tudo era muito grave, pois colocava o veículo da família Collor de Mello sob suspeita de verdade. Mas é notório que todo jornal tem uma empresa por trás, e a *Gazeta de Alagoas* não negava sua linha governista.

O texto “Na oficina do historiador”, das historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, mostra detalhes da questão da participação de veículos de comunicação no envolvimento com a política. As autoras afirmam que:

Nas conjunturas em estudo, a identificação de campanhas gerais e posições políticas defendidas pelo periódico, assim como de questões, sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza para a agenda pública remetem a correlação de forças e ao campo das lutas sociais do momento. Trata-se, no entanto, de enfrentar a discussão sobre as mesmas, de forma articulada e simultânea, visando à apreensão do processo de intervenção da publicação naquela conjuntura. [...] colchetes campanhas gerais e posições políticas explícitas – remetem ao campo mais imediato e explícito, por vezes mais localizado e temático, das intervenções e mobilizações propostas pelo veículo.²⁰⁷

Nesse cenário, estava explícito o quanto a *Gazeta de Alagoas* valorizava os movimentos de Fernando Collor no governo do estado e na sua pré-campanha presidencial. O jornal da família era um dos instrumentos de autopromoção da imagem daquele que estava sendo odiado e contestado por grande parte dos servidores de Alagoas.

O deputado líder do governo Collor na Assembleia Legislativa, Cleto Falcão (PMDB), que era o único parlamentar favorável ao pacote de medidas, voltou atrás e passou a criticá-las. Falcão concedeu entrevista ao *Jornal de Alagoas* e afirmou que era favorável às medidas por entender que o estado estava em uma grande crise fiscal, além de ter fidelidade partidária e pessoal com Collor. Mas quais os motivos gerais para o deputado mudar de posição? Ele afirmou que prefere ficar do lado do povo, dos servidores, e não aceitou que mais de 10 mil funcionários fossem demitidos. O parlamentar ainda sugere inocência ao mencionar que não imaginava que aquela tragédia no funcionalismo público poderia acontecer. Um fato importante é que ele não gostaria de perder seu eleitorado, visto que muitos eram os servidores

²⁰⁷ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 265, dez. 2007.

demissíveis.²⁰⁸ A Assembleia Legislativa estava em apuros, e os deputados, perdendo seu eleitorado.

Na mesma edição, o *Jornal de Alagoas* publicou uma reportagem contendo imagens sobre os deputados estaduais na Assembleia Legislativa. Além de demonstrar a inquietação de Cleto Falcão, trouxe publicações sobre outros parlamentares. Euclides Mello, deputado e primo do governador, até aquele momento não tinha se pronunciado com ênfase sobre todo o pacote de mudanças que estabelecido. Mas o parlamentar resolveu ir à tribuna expressar críticas sobre o governo do estado. O interessante foi a maneira como o *Jornal de Alagoas* escreveu sobre a figura de Euclides, colocando-o no texto como

Deprimido, triste, cabisbaixo. Assim estava o deputado Euclides Mello, primo do governador Fernando Collor, na quarta-feira, 25, na assembleia legislativa; ‘Foi um ato extremo; uma situação realmente triste, disse ele sobre as medidas do governo. O deputado passou pouco tempo na assembleia e não escondeu a sua preocupação o problema criado, a partir das demissões. Contudo, sustentou a tese do ‘mal necessário’. Lamentou que tenha ocorrido as demissões, tanto ‘na qualidade de deputado, como na qualidade de cidadão’, destacando o fato do servidor público não ter tido culpa em ser contratado.²⁰⁹

O *Jornal de Alagoas* investia contra Fernando Collor, mas poupou críticas ao seu primo, criando a imagem do deputado triste que esbanjava empatia com os servidores. Vale ressaltar que Euclides permaneceu ao lado do governo, estampando a frase “o mal necessário”. Essas posições de tristezas e de aprovação do pacote de medidas causaram confusão na mente do povo, pois a crise estava estampada em Alagoas. O jornal ainda mantinha Cleto Falcão como o deputado que aprovava as medidas, mas nesta edição a manchete do dia foi o parlamentar afirmando que ficaria ao lado do povo – mesmo com algumas contradições, os deputados com fidelidade ao governador eram Mello e Falcão.

As demissões dos servidores geraram um clima diferente na Assembleia Legislativa. Houve parlamentares sumindo. Por exemplo, Cleto Falcão passou a não frequentar por um tempo o parlamento alagoano, e muitas famílias tiveram de procurá-lo em seu gabinete. Para ser mais veemente, famílias e mais famílias iam à Assembleia procurar os deputados para tentar reverter as demissões. Muitos parlamentares passaram a aproveitar esse cenário. Formavam-se filas de deputados para discursar e soltar duras críticas contra Collor, provocando muitos aplausos em homenagem ao orador – aplausos das centenas de pessoas que diariamente estavam

²⁰⁸ CLETO condena o pacote Collor: Eu fico com a minha consciência. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 23, p. A1, 27 jan. 1989.

²⁰⁹ EUCLIDES condena demissões no Governo. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 23, p. A2, 27 jan. 1989.

em busca de soluções. É bom entender que os deputados de oposição não estavam em uma situação confortável, e sim tendo pressões de seus eleitores, então a solução mais apropriada para eles seria usar dos discursos inflamados contra Collor, demonstrando indignação contra as demissões. O *Jornal de Alagoas* publicou em seu texto:

Há discursos para todos os gostos, porém, os merecedores de salvas de palmas são os que atingem diretamente a figura de Collor de Mello. E aí, vale tudo: “Esse ditador, vigarista tem que ser colocado para fora de Alagoas”, ataca um. O outro, em seguida, não deixa por menos: “Esse demagogo, enganador e incompetente ainda quer governar o Brasil”. E assim seguem-se inúmeros pronunciamentos de condenação a Collor, diariamente. A plateia entra no clima e estimula o discurso do radical brega. Os que tentam ser moderados não entusiasma. Quem tenta ser erudito não convence. Revoltado o povo pede achincalhe.²¹⁰

A coluna do jornalista Romero Vieira Belo apresentou uma defesa enfática a deputado Cleto Falcão, colocando-o como um símbolo de grande parlamentar. Afirmou que ele não defendia as demissões, mas um ajuste fiscal sério para Alagoas sair da crise. Certamente esse texto encomendado pelo deputado. As conspirações sobre as reais motivações de Fernando Collor em criar todo esse aparato de demissões não acabam apenas no campo das ideias da crítica, mas também da estratégia. O deputado estadual João Neto (PSB) disse ao *Jornal de Alagoas* que Fernando estava forçando um *impeachment* dele mesmo para dedicar-se à campanha presidencial. É difícil acreditar que Collor gostaria de ser impedido. A intenção era ser visto nacionalmente como o moralizador da administração pública. Não estava preocupado com a repercussão em Alagoas.

No mês de fevereiro, a *Gazeta de Alagoas* “esqueceu” de mencionar os problemas e as crises decorrentes das demissões dos servidores. Optaram por focar no campo das ideias sobre a outra crise que acontecia em Alagoas: o caos do Produban. Na edição do primeiro dia do mês, as manchetes em destaque abordam mais uma lista de servidores demitidos e a ameaça da Polícia Militar de abrir fogo contra os servidores em protesto. Essa última notícia era seguida por imagens da confusão. Também mencionava outra manifestação, organizada por um grupo de bancários contra o fechamento do Produban. Vale ressaltar que o *Jornal de Alagoas* abordou as duas manifestações e mencionou que houve até encontros de manifestantes. Porém, a *Gazeta* apenas divulgou, com ênfase, a passeata dos bancários, e utilizava dos “silêncios” motivados pelo seu corpo editorial ligado diretamente à família Collor de Mello. Para o jornal da família,

²¹⁰ FIRMINO, Marcelo. Deputados fogem do cerco dos funcionários demitidos. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 23, p. A2, 27 jan. 1989.

não seria relevante colocar em destaque as greves dos servidores ou as demissões, e sim mencionar que havia soluções para as crises presentes no estado. O periódico mencionou possíveis soluções, mas não os motivos dos problemas.

O paralelo das informações é importante para a análise. Enquanto o *Jornal de Alagoas* mostrava a cada dia o processo e as demissões dos servidores, a *Gazeta* se preocupava em publicar notícias do governador mencionando possíveis soluções para resolver os problemas do Brasil, pois já estava focando na campanha presidencial. Fernando Collor tinha soluções para o Brasil, mas o seu governo estadual estava pagando salários do ano anterior aos servidores públicos, além de uma reforma administrativa duvidosa. Em suas entrevistas, misturava os assuntos de Alagoas com os do Brasil. Mencionando soluções para o país, o governador afirmou que:

O maior problema do País não é a crise econômica nem social, mas a crise moral. Não serei candidato para sucumbir a acordos espúrios e entendimentos subalternos. É necessário que retiremos a lama apodrecida representada pela corrupção.²¹¹

O termo “crise moral” foi disseminado na campanha de Collor, e Alagoas foi laboratório para o combate da imoralidade que acontecia no estado, segundo a visão do governador. Pois bem, Collor não tinha preocupações com as consequências do “combate” contra a crise moral em Alagoas, seu objetivo era fazer com que as páginas dos periódicos nacionais difundissem suas ações, não importando que para os alagoanos isso seria de uma forma trágica.

²¹¹ COLLOR dá a receita para governar o Brasil. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. 3, 9 fev. 1989.

Figura 52 – Matéria com entrevista de Fernando Collor na *Gazeta de Alagoas*



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 9 fev. 1989.

A *Gazeta* segue em seu silêncio sobre a crise no funcionalismo público, e divulgou a notícia de que em mais um decreto o governador cortaria os “altos salários” dos servidores, afirmando que nenhum poderia receber salários milionários, e muito menos um valor superior a um secretário de Estado. Vale a reflexão do recebimento da informação pelos trabalhadores em saber que seus vencimentos seriam menores, além daqueles que corriam o risco de fazer parte do pacote de demissões. A *Gazeta* enfatizou no título: “Collor reduz salários de milionários”.²¹²

Uma prova importante de que Collor estava mais preocupado com sua imagem no cenário nacional do que local é o jornal da família promover sua imagem todos os dias nos periódicos. Ainda em fevereiro, o veículo publicou uma matéria em que o governador recebeu turistas no Palácio dos Martírios. A imagem mostrou o chefe do Executivo estadual conversando com um grupo de pessoas:

O governador Fernando Collor recebeu, ontem, a visita de um numeroso grupo de turistas, no Palácio Floriano Peixoto. Os turistas foram atraídos ao Palácio para conhecer suas instalações e as obras do pintor alagoano Rosalvo Ribeiro, espalhadas por quase todas as suas dependências, mas sempre com a perspectiva de avistarem Collor de Mello. Ao final da visita, no começo da noite, o governador abriu as portas de seu gabinete e os recebeu em uma audiência informal, por mais de uma hora. Posou

²¹² COLLOR reduz salários de milionários. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. 5, 14 fev. 1989.

para fotografias e conversou sobre sua candidatura a presidente da República – consensual entre os visitantes.²¹³

Com essa divulgação da visita de um grupo de turistas ao governador, fica explícita a preocupação do jornal: promover sua imagem para o Brasil. Vale lembrar que algumas edições da *Gazeta* chegavam em outros estados, disseminando a imagem de moralista de Fernando Collor. As medidas com o estado viralizavam em editoriais da *Gazeta*. Porém, não seria suficiente apenas ter matérias, fotografias e entrevistas, mas também era preciso o jornal emitir sua opinião, expor seus pensamentos, e logicamente demonstrar apoio às atitudes do governador.

A *Gazeta de Alagoas* investia nos editoriais, opinando sobre a imagem do dono do periódico. É normal surgir uma interpretação contraditória sobre essa afirmação, mas é a maneira mais didática para explicar o que o jornal divulgava, ou seja, opiniões positivas sobre Fernando. E na eleição presidencial, como atuariam os dois jornais? Como as imagens nos periódicos divulgariam a figura de Fernando Collor?

²¹³ TURISTAS vão aos Martírios visitar Collor. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. 1, 15 fev. 1989.

4. COLLOR E AS ESTRATÉGIAS PARA UMA PROJEÇÃO NACIONAL

4.1 A FORMAÇÃO DO *MARKETING* POLÍTICO NA FAMÍLIA

O objetivo era ser conhecido pelos brasileiros. Conhecido como jovem enérgico que não participava das jogadas dos jaquetões da política. Seu estandarte de auto divulgação, ficando mais no solo da indignação moral que no da racionalidade política, era o do combate aos servidores públicos com proventos faustosos. [...] Ele continuava com a mensagem. Mas faltava-lhe a máquina para alardeá-la em escala nacional. Collor agora precisava da grande imprensa. [...] Só por meio deles conseguiria falar aos brasileiros. E Collor tinha o que os jornalistas caçavam: notícias.²¹⁴

Ao analisarmos as eleições de 1989, especificamente a figura de Fernando Collor, faz-se necessário destacar a importância histórica do evento daquele ano. O contexto do centenário da “Proclamação” da República foi emblemático para a mídia brasileira, pois ganhou adereços para a divulgação dos candidatos daquela eleição. Collor entrou na disputa depois de um breve governo estadual, em que sua imagem foi construída de maneira contínua. Antes de abordar o processo eleitoral, vamos tratar dos tempos atuais. No dia 14 de junho de 2022, Fernando Collor anunciou, antes das 7h da manhã, sua pré-candidatura ao governo do estado de Alagoas. No ano em que se completam 30 anos do seu *impeachment* da presidência da República, o político resolveu se lançar ao cargo de governador, que o lançou politicamente para o país. Analisando a primeira entrevista como pré-candidato, concedida no mesmo dia a um portal de notícias de Alagoas, que utilizou os estúdios da rede de televisão que pertence a Collor, percebe-se que o ex-presidente manteve alguns discursos de 1989, além de mencionar várias vezes sua trajetória política, enfatizando sua passagem na prefeitura de Maceió, na Câmara Federal, no governo estadual e também na presidência. A pauta da entrevista tinha como objetivo as eleições de 2022, mas Collor buscou se promover mencionando mais sua trajetória política, e não suas propostas para um possível futuro governo de Alagoas.

Fernando Collor de Mello sabia utilizar das notícias, pois buscava sempre o método de criar informações de sua caminhada e com isso divulgar nos meios da imprensa. A busca do espetáculo era constante, mas também utilizava do silenciamento para sair de cena e não desgastar sua imagem. Foi assim que fez após a vitória nas eleições para o governo de Alagoas em 1986, quando sumiu durante dois meses. Viajou para o exterior e, antes de sua volta, foi

²¹⁴ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 13.

organizada uma grande festa para recebê-lo em Maceió. Uma multidão foi ao aeroporto Zumbi dos Palmares com faixas, bandeiras, fogos e bandas de música. Collor aproveitou o momento para discursar, mencionando em voz alta: “Somos todos aqui filhos de uma esperança”²¹⁵.

Vale lembrar que todo esse evento estava sendo filmado e fotografado. O governador gostava de holofotes, festas, discursos e do método corpo a corpo com os eleitores, pois estes resultaram na formulação da imagem como político. O governador já estava eleito, não era necessário manter uma campanha política, mas estabeleceu um roteiro para a sua chegada em Maceió. Se na época houvesse *smarthphones* e redes sociais, logicamente esses meios de divulgação estariam presentes para publicar nas redes a chegada de Collor.

O jornalista Mario Sergio Conti mencionou os detalhes do grande evento da chegada de Collor em Alagoas. O motivo da ênfase desse episódio é a busca da conexão de que esse comportamento político seria uma marca constante no seu mandato de governador, na campanha presidencial e na própria presidência da República. Collor sabia lidar com a política e o que estava acontecendo através das câmeras. Toda cobertura televisiva foi feita pela emissora da família, a TV Gazeta. Conti escreveu em seu livro:

Um cortejo de mais de uma centena de carros, aberto por motociclistas da Polícia Militar, o acompanhou pela estrada que liga o aeroporto à cidade. Percorreu as ruas centrais, circundou a praça dos Martírios e seguiu para a orla. O cortejo passou pelas praias de Jaraguá, Pajuçara, Ponta Verde e parou na Jatiúca. No trajeto, de dezenas de quilômetros, havia gente dos dois lados das avenidas, gritando o nome do herói e agitando bandeirinhas. O entusiasmo era real. Os alagoanos gostavam de Collor, ainda que tivessem sido conclamados a recepcioná-lo. Cumprindo ordens do superintendente Pedro Collor, a TV Gazeta, a Gazeta FM e a Gazeta de Alagoas trombetaram durante dias o seu retorno. As imagens da volta triunfal gravadas pelas câmeras da TV gazeta, uma delas num helicóptero, foram mostradas naquela noite e, mais de dois anos depois, na campanha presidencial.²¹⁶

O entusiasmo, sendo real, só seria mais combustível para Collor seguir suas campanhas diárias. É muito importante compreender que a campanha presidencial de começou antes da posse no governo de Alagoas, em 1987. Para o governador, as eleições de 1989 tiveram início na campanha eleitoral de 1986 para o Executivo estadual. Os equipamentos da sua emissora de televisão não estavam por acaso cobrindo sua chegada. Havia um objetivo: filmar para transmitir durante a propaganda eleitoral, que aconteceria um

²¹⁵ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 13.

²¹⁶ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15.

ano depois. O projeto pessoal estava sendo construído, estava feito, e cada dia mais colocado em prática. A primeira estratégia de Fernando Collor como presidenciável foi no dia da posse para o governo de Alagoas. Depois da sua chegada em Maceió e todo o evento pirotécnico, veio o dia da posse. O recém-eleito planejou para a posse uma caminhada de 3 km, saindo da Assembleia Legislativa até o Palácio. Mesmo com muita chuva e muitas pessoas não aderindo à caminhada, ele seguiu. O ator principal do dia manteve o espetáculo. Manteve a postura e foi até o palácio a pé sob forte chuva, para fazer seu discurso como empossado.²¹⁷

É preciso entender quem é Fernando Collor de Mello, antes mesmo de chegar nas eleições de 1989. Collor sempre gostou da mídia, da promoção de sua imagem. Talvez mencionar a afirmação de que se lançou a presidente no dia da posse do governo de Alagoas, em 17 de março de 1987, possa ser teleológico, mas o comportamento de campanha presidencial começou nesse dia. Collor tinha o discernimento de que não poderia criar as notícias, e sim ser a notícia, pois mesmo vindo de uma família de políticos – o pai foi senador –, além de serem donos de um complexo de comunicação filiado à Rede Globo, mesmo assim era um desconhecido governador de um pequeno estado do Nordeste. Logo, criou sua imagem via divulgação cotidiana. Não esperou a imprensa ir até a ele, e sim foi até os meios de comunicação se autopromover. Fernando vem de uma forte tradição de familiares na política. Seu avô materno foi Lindolfo Collor, primeiro-ministro do trabalho de Getúlio Vargas. O pai, Arnon de Melo, durante o fim do Estado Novo ingressou na União Democrática Nacional (UDN), sendo eleito suplente de deputado federal em 1945. Na mesma legenda, esteve eleito de maneira simultânea para o cargo de governador de Alagoas em 1950, optando por este último, cumprindo um mandato de cinco anos. No Partido Democrata Cristão (PDC) foi eleito Senador em 1962, depois ingressou no Arena após a decretação do bipartidarismo pela ditadura civil-militar de 1964. Reeleito pelo voto direto em 1970, foi reconduzido ao mandato como senador biônico em 1978²¹⁸.

O político esteve presente em um dos episódios mais violentos do Congresso Nacional, ocorrido em 1963, quando, ao atirar em seu inimigo político, Silvestre Péricles, errou o alvo e assassinou o colega, senador José Kairala²¹⁹. Arnon de Melo e Fernando Collor são muito semelhantes, então é válido buscar sua origem familiar para entender todo o processo de 1989.

²¹⁷ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15.

²¹⁸ **Senadores biônicos** foi uma forma pejorativa criada pela oposição ao regime militar para denominar os senadores escolhidos a partir das mudanças estabelecidas por Ernesto Geisel através do Pacote de Abril.

²¹⁹ TICIANELI, Edberto. Crime no Senado. **História de Alagoas**, 18 out. 2021. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/crime-no-senado.html>. Acesso em: 5 out. 2022.

A vida de Arnon começou na imprensa por acaso, pois era filho de senhor de engenho, mas resolveu apostar a vida no Sudeste, mais especificamente no Rio de Janeiro. Nesse momento, entrou para o mundo da imprensa, trabalhou no periódico *A Vanguarda*, que apoiava o presidente da época, Washington Luís, até o jornal ser destruído com a Revolução de 1930 feita por Getúlio Vargas. Em seguida, o repórter Arnon resolveu entrevistar políticos derrotados em 1930, com isso escreveu um livro sobre os depoimentos. Nesse processo, conheceu pessoas ligadas ao Diários dos Associados, o grande império de comunicação do jornalista também nordestino Assis Chateaubriand.²²⁰

Durante o conflito de São Paulo contra o governo Vargas, em 1932, o chefe dos Diários Associados foi preso e logo nomeou alguns repórteres para fazer a cobertura da guerra. Arnon foi escolhido por Chateaubriand para ser correspondente na cidade de Cruzeiro-SP, e nessa experiência o repórter alagoano foi criativo, pois passou a publicar em suas matérias cartas dos soldados em guerra destinadas aos familiares. As tiragens dos exemplares se multiplicaram, levando o periódico a virar uma forte revista dos Diários. Na sequência, Arnon conseguiu mais trabalhos com a imprensa, e ainda nos anos 1930 virou correspondente da *Gazeta de Alagoas* – seu futuro jornal – no Rio de Janeiro e diretor do *Jornal de Alagoas*, depois que o veículo foi comprado por Chateaubriand.

Nesse processo de trabalhar na imprensa, construiu patrimônios através de imóveis. Em seguida, Arnon conheceu Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, que teria uma longa convivência com Getúlio Vargas. Arnon se casaria, então, com a filha de Lindolfo, Leda Collor, e nessa união tiveram cinco filhos. Percebe-se que o nome “Collor” vem da família da mãe, e outro detalhe que é um nome de origem alemã decorrente do padraсто de Lindolfo.²²¹ Fernando Collor de Melo nascerá com as origens políticas e midiáticas.²²²

Depois do casamento, Arnon entrou na política. As campanhas políticas serviram de ensinamento para seu filho Fernando repetir durante sua trajetória. Arnon usou da pirotecnia em suas caminhadas, e ninguém na época fazia isso, emanava discursos contra o banditismo e as arbitrariedades, sempre carregava em seu palanque máquinas de costura, prometendo que seria para tal senhora de outra cidade. Além de todo esses gestos, o velho político trouxe inovações visuais. De acordo com Mario Sergio Conti, Arnon de Melo foi o primeiro

²²⁰ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 16.

²²¹ Lindolfo Collor ficou órfão do pai ainda quando era criança. Sua mãe tempo depois casou-se com um alemão, João Antônio Collor. Dessa união não houve filhos. Desde jovem, Lindolfo acrescentou o sobrenome do padraсто ao do pai.

²²² CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 18.

candidato a usar cartazes policrômicos, chamativos, sempre pendurados nas paredes com o objetivo de decorar casas e casebres. Além dos cartazes, o eleitor recebia histórias em quadrinhos com capas coloridas contando a história do político que saiu da miséria em Rio Largo. Lembrando que Arnon era filho de senhor de engenho²²³. Ele sabia usar a mídia, assim inaugurou a distribuição de fotografias com seu rosto e nome, além do uso de rádios, jornais e projeções de filmes na praça denunciando seus inimigos. O político alagoano fazia de sua imagem a notícia do momento. Foi eleito governador de Alagoas em 1950 pela UDN com 57 mil votos. Uma campanha parecida como essa da década de 1950 se repetiria em 1986, na campanha do filho Fernando para o governo de Alagoas. Collor aprendeu bem com o pai.

Fernando Collor não esteve na UDN, mas mostrava as questões pontuais da sigla partidária em seu comportamento. Enquanto isso, seu pai estava dentro do udenismo colocando em prática o que já fazia antes mesmo da existência do partido. Arnon de Melo já demonstrava características do liberalismo da UDN. No texto da cientista política Victoria Benevides, esta usou a frase “saneamento moral da vida política” para definir o idealismo político da UDN. O político alagoano, ao inventar os novos métodos de campanha política em Alagoas usando a ideia de limpeza social, falava em comícios em acabar com os banditismos, ou seja, tons moralidade em discursos muito antes da existência de Fernando Collor. Benevides escreveu que o liberalismo udenista é marcado por um profundo elitismo, e Arnon de Melo fazia parte de uma grande elite alagoana, que ele liderava com sua família, devido a suas empresas de imóveis e depois de comunicação, com jornal e TV, além dos cargos políticos.²²⁴

Ainda sobre a vida do pai de Collor, vale lembrar que quando estava no governo comprou o veículo de comunicação que mais fazia suas críticas, o jornal *Gazeta de Alagoas*. Esse é o início de um grande conglomerado de comunicação que a família estava construindo. Sua gestão no estado foi ruim, não conseguiu eleger seu sucessor. Se o filho Fernando era mais enfático em campanhas eleitorais do que em mandatos, o pai era melhor nos negócios do que em gestão. Antes da década de 1960, o agora ex-governador de Alagoas se associou ao dono de *O Globo*, Roberto Marinho. Os negócios envolviam questões de imobiliária e construção civil, resultando, por exemplo, na edificação do primeiro *shopping* do Rio de Janeiro. Em 1962, Arnon foi eleito senador por Alagoas, no mesmo período em que seus negócios de comunicação se expandiam com a rádio *Gazeta AM*.

²²³ Arnon de Melo era filho de Manuel Afonso de Melo, dono de engenho na cidade de Rio Largo, em Alagoas.

²²⁴ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 193-194.

Assim como o pai, Fernando Collor gerava notícias e fazia ampla divulgação. Ambos têm o mesmo método de “inovação”. O governador de Alagoas fez do seu mandato um palanque eleitoral para as eleições presidenciais. Nesse ínterim, o cientista político Carlos Melo faz um questionamento em seu livro “Collor: Ator e suas circunstâncias”.

Quando se estuda o sentido da história recente do Brasil, pergunta-se como pôde um político provinciano e obscuro, feito prefeito e governador para atender as conveniências da família, em pouco menos de uma década transformar-se em presidente da República e dar início a um amplo e profundo processo de transformações econômicas, políticas e sociais em um país complexo como o Brasil?²²⁵

O autor mencionou que Fernando Collor venceu as eleições de 1989 porque soube aproveitar os mecanismos, aproveitou as circunstâncias oferecidas nas regras eleitorais, além de usar suas máquinas de comunicação a seu favor, por exemplo, os jornais de Alagoas, especialmente a *Gazeta*. Collor conseguiu promover sua imagem em uma proporção maior do que o partido político ou o lado ideológico. As crises da década de 1980, os desgastes das instituições, somados à excessiva campanha política durante o mandato de governador, transformaram a imagem de Collor em um “salvador”.

No processo de investigação sobre a vida política de Fernando nos deparamos também com análises críticas. O autor Francisco de Oliveira escreveu *Collor, a falsificação da ira*. Na obra, ele estabelece que Fernando Collor é um ator político, e toda sua trajetória política até o *impeachment* foi apenas uma aventura frágil e despreparada²²⁶. O autor faz questão de não colocar Collor como fenômeno. Outro texto que usa o método de criticar negativamente sua imagem é o *Passando a limpo: a trajetória de um farsante*, do irmão Pedro, que expõe bastidores da vida pessoal e política de Fernando e faz graves denúncias. O cientista político Carlos Melo afirmou que Francisco e Pedro Collor não percebem que bem ou mal, farsante ou não, Fernando Collor desempenhou um papel real.

4.2. A PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO NACIONAL

O termo “marajá” foi marca de Fernando Collor, que usou desse artifício para se promover nacionalmente. Talvez inicialmente essa expressão não tenha sido fácil de entender, mas há todo um enredo até a nomenclatura ganhar espaço na grande mídia nacional. Mario

²²⁵ MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor: o ator e suas circunstâncias**. São Paulo: Novo Conceito, 2007. p. 1.

²²⁶ OLIVEIRA, Francisco. **Collor, a falsificação da ira**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Sergio Conti escreveu que a primeira vez que Collor ouviu o termo foi em um comício.²²⁷ O cientista político Carlos Melo atribui a palavra “marajá” como o maior tesouro simbólico de Collor, que abriu os caminhos para a projeção nacional:

Discursando contra a corrupção e altos salários no Estado, foi interrompido por alguém que na assistência concordando, gritou: ‘Marajá!’ Marajá seriam os corruptos, os privilegiados. [...] O termo foi uma joia ‘collorida’, caiu como uma luva numa estratégia de comunicação ágil e objetiva, de fácil assimilação. Por direito e objetivo, foi apropriado como símbolo, explorado ao extremo. O “marajá” passou a ser o centro de uma “obsessão” pensada e estudada.²²⁸

Em uma entrevista para a revista *Playboy* em outubro de 1987, Fernando Collor define o que seria o “marajá. Ao ser perguntando sobre o significado, o governador disse:

Um funcionário se torna marajá da seguinte maneira: primeiro, ele pede um terço a mais dos seus vencimentos devido a um trabalho que costumeiramente, entre aspas, vem fazendo além de seu horário normal, o que consegue por pressões políticas, pois na verdade não faz serviços extraordinários. Dali a um ano, já incorpora esse um terço a seu salário-base, sobre o qual incide o reajuste salarial, e recebe o primeiro anuênio. Aí ele pede horário integral, com 100% sobre seus vencimentos, já acrescidos daquele um terço por horas-extras. Passa mais um ano, ele já começa a ganhar um biênio e dois anuênios, tudo em cascata. Depois de mais algum tempo, ocupa um cargo de chefia e tem um adicional em seu salário, que é incorporado depois de um ano. Aparentemente é tudo legal, por serem vantagens aprovadas com base em leis. Mas são todas inconstitucionais, porque tudo aconteceu através da aprovação de leis casuísticas, nas Assembleias Legislativas, com o retrato 3x4 de pessoa ou do grupo beneficiado. Uma coisa completamente louca.²²⁹

Fernando Collor criou notícias sobre sua imagem atrelando a isso a “caça” aos marajás. O ministro da Fazenda do governo Sarney, Máílson da Nobrega, ao ser entrevistado [entrevistado em que ano?] mencionou suas visões sobre Collor e foi cirúrgico em traduzir os problemas econômicos de Alagoas nas gestões do político na prefeitura de Maceió e no governo do estado. O ministro foi muito criticado durante os trâmites da reabertura do Produban, pois fazia suas ponderações sobre a instituição financeira, colocando em pauta até a privatização do banco. Na entrevista, ele relembrou a época que foi secretário-geral do Ministério da Fazenda do governo Figueiredo e responsável por uma força-tarefa para solucionar os problemas criados pelo então prefeito de Maceió, Fernando Collor:

²²⁷ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15.

²²⁸ MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor**: o ator e suas circunstâncias. São Paulo: Novo Conceito, 2007. p. 110.

²²⁹ NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990. p. 73-74.

Eu tive uma experiência pessoal com Collor extremamente desagradável, quando eu era secretário-geral dos ministérios da Fazenda e o Collor prefeito de Maceió (1979-1982). Um dia nós fomos chamados no Palácio do Planalto, pelo general Figueiredo, para achar uma saída para a situação do Collor. Estava-se chegando próximo à eleição e ele, Collor, queria se candidatar a deputado federal e ser o mais votado de Alagoas. Antes de renunciar ao mandato de prefeito, ele nomeou uma quantidade extraordinária de pessoas (só numa fundação educacional, mais de cinco mil pessoas). Evidentemente, isso gerou uma riqueza na cidade; esse pessoal todo se danou a comprar eletrodomésticos, carros e tudo mais. Nas proximidades da eleição, como a prefeitura não tinha como emitir dinheiro e nem o endividamento era ilimitado, começou a faltar dinheiro para pagar pessoal e fornecedores. Estabeleceu-se em Maceió um clima altamente negativo em que as pessoas começaram a perder os equipamentos [...] E aí eu fui designado para coordenar as medidas para salvar a prefeitura de Maceió [...] Nossa equipe foi lá e fizemos um relatório. Era uma coisa simplesmente escabrosa o que o Collor teria feito. Obviamente, ele saiu como o mais votado de Alagoas. Sem o menor escrúpulo.²³⁰

O político que defendia a moralização do serviço público durante sua passagem como governador, levando o mesmo discurso para o âmbito nacional com a famosa “caça” aos marajás, tinha sido mais do mesmo durante a gestão de prefeito. Por que mais do mesmo? Devido a ser uma cultura política local de nomear afilhados políticos em vários cargos. Essa cultura o próprio Collor denunciou quando chegou ao governo, levando a notícia ao *Globo Repórter*, à revista *Veja* e a outros meios nacionais. Não é difícil compreendê-lo, pois nunca foi moralizador do serviço público, apenas usou esse problema do qual já se beneficiou para se promover através do *marketing*. A estrutura do discurso de posse para o governo de Alagoas foi parecida com o anúncio do Plano Collor no primeiro ato como presidente da República, enfatizando a moralização nas atribuições públicas.

Sobre a ideia de moralização, a já citada Benevides, que escreveu sobre a UDN e o udenismo, explana que o partido é um conjunto de ideologias e que existiam várias UDNs dentro da sigla partidária. Quando mencionou o partido e a questão da moralização, é válido fazer a associação à imagem de Fernando Collor, que usava o método moralista em sua gestão. A autora enfatizou que a UDN usava desse moralismo, acentuando as qualidades morais, que os membros falavam que deveria ser uma honra ser udenista, pois o partido fazia parte do chão limpo da pátria. Esse moralismo na prática era utilizado dentro das administrações públicas, na “caça aos escândalos”, que automaticamente faz lembrar a “caça aos marajás” de que Collor tanto utilizava. A autora escreveu que

Se o legalismo udenista deita raízes e se expande no conservadorismo – a reação à mudança – o moralismo também recorrerá à visão de fundo autoritário, no sentido de identificar, nos valores morais dos homens públicos, a “explicação” para o

²³⁰ MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor**: o ator e suas circunstâncias. São Paulo: Novo Conceito, 2007. p. 101.

comportamento político. Não será outro o sentido da advertência, no programa udenista de: “de nada adiantam as formas de governo, se é má a qualidade dos homens que nos governam”. No moralismo udenista distinguiam-se, portanto, os seguintes aspectos: o moralismo individualista, com ênfase na probidade pessoal; o combate à corrupção administrativa, como tema de atuação parlamentar, e o elitismo, na ideia de que “o poder corrompe”. Em que pese a ambiguidade de qualquer postura política que se justifica em termos moralistas, o moralismo udenista conseguiu manter-se como simbolismo do partido, mobilizando, em épocas diferentes, setores distintos da sociedade; nesse sentido, teve uma face popular, um apelo direto às classes médias, e uma ressonância ativa entre os bacharéis.²³¹

Se na UDN o moralismo virou uma das marcas do partido, e o político ao se filiar adentrava as raízes da moralidade, com Fernando Collor a criação dos termos moralistas se estabeleceu da sua imagem para o partido em que estava ou na elaboração do seu futuro partido. Os “pacotes de moralizações” que o governador de Alagoas implantava não era algo inédito na história do Brasil, e a UDN é um exemplo prático de como esse método era utilizado no país. Collor de certa forma obteve raízes udenistas, pois o seu pai Arnon de Mello foi parlamentar filiado ao partido. Mas o filho não precisou da UDN para implantar o moralismo individualista na gestão governamental.

Através de todo esse aparato, Fernando Collor conseguiu chegar à presidência da República na primeira eleição direta pós-ditadura civil-militar. As notícias em 1989 correram em uma intensidade muito impactante. No mês de fevereiro já havia anúncios sobre as colocações do nome de Collor nas intenções de voto para o cargo de presidente. É bom salientar que desde a sua posse ao governo de Alagoas, em março de 1987, Fernando Collor se manteve em campanha nacional, por isso seu nome já era forte no início de 1989. Uma construção intencional atrelada à mídia.

A impopularidade de Collor entre servidores estaduais em Alagoas era algo nítido, e ele não tinha receio das consequências. O que importava eram as circunstâncias, que estavam o projetando nacionalmente. Imaginar que Collor não seria eleito em outros cenários talvez não encontre respaldo nas evidências, pois, visto pela distância temporal, o cenário nacional da época foi favorável ao seu método de *marketing* político.

No mês de janeiro de 1989, Fernando Collor surgiu como terceiro colocado nas pesquisas para o cargo de presidente da República. Vale lembrar que nada estava decidido sobre o seu futuro político, mas o sinal das pesquisas começou a entrar no imaginário dos eleitores e dos leitores das notícias, pois os dois jornais de maior circulação divulgavam os números do momento. O Fernando Collor promovido, divulgado nacionalmente, não condizia com as

²³¹ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 207.

práticas de gestão em Alagoas. Pode ser ousado afirmar isso, mas a imprensa nacional criou um candidato das notícias que ele mesmo orquestrou em parceria com essa própria imprensa. Ela não é vítima, é aliada. Um exemplo interessante foi o momento em que o governador esteve no STF para recorrer às reprovações do parlamento alagoano contra as suas medidas de reformas administrativas, resultando nas demissões de vários servidores de Alagoas. Nacionalmente, essa informação o disseminou como forma de moralizador do serviço público.

Fernando Collor foi eleito governador de Alagoas filiado ao PMDB. Vale destacar que sua candidatura ao governo não foi tranquila, pois o partido tinha outras preferências para a titularidade do cargo. Mas conseguiu ser o candidato da legenda. O jornalista Sebastião Nery escreveu sobre esse contexto.

[...] José Costa presidiu, fez um discurso elegante. Théo fez um discurso emocionado. Collor fez o discurso da vitória. E foi indicado candidato do PMDB a governador de Alagoas, aos 37 anos, exatamente 37 anos depois que o pai, Arnon de Mello, também com 37 anos, tinha sido eleito governador.²³²

Nery, em seu livro sobre a vitória de Collor nas eleições presidenciais, fez uma retrospectiva sobre sua até chegar à presidência, explanando bastidores do processo. Ficou mais evidente que a projeção do político até entrar na presidência era algo enfatizado antes mesmo da posse para governador do estado. É interessante que ficou enfático o desejo por vitórias eleitorais, e não por mandatos bem avaliados. Por exemplo, quando acabou a apuração das eleições para governo de Alagoas, Collor abraçou Cláudio Humberto, assessor de imprensa da campanha, e disse: “A próxima é para presidente”. Depois da posse, já dentro do carro voltando para sua residência, o ajudante de ordens, emocionado, explica: “Que beleza! Você governador. Parabéns”. Collor fica alguns segundos em silêncio e fala que a próxima posse seria a de presidente. Essa confiança ultrapassou o continente: em 1987, viajou para China com uma delegação e, durante um jantar, o deputado Cleto Falcão, fiel aliado de Collor, discursou homenageando o governador de Alagoas. Sobre os bastidores daquela viagem, Nery escreveu que:

Uma noite foram jantar no centro de Pequim, no restaurante Pato Laqueado, onde se preparam divinos patos na hora, liturgicamente cozidos em lenha de árvores frutíferas. Nos discursos, o deputado Cleto Falcão levantou um brinde à saúde (‘campei’) do povo chinês, do povo brasileiro e do futuro Presidente do Brasil. O intérprete traduzia, os chineses riam com seus olhinhos puxados. Cleto terminou assim: Os senhores estão

²³² NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990. p. 33.

diante do futuro Presidente do Brasil. Hoje está aqui o governador de Alagoas, mas vamos voltar com ele Presidente de República.²³³

O efeito marketing que Collor utilizou após a vitória nas eleições de 1986 germinou pelo Brasil. Ele esteve em vários estados fazendo palestras, participando de conferências e cultivando uma gama de seguidores. Nesses eventos, seu discurso estava associado aos problemas do Brasil, com críticas a Sarney, e se mostrando de maneira indireta que era a solução para o país. Quando mostrava a solução, colocava Alagoas como exemplo de gestão.²³⁴ Mas o estado não era exemplo para o país, devido a seus baixos índices sociais, greves no funcionalismo público e crise na economia.

Em 1989, as primeiras notícias sobre o envolvimento do governador no pleito eleitoral daquele ano começaram a surgir no mês de fevereiro, tanto no *Jornal de Alagoas* quanto na *Gazeta de Alagoas*. Mario Sergio Conti afirmou que desde o final de 1988 Fernando Collor estava decidido a deixar o governo de Alagoas para disputar a presidência. O político confidenciou para as pessoas mais próximas que suas chances de vitórias eram pequenas, mas o projeto era ser eleito em 1994. Mas, entre março e maio de 1989, sua visão mudou, ao ver seu nome crescendo nas pesquisas. É interessante destacar que nesses três meses a imprensa não desempenhou qualquer papel.

Logicamente os meios de comunicação foram relevantes, mas esse avanço nas pesquisas tem explicação em duas palavras: propaganda e dinheiro. A arrancada de Collor nas pesquisas foi considerada um fenômeno eleitoral. O governador em março tinha 9% das intenções de votos, atrás de Brizola e Lula. Em maio, contava com 32%, mais do dobro de Brizola, com 15%, e quase o triplo de Lula, com 11%. Esse fenômeno foi resultado de aparições em programas publicitários em rede nacional, com altos custos financeiros pagos por Fernando Collor.²³⁵

Quando estava conversando com donos de vários partidos, ele foi sondado pelo Partido Liberal (PL) para ser vice-presidente na chapa do Guilherme Afif Domingos. Além disso, o Partido Democrático Cristão (PDC) e Partido Social Progressista (PSP) ofereceram tempo de televisão. Collor estava sendo disputado, mesmo ainda não tendo boas chances nas eleições, mas era um forte nome para interesses partidários. Depois de sondagens, o acordo foi fechado com o Partido da Juventude (PJ), que pertencia ao advogado Daniel Tourinho no Brasil. O

²³³ NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990.

²³⁴ NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990. p. 73-74.

²³⁵ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 141.

partido estava em formação, e a sigla precisava mais de Collor do que o inverso, e isso foi concretizado. O partido não conseguiria a legalização por não atingir o número mínimo de diretórios, e foi nesse momento que Fernando Collor consegue, através de articulações políticas, em três dias o partido ter registro em 30 municípios de Alagoas e garantiu o direito ao programa gratuito da Justiça Eleitoral. O envolvimento com o PJ foi curto, mas deu bons resultados, apesar de alguns vetos no programa. Quando a propaganda eleitoral do partido foi ao ar, a imagem de Collor esteve vetada várias vezes durante uma hora de programa. O Tribunal de Justiça colocou no ar o aviso de que o candidato à presidência ainda não oficializado não poderia participar de programas do TSE, mas, mesmo com sua imagem sendo congelada, desaparecendo em segundos, a repercussão foi grande.²³⁶ Collor mais uma vez era destaque na mídia.

A sigla não agradava interlocutores de Collor. Marcos Coimbra, cunhado e proprietário do instituto de pesquisas Vox Populi, sugeriu que o nome do partido mudasse, e nessa mudança estivessem as derivações do verbo “renovar”, e depois de alguns debates foi estabelecido o nome Partido da Reconstrução Nacional – PRN.²³⁷ A mudança aconteceu em 1989, e em fevereiro o *Jornal de Alagoas* publicou a notícia: “Collor lança Partido da Reconstrução e desiste de vez do Partido da Juventude”. No corpo do texto, o jornal mencionou algumas falas do governador sobre a reformulação da sigla.

‘Não desejamos um partido numeroso, mas um partido forte. Não sairemos chamando as pessoas para filiarem pois queremos as pessoas que têm zelo pela coisa pública, sérias e comprometidas com dias melhores para o país’, disse Collor. Antes de ler o manifesto e o estatuto do PRN, Fernando Collor fez uma retrospectiva de sua passagem pelo PMDB, dizendo que deixou aquele partido porque ele se distanciou das bandeiras de luta que assumiu com o povo: ‘não fico em uma agremiação partidária que não cumpre seu programa’, frisou.²³⁸

A *Gazeta de Alagoas* destacou o lançamento da sigla partidária com a manchete “Collor lança o PRN e fortalece candidatura”. Na imagem estava o próprio governador e o vice Moacir Andrade assinando a ata de filiação do partido. Deputados, secretários de Estado e mais 13 prefeitos acompanharam a atitude do governador e também se filiaram ao PRN. Fernando Collor estava dando um importante passo para sua candidatura. Era uma realidade.²³⁹

²³⁶ NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990. p. 79.

²³⁷ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 143.

²³⁸ GOVERNADOR lança PRN com Andrade. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 33, p. A6, 10 fev. 1989.

²³⁹ COLLOR lança PRN e fortalece candidatura. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 10 jan. 1989.

A partir do lançamento do partido, os jornais começaram a publicar notícias constantes do passo a passo do desenvolvimento partidário da nova formação da sigla. O nome tinha a palavra “Reconstrução”, e era isso que estava sendo feito a cada dia em Alagoas. O *Jornal de Alagoas* fez uma grande cobertura daquela criação partidária e publicou a notícia de que Fernando Collor já tinha comitê central para disputar a presidência. É estranho e ao mesmo notório que o periódico nesse momento fizesse mais propaganda do que o próprio veículo de comunicação do governador. O jornal publicou um manifesto do PRN:

O Partido da Reconstrução Nacional – PRN convoca a sociedade brasileira a uma decidida e profunda reconstrução moral de nosso país. O desalento, o desânimo e a descrença tornaram-se sentimentos de todos, depois que os generosos momentos de rupturas com o autoritarismo foram sucedidos pela lastimável repetição de tudo que queríamos ultrapassar. [...] O Partido da Reconstrução Nacional – PRN assume sem medo a missão de promover por todos os meios a seu alcance, o saneamento moral da política e do poder público no Brasil. [...] A denúncia da crise moral que atravessamos é uma ruptura com um Brasil passado e presente que devemos repudiar: O Brasil do clientelismo, do populismo, da mentira e da demagogia. O Brasil dos privilégios mantidos à custa de corrupção. O Brasil dos arranjos oportunistas e imorais. [...] A reconstrução moral é pré-requisito para todas as demais tarefas que enfrenta a sociedade brasileira no campo público, econômico e social.²⁴⁰

Esse manifesto foi o retrato e a espinha dorsal para os trâmites eleitorais que Fernando Collor utilizou em todo o país durante sua campanha eleitoral. A ênfase no texto está na moralidade, termo plantado em Alagoas e disseminado no Brasil. Uma grande jogada de *marketing* e estratégia política.

A *Gazeta de Alagoas* não publicou o manifesto, mas enalteceu a pauta municipalista, pois o PRN foi aderido por 29 prefeitos até aquele momento, e o otimismo daqueles políticos era algo impactante sobre o que seria uma “nova era”. O prefeito da cidade de Ibateguara, João Caldas, fez vários elogios ao governador, pois finalmente estava se sentindo valorizado pelo governo devido ao convite em ingressar no novo partido.²⁴¹

A sequência de adesões ao PRN esteve nas páginas de notícias dos periódicos. Foram publicadas parciais de quantos prefeitos de Alagoas estavam aderindo. Em menos de uma semana passou de 29 para 45 prefeitos filiados ao partido. As reuniões dos gestores municipais com o candidato e ainda governador de Alagoas eram sempre nas dependências do Palácio dos Martírios. Até seria normal se fosse para temas importantes para as cidades, mas o foco dos encontros era aumentar o número de filiados para a sigla. Fernando Collor deixou explícito que

²⁴⁰ O MANIFESTO. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 33, p. A2, 11 jan. 1989.

²⁴¹ PRN já conta com 29 prefeitos alagoanos. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A3, 11 fev. 1989.

sua intenção era conquistar os municípios e depois seguir para os “grandes medalhões” da política nacional.²⁴²

Sobre os partidos, é importante fazer o diálogo com que atesta o historiador francês Serge Berstein, no livro *Por uma história política*, de René Rémond. Nele, há uma reflexão sobre a função do partido na mediação política e a seguinte questão: quais são, portanto, na sociedade política contemporânea, a natureza e a função de um partido político? É válido colocar a formação do PRN dentro dessa pergunta, pois sua construção, ou melhor, sua reconstrução foi exclusivamente associada ao projeto pessoal de Collor. O governador de Alagoas precisou de um partido para mediar seu projeto midiático, e sua imagem esteve sempre em autodivulgação. Berstein escreveu sobre o aparecimento de um partido:

Aos olhos do historiador, o partido aparece fundamentalmente como o lugar onde se opera a mediação política. De fato, é evidente que não se pode considerar o homem sendo originalmente um animal político; sozinho, ou em sociedade, ele sente necessidade e aspirações que lhe concernem diretamente, a ele mesmo ou à sua família, e que se situam no nível escrito da existência cotidiana.²⁴³

Fernando Collor precisou dessa mediação institucional, que nesse caso se configurou no partido, devido a suas necessidades de aspirações exclusivas para ele. É válido lembrar que o candidato a presidente não expressava orgulho por sua família, e sim em seu nome dentro de uma existência cotidiana, e nesse caso ele se tornava notícia. Berstein segue sua explanação sobre a formação de um partido. O autor explica didaticamente que o partido político surge estreitamente ligado aos fenômenos estruturais inscritos na longa duração que permitem questionar a “transformação” de uma sociedade.²⁴⁴ Fernando Collor foi fenômeno? O cientista político Carlos Melo conceituou uma definição para essa nomenclatura:

O fenômeno Collor representa o encontro natural de um processo de evolução histórica – que tem sua nascente na década de 1930 – com os anacronismos que não conseguiam ser superados. O velho e novo se encontram num mesmo personagem. Por encarar o discurso do “novo” inexorável mundial.²⁴⁵

²⁴² PRN continua registrando a filiação de políticos. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 37, p. A2, 15 jan. 1989.

²⁴³ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 60.

²⁴⁴ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 67.

²⁴⁵ MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor: o ator e suas circunstâncias**. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007. p. 11.

Collor tinha em sua “árvore genealógica” o velho, vindo da oligarquia liderada por seu pai e sua mãe, mas ao mesmo tempo se colocava como o novo, que moralizaria o Brasil. O personagem Collor era uma mistura do velho e do novo, e através dessa junção aproveitou a oportunidade da crise que o Brasil vivia. A sequência esteve na sua promoção de imagem, e depois na criação de um partido. O PRN é fruto da crise que o Brasil estava vivendo. Seguindo o texto de Berstein, mais uma vez o historiador é cirúrgico no diálogo sobre partidos:

Para que nasça um partido, é necessário além disso que, no interior do movimento evolutivo [sic] constado, se produza uma crise, uma ruptura bastante profundada para justificar a emergência de organizações que, diante dela, traduzam uma tendência da opinião suficientemente fundamental para durar e criar uma tradição capaz de atravessar o tempo. Essa crise não é necessariamente um acontecimento histórico, mesmo que fatos espetaculares a revelam aos contemporâneos. Pode ser uma guerra, mas também um fenômeno de inflação monetária, uma depressão econômica, uma explosão demográfica, uma transformação do sistema educacional, um abalo das estruturas econômicas [...].²⁴⁶

Fernando Collor soube usar a crise nacional no governo Sarney, em que o principal fator era a questão inflacionária, a seu favor. A jogada foi inversa, primeiro foram manchetes, notícias, discursos contra Sarney, seguindo no projeto moralizador em Alagoas com demissões de funcionários e cortes de salários, atrelado ao lema “caça aos marajás”. Fechando esse pacote, foi criado o partido. O PRN é fruto de crises, e de criações de crises, pelo próprio Collor. No texto “Os partidos” o autor vai além, afirmando que o partido formado precisa de representantes eleitos, logo é válido lembrar dos aumentos constantes de filiados ao PRN com cargos políticos. Além disso, o partido precisa dispor de uma imprensa, que permita introduzir gradativamente a legenda na opinião pública. Fernando Collor era dono de um grande conglomerado de mídia, com jornal, rádio e TV, além de gastar fortunas divulgando sua imagem para a imprensa nacional, como mencionou em *Notícias do Planalto*.

Um ponto importante do cenário que foi associado à ascensão do PRN foi a adesão de artistas à figura de Fernando Collor. Os dois periódicos noticiaram essas manifestações de apoio. A *Gazeta de Alagoas* e o *Jornal de Alagoas* publicaram de maneira parecida o corpo do texto. A *Gazeta* com o título “Amplia-se o apoio a Collor entre artistas brasileiros”, enquanto no *Jornal de Alagoas*, “Artistas apoiam a decisão de Collor em ser presidente”. Os depoimentos dos artistas eram inflamados a favor do futuro candidato:

²⁴⁶ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 67.

Os artistas de teatro e de televisão começaram a fazer opção pela candidatura do governador de Alagoas Fernando Collor de Mello à Presidência da República. No final do espetáculo ‘Splish Splash’, Collor de Mello foi surpreendido com uma homenagem do ator Alexandre Frota: “Quero dedicar o espetáculo de hoje a um dos homens mais dignos deste País, o futuro presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello”. Na plateia, em companhia de sua esposa, Rosane, o governador de Alagoas ficou ainda mais encabulado com a reação entusiasmada de cerca de mil pessoas que lotavam o Teatro Ginástico, no centro do Rio de Janeiro – inclusive a apresentadora de televisão Xuxa.²⁴⁷

Na esfera nacional, o primeiro teste de popularidade de Collor foi na capital paulista, em um evento promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. O jornalista Augusto Nunes aproveitou a presença do governador de Alagoas em um seminário sobre a indústria imobiliária e o convidou para participar do “teste do viaduto”. A dinâmica era o jornal acompanhar os políticos numa caminhada pelo Viaduto do Chá, onde trafegam milhares de pessoas, e com isso medir a popularidade do político. Collor aceitou o desafio e se empolgou com o resultado, pois várias pararam para cumprimentá-lo, pedir autógrafo e dar os parabéns.²⁴⁸ Tudo isso graças à sua própria propaganda, orquestrada pela mídia que ele sempre procurava.

Essas manifestações públicas se repetiram quando o governador esteve no Carnaval do Rio de Janeiro em 1988 e foi prestigiar o desfile da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, que fazia um enredo com alusão ao termo “marajá”. Collor esteve presente, e no ato de sair do camarote, comprado por Paulo Cesar Farias, e descer até a avenida para cumprimentar os integrantes da escola, foi aplaudido calorosamente pelo público presente. Toda essa conjuntura de popularidade foi coroada com a fundação do PRN.

As notícias partidárias eram publicadas juntamente com o “serviço” moralizador de Fernando Collor. Os discursos para cortar os altos salários eram constantes. O alvo era o chefe da Consultoria Jurídica da Assembleia Legislativa, Luiz Gonzaga Mendes de Barros. O governador divulgou na imprensa não aceitar o supersalário do servidor, ameaçou cortar os vencimentos, e assim o fez. Virou uma disputa jurídica. Collor foi ao Supremo Tribunal Federal para vencer essa batalha judicial e a atitude ganhou repercussão nos dois periódicos. O *Jornal de Alagoas*, por exemplo, publicou na mesma página a notícia do embate de Collor com Mendes de Barros, detalhando a charge de uma ilustração de marajá tendo o seu contracheque cortado e o aumento de filiação dos políticos ao PRN. Em uma página, o leitor visualizou o moralizador representado pela tesoura cortando o contracheque e o seu resultado, o partido.²⁴⁹

²⁴⁷ AMPLIA-SE o apoio a Collor entre artistas brasileiros. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A5, 10 jan. 1989.

²⁴⁸ NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990. p. 71-72

²⁴⁹ COLLOR corta o salário de “marajá” e briga na justiça. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 38, p. A2, 16 fev. 1989.

Figura 53 – Matéria sobre os “marajás” no *Jornal de Alagoas*



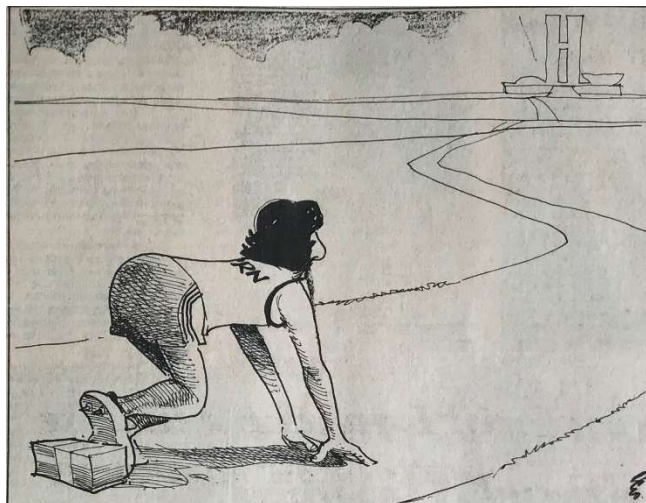
Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 16 fev. 1989.

As primeiras charges associando Collor, PRN e corrida presidencial foram criadas antes mesmo do lançamento nacional da sigla. O chargista Léo Villanova desenhou o candidato em formato de velocista pronto para a largada, com a camisa estampada a sigla do PRN, e no fund, o os prédios de Brasília. A charge não estava na página de opinião do periódico. Acompanhado a ilustração estava o título “Collor se fortalece e acelera marcha em direção ao Planalto”. O texto é explicativo e traduz o perfil do momento do governador.

Moralizador de serviço público, caçador de marajás e político progressista, fazem parte das bandeiras que o governador Fernando Collor de Mello vai manter hasteadas durante os próximos seis meses, quando ele percorrerá o País em busca dos milhares de votos que possam levá-lo à sucessão do presidente Sarney. Mesmo com boas bandeiras políticas, Collor sabe perfeitamente bem que precisa amarrar suas investidas numa boa dose de simpatia pessoal, recurso que poderá ser essencial para contabilizar votos da juventude.²⁵⁰

²⁵⁰ COLLOR se fortalece e acelera marcha em direção ao Planalto. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 41, p. A2, 19 fev. 1989.

Figura 54 – Charge fazendo referência a Collor na corrida para o Planalto



Fonte: Jornal de Alagoas, 19 fev. 1989.

A novidade é atrativa, cria o diferente no imaginário. Através desse método, a novidade da existência do PRN esteve acompanhando com o nome de Fernando Collor. O governador criou os imaginários da inexistência da moralidade, logo o partido esteve no processo de reconstruir uma nova.

4.3 AS PESQUISAS DIALOGANDO COM A IDEIA DA RECONSTRUÇÃO NACIONAL

No início de março de 1989, o *Jornal de Alagoas* estampou como manchete a mais recente pesquisa para a corrida presidencial. Fernando Collor já aparecia em terceiro colocado nas intenções de votos. O órgão responsável pela pesquisa foi a empresa Vox Populi. Depois de alguns debates sobre a sigla partidária, Marcos Coimbra percebeu que precisava fazer um estudo de campo, nesse caso uma pesquisa para entender se realmente Collor teria reais chances de disputar a presidência. O primeiro processo de pesquisas da Vox Populi para entender o nome do candidato perante a população aconteceu em 1988. Coimbra teve a ideia de criar um questionário com perguntas que criavam um perfil de um ótimo futuro presidente. Mas, antes da elaboração, o sociólogo pensou em dois questionamentos iniciais: quais os problemas nacionais que o eleitorado considerava mais graves? Que tipo de homem queria como candidato à presidência? Através dessa espinha dorsal de dúvidas, o questionário foi elaborado. Mario Sergio Conti escreveu:

O Vox Populi preparou um questionário minucioso, com cem perguntas. Questões como: ‘Acha bom que o candidato vá à missa?’, ‘O candidato deve dirigir o seu próprio carro?’, ‘O candidato deve fazer esportes?’, ‘Há importância para o candidato ser divorciado?’, ‘A mulher do candidato deve trabalhar?’. Numa segunda reunião, na mesma sala e com as mesmas pessoas, Marcos Coimbra apresentou os resultados da pesquisa: ‘Sim, há lugar no imaginário popular para a candidatura Fernando Collor de Mello.’²⁵¹

A pesquisa mostrou dados traduzidos pelo Vox Populi que a população gostaria de um candidato que moralizasse o serviço público, alguém honesto para gerir o país. Partido em formação e instituto de pesquisa ao seu dispor, Fernando Collor criou a estrutura de candidatura. Mas sabia que não era o único a corresponder ao perfil ideal. O *Jornal de Alagoas* e a *Gazeta* divulgaram as pesquisas de intenções de voto para presidente, mas esta última fez a divulgação também dos números do Ibope, ou seja, mais um parâmetro a ser analisado. No texto do *Jornal de Alagoas* foram divulgados com destaque os votos dos mais jovens em Collor, mas o que chamou atenção foram as publicações sobre o descaso do Pronto Socorro de Maceió. O governador do Estado de Alagoas estaria em ascensão nacional, mas seu governo estava um caos no serviço público.²⁵²

A *Gazeta de Alagoas* também acompanhou a publicação sobre a pesquisa do Vox Populi, mas o foco foi enaltecer a chegada de Collor entre os três favoritos, associando com o lançamento do PRN na esfera nacional, que aconteceria no Rio de Janeiro. Na matéria consta uma tabela com os nomes dos candidatos seguindo uma cartilha com ideias de um candidato ideal, que remetem ao questionário criado pelo instituto de pesquisa.

²⁵¹ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 96-97.

²⁵² PESQUISA mostra Collor já em 3º para presidente. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 51, p. A1, 03 mar. 1989.

Figura 55 – Tabela das pesquisas eleitorais publicada na *Gazeta de Alagoas*

Fernando Collor ficou em 3º			
Candidatos	Março/88	Dezembro/88	
Brizola	10,2	10,1	
Lula	4,1	8,8	
Fernando Collor	3,9	5,0	
Antônio Ermírio	3,9	1,8	
Silvio Santos	3,2	7,4	
Orestes Quêrcia	3,0	2,3	
Paulo Maluf	2,6	1,8	
Ulysses Guimarães	1,6	1,8	
Aureliano Chaves	1,3	—	
Mário Covas	0,8	2,1	
Outros	8,3	10,4	
Nenhum	18,1	15,3	
Não sabe	37,3	32,1	
Não respondeu	1,7	2,9	

CANDIDATO IDEAL			
Político tradicional, com um passado importante			
Político socialista, com grandes ligações trabalhistas			
Político novo, descomprometido com os partidos			
Político conservador, com personalidade forte			
Empresário bem sucedido e rico			
Militar, com grande liderança nas Forças Armadas			
Outro			
Não sabe			
Não respondeu			

OPÇÕES			
	Gostaria que acontecesse	Acaba sendo	
Transformação completa, radical	53,1	18,0	
Mudanças significativas	30,7	20,5	
Algumas mudanças	5,8	24,4	
Nenhuma mudança	3,6	13,7	
Não sabe	6,6	2,1	
Não respondeu	1,3		

Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 4 mar. 1989.

As pesquisas seguiam acontecendo em todo o país. A *Gazeta de Alagoas* publicou pesquisas exclusivas de São Paulo, e no cenário paulistano Collor apareceu em 5º lugar nas intenções de votos. Na matéria que era originada do periódico *Estado de S. Paulo*, que a *Gazeta* republicou, o governador de Alagoas estava atrás de grandes nomes do cenário nacional, mas destacou que vinha à frente de outros considerados fortes nomes da política: do Governador de São Paulo, Orestes Quêrcia (PMDB), do ex-prefeito da capital paulista, Jânio Quadros (PTB), do deputado federal e presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, e do deputado estadual Afif Domingos (PL). Todos esses nomes eram filhos de São Paulo, e o destaque que a *Gazeta* enfatizava foi o fato de Collor ultrapassar os consagrados.²⁵³

O Instituto Gallup²⁵⁴ promoveu uma pesquisa por encomenda da revista *IstoÉ*, resultando em Collor no terceiro lugar nas intenções de votos. Os periódicos estudados divulgaram a informação com destaque na manchete. Ambos os jornais, no mesmo dia, publicaram conteúdos parecidos no corpo do texto, mas a *Gazeta* colocou adereços ressaltando

²⁵³ SÃO PAULO coloca Collor em 5º na corrida presidencial. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 1 mar. 1989.

²⁵⁴ Empresa de pesquisa de opinião dos Estados Unidos.

a figura de Fernando Collor de Mello. O título do Jornal de Alagoas: “Gallup dá 3º lugar a Collor”, e na Gazeta “Pesquisa Gallup: Collor cresce mais que Lula e Brizola”. O primeiro ponto a destacar é o fato de haver a manchete e a matéria dentro da edição. No *Jornal de Alagoas* havia só a manchete. O segundo ponto é o destaque da foto de Fernando Collor andando nos areais da praia de Maceió, sorridente, vestido de terno e gravata, e a imagem toda colorida. Na descrição da imagem estava escrito: “O candidato Fernando Collor arregaça as mangas, disposto a corresponder à preferência já confirmada pelas pesquisas”. Vale ressaltar que só a *Gazeta* tinha tecnologia para impressão de imagens coloridas em suas edições.

Figura 56 – Manchete do *Jornal de Alagoas* mencionando Collor em 3º lugar nas pesquisas



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 8 mar. 1989.

Figura 57 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* mencionando Collor em 3º lugar nas pesquisas



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 8 mar. 1989.

A imagem colocada não foi por acaso, e sim para destacar o governador. O texto da matéria foi carregado de inclinação para a figura do candidato-proprietário, ou seja, do patrão:

Para os assessores de Collor, a esta imagem nacional de moralizador do serviço público soma-se a capacidade de trabalho do governador alagoano, que já arregaçou as mangas na corrida rumo ao Palácio do Planalto. [...] Primeiro político a anunciar publicamente seu interesse em concorrer ao primeiro posto da Nação, Collor sai na frente também na instalação de seu comitê na Capital Federal. Totalmente informatizado, seu escritório de campanha ocupa dois andares de um prédio situado no Setor Comercial de Brasília e está equipado com vários microcomputadores em condições de monitorar toda a campanha. Pronto a enfrentar desafios e prometendo levar a todo o País sua pregação contra os marajás e o empreguismo no serviço público, Collor ganha a cada dia a confiança do eleitor brasileiro, mais do que nunca esperançoso em governantes jovens.²⁵⁵

A necessidade de divulgar o aparato tecnológico nas dependências do comitê fez parte da estratégia da associação à juventude. Candidato jovem e ligado nas tecnologias, e ainda no “combo” moralizador. A campanha eleitoral ainda estava no início, mas a *Gazeta de Alagoas* já mostrava seu objetivo: projetar Fernando Collor como solução dos problemas do Brasil.

²⁵⁵ PESQUISA Gallup: Collor cresce mais que Lula e Brizola. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A1, 8 mar. 1989.

4.4. PROPAGANDA E DINHEIRO PARA O CRESCIMENTO NAS PESQUISAS

Em paralelo às informações de pesquisas eleitorais e na atmosfera do lançamento na esfera nacional do PRN, os jornais divulgaram matérias com grandes elogios sobre a gestão de Fernando Collor à frente do governo de Alagoas. Fica a dúvida quanto à publicação dessas notícias no *Jornal de Alagoas*. Propagandas são pagas, há uma normalidade para esses métodos nos periódicos. A questão é que no dia 15 de março o mesmo jornal publicou uma matéria com elogios à gestão Collor. Possivelmente foi uma matéria comprada pela Secretaria de Comunicação do governo. Lendo com cuidado, é perceptível que as fontes das letras estavam diferentes das outras publicações daquela edição. Era uma página especial, e no título estava escrito “Collor: dois anos de moralização”. No texto, números positivos da saúde, da educação e da economia. A contradição era grande. É importante salientar que as edições anteriores e depois quase sempre estavam com reportagens, informações, criticando e fazendo a cobertura das crises econômicas e do serviço público de Alagoas. O nível das contradições era proporcional ao crescimento da popularidade de Collor na esfera nacional.

O título e a arte gráfica eram iguais nos dois periódicos. A diferença é que a *Gazeta* não elogiava só o governo, mas também a figura de Collor:

Moralização: a palavra-chave do governo da Mudança saiu dos discursos e entrou com determinação no cumprimento das metas estabelecidas pelo governador Fernando Collor para sua gestão. A ordem era moralizar o serviço público e as ações do governo. O objetivo, resgatar a credibilidade da administração pública estadual. Com as adoções de medidas visando este fim, em pouco tempo Alagoas e seu governo alcançaram notoriedade a nível nacional.²⁵⁶

O caderno especial da moralização, publicado pela *Gazeta*, utilizou várias páginas. Nele, constavam possíveis obras inauguradas pela gestão, além de muitos prefeitos elogiando o governador. O conteúdo é igual nos dois veículos de comunicação, com a diferença de que na *Gazeta* o número de páginas foi superior. A criatividade nos anúncios das prefeituras elogiando Collor é algo a se analisar, pois surge a dúvida até onde esses prefeitos tiveram autonomia para publicar elogios ao pré-candidato a presidente. O aparato de publicações nesse dia foi uma pré-despedida do governador, visto que em poucos dias ele sairia do cargo. A *Gazeta* seguia sua preparação para convencer o leitor de que o nome de Fernando Collor era a melhor escolha. Os elogios eram de todos os âmbitos, para as obras e pela “moralidade”. E o *Jornal de Alagoas*?

²⁵⁶ MORALIZAÇÃO marca dois anos do governo Fernando Collor. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 15 mar. 1989.

Fez suas publicações que alternavam críticas e elogios ao político. Os principais jornais de Alagoas estiveram sintonizados na mesma ideia, não foi a primeira nem a última vez nesse processo. O caderno especial da moralização também constou com publicações de empresas privadas elogiando o governador.²⁵⁷

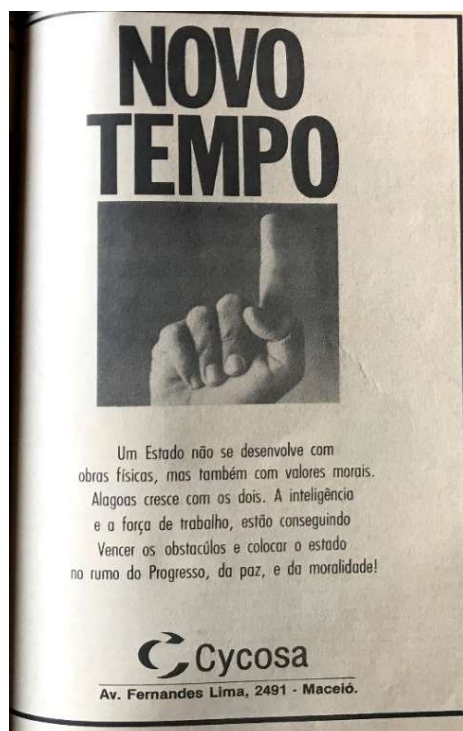
Figura 58 – Propaganda da prefeitura municipal de Traipu elogiando Collor



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 15 mar. 1989.

²⁵⁷ ESPECIAL: Collor dois anos de moralização. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 61, p. A6, 16 de mar. 1989

Figura 59 – Propaganda empresa de carros Cycosa elogiando a gestão Collor em Alagoas



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 15 mar. 1989.

No texto “Na oficina do historiador”, das historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, são explicadas as dinâmicas para a elaboração de um jornal, mas dentro dessa explanação algo que fica em evidência são as estratégias para que a memória do eleitor seja ativada ou esquecida:

Nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, as convenções sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o *fazer imprensa* a cada momento histórico. [...] Neste ponto interessa destacar que na configuração histórica assumida pela Imprensa, em diferentes conjunturas e com articulações históricas diversas, desde o século XIX, agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social, os jornais e revistas atuam [...] pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento.²⁵⁸

O empreendimento midiático da *Gazeta* irradiou para outros meios de comunicação do Brasil, e vice-versa, como também no próprio *Jornal de Alagoas*, que dificilmente conseguia ter uma imparcialidade, mesmo isso sendo uma missão quase impossível para um periódico.

²⁵⁸ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 259, dez. 2007.

Até o lançamento do partido na esfera nacional, havia um debate sobre o tempo de televisão e rádio que o candidato Collor teria. Fazia parte do projeto para concretizar o seu nome no cenário ter um bom tempo na mídia aberta. Vale lembrar que as eleições de 1989 tiveram ênfase na televisão, então cada segundo era importante para divulgar ideias. O *Jornal de Alagoas* publicou uma ilustração representando um pódio, onde o primeiro era o candidato do PDT, Brizola, seguido do candidato do PT, Lula, e tentando subir ao terceiro lugar estava Fernando Collor. A analogia da charge fazia parte das disputas na pesquisa associando-o com o futuro tempo de televisão. A disputa era inicial, mas estava no cenário bem disputado. A charge teve intenções com o partido novo que seria lançado.

Figura 60 – Charge mencionando a disputa eleitoral de Brizola, Lula e Collor



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 9 mar. 1989.

O grande dia para o lançamento oficial do PRN estava chegando. Os jornais anunciaram um dia antes as expectativas para o lançamento da sigla no Rio de Janeiro. Nos dois periódicos, as informações ganharam manchetes carregadas de empolgação em seus textos. Mas, na *Gazeta*, a foto do candidato também tinha sido veiculada. Nesse paralelo, o *Jornal de Alagoas* publicou mais uma vez reportagens especiais sobre os possíveis avanços da gestão Collor em Alagoas. Foram três páginas inteiras noticiando avanços em saúde, educação, segurança pública, emprego e economia. As publicações não estavam na tonalidade de antes, em que as fontes das letras estavam diferentes, e do mesmo jeito da *Gazeta de Alagoas*. Ao contrário de dias antes, as reportagens pareciam serem assinadas, mesmo sem assinaturas divulgadas. É

perceptível que era alguma maneira de confundir o leitor/eleitor de que não eram peças publicitárias, e sim matérias jornalísticas sobre boas notícias de Alagoas.²⁵⁹ O *Jornal de Alagoas* também entrou na atmosfera do lançamento do PRN.

Figura 61 – Manchete da *Gazeta de Alagoas* mencionando o lançamento do PRN no Rio



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 18 mar. 1989.

Para as notícias veiculadas após o lançamento do partido, o *Jornal de Alagoas* foi mais contundente, colocando Fernando Collor em manchete. O jornal publicou: “Collor: “O país vive a crise moral””. Na manchete, a imagem do governador, seguindo o texto:

Num discurso emocionado, entrecortado por aplausos e gritos de ‘presidente do Brasil’, o governador Fernando Collor de Mello lançou ontem, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, no centro do Rio de Janeiro, sua candidatura à Presidência da República. Collor, no pronunciamento, disse que a ‘raiz de todas as crises nacionais tem origem na crise moral’ e sustentou sua cruzada moralizadora do serviço público.²⁶⁰

²⁵⁹ ESPECIAL: Collor: dois anos de moralização. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 61, p. A5, 17 mar. 1989.

²⁶⁰ COLLOR: “O país vive uma crise moral” – Ontem, no Rio, ele lançou candidatura pelo PRN. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 64, p. A1, 19 mar. 1989.

Para Collor, o problema do Brasil era a falta de moral. Como resolver isso? Até aquele dia, o governador de Alagoas não tinha nenhuma proposta contundente, explícita, notória para o Brasil. Seus argumentos estavam em criar uma “cruzada” contra a imoralidade.

Figura 62 – Manchete do *Jornal de Alagoas* mencionando o lançamento do PRN no Rio



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 18 mar. 1989.

Era nítido o quanto a *Gazeta* era parcial, defendia a imagem de Collor e o-promovia. Quanto ao *Jornal de Alagoas* não é possível constatar-mos o mesmo. Dias depois de noticiar em grandes proporções o lançamento do PRN em nível nacional, o periódico publicou em manchete que o estado de Alagoas não pagaria os salários naquele dia, afirmando que a folha salarial ficaria atrasada, e no mesmo plano de manchetes a informação que o jornal concorrente, a *Gazeta*, demitiria funcionários, causando grande desconforto para a classe de jornalistas. Duas notícias que indiretamente eram críticas ao governador Fernando Collor e sua família, pois quem administrava as empresas era seu irmão Pedro. O *Jornal de Alagoas* alternava suas posições políticas e abordagens.²⁶¹ Há de se ressaltar que cada veículo atua como uma empresa dentro de um jogo que envolve ganhos monetários e políticos, na disputa pela hegemonia, como

²⁶¹ ESTADO não paga folha amanhã. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 65, p. A1, 21 mar. 1989.

aparelhos privados. O aparelho hegemônico é compreendido como uma sociedade particular, que se torna coincidente ao aparelho governativo.²⁶²

Os jornais e a figura de Fernando Collor estavam associados no discurso informativo e no discurso propagandista, mas um com variações e o outro seguindo, sem dúvidas, a linha editorial em favor do governador.

O linguista francês Patrick Charaudeau, em seu livro *Discurso das mídias*, explicou o papel de quem informa. Ele ditou o processo que causa uma construção da informação. Nessa linha, explica as diferenças dos discursos informativos e de propagandas.

Discurso informativo e discurso propagandista têm em comum o fato de estarem particularmente voltados ao seu alvo. O propagandista, para seduzir ou persuadir o alvo, o informativo, para transmitir-lhe saber. Em ambos, a organização dos discursos depende das hipóteses feitas a respeito do alvo, especificamente a respeito dos imaginários nos quais este se move. [...] Constata-se que é necessário analisar os fatos de discurso numa perspectiva pragmática, isto é, em relação com a ação ou com os atos que os acompanham, deve-se evitar a ingenuidade de pensar que discurso e ação se ligam por uma relação de causalidade direta. Justamente, os discursos informativo e propagandistas são os representantes do fenômeno estritamente linguageiro de fazer a comunicação pelo filtro dos imaginários característicos da instância de produção e da instância de recepção.²⁶³

Evitar a ingenuidade nas leituras dos periódicos deveria ser um método importante para entender quais as ideias e informações que o *Jornal de Alagoas* estava passando no cotidiano.

Depois do lançamento do partido, seguiu-se o jogo político para o âmbito dos conchavos eleitorais. A *Gazeta de Alagoas* publicou um editorial muito marcante para aquele momento. O título da seção “Opinião” do periódico foi “Collor em busca de espaço”. O corpo do texto tinha tonalidades avaliativas sobre os principais candidatos ao cargo de presidente da República. O mês ainda era março, antes mesmo das convenções partidárias, mas a *Gazeta* estabeleceu a ideia sobre os principais nomes e enalteceu apenas a figura de Fernando Collor.²⁶⁴ *Gazeta* e Fernando não eram apenas aliança, e sim empresa e proprietário. Não seria possível estudar a imprensa, e nesse caso dois jornais de Alagoas, em um campo isolado, pois são conexões e vínculos diversos que a cada tema há uma nova abordagem de análise. Para estudar Collor, a abordagem nesses periódicos é diferente de outros estudos. Os jornais estão presentes para Fernando Collor

²⁶² HOEVELER, Carolina Rejane. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*, n. 5, p. 149, ago./dez. 2019.

²⁶³ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 60.

²⁶⁴ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 267, dez. 2007.

através do aparelho hegemônico, pois atravessam as fronteiras do público e do privado para incluir o projeto de poder para confrontar os seus antagonistas.²⁶⁵

O editorial da *Gazeta de Alagoas* do dia 24 de março merece uma análise mais demorada, pois é o cenário eleitoral de 1989 sendo exposto naquele momento acompanhado de uma charge com Jesus Cristo na cruz com a uma placa sobre sua cabeça, inscrito “povo”.

Figura 63 – Editorial da *Gazeta de Alagoas* divulgando Collor como a melhor opção



Fonte: Gazeta de Alagoas, 24 mar. 1989.

Muitas simbologias para uma página. O conteúdo começou com elogios ao candidato Collor, expressando que os poucos mais de dois anos de mandato como governador conseguiram mostrar sua plataforma, de “combate à corrupção”, “combate ao entreguismo”, “combate ao crime” e, segundo o editorial, a “seriedade acima de tudo”. Divulgou, ainda, a informação de que o grupo de Collor era pequeno, mas tinha grandes projeções nacionais. Depois dos elogios vieram as críticas, especificando cada candidato. Começou mencionando Ronaldo Caiado (PSD), referindo-se a ele como um político de extrema-direita, fascista, nazista e líder do latifundiário nacional, com grandes parceiros em Alagoas do setor pecuário. Para a candidatura de Aureliano Chaves, do PFL, as críticas ficaram com as menções de que ele fazia parte do grupo que gostava de mordomias. Seguindo, chegou a vez do PMDB, colocado com uma sigla instável e que Ulysses Guimarães cederia lugar a outro candidato. Para a candidatura

²⁶⁵ HOEVELER, Carolina Rejane. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*, n. 5, p. 154, ago./dez. 2019.

do PDT, Leonel Brizola foi visto como um político que poderia dividir o país. Lula e o PT foram mencionados com as intenções de transformar o Brasil em uma nova Cuba, com inspirações em Fidel Castro. O editorial termina enaltecendo que, devido ao conjunto numeroso e pouco expressivo, só Fernando Collor conseguiria abrir uma clareira. Possivelmente a analogia de ter uma charge de cristo crucificado com a placa “povo” faz referência a um salvador que deveria surgir.²⁶⁶

O *Jornal de Alagoas*, na mesma semana, publicou uma charge que fez referência à corrida eleitoral. O chargista Nunes Lima ilustra Lula, Brizola e Collor correndo, sendo uma disputa de quem chega primeiro, mas é importante destacar que o candidato de Alagoas estava correndo com um *skate*, ou seja, com mais vantagem. Talvez a mídia do *Jornal* analisasse Collor com perspectivas de mais vantagens diante dos outros candidatos.

Figura 64 – Corrida entre Lula, Brizola e Collor



Fonte: JORNAL DE ALAGOAS, 23 mar. 1989.

Dias antes da primeira aparição oficial e sem corte na TV, os jornais passaram a divulgar algumas matérias sobre a preparação de Fernando Collor como candidato. A *Gazeta* publicou uma matéria que fazia menção a uma reportagem da revista *Afinal*, que fez uma entrevista com o candidato. O conteúdo do texto manteve processo: “Vamos Moralizar o país”. A revista destacou a imagem de Collor, com a capa e grande espaço no interior do periódico.

²⁶⁶ COLLOR em busca de espaço. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A6, 24 mar. 1989.

Provavelmente Collor investiu na revista para ter sua aparição. A chamada foi: “Collor de Mello, o candidato do amanhã”. Conteúdo desse porte era de grande valor para a *Gazeta*, pois assim o jornal não precisava ter o trabalho de criar conteúdo para o candidato, e sim apenas republicar o que a mídia nacional estava fazendo com breves comentários sobre as entrevistas. Não foi a primeira nem a última vez. Suas aparições na imprensa nacional passaram a ser recorrentes e cada vez mais destacadas:

‘Collor de Mello, o candidato do amanhã’. Esta é a chamada de capa da revista *Afinal*, da semana passada, que traz como sua matéria de principal destaque uma reportagem de seis páginas com o governador alagoano, falando de seus planos para governar o País. Com uma grande foto na capa da revista, Collor ocupou praticamente todo o espaço. [...] A abertura da matéria feita pelo repórter Rodolfo Konder, e publicada a partir da página 12 da revista, sob o título ‘Vamos moralizar este país’, traz o seguinte texto: O governador de Alagoas conhecido como “caçador de marajás”, Fernando Collor de Mello, 39 anos, é candidato à Presidência da República. [...] Durante a entrevista o governador alagoano atribui o crescimento de sua candidatura ao fato de seu distanciamento ‘com esse quadro emporcalhado em que se encontra toda a política nacional.’ [...] Collor é citado pelo repórter como “um candidato moderno” e ele próprio é convidado na entrevista a definir a modernidade. Para o governador alagoano ‘ser um candidato moderno é ser um candidato que tenha um entendimento perfeito do que significa o sonho dessa geração que hoje se constitui, dos 16 aos 47 anos de idade, que tem como ponto de convergência o fato de nunca ter votado para Presidente da República, e que, comparecendo pela primeira vez às urnas vai querer materializar, pelo voto, aqueles seus sonhos. Quer dizer, ser moderno é sonhar o que esta geração está sonhando’.²⁶⁷

Fernando Collor estava sendo parâmetro ou teórico do entendimento sobre a definição de modernidade. Ele gostava desse tratamento. Sabia aproveitar quando era visto como o centro das atenções e emitia opinião para qualquer assunto, mesmo sem ter o entendimento necessário. A *Gazeta*, como empresa da família, usava o mesmo método e soube aproveitar a entrevista para enaltecer sua imagem. A ideia de colocar Collor como definidor da modernidade o fez chegar no campo da mitologia política. Raoul Girardet, no livro *Mitos e mitologias políticas*, escreveu sobre como surge um mito político e explicou a questão da formação do “salvador”:

Mas sobretudo não se poderia esquecer que, a partir do momento em que todo mito desse tipo ganha uma certa amplitude coletiva, ele tende a combinar vários sistemas de imagens ou representações, a constituir-se, em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes mais contraditórias.²⁶⁸

²⁶⁷ COLLOR anuncia que seu compromisso é com o futuro. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 26 mar. 1989.

²⁶⁸ GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987. p. 73.

Fernando Collor fez suas aparições carregado de representações, quando ele mencionou que moralizaria o Brasil, e também quando teorizou o que seria modernidade. A estratégia fazia parte do encruzilhar de ideias tendo como objetivo influenciar ou persuadir o leitor, em que o contraditório esteve maquiado. Collor visava à geração que nunca tinha votado para presidente e se referiu a ela como símbolo de modernidade e futuro do país. Isso fez parte das combinações sistemáticas de sua campanha presidencial.

Na continuidade das expectativas do primeiro programa do PRN em rede nacional, em que Fernando Collor participaria como o ator principal, os jornais seguiram criando as ideias sobre esse momento. O *Jornal de Alagoas*, alguns dias antes, publicou uma manchete anunciando que o candidato estaria na TV, e no teor da matéria estava escrito o “spoiler” do que o telespectador assistiria em horário nobre. O programa tinha sido gravado em Belo Horizonte, com participações de artistas da Rede Globo. Segundo o *Jornal de Alagoas*, a ideia principal para aquele programa seria explorar o tema “Cortar a imoralidade com a espada da justiça”.²⁶⁹

Na mesma edição do “spoiler”, o *Jornal de Alagoas* publicou, na seção “Jornal de leitor”, o depoimento de Maria Anunciada, residente em Maceió, que afirmou que seria um absurdo alguns partidos do Brasil se articularem para impedir a candidatura de Fernando Collor nas eleições presidenciais. Havia um movimento contra a candidatura, pois exigiam que todos os candidatos estivessem, no mínimo, um ano filiado ao partido, e o PRN tinha menos de um ano de fundação. Anunciada explanou:

Estão com medo de enfrentar Fernando Collor, o verdadeiro caçador de marajás. Não tenho dúvida que o nosso governador disputará a Presidência da República e será eleito pelo povo brasileiro o presidente do Brasil. O governador, não tem medo de enfrentar nenhum dos candidatos a presidente, porque sabe que tem condições suficientes para governar o Brasil. Tenho fé em Deus que Fernando Collor será o próximo presidente do Brasil.²⁷⁰

A visão de salvação estava explícita no discurso. Envolvia também a religião e mais uma vez a moralidade, quando se mencionou o termo “caça aos marajás”. A historiadora Aline Coutrot escreveu no livro *Por uma história política* sobre as relações de religião e política, em que as forças religiosas são transitadas associadas à explicação política e suas dominações. A

²⁶⁹ COLLOR divulga programa em rede nacional. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 70, p. A1, 28 mar. 1989.

²⁷⁰ COLLOR divulga programa em rede nacional. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 70, p. A4, 28 mar. 1989.

religião faz parte do tecido político, relativizando a intransigência das explicações baseadas nos fatores socioeconômicos.²⁷¹

Um dia antes do programa do PRN, o *Jornal de Alagoas* publicou uma matéria mantendo a sequência de “*spoiler*”. O partido não permitiu a entrada de repórteres nos estúdios da gravadora, mas uma fonte afirmou ao *Jornal* que o *jingle* do programa começava assim: “Não basta sonhar com um país, se não se tem coragem para lutar, para cortar pela raiz a imoralidade com a espada da justiça, com honra e valor”²⁷². Nesse processo de pré-programa, a *Gazeta de Alagoas* investiu em divulgar mais pesquisas em que Collor aparecia em ascensão, numa matéria especial sobre a pesquisa atual com direito a charges e gráficos sobre a corrida presidencial:

A primeira pesquisa nacional realizada pelo Ibope sobre a intenção de voto para as eleições presidenciais aponta como preferido do eleitorado os candidatos Leonel Brizola (PDT), com 17%; Luís Inácio Lula da Silva (PT), com 15%; Fernando Collor de Mello (PRN), com 7%; e Orestes Quécia (PMDB), também com 7% - apuração promovida através de cartelas nas quais o entrevistado escolhe o nome de sua simpatia.²⁷³

A pesquisa eleitoral trouxe um panorama em forma de gráficos por idade e região, e nesse mapa apenas traduziu as posições de Lula, Brizola e Collor. A matéria ainda mencionou a questão das instabilidades do PMDB e explicou os números de maneira didática, que era o objetivo da pesquisa. Quanto à charge, estavam todos os candidatos, até Orestes Quécia (PMDB), que depois sairia da candidatura. No desenho estava cada candidato segurando a placa com o número das intenções da pesquisa, e todos com um sonho em comum: o palácio do Planalto.

²⁷¹ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 331.

²⁷² PROGRAMA fala de moralidade. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 71, p. A3, 29 mar. 1989.

²⁷³ BRIZOLA, Lula e Collor lideram as pesquisas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 28 mar. 1989.

Figura 65– Charge com os candidatos a presidente do Brasil sonhando com o Palácio do Planalto



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 28 mar. 1989.

Finalmente o programa foi ao ar, e no dia seguinte os dois principais periódicos de Alagoas, de forma previsível, noticiaram o evento. Fernando Collor ganhou a manchete no seu jornal e no do concorrente, cada um com uma frase de efeito positiva para o candidato. O *Jornal de Alagoas* publicou: “Collor prega esperança de mudar o Brasil”; enquanto na *Gazeta*: “Collor denuncia o caos no País e pede auditoria para dívida externa”. Cada um do seu jeito, publicam a notícia. O primeiro optou por destacar o tema da esperança, algo mais simbólico, e o segundo na praticidade sobre o problema econômico. Mais uma vez as interpretações fizeram parte da “espinha dorsal” da campanha do ainda governador, que era a moralização com cortes na economia. O *Jornal de Alagoas* pontuou:

Ao falar ontem em cadeia nacional de rádio e televisão, o governador Fernando Collor de Mello lançou, para todo o país, sua plataforma política para Presidência da República. Ele anunciou que sua campanha visa resgatar a moralidade do Brasil, convocando o povo para reestruturação do País. Collor disse que sua campanha presidencial pelo PRN (Partido da Reconstrução Nacional) tem o compromisso fundamental de reviver as esperanças dos brasileiros.²⁷⁴

Muitas imagens utilizadas no programa, que durou uma hora, foram feitas durante sua gestão como governador, por isso que Mario Sergio Conti mencionou que Collor se saía melhor como candidato do que como governador. Logo, é visível que o antes foi gravado no pensamento de chegar em algo maior no futuro. É muito impactante imaginar que na primeira

²⁷⁴ COLLOR prega esperança de mudar o Brasil. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 73, p. A1, 31 mar. 1989.

eleição presidencial transmitida na televisão Collor teve uma hora em cadeia nacional em horário nobre falando sobre suas ideias e promessas. O desconhecido candidato tinha entrado de vez no cotidiano nacional.

Independentemente de o programa ter sido bom ou ruim, foi o método mais rápido e prático de chegar aos lares do Brasil. Foi nesse programa que Collor usou pela primeira vez em âmbito nacional a expressão “minha gente”. Mario Sergio Conti explicou bem o primeiro programa do PRN e de outros partidos em que Collor também apareceu para divulgar seu nome. Sobre o programa do PRN, está escrito em *Notícias do Planalto*:

O programa do PRN foi ao ar no final de março. Quem o apresentou, mediante cachê, foram os atores Alexandre Frota e Cláudia Raia. A filosofia que embasava era de transmitir indignação e compromisso com mudanças. Collor usou pela primeira vez a expressão ‘minha gente’, atacou as elites, chamou os coronéis do sertão de ‘assassinos’ e ‘canalhas’, e disse que só pagaria a dívida externa depois de fazer uma auditoria do acordo com os credores. [...] Os piores momentos do programa mostravam a cantora Elba Ramalho, sentada no sofá, com um bonequinho do Pateta nas mãos falando que o Brasil ia mal. Nos melhores momentos, Cláudia Raia colocou Collor como o antídoto contra a expressões que simbolizavam a esperteza dos políticos. [...] Mostrou-se a capa de Veja sobre o ‘Caçador de marajás’ e as velhas imagens da TV Gazeta das sete telefonistas alagoanas ao redor de um telefone. O programa se encerrou com a pergunta: ‘Quantos somos nessa caminhada?’ Eram mais do que quando o programa começou: Collor saltou de 9% para 15% na preferência eleitoral.²⁷⁵

O programa ainda inovou nas questões do contato “corpo a corpo” com o eleitor, pois elaborou um método para estreitar a relação de Collor com a população. No final da exibição, criaram “Fale com Collor. Disque Brasil novo”, seguido de um número de telefone. De acordo com o livro *Notícias do Planalto*, foram mais de 800 ligações naquela noite. A exibição rendeu outros momentos na TV. O Vox Populi entrou mais uma vez em ação para pesquisar qual tinha sido a recepção do eleitor em casa, e 81% dos telespectadores tinham gostado do programa do PRN em cadeia nacional. A *Gazeta de Alagoas* noticiou que 76 milhões de brasileiros tinham assistido ao programa. Alguns deputados de Alagoas concederam entrevistas à *Gazeta* e falaram que Fernando Collor tinha dado um grande passo para a campanha presidencial.²⁷⁶

Collor ainda apareceu no programa do PTR – Partido Trabalhista Renovador –, explorando a natureza e expondo quantidades de arroz estocado e estragado em Tocantins. A cada mudança de assunto surgia um coro de jovens gritando: “Queremos um Brasil novo!”. Depois, aparição no PSC – Partido Social Cristão –, e o ápice do programa foi mostrar filas de

²⁷⁵ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 143.

²⁷⁶ PROGRAMA de Collor visto por milhões de pessoas. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 1 abr. 1989.

pessoas em um posto da Polícia Federal para tirar o passaporte. Segundo o programa, eram cidadãos desejando fugir da pobreza nacional.²⁷⁷

Após o processo de lançamento do partido e as aparições na TV, ficaram nítidos alguns silenciamentos nos jornais. As notícias deixaram de ser constantes sobre a figura de Fernando Collor. Logicamente, esse hiato seria breve, pois entraria no horizonte a renúncia ao cargo de governador de Alagoas. Em abril de 1989, Collor já se colocava dentro do segundo turno e não pensava na hipótese de estar fora do páreo. Afirmava, ainda, que o candidato do PT, Lula, estaria com ele no turno final das eleições. O *Jornal de Alagoas* republicou uma entrevista que a *Folha de S. Paulo* fez com o ainda governador. Entre as perguntas, surgiu o questionamento se o candidato era de esquerda ou direita. Collor repudiou qualquer lado e afirmou que sua candidatura era nitidamente reformista, dizendo que o Brasil estava em dois blocos, os conformistas e os reformistas, e ele seria o representante das reformas. Quando perguntando sobre suas prioridades no possível governo na presidência, a resposta foi a mesma: moralização do Brasil.²⁷⁸

Os dois principais periódicos pareciam sintonizados nas divulgações das pesquisas, visto que às vezes ambos publicavam no mesmo dia. A pesquisa Ibope de abril de 1989 mostrou Collor e Lula empatados tecnicamente, e Brizola só um ponto à frente. A *Gazeta*, ao fazer a divulgação, seguiu explanando que o governador tinha as soluções para acabar com a dívida externa do país. Era nítido que o crescimento do candidato de Alagoas era consequência dos programas eleitorais na TV. O investimento na imagem estava surtindo efeitos práticos e rápidos, pois ninguém estava oficialmente candidato, mas o crescimento do “desconhecido” político chamava atenção do Brasil. Vale ressaltar que pesquisar a figura de Fernando Collor também causa estranhamento ao analisar o processo de crescimento nas intenções de votos enquanto o seu estado passava por crises econômicas e sociais, estas que, muitas vezes, os periódicos maquiavam.²⁷⁹

O dia para o afastamento do governador de seu cargo estava se aproximando. No mês de abril de 1989, as notícias continuaram a divulgar as pesquisas. A *Gazeta* iniciou o mês colocando na manchete o religioso Frei Damião²⁸⁰. A relação do Frei com Collor era constante, e suas aparições passariam a ser rotineiras na vida do candidato a presidente. A notícia do

²⁷⁷ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 144.

²⁷⁸ COLLOR acredita que Lula tem condições para chegar ao 2º turno. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 83, p. A3, 12 abr. 1989.

²⁷⁹ COLLOR agora é o segundo abaixo de Brizola. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 13 abr. 1989.

²⁸⁰ Frei Damião (1898-1997) foi um religioso católico italiano. Durante 66 anos, peregrinou por diversas cidades do Nordeste Brasileiro levando a evangelização.

momento era apenas sobre sua passagem por Alagoas. Mas a presença na capa do jornal fazia parte do processo que Fernando Collor utilizava, ou seja, o uso da imagem do Frei associado à sua trajetória política. A historiadora Aline Coutrot afirmou que o voto dos cristãos era de uma importância capital devido aos envolvidos no processo.²⁸¹ Mostrar uma imagem de religioso fazia parte do plano de *marketing* de Fernando Collor, e a utilização de seu aparelho privado de hegemonia, nesse caso o jornal, era de fundamental importância.

A *Gazeta de Alagoas* voltou a publicar possíveis soluções de Fernando Collor para o problema da dívida externa do Brasil. O político não divulgou qual seria o método, mas expôs que era possível apontar responsáveis. O teor da matéria é evidentemente superficial, pois não indica a solução. Possivelmente seria mais um motivo para Collor ter sua imagem em cores publicada no jornal.²⁸² Ele continuava a subir nas pesquisas, chegando em segundo lugar e ultrapassando Leonel Brizola (PDT). Essa informação ganhou a manchete no periódico, além de ser um grande acontecimento, pois o candidato crescia constantemente nas pesquisas. Foi resultado das aparições na televisão. O instituto responsável pela pesquisa, o Ibope, afirmou que o crescimento de Collor era decorrente de sua atuação e consagração como defensor da moralidade pública.²⁸³

O *Jornal de Alagoas* publicou uma manchete não para falar do crescimento de Collor nas pesquisas, mas para enfatizar o baixo índice de rejeição entre todos os candidatos: “Collor tem o menor índice de rejeição entre os presidencialíveis”. Essa conclusão foi decorrente das pesquisas do Vox Populi. Percebe-se que tanto no Ibope quanto no Vox Populi Collor estava com bons índices, e os dois jornais publicando essas notícias.²⁸⁴ A *Gazeta* utilizava o método de republicar matérias nacionais, ou fazer comentários desses conteúdos em seus exemplares, e na sequência de crescimento para o segundo lugar nas pesquisas o veículo da família do Collor publicou comentários sobre a repercussão nacional do crescimento do candidato de Alagoas. Além de comentar, colocou na íntegra a matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*. Na mesma página também estava a matéria do jornal *O Globo*, que mencionava que Collor ganhou notoriedade com a caça aos marajás. A *Gazeta* aproveitou bem o espaço da mídia nacional para promover a imagem do patrão.²⁸⁵

²⁸¹ COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 351.

²⁸² COLLOR propõe solução para a dívida externa. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 11 abr. 1989.

²⁸³ COLLOR agora é o 2º abaixo de Brizola. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 13 abr. 1989.

²⁸⁴ COLLOR tem o menor índice de rejeição entre os presidencialíveis. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 80, p. A3, 8 abr. 1989.

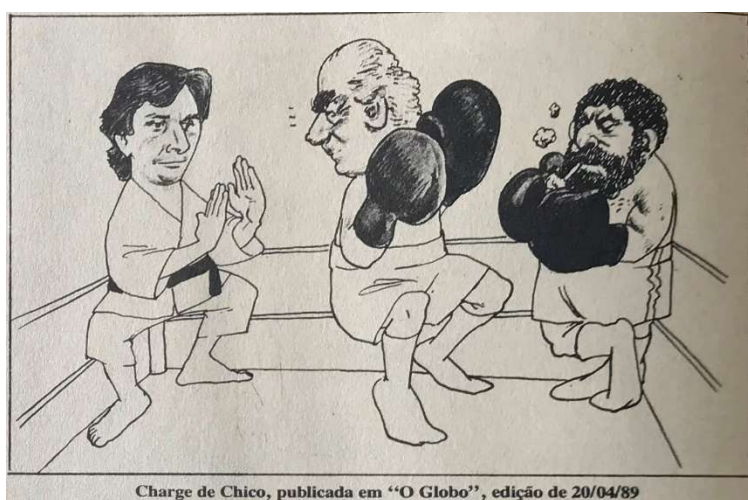
²⁸⁵ IMPRENSA nacional destaca posição de Collor no Ibope. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 14 abr. 1989.

Se a *Gazeta* investe no processo da divulgação de Collor perante o cenário nacional, o *Jornal de Alagoas* entrevistou um cientista político para mostrar previsões nas eleições de acordo com os dados da pesquisa. Entre as conclusões de Eduardo Magalhães, está a questão da falta de união das esquerdas, o que levou ao crescimento de Fernando Collor.

A tradição conservadora do eleitorado brasileiro poderá funcionar como elemento de decisão na questão da escolha do novo presidente do Brasil. Essa colocação do professor e cientista político Eduardo Magalhães ilustra o atual quadro sucessório que coloca em posição de destaque pelas pesquisas dois candidatos da esquerda, Leonel Brizola e Lula, e o governador de Alagoas Fernando Collor de Mello, que tem discurso progressista, mas é reconhecidamente de centro-direita. [...] Baseado nos seus estudos, ele diz que a tendência se mostra favorável pelo crescimento da candidatura de Fernando Collor, principalmente porque as esquerdas não conseguem mostrar o mínimo de união. 'Collor se aproveita bem dessa desunião e já chega a 15% das intenções de voto, como um fortíssimo candidato.'²⁸⁶

Depois de estrear na televisão, Collor estava em busca de mais tempo no programa eleitoral. Percebeu que a aparição causou resultados positivos a sua imagem, e logo acionou o STF para aumentar seus minutos na mídia televisiva. A *Gazeta* repostou uma charge d'*O Globo* fazendo referência à disputa de Collor com Brizola e Lula, mostrando o governador de Alagoas fazendo golpes de caratê, e os outros dois candidatos lutando boxe. A imagem faz analogia à disputa do tempo dos programas eleitorais na televisão.

Figura 66 – Charge do jornal *O Globo* fazendo referência à disputa por tempo de televisão dos candidatos



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 21 abr. 1989.

²⁸⁶ CIENTISTA admite crescimento de Collor. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 88, p. A3, 19 abr. 1989.

Sobre essa questão, o sociólogo Brasília Sallum Jr. destaca o papel da imprensa, mais precisamente a televisiva, na formação da opinião do eleitor para as eleições de 1989:

Os meios de comunicação de massa, a televisão e a TV Globo, em especial, jogaram um papel-chave no processo. [...] foram centrais na configuração de um ‘cenário político’ para as eleições, moldando as formas de pensar o país e as soluções para suas dificuldades, por meio de novelas, séries, programas humorísticos, noticiários.²⁸⁷

No final de abril, Fernando Collor já liderava todas as pesquisas de intenção de votos. A *Gazeta* publicou a manchete “Collor já lidera todas as pesquisas.”²⁸⁸ O candidato entraria no mês de maio pronto para deixar o governo de Alagoas, e nesse paralelo o PRN ganhava mais filiados. Alagoas não vivenciava bons momentos na questão do funcionalismo público, mas o ainda governador anunciou aumento de 92,77% nos salários dos servidores estaduais.²⁸⁹ Os dois jornais publicaram a notícia. Vale ressaltar que dias depois Collor sairia do mandato, e essa atitude de conceder aumentos nos salários possivelmente fazia parte de uma estratégica saída com popularidade, pois até o dia dessa atitude o ano estava muito conturbado nas relações entre funcionalismo público e governo.²⁹⁰ O *Jornal de Alagoas* publicou uma entrevista com o secretário de Comunicação do governo de Alagoas, Cláudio Humberto. Este, além de ter atribuições no governo, era o assessor direto de Fernando Collor, fazia parte do *marketing* do candidato. Na entrevista, mencionou que Collor venceria no 1º turno e destacou uma frase: “cem anos depois Alagoas elegerá um novo presidente”. O *Jornal* mencionou na entrevista que muitos políticos diziam que Cláudio Humberto “faz a cabeça” de Collor, apontando como o principal interlocutor das ideias do candidato a presidente. Durante a entrevista, ele negou essa afirmação, dizendo que os méritos são todos do governador. O secretário respondeu às perguntas confiante de que a parte mais difícil foi chegar no topo das pesquisas.²⁹¹ A entrevista não dirimiu uma dúvida que pairava sobre o candidato Fernando Collor: existiria um mentor intelectual? E se existisse, quem seria?

O mês de maio foi decisivo para as pretensões de Collor nas eleições presidenciais, e o uso das propagandas nos jornais foi constante para sua saída do governo também ser vista com um ato de *marketing*. Seguido a rotina das pesquisas, constantemente eram publicados mais

²⁸⁷ SALLUM JUNIOR, Brasília. *O impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise*. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 70-71.

²⁸⁸ COLLOR já lidera todas as pesquisas. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A1, 28 abr. 1989.

²⁸⁹ ESTADO concede aumento de 92,77%. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A3, 28 abr. 1989.

²⁹⁰ GOVERNO diz que paga abril com aumento de 92%. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 96, p. A1, 28 abr. 1989.

²⁹¹ COLLOR vence no primeiro turno. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 98, p. A9, 30 abr. 1989.

números da corrida presidencial, e o candidato de Alagoas permanecia à frente. A *Gazeta de Alagoas*, até o dia da saída de Collor do governo, usou grande parte de suas páginas para publicar propagandas e colunas assinadas abordando o “fenômeno” Collor, além das matérias mencionando o início da trajetória do candidato pelo Brasil. A *Gazeta* publicou mais uma pesquisa do Ibope mostrando Collor cada vez mais se distanciando dos seus adversários:

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, dispara na corrida presidencial e se consolida de vez como candidato, segundo os dados da mais recente pesquisa do Ibope. Collor atingiu 32% da preferência de dois mil eleitores ouvidos em 28 de abril em oito das principais capitais e no Distrito Federal, e tem agora vantagens de 12 pontos percentuais sobre o segundo colocado, Leonel Brizola (PDT).²⁹²

Na mesma página, segue uma entrevista, com o título “Crescimento assusta candidato.” O jornal publicou:

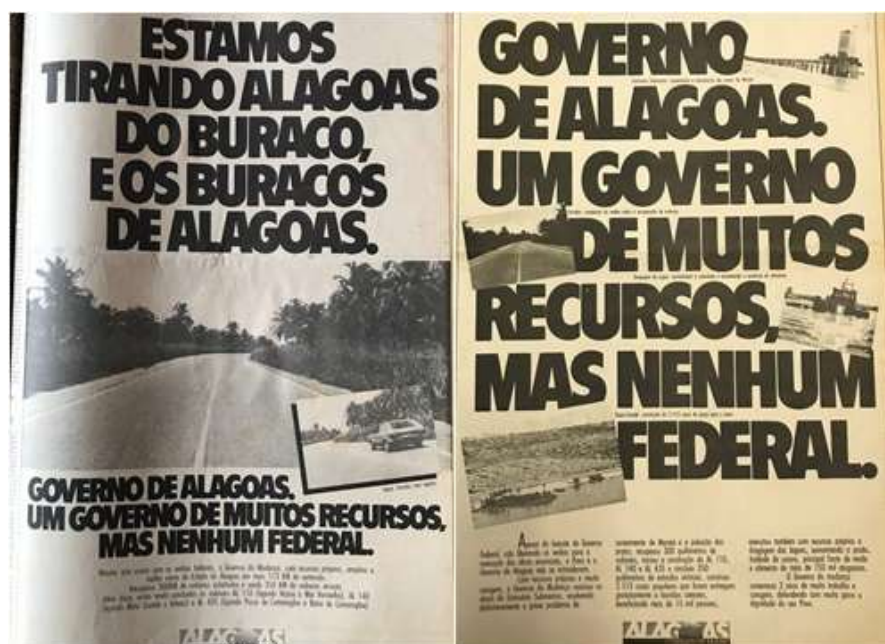
O candidato Fernando Collor de Mello está assustado com o seu crescimento nas pesquisas de opinião e confessa isso com absoluta tranquilidade. ‘Nossa previsão era deixar o governo de Alagoas, no dia 14 com 10% das preferências e chegar a 20% em julho’, conta. ‘Mas o crescimento foi bem mais rápido.’ Collor cita, com precisão, os percentuais que teve em pesquisas anteriores e diz ter ‘certeza absoluta’ de que passará ao segundo turno das eleições para presidente da República. Mas, preocupado, ressalva: ‘Não posso cometer erros.’²⁹³

Entre abril e maio de 1989, o governo de Alagoas investiu em muitas propagandas da gestão. Esses anúncios, para serem veiculados nos jornais, logicamente precisam ser pagos. Nesse sentido, logo é perceptível o alto investimento feito em mídia, pois a cada edição dos jornais era possível ter alguma propaganda da gestão Collor. O conteúdo publicado era referente às obras inauguradas e com frases de efeito com a intenção de criticar o presidente da República, José Sarney. O objetivo era causar no leitor a sensação ou ideia de que o governo de Alagoas trabalhava para a população com recursos próprios e sem ajuda do governo federal. Essa estratégia fazia parte da série de críticas de Fernando Collor à gestão Sarney. O candidato de Alagoas aproveitava a baixa popularidade do presidente e os altos índices de inflação para criticar e mostrar possíveis soluções nas notícias diárias em Alagoas, e depois no Brasil, além do discurso midiático de moralização do serviço público.

²⁹² COLLOR dispara na pesquisa do Ibope. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 3 maio 1989.

²⁹³ CRESCIMENO assusta candidato. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A4, 3 maio 1989.

Figuras 67 e 71 – Propagandas do governo de Alagoas veiculadas nas páginas do *Jornal de Alagoas* e da *Gazeta de Alagoas*



Fontes: JORNAL DE ALAGOAS; GAZETA DE ALAGOAS, maio 1989.

No processo de despedidas do governador do cargo, alguns eventos foram realizados. O *Jornal de Alagoas*, no dia 12 de maio de 1989, publicou que o político mineiro Itamar Franco aceitaria ser vice-presidente da chapa de Collor. O senador de Minas Gerais assinou a filiação ao PRN e aceitou compor o projeto do político alagoano. O jornal enfatiza que a escolha de um vice mineiro foi estratégia de Fernando Collor, por Minas Gerais ter o segundo maior colégio eleitoral do país.²⁹⁴ A *Gazeta* também anunciou a escolha do vice de Collor e enfatizou na publicação que o estado pagaria os salários naquele dia. O anúncio com tanto impacto era uma preparação para o grande evento que aconteceria no domingo: a saída de Collor do governo do estado. Então, fazer alardes do pagamento dos salários estaria nos planos do *marketing* do candidato.

A saída de Fernando Collor do governo de Alagoas movimentou muitos os jornais locais e a imprensa nacional. A *Gazeta* o destacou na edição que antecedeu o evento final da sua gestão, com a manchete “Saída de Collor atrai imprensa de todo País”:

O governador Fernando Collor de Mello deixa amanhã o Governo do Estado para se desincompatibilizar do cargo e concorrer à Presidência da República. [...] A saída de Collor do Governo de Alagoas para disputar a Presidência da República terá ampla repercussão nacional. Para isto já estão em Maceió cerca de dez equipes de jornalistas

²⁹⁴ ITAMAR aceita ser vice de Collor. **Jornal de Alagoas**, Maceió, ano 80, n. 107, p. A1, 12 maio 1989.

da grande imprensa brasileira, atraídas pela popularidade do governador alagoano e sua meteórica ascensão nas pesquisas de opinião pública.²⁹⁵

O discurso da *Gazeta* é parcial e enaltece muito a imagem de Collor, método que era constante. Mas é interessante mencionar e questionar como o governador de um pequeno estado conseguiu até o mês de maio a atenção midiática da grande imprensa do Brasil. Ainda faltavam alguns meses para a eleição e Fernando Collor não era mais novidade no país, e sim um personagem constante no noticiário de grandes veículos de comunicação. No livro *Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil*, os historiadores Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel explicam a ascensão de Fernando Collor no Brasil. O texto também faz o questionamento de como o político alagoano chegou à presidência. A resposta, para os autores, parte de alguns fatores pontuais:

Como foi possível que um político de segundo time, Governador de um estado periférico, filiado a um partido sem qualquer estrutura, coligado a outros dois igualmente desimportantes, tenha chegado à Presidência da República? Muitos fatores ajudam a explicar o fenômeno, como o desespero dos grupos poderosos face ao desgaste das elites políticas tradicionais, encontrar o ‘anti-Brizula’, isto é, o candidato capaz de derrotar a ameaça esquerdista [...] Ou o fato de se tratar de uma eleição solteira, em que o único cargo em disputa era o de presidente, o que reduz significativamente o peso das máquinas partidárias e amplia as chances dos outsiders. Mas ainda assim os meios de comunicação desempenharam um papel-chave. Collor fez uma ofensiva midiática tão logo assumiu o governo de Alagoas, incluindo tanto ações de marketing pessoal quanto contatos que garantiram a simpatia dos controladores dos principais veículos. Criou a persona ‘caçador de marajás’, que foi difundida por televisões, jornais e revistas.²⁹⁶

Didaticamente, o texto explica os possíveis motivos do crescimento de Collor na questão nacional, e essa constatação era vista nos jornais, às vezes de maneira diferente, mas o *Jornal de Alagoas* e a *Gazeta de Alagoas* mostravam os motivos que levaram à ascensão do candidato.

As edições de domingo, dia 14 de maio, dos dois principais periódicos de Alagoas, contemplavam várias páginas de homenagens ao governador que estava saindo. Prefeituras das cidades alagoanas, empresas e políticos dividiam os espaços para colocar as mensagens e imagens de apoio ao candidato a presidente da República. A *Gazeta*, além de publicar na manchete que Collor estava saindo deixando obras, anunciava mais uma pesquisa do Ibope mostrando o candidato do PRN na liderança. O jornal da família Collor de Mello soube usar seu aparelho privado de hegemonia para publicar matérias de efeito positivo para o candidato,

²⁹⁵ SAÍDA de Collor atrai imprensa de todo País. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 13 maio 1989.

²⁹⁶ BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 8.

anunciar propagandas da sua gestão estadual e uma nova pesquisa de intenções de voto e criar um caderno especial com homenagens e obras inauguradas durante a passagem de Collor no governo de Alagoas. A *Gazeta*, de certa forma, usou seu poder para fazer dessa edição uma grande propaganda para o candidato.

A consolidação da candidatura de Collor e todo esse conjunto de homenagens e a confiança alardeada são consequência do investimento feito em sua imagem. Sua liderança em nível nacional estava crescendo, mas em Alagoas ainda precisava melhorar a imagem. Era improvável conseguir uma vitória nas eleições sem ter força no próprio estado. Assim, Fernando Collor fez para Alagoas o que já estava fazendo no plano nacional: investimento forte em propaganda e uso do patrimônio financeiro de que dispunha. Nos último cinco meses, o governo do estado gastou quase 1 milhão de dólares da verba estadual em propaganda, e mais da metade do dinheiro esteve destinado aos veículos da família, ou seja, a *Gazeta de Alagoas* ganhou mais dinheiro com os anúncios do que o *Jornal de Alagoas*. Já a TV Gazeta recebeu quase 500 mil dólares para destinar às rádios e emissoras do grupo empresarial. A gestão Collor no estado também beneficiou as emissoras de rádio dos amigos pelo interior. Rádios, jornais e a TV Gazeta lucraram muitos com as verbas publicitárias do governo de alagoas, e por isso que nas últimas semanas antes da saída do governo as propagandas foram intensificadas nos jornais. Além do conglomerado da família de Collor receber essas verbas, os concorrentes não foram esquecidos. A rádio do deputado federal Geraldo Bulhões²⁹⁷ (PMDB), Maceió FM, também recebeu grande quantidade de recursos das emissoras locais.²⁹⁸ O deputado no ano seguinte, 1990, seria candidato ao governo de alagoas e disputaria o apoio do presidente Collor, que sempre negou sua opção de voto naquele momento.

Vale destacar a capa do jornal *Gazeta de Alagoas* no dia seguinte à despedida de Collor do cargo de governador. O periódico colocou sua imagem em cores discursando para uma multidão, e é bom lembrar que o fotógrafo do jornal Gilberto Farias investiu na imagem em plano aberto, possivelmente com o destaque para o público.²⁹⁹ A edição desse dia vai ter a repercussão do que aconteceu no dia da despedida, matérias sobre obras inauguradas e imagens

²⁹⁷ Alagoano de Santa do Ipanema. Quando esteve na Arena, foi eleito deputado federal em 1970, 1974 e 1978, migrando para o PDS com o fim do bipartidarismo no governo João Figueiredo. Foi reeleito em 1982 e nesse período escolheu Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, em 1985. Sua carreira política sofreu uma guinada a partir de seu ingresso no PMDB, após o fim do regime militar, quando aliou-se a Fernando Collor e Renan Calheiros. Com a vitória de Collor nas eleições presidenciais, migrou para o PRN. Em 1990, por falta de apoio, mudou de partido e entrou no PSC para disputar o governo de Alagoas.

²⁹⁸ CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 145.

²⁹⁹ COLLOR: Alagoas não vendeu sua dignidade. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, ano 54, p. A1, 16 maio 1989.

de Collor discursando nos eventos. Além de todo esse investimento de *marketing*, a *Gazeta* publicou uma matéria sobre a empresa da família: “TV Gazeta ganha um novo prédio”.³⁰⁰ Na matéria estava a foto do novo prédio inaugurado no mesmo dia em que Collor saía do cargo, e fazendo eventos de inaugurações de obras da sua gestão. Essa informação faz concordância com o texto do livro *Notícias do Planalto*, de que as verbas de publicidade foram mais destinadas para a empresa da família. Quem custeou a construção do novo prédio da TV Gazeta? Por que a inauguração foi no mesmo dia em que Fernando Collor saiu do governo? São questionamentos em que provavelmente as respostas são de que o governo de Alagoas e a empresa do governador faziam parcerias em que o mais privilegiado quanto isso era o candidato Collor. Sua mãe Leda, que presidia as Organizações Arnon de Mello afirmou que o novo prédio era um presente do Dia das Mães. Foi um dia de festa para a família.

Figura 68 – Fernando Collor discursando no último dia no cargo de governador de Alagoas



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 16 maio 1989.

³⁰⁰ TV Gazeta ganha novo prédio. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, ano 54, p. A1, 16 maio 1989.

Figura 69 – Momento da inauguração do novo prédio da TV Gazeta com a presença de Fernando Collor e família



Fonte: GAZETA DE ALAGOAS, 16 maio 1989.

O *Jornal de Alagoas*, no dia 16 de maio, também noticiou informações referentes aos eventos promovidos pelo ex-governador, mas como menos ênfase que a *Gazeta*. Uma notícia importante estava no periódico: a greve dos professores da rede estadual. Enquanto Fernando Collor buscou sair do cargo em festa, havia servidores públicos na continuidade da precarização do trabalho, pois já mencionamos que as relações dos funcionários públicos com o governador não foram agradáveis. O *Jornal de Alagoas* publicou a matéria “200 estudantes continuam sem aulas com a greve deflagrada há trinta dias”³⁰¹, que informava que os professores reivindicavam um piso no salário para o profissional de nível médio e superior. A informação seguiu com a ilustração de Léo Villanova, e na uma imagem um aluno triste e escrita a palavra “GREVE” no quadro. O periódico seguia sua rotina de publicar notícias favoráveis ao candidato a presidente, mas em alguns momentos seguia informando matérias desfavoráveis a sua imagem. Essa dinâmica foi até as eleições presidenciais de 1989.

³⁰¹ 200 ESTUDANTES continuam sem aulas com a greve deflagrada há trinta dias. *Jornal de Alagoas*, Maceió, ano 80, n. 110, p. A1, 16 maio 1989.

5. CONCLUSÃO

Em 2022, Fernando Collor de Mello perdeu as eleições para o governo de Alagoas. Desistiu de ser candidato à reeleição ao senado, cargo que conseguiu ao vencer as eleições de 2006. Foi a primeira eleição que venceu depois do *impeachment* de 1992. O ano de 2022 era decisivo para Collor, exatamente após 30 anos do seu afastamento da presidência, devido a precisar vencer as eleições para manter seu foro privilegiado, pois as acusações batiam à sua porta.

Os 30 anos do *impeachment* entraram em conexão com sua derrota eleitoral, que significava o início de um fim da trajetória política. As condenações passaram a ser reais. Em setembro de 2023, Collor foi condenado a oito anos e dez meses de prisão pelo STF. A condenação foi decorrente dos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro por um esquema na BR Distribuidora. Em termos institucionais, as Organizações Arnon de Melo, que tanto proporcionaram aparições e glórias para Fernando Collor, estava em crise. Vale ressaltar que Fernando foi o membro da família Collor de Mello que mais lucrou com a existência do conglomerado de comunicação, pois os lucros foram financeiros e políticos. De prefeito biônico a presidente da República, conseguiu tudo isso também graças a suas empresas. Até quando não teve eleição, e foi indicado para ser prefeito, o acordo envolvia inserções no jornal *Gazeta de Alagoas* do governador que o estava indicando. Em 2023, a Globo informou à TV Gazeta o possível encerramento, no fim do ano, da parceria de 48 anos com o grupo alagoano. O fim da retransmissão da Globo na TV alagoana representa o fim de um projeto que começou com Arnon de Melo, através do jornal *Gazeta de Alagoas*, depois as rádios, até chegar à televisão.

Foram vários investimentos da família no conglomerado, proporcionando benefícios e privilégios políticos desde 1979, com a entrada de Fernando na política. Somando-se a isso o pai senador, há o evidente crescimento dos lucros e negócios. Arnon de Melo sempre dizia que Pedro Collor saberia gerir as empresas e Fernando estaria na política. Pedro mencionava que Fernando não era capaz de gerir as empresas, pois certamente as levaria à falência. Esse diálogo entre os irmãos teria acontecido em 1982, quando Pedro questionou Fernando qual seria seu futuro caso perdesse as eleições para deputado federal daquele ano, e este disse que voltaria a comandar as empresas. Com essa resposta, o irmão mais novo afirmou que isso não seria possível, pois ele certamente destruiria os negócios da família. Seria um presságio do que está acontecendo no tempo presente com as empresas da Organização Arnon de Melo

em decadência, com débitos trabalhistas, processos na justiça e agora mais uma derrota, ao perder a parceria com a Globo?

Parece que Pedro Collor estava certo quando escreveu em seu livro que seu irmão destruiria as empresas. O crepúsculo de Fernando, o criador, e a ascensão de Collor, não anunciaram que ocorreria o mesmo com a criatura. A história é cheia de surpresas e o jogo nunca está decidido.

Vale entender que Fernando Collor aproveitou todo o seu crescimento político em Alagoas até sua renúncia ao governo do estado no dia 14 de maio de 1989 para concorrer à presidência. De 1979 a 1989, foram dez anos de lucros políticos em Alagoas e no Brasil. Collor conseguiu ser lembrado sem precisar ser utilizado o nome Fernando. Ele virou o protagonista da política alagoana, seduziu aliados e depois descartou, costurou bordões, frases, imagens, com a segurança de ter meios de comunicação o blindando e o enaltecendo a cada dia.

Logicamente, nos dez anos de vida política até ser candidato a presidente, Fernando teve acesso e poder nas páginas dos jornais, mas é preciso reconhecer que Collor soube utilizar os seus privilégios midiáticos para se autopromover. Ele conseguiu em Alagoas o que muitos tentaram e não conseguiram. Chegou à presidência, mas também viu o nome Collor ser associado na imprensa como sinônimo de imoralidade, corrupção, incompetência, queda e falência.

Seria a hora de voltar a ser Fernando? Nunca se sabe.

REFERÊNCIAS E FONTES

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo: Intermeios, 2019.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis: Vozes, 2023.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

BEZERRA, Antonio Alves. O Jornal como porta-voz das estratégias e ações do MST. **Revista Territórios e Fronteiras**, São Paulo, n. 1, p. 243-267, jan./jun. 2021.

CAPETALO, Maria Helena Rolim. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (org.). **História das Américas**. Fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015.

CARVALHO, Rodrigo de. **A Era Collor: da eleição ao impeachment**. São Paulo: Fundação Mauricio Grabois, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2018.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, set./out. 2013.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2016.

FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil republicano: o tempo da Nova República – da transição democrática à crise política de 2016**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FONSECA, Francisco. **O consenso forjado**: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.

GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

GUILHERME, Cássio Augusto. **1989**: história da primeira eleição presidencial pós-ditadura. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

GUILHERME, Cássio Augusto. História do tempo presente, política e imprensa: contribuições teóricas e metodológicas para uma pesquisa sobre o golpe de 2016 no Brasil. **Revista Escritas**, UFT, v. 10, n. 1, 2018.

HOEVELER, Carolina Rejane. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, n. 5, p. 149, ago./dez. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor**: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). São Paulo: Alameda, 2012.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MELLO, Pedro Collor de. **Passando a limpo**: a trajetória de um farsante. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MELO, Carlos Alberto Furtado de. **Collor**: o ator e suas circunstâncias. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

MACEDO, Michelle Reis de. **Recusa do passado, disputada no presente**: esquerda revolucionária e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira (décadas de 1970 e 1980). Maceió: Edufal, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NERY, Sebastião. **A história da vitória porque Collor ganhou**. Brasília: Dom Quixote, 1990.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral (org.). **A história na imprensa, a imprensa na história**. Jundiaí: Paco, 2016.

SALLUM JUNIOR, Brásilio. **O *impeachment* de Fernando Collor**: sociologia de uma crise. São Paulo: Editora 34, 2015.

SILVA. Cláudio Humberto Rosa e. **Mil dias de solidão**: Collor bateu e levou. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

SOUZA, Paulo Roberto da Silva de. **Fernando Collor na imprensa brasileira**: Representações em torno da sedução e da satanização. 2008. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

FONTES

Documentos

Periódicos

GAZETA DE ALAGOAS. Maceió. 1979-1989. Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL).

GAZETA DE ALAGOAS. Maceió. 1979-1989. Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (Hemeroteca da Gazeta de Alagoas).

JORNAL DE ALAGOAS. Maceió. 1979-1989. Hemeroteca do Arquivo Público de Alagoas (APA).

GAZETA DE ALAGOAS. Maceió. 1979 - 1989. Hemeroteca do Arquivo Público de Alagoas (APA).

JORNAL DE ALAGOAS. Maceió. 1979-1989. Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL).